ETERNAL IDOLS: ALAN WHITE (YES) ≡ COLLECTION: LIVING COLOUR ≡ PLAYLIST: ESPECIAL OVERDOSE

ROADIE CREW

...vy Metal & Classic Rock

O BOM, O VELHO... E O NOVO

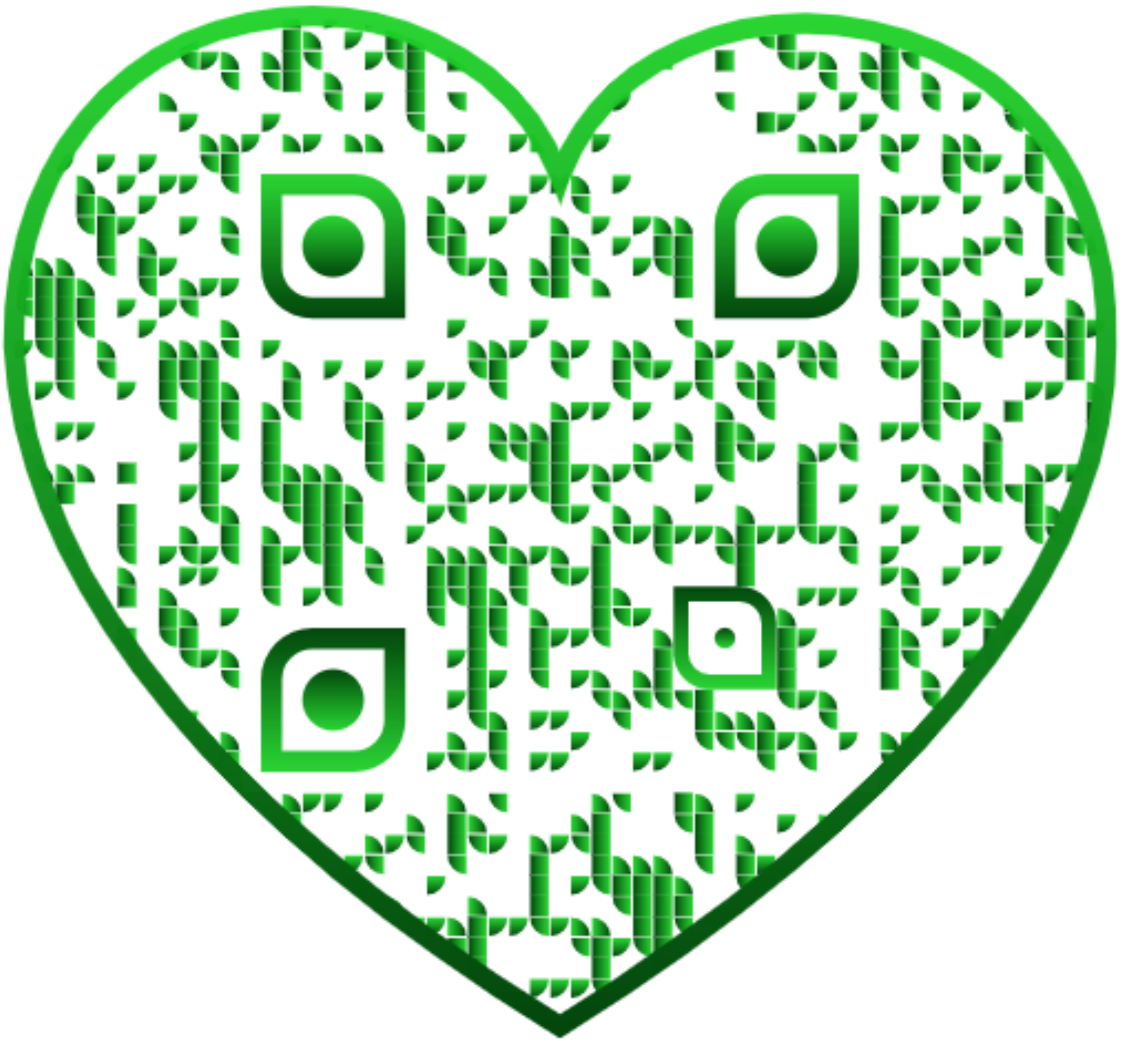
MEGADETH

ENTREVISTAS:

SOILWORK ≡ CLAUSTROFOBIA
GRAHAM BONNET BAND ≡ THUNDER
JAMES LABRIE ≡ MICHAEL MONROE
VULCANO ≡ MUNICIPAL WASTE
MICHAEL ROMEO ≡ IMMOLATION
CORELEONI ≡ HEART ATTACK

MACHINE HEAD

RETOMANDO A LIDERANÇA DO GROOVE/THRASH



Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.
Acesse t.me/BrasilRevistas

Tenha acesso as principais revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!

"UM DOS DISCOS MAIS PODEROSOS DO ANO!"
- TENHO MAIS DISCOS QUE AMIGOS

"SIMPLESMENTE O MELHOR E MAIS VISCERAL ROCK DAS ÚLTIMAS DÉCADAS"
- JOTABÊ MEDEIROS (FAROFAFÁ)

"NECESSÁRIO PETARDO ANTIRRACISTA"
- O TEMPO

BLACK PANTERA
ASCENSÃO

BANDA CONFIRMADA NO Rock in Rio

Deck

Setembro Negro Festival

14ª Edição

Diamond Head
Rose Tattoo
Violence
Brujeria
Tribulation
Heathen
Weedeater
Exodus
Conan
Raven
Suicidal Angels
Hellhelm
Gatecreeper
Inter Arma
Skeletal Remains
Harakiri for the Sky
Knife
Macabre
Soulburn
Vader
Rot
Introtyl
Malefactor
Exterminate
Facada
Neurotics
Devoid
The Black Dahlia Murder

2·3·4 de SETEMBRO · 2022 · Carioca Club/SP

WWW.TUMBAPRODUCTIONS.COM.BR

Apoio | Clube do Ingresso · Carioca Club · Tumba · Art-Crypta by Raphael Gabrio · Xaninho Discos · Ashby · Burn Artworks · Metal na Lata · LP Metal Press · Roadie Crew · Heavy Metal · UK

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

ÍNDICE

06 CENÁRIO
18 PORTAL RC
20 MEGADETH
30 HIDDEN TRACKS
Cities
32 VULCANO
34 CORELEONI
36 CLAUSTROFOBIA
40 PLAYLIST
Overdose - Circus of Death Especial
38 VOIVOD
42 COLLECTION
Living Colour
44 GRAHAM BONNET BAND
48 MUNICIPAL WASTE
50 RELEASES
53 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Slayer - Repentless
55 ROCK AVERAGE
Pantera - Power Metal
60 MACHINE HEAD
64 SOILWORK
68 BLIND EAR
Alan Souza (Inventtor)
70 JAMES LABRIE
74 MICHAEL MONROE
76 ETERNAL IDOLS
Alan White (Yes)
78 THUNDER
80 CLASSICREW
Deep Purple, Asia, Testament e Rotting Christ
82 BACKGROUND
Golpe de Estado (Parte Final)
86 HEADPHONES IN FURY
Alexandre Grunheidt (Ancesttral)
88 HEART ATTACK
90 MICHAEL ROMEO
94 IMMOLATION
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood
98 PROFILE
Kevin Wynn (Tysondog)

FOTOS:
Megadeth: Travis Shinn • **Machine Head:** Travis Shinn and Paul Harries

BEHIND THE STAGE

Na edição passada, comentei sobre o retorno de grandes eventos e a euforia dos fãs em voltarem a ver seus ídolos de forma presencial. A retomada vem empolgando e nosso cenário está em plena efervescência. Mais que isso: está se renovando, com gerações distintas curtindo juntas música pesada. Digo isso porque, somente no fim de semana de 5 a 7 de agosto último, havia uma empolgação diferente e uma sequência de eventos que deixaria os tão falados anos 80 com inveja. Falo por São Paulo, pois é a cidade onde vivo.

Para quem não foi às ruas, opções de programação no YouTube não faltaram em diversos canais. Além disso, os grupos de WhatsApp e as mídias sociais estavam propagando as transmissões de streaming em tempo real do "Wacken Open Air". Claro, bateu aquela vontade de estar lá. Mas, novamente, o que chamou a atenção foi a vibração das pessoas, tanto os que puderam comparecer 'in loco' a eventos open air desta magnitude como os que ainda pretendem passar por esta experiência.

Já na rua – ou "livin' on the streets", como diz a música da banda Wild Dogs –, foi empolgante perceber o público comparecendo em peso a casas de shows e bares de rock. Tivemos shows do Sepultura no SESC Pompeia, os hard rockers do Nite Stinger e do Marenna no Legends Music Bar, os irmãos Cavalera (com Krisiun e Synaia) tocando na Audio, o Espaço Som recebendo Sioux 66 e Marenna para o programa Kiss Club, o La Iglesia com os punks Deserdados, Os Excluídos e Lixomania, Andreas Kisser e banda no "eFestival" no Auditório Ibirapuera. No campo dos bares, além dos tradicionais Manifesto Bar, Fofinho Rock Club ou os da rua Treze de Maio, foram realizadas festas comemorativas de dois anos da abertura do The Metal Bar, no bairro de Pinheiros, e do Fuertes Rock Pub, no Tucuruvi. Além disso, ainda rolaram eventos concorridos no Flaming Youth e o aniversário do empresário Carlos "Nenê" Monteiro, do Malta Rock Bar.

Não teve tempo ruim, falta de opção ou desculpas de última hora. Ver e sentir de perto, ou mesmo por postagens em mídias sociais, toda esta movimentação, com as pessoas agitando nos shows e se divertindo em noitadas, dá um ânimo extra. Temos empresários apostando forte em nosso meio, seja no campo da produção de shows, abrindo casas e bares de rock ou em outras ações.

A renovação do público é uma realidade. O encontro de gerações, idem. E, você, que está com a revista impressa em mãos, sabe que a melhor coisa para um cenário crescer e se estabelecer é ter exatamente esta "roda girando". Boa leitura.

Ricardo Batalha

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 270
SET-OUT/2022
ANO 25

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com
Valtemir Amler - valtemir.amler@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Écio Souza Diniz, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite , Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Júnior e Thiago Prata

Fotógrafos: Roberto Sant'Anna, Marta Ayora

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

DANIEL FONSECA

E O SEU TRABALHO DE ESTREIA

ALIENIZE

COM FELIPE ANDREOLI (ANGRA), LEANDRO CAÇOILO (VIPER, CARAVELLUS), ALEXANDRE APOSAN.

E PARTICIPAÇÕES DE
KIKO LOUREIRO (MEGADETH)
E DEREK SHERINIAN (SONS OF APOLLO)

"MUITO LEGAL COMO UM CARA TÃO JOVEM TEM A CAPACIDADE DE ENTREGAR CINCO MÚSICAS COM ESSE NÍVEL DE MATURIDADE. QUANDO VOCÊ OUVE NÃO PENSA QUE QUEM FEZ ISSO TEM APENAS 15 ANOS DE IDADE." (FELIPE ANDREOLI)

ARTE POR CANUTO | FOTO LIBERTA FILMS

SINGLES E CLIPES DO ALIENIZE JÁ DISPONÍVEIS NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS DE STREAMING

Music Spotify YouTube

SIGA @DANI_GUITAR_

TRM PRESS
ASSESSORIA DE IMPRENSA CONSULTORIA ARTÍSTICA, MUSICAL E CULTURAL

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

ESKRÖTA
BRUTAL-TERROR-THRASH

Que momento vive a Eskröta! Dois anos depois de lançar o excelente *Cenas Brutais* (2020), o trio paulista, formado por Yasmin Amaral (vocal e guitarra), Tamy Leopoldo (baixo e vocal) e Jhon França (bateria, Vomit Bag Squad, Cerberus Attack e Blasthrash) vem, enfim, destilando aquele repertório ao vivo e, de quebra, promovendo o também arrebatador EP *T3rror*, com músicas baseadas em, como o nome indica, obras de terror. Conversamos com Yasmin e Tamy para falar da atual fase do grupo e da combinação thrash metal/terror.

Yasmin Amaral, Tamyris Leopoldo e Jhon França atualmente promovem *T3RROR*, EP com temática voltada ao universo do terror/horror

Rogério Kubo

Os shows estão voltando, embora a pandemia ainda esteja dificultando nesse sentido e em outros aspectos de nossas vidas. Como vem sendo esse processo para a Eskröta, que lançou *Cenas Brutais* em 2020 e somente agora está podendo tocar esse repertório ao vivo?

Tamy Leopoldo: Foi muito frustrante no início. Apostamos todas as nossas fichas no álbum e bem no mês de lançamento a pandemia chegou para acabar com nossos planos. Todos os shows de lançamento foram cancelados, então tentamos nos adaptar e divulgar nosso trabalho por meio de redes sociais, lives e entrevistas. Mas nosso público é incrível e, mesmo não rolando os shows, continuou a nos apoiar, adquirindo o CD e ouvindo nas plataformas. Com a volta da banda aos palcos, as letras já estão na ponta da língua de muita gente!

Yasmin Amaral: Está sendo incrível tocar as músicas de *Cenas Brutais* ao vivo, foi um trabalho feito com esforço de muitas pessoas. Finalmente chegou a hora de mostrar para o público a energia dele nos palcos e isso tem sido muito recompensador. Apesar de ter sido lançado em meio à pandemia, as pessoas prestaram atenção e têm mostrado isso nos shows, cantando as músicas, comprando o álbum físico etc.

Aquele trabalho é cheio de pedradas, mas uma delas, *Filha do Satanás*, sobre a obra literária e cinematográfica 'Carrie, A Estranha', foi tão bem recebida pelo público que acabou servindo também de semente para o EP *T3rror*, certo?

Yasmin: Exatamente! *Filha do Satanás* virou uma 'queridinha' de muitas pessoas, é a segunda música mais ouvida do álbum no Spotify e se tornou uma referência quando as pessoas pensam em Eskröta. Traçar essa relação com o terror foi muito natural para nós, então decidimos fazer algo ainda mais direcionado aos fãs do gênero. Essa foi basicamente a proposta por trás de todos os riffs e letras de *T3rror*: trazer o universo do terror para dentro de um álbum de thrash metal.

Como se deu a escolha dos temas para as cinco faixas (além da autointitulada introdução) que fazem parte do EP?

Tamy: Somos muito fãs de filme de terror, é uma paixão que une eu e Yasmin há muitos anos. E gostamos muito de bandas com essa temática, como Cemitério, Vomit Bag Squad e F.K.Ü., então decidimos compor um EP e aproveitar esse tempo em que estávamos parados devido à pandemia. As temáticas foram baseadas nos filmes mais clássicos de terror, levando a mensagem de que existem mulheres fortes no terror também!

Yasmin: Interessante dizer que a introdução *T3rror* veio depois de todo o álbum ter sido praticamente composto, porque sentimos a necessidade de uma música de abertura. Ela traz referências do Ghost, banda que ouço muito e me inspirou nesse processo de composição.

Algo interessante, como vocês ressaltaram, é o papel da mulher nos filmes do gênero, o quanto elas dão outra cara, outra força a obras como as abordadas nas faixas do disco. E isso culmina inclusive na última delas, *Mate ou Morra (Mulheres no Terror)*.

Yasmin: Nós procuramos priorizar filmes que tivessem mulheres como protagonistas, mas a escolha final foi bastante natural, pois são obras de que gostamos muito, então não tivemos que quebrar muito a cabeça com isso. No caso de *Mate ou Morra*, é uma homenagem a todas as 'final girls' dos filmes de terror. Sem essas mulheres a história do cinema não seria a mesma. Essa música tem muitas referências subliminares, desde Obituary até Bikini Kill. E também traz um pouco do lado feminista da Eskröta. Estar presente no cinema, na televisão, no rádio, nos palcos, etc. é uma forma de ganhar espaço como mulher e essa música representa um pouco disso.

***Psicose* foi a primeira faixa a ser composta para o EP, certo? Gostaria que nos dissecassem o processo de composição dela e também falassem sobre a relação de vocês com a obra de Hitchcock.**

Tamy: *Psicose* é um clássico, né! Revolucionou o gênero thriller, mostrando Marion Crane, uma mocinha apaixonada que faz tudo por amor e acaba nas mãos de Norman Bates... Esse filme é um marco dos anos 60, gerou muitas polêmicas. Mas eu adoro a forma como a história acontece e a maneira como Hitchcock o dirigiu. Genial!

Yasmin: A personagem Marion Crane é uma das mais injustiçadas que existem na história do horror, no meu ponto de vista, pois ela fica atrás da figura de Norman Bates, que rouba a cena com seu arco surpreendente. Mas, enfim, continua sendo um clássico absoluto, é um dos meus filmes favoritos.

Já *Não Entre em Pânico* e *Exorcist in the Pit*, sobre, respectivamente, 'Pânico' e 'O Exorcista', além da brutalidade, traz as participações de Daniel Pacheco, parceiro de Jhon no Vomit Bag Squad, e Lawrence Mackrory (F.K.Ü.).

Yasmin: Importante dizer que a letra de *Não Entre em Pânico* foi composta pelo próprio Daniel Pacheco e é uma das minhas favoritas. Acho genial como ela começa com uma pergunta que remete ao próprio filme: 'Qual o seu filme de terror preferido?' E, no caso de *Exorcist In The Pit*, fui bem cara de pau e levei nossa música para o Lawrence, de quem sou absolutamente fã. Após alguns dias, ele deu o retorno positivo e também participou, dando um toque especial ao EP.

Uma pergunta um tanto ou quanto boba, mas vamos lá: qual desses filmes mais assustava vocês? Outra: existe algum que assusta até hoje? Pois, visualmente, 'O Exorcista' ainda causa impacto, não?

Tamy: 'O Exorcista' me dá medo até hoje, sempre que assisto fico impactada, inclusive pela maravilhosa atuação da Linda Blair interpretando Reagan (MacNeil)... Outro filme que tenho pavor, mas amo é 'It', tenho muito medo de palhaços por causa desse filme, porém, também é um dos meus preferidos.

Yasmin: Tive medo ao ver 'Psicose' pela primeira vez porque era bem nova, mas de todos esses eu não tenho muito medo não, tenho mais admiração, gosto muito dos detalhes de cada um. Mas, certamente, 'O Exorcista' merece destaque pelos efeitos excelentes que ele tem.

Thiago Prata

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

STRATOSPHERE PROJECT

RESGATANDO MATERIAL DO LIFESTEALING

Nos anos 90, o multi-instrumentista carioca Flavio Brandão fez parte da banda de power metal Lifestealing. Agora à frente do projeto solo Stratosphere Project, criado em 2019 e que, a despeito do pouco tempo de estrada já lançou nada menos que quatro discos, Flavio resolveu prestar uma homenagem à sua antiga formação: seu mais recente álbum, o EP *Lifestealing Years*, como o próprio nome indica, tem repertório composto por regravações de temas criados pela banda na época em que estava em atividade. Fomos saber mais com Flavio e ele falou sobre sua relação afetiva com o antigo grupo, os convidados que participam deste trabalho e muito mais, Confira a seguir.

A criatividade de Flavio Brandão com seu projeto de estúdio, o Stratosphere Project

Divulgação

O Stratosphere Project surgiu em 2019 e já está no quarto disco. A que se deve uma produção tão intensa?

Flavio Brandão: Eu acredito que estou passando por um período criativo muito intenso. Quando estava trabalhando no disco *Stratosphere* (2020), eu fiz dezesseis músicas no total, mas só lancei oito. Então, terminei a produção das que sobraram e criei *Last Survivor* (2021). Eu tenho períodos de muita criatividade e preciso transformar essa energia em algo bom.

O álbum *Lifestealing Years* tem forte relação com a banda Lifestealing, da qual você fez parte nos anos 90. Fale um pouco sobre a banda.

Flavio: O Lifestealing começou como uma proto-banda, daquelas de quintal mesmo, em que a gente ainda não sabia tocar direito e se tornou uma banda de power metal depois que conhecemos Angra e Helloween – isso foi em 1995. Éramos todos amigos de infância e trocamos as mesas de RPG pelo grupo aos fins de semana. Tudo com muito estudo dos instrumentos e dedicação.

Dá pra concluir que você tem uma relação afetiva forte com o Lifestealing.

Flavio: Eu tenho um carinho muito grande pelas músicas. Foi uma época da minha vida totalmente diferente. Eu comecei a tocar com 14 para 15 anos e levamos uns dois anos para estruturar a banda e começar a fazer shows. Eu tenho essa época da minha vida no coração até hoje. Os shows pelo underground carioca, os amigos que fizemos, as tentativas de gravação de demos com orçamento curtíssimo, foi tudo um aprendizado, uma experiência de vida.

O repertório do álbum foi escrito por você em parceria com os demais músicos do Lifestealing na época em que a banda estava na ativa. Você mexeu muito na estrutura delas ou deixou-as como foram concebidas originalmente?

Flavio: Eu mantive muito da estrutura original das músicas, mas precisei fazer adaptações em algumas delas. Em alguns casos, como *Galadriel's Mirror*, hoje tenho mais recursos do que naquela época. Em outras, precisei criar linhas adicionais ou recriar partes, pois alguns arranjos ficaram perdidos no tempo.

Você chegou a cogitar a possibilidade de gravar esse material com os músicos originais?

Flavio: Sim, cogitei, mas eles estão espalhados pelo mundo! Renan (ex-baterista) está morando e tocando nos EUA. Tácito Reis e o Igor Thurler estão morando com suas respectivas famílias no sul do país, enquanto Alan mudou radicalmente sua vida e também dedicou seu tempo à família e ao trabalho. Eu meio que fui o único que voltou para a cena metal com o Stratosphere Project, mas consegui trazer Claudio Mendes (guitarrista) para participar do EP.

Você gravou todos os instrumentos, à exceção da voz. Por que essa opção? É uma forma de manter maior controle sobre o processo como um todo?

Flavio: É uma questão pessoal, mesmo. Quando eu voltei a tocar, em 2017, tinha essa ideia de gravar e produzir sozinho. Obviamente o controle é maior e você pode mudar de ideia sobre qualquer linha melódica/harmônica a qualquer momento. Isso me garante uma liberdade criativa maior e me traz uma sensação de dever cumprido no final de cada álbum.

Já nos vocais há vários convidados. Qual foi seu critério para escolher esses convidados?

Flavio: Foi uma saga literal! Eu compus as músicas e tentei diversas vezes gravar com a minha voz. No final, entendi que cantar metal é algo que eu não sei fazer. Então, fui buscar alguém pra cantar, primeiro no reddit e depois em uma plataforma de colaboração. Acabei encontrando pessoas que queriam cantar uma música ou outra, mas nunca o álbum todo. Nos primeiros álbuns, eu tenho apenas participações internacionais por isso. Após o projeto ganhar alguma notoriedade, comecei a fazer mais network com vocalistas brasileiros, como Gus Castro (Dagor Sordheam), Ricardo Janke (Sefirot), Lean Van Ranna (Kin Wagon) e Aldeir Donovan (Beyond Fire). Ainda convidei também Bruna Soares (Alyria Project) e Rebecca Riss para participações especiais, elas são ótimas vocalistas.

Musicalmente, a impressão que passa é que o teclado comanda as ações, por assim dizer. Você concorda com isso?

Flavio: Eu tenho que admitir que você está correto. Essa ideia veio muito de duas bandas que eu ouço, mas não falo muito como referências para o projeto para evitar comparações. Elas são Royal Hunt e Rhapsody (of Fire). Na época em que criamos o Lifestealing, a gente queria dar um protagonismo maior para os teclados do Alan e com isso eu acabei trazendo essa referência para o Stratosphere Project.

Já há vídeos de faixas do álbum no YouTube. Hoje em dia não há possibilidade de desvincular a música da imagem?

Flavio: Realmente, existe essa associação hoje em dia. Você tem uma banda, você precisa ter engajamento nas redes sociais para conseguir divulgar seu projeto. Na década de 90 você mandava demos para rádios, revistas e jornais. Eu acredito que só mudou a dinâmica da coisa com o advento das redes sociais. Ainda precisamos das publicações impressas, blogs e sites, mas também precisamos trabalhar nosso conteúdo audiovisual para recepcionar os novos fãs.

Sua intenção seria montar uma banda e fazer turnê com o Stratosphere Project?

Flavio: Sim, esse seria um objetivo, mas não a curto prazo. A princípio, o Stratosphere Project é um projeto de estúdio. Se houver demanda suficiente para que seja algo fora desse âmbito, vou precisar captar recursos para conseguir fazer isso acontecer. Montar uma banda com mais cinco pessoas, ensaiar e preparar tudo para um show não é algo fácil. Eu passei por isso com o Lifestealing e acredito que as dificuldades continuam as mesmas daquela época. Mas se me perguntar se eu gostaria, a resposta é sim.

Antonio Carlos Monteiro

Encontre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

IVORY GATES
PROGRESSIVO E PESADO

Como Felipe Travaglini (vocal), Matheus Armelin (guitarra) e Hugo Mazzotti (baixo) frisaram na entrevista que você confere a seguir, o quarto disco de estúdio do Ivory Gates (quinto, se levar em conta *UnKnown Trails*, álbum de covers, de 2014) traz o DNA de uma exímia banda que teve o prog metal como fio-condutor em *Shapes of Memory* (2002), *Status Quo* (2005) e *Devil's Dance* (2011). Mas em *Behind the Wall* (2022), o grupo preferiu ir "direto ao ponto", sem abrir mão do lado técnico e incrementando sua fórmula com muito peso e melodia. Saiba mais nas palavras dos membros da banda de Piracicaba (SP) – o grupo tem ainda o baterista Thiago Siqueira (ex-Ignispace), substituto de Fabricio Felix, que debandou após as gravações do mais recente play.

Jean Novaes

Hugo Mazzotti, Matheus Armelin, Thiago Siqueira e Felipe Travaglini estão na estrada e prometem novidades em breve

De que forma vocês resumiriam os mais de vinte anos de trajetória do Ivory Gates, tanto em produtividade, quanto em objetivos alcançados? E, num outro sentido, em relação a batalhas enfrentadas e vencidas nesta saga.

Matheus Armelin: O maior desafio foi estabilizar uma formação. Na questão instrumental, foram quase vinte anos com os mesmos músicos. Fundamos a banda em 2000 mais ou menos. O Fabricio (Felix) saiu logo depois de gravar *Behind the Wall*. E o trio (Matheus, Hugo e Fabricio) havia se mantido até ali. O primeiro desafio mesmo foi encontrar a voz da banda. O primeiro disco contou com um cantor; o segundo, com outro. E no terceiro, *Devil's Dance*, o Felipe acreditou nas mentiras que contamos pra ele (risos).

E ele continua acreditando nessas mentiras (risos)?

Matheus: É, hoje mais ou menos (risos). Entrou no jogo e está aí até hoje.

Hugo Mazzotti: Agora mentimos para o baterista (Thiago Siqueira) também (risos).

Matheus: Fizemos *Devil's Dance* pensando que ali haveria o cantor 'status quo'. Veio o *Behind the Wall*, e o Fabricio não continuou.

Hugo: Ainda sobre a pergunta anterior, tem o problema do estilo. A gente é um 'pseudo' metal progressivo. Para quem gosta de metal mais pesado, a gente é prog demais. Para quem curte prog, a gente é pesado demais. *Behind the Wall* é totalmente metal, mas tem gente que diz que é bem prog. E vamos tocando isso.

Há um hiato de onze anos entre *Devil's Dance* e *Behind the Wall*, embora haja um álbum de covers/versões no meio, *UnKnown Trails*. Mas *Behind* poderia ter sido lançado antes, certo? Então, veio a pandemia...

Hugo: Com certeza a pandemia travou. No comecinho de 2020, o disco estava praticamente pronto e foi para a gaveta. Perdemos dois anos ali.

Matheus: Nosso processo de gravação foi extenso. Fizemos mais músicas do que as que estão no disco. Já temos três ou quatro músicas prontas. Inicialmente, pensamos em lançar um EP com elas, mas vamos fazer um full.

Nota-se em *Behind the Wall* um som mais pesado em várias faixas e até mais direto. O quanto a experiência os ajudou a atingir os resultados no sentido de continuar a veia prog e heavy, mas, digamos, limando umas 'gordurinhas' e deixando a música ainda mais pesada e até com flertes com o thrash?

Matheus: O mais importante é que, no momento da composição, não houve censura. A gente ouvia se estava legal ou não, se estava demorando para chegar ao ponto, para ser mais objetivo. Mas não havia censura.

Felipe Travaglini: A gente tem um DNA que é imutável. Por mais que tenha algo mais pesado ou mesmo uma balada, que é uma novidade no novo disco. Gosto muito de thrash e death. Mas talvez eu não consiga cantar esse tipo de música. Porém, é bom ter faixas mais pesadas neste álbum. Temos também uma música quase power metal, *Good Enough*. São coisas que não tínhamos feito antes, mas que não deixaram de ter a essência da banda.

Obviamente isso tudo se ilustra em muitos momentos empolgantes do disco. E talvez *Fall of Jericho* seja o maior exemplo de peso extra, numa união de prog com thrash moderno.

Matheus: *Devil's Dance* não é um disco com thrash, mas já tinha um peso ali, então havíamos desenhado um caminho. Agora foi a primeira vez em que toquei com guitarra de sete cordas, o que acentuou nesse sentido. E teve sim essa influência thrash.

Hugo: A gente não gosta só de Fates Warning e Queensrÿche. Gostamos de Testament também (risos).

Matheus: Eu toquei com uma guitarra de sete cordas, o que acentuou nesse sentido. E teve sim essa influência de thrash metal na composição.

Já a faixa-título sintetiza a proposta de *Behind the Wall*. Em termos de repercussão, parece que aqueles que os acompanham também veem desta forma, certo?

Hugo: Neste álbum, a gente não queria ficar preso a uma zona de conforto. Temos heavy, power, thrash, balada... A gente queria explorar. A letra de *Behind the Wall* é o resumo do restante do disco, de não ficar preso no mesmo lugar. Ela resume o que praticamos no disco, sendo o encerramento do álbum. Basicamente, não há um conceito de letras, mas há um conceito musical, que é não ficar estagnado.

Por outro lado, *The Leaves of Winter* é uma balada que, além da veia mais emocional dos vocais, reúne um lado técnico altíssimo.

Felipe: Realmente, em todas as músicas, a gente tenta passar o feeling que elas propõem. Mas quando ouvi a balada pela primeira vez, na época fiz uma ligação com Game of Thrones, série que estava assistindo. Eu precisava colocar uma emoção diferente, algo épico no refrão. A ideia era trazer e remeter, na composição e no vocal, a algo da Idade Média, um lado barroco, mas com muita pegada. Os backing vocals fazem uma cama, com notas mais altas, e há muita sensibilidade. Tentei trazer algo dentro do meu limite vocal, porém, com certo feeling, tentando achar uma harmonia legal. De uma forma geral, foi muito satisfatória.

Para finalizar, queria que falassem um pouco de *UnKnown Trails*. Como foi revisitar músicas como *The Time of the Oath* (Helloween) e *Eyes of a Stranger* (Queensrÿche)?

Hugo: A seleção das músicas fez parte de um ciclo. Já tocávamos a maioria delas, como as de Iron Maiden (*The Duellists*) e Queensrÿche. A gente quis compilar essas músicas num disco. E queríamos uma música de uma banda brasileira, e foi um consenso que seria o Harppia, com *Náufrago*.

Matheus: O principal papel do *UnKnown Trails* foi reagrupar a banda, porque não sabíamos se haveria uma continuidade, estávamos em um momento estranho. Aí o Hugo nos disse para fazermos um disco de covers. E isso juntou a banda novamente.

Thiago Prata

MÚSICA, CONEXÕES & AMÉRICA DO SUL

BOOKING:

KRISIUN
JIMMY & RATS
CRYPTA
SURRA
GANGRENA GASOSA
DESALMADO
NERVOCHAOS
HATEFULMURDER
AÇÃO DIRETA
DELINQUENTES

XANINHO DISCOS
MÚSICA, CONEXÕES & AMÉRICA DO SUL

XANINHODISCOS.COM.BR | @XANINHODISCOS

Encontre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

AVENTHUR
CAVALEIROS, ALQUIMISTAS & SACERDOTES

Nos tempos da escola de música, os irmãos Daniel e Lucas Cuani iniciaram sua jornada com a banda Innominate, que, segundo Daniel, "ia de *Souls of Black*, do Testament, até *Jump*, do Van Halen". Bastaria dizer isso para você compreender que a dupla está de mente aberta para vários estilos, mas a melhor forma é conferir a música do Aventhur, nova banda dos irmãos após a dissolução do Innominate.

Fotos: Divulgação

Daniel Paschoal Inatomi, Erick Mancz, Daniel Mariano Cuani e Lucas Mariano Cuani

Poderia nos dizer quais foram as principais referências de vocês no universo da música progressiva e como cada uma delas ajudou a moldar a sua expressão musical pessoal?

Daniel Cuani: Symphony X e Dream Theater sempre foram nossas maiores referências em comum dentro do metal progressivo. Mas ainda nesse universo, curtimos bastante Opeth, Tool, Pain of Salvation, Noturnall e por aí vai. E dentro do metal ainda trazemos algumas referências de outros subgêneros, como metal clássico, principalmente Iron Maiden e Black Sabbath, e power metal e metal melódico, como Angra, Blind Guardian e Orden Ogan. Essas nuances no geral trazem contribuições e ideias bem legais em conjunto, como seções instrumentais mais longas, compassos 'não convencionais' influenciados pelo progressivo, levadas mais rápidas do power etc.

Sob o espectro do prog, toda uma nova gama de elementos surge diante dos compositores, pois o termo dá liberdade plena de exploração musical. Como tem funcionado o processo de composição na Aventhur?

Daniel: Nunca ficamos travados no sentido de nos 'forçar a soar' dentro de um estilo definido. As ideias vão surgindo de forma espontânea e se sair algo progressivo, ótimo! Nos sentimos muito livres para caminhar em diferentes abordagens, sentimos que isso torna cada trabalho muito individual. Pegando nosso primeiro disco, *Fractured Memories*, foram três anos no processo de composição e vários trechos do álbum são de muito antes da entrada do Erick na banda, cinco anos atrás. Tudo inicia a partir de uma ideia e evoluímos até chegar nas letras, tudo vai surgindo e fluindo sem pressão.

E quanto à formação, como chegaram no time que hoje representa a Aventhur?

Daniel: Com o término da Innominate, os demais integrantes (Daniel Inatomi e Erick Mancz) acabaram chegando por recomendação de um professor de canto (Caio Limongi Mesquita) conhecido nosso. O Caio ainda chegou a participar da banda por um tempo junto com Daniel Inatomi no baixo, até que passou a se dedicar a outros projetos, indicou Erick para gente e estamos aí desde então.

Em 2020 vocês lançaram o single *The Alchemist*. Poderia nos falar um pouco mais sobre essa canção, sua temática etc.?

Daniel: *The Alchemist* foi uma das nossas primeiras canções. Um dos pontos chave que havíamos tentado buscar nela é o dark fantasy medieval com algumas passagens que denotam elementos de música clássica, symphonic e power metal. A temática lírica tem como cerne a busca da nobreza da Idade Média pela Alquimia, como sendo uma prática de caráter místico, em especial o elixir da vida e seu contraste com a religião cristã predominante da época, que considerava a alquimia como bruxaria. Começou praticamente com uma ideia de guitarra trazida pelo Lucas e do nada ele já tinha 75% da música feita. Depois foi sentar e começar a lapidá-la. Havíamos gravado, mixado e masterizado o single em nosso próprio estúdio. Como ela se encaixa perfeitamente no conceito do *Fractured Memories* e sendo uma das faixas mais importantes do CD, optamos por regravá-la no estúdio Fusão com Thiago Bianchi.

Depois dela, ainda em 2020 veio *Black River*. Gosto da maneira como linhas acústicas se entremeiam na trama musical em momentos específicos, dando uma nova cara para a música.

Daniel: *Black River* é outra música que havíamos escrito há alguns anos e passou pelo mesmo processo de gravação de *The Alchemist*. Gravamos no nosso estúdio, mas a temática dela como um todo se encaixa muito bem na nossa primeira obra e estará presente em *Fractured Memories* com algumas mudanças, que foram feitas após a produção. A temática de *Black River* é uma metáfora que remete à depressão, de forma intrínseca na letra, somando com o andamento rápido e os riffs de guitarra. As melodias de voz de um modo geral são bastante altas até o final da canção, quando ela vai ganhando cada vez mais corpo, transitando em diversos subregistros diferentes.

Além de composições próprias, vemos no canal de vocês no YouTube uma série de versões cover para várias bandas. Pode falar mais sobre como escolhem essas versões e qual a ideia com a gravação delas?

Daniel: É um processo bem divertido! Escolhemos músicas que nos inspiraram e de que gostamos! Não tentamos deixar 100% idêntica à obra original e sim com um toque nosso, colocando uma roupagem Aventhur na nossa forma de interpretá-la. Agora com a finalização do disco, já temos várias ideais em mente para dar seguimento aos covers do canal.

Fale agora sobre o mais novo single, *Behind the Legend*. Além da produção melhorada, quais foram as outras mudanças que geraram a grande evolução que sentimos aqui?

Daniel: A melhora constante na entrega final definitivamente entrou em nossas veias durante as gravações de *Behind the Legend* e veio para ficar! É uma música bastante power, bem RPG (algo que amamos muito) e com elementos medievais. Curiosamente, é a primeira música da banda, já a ensaiávamos há mais de cinco anos, antes mesmo da entrada de Erick Mancz!

Pensando nos próximos passos, quando podemos ter um novo registro da Aventhur?

Daniel: Durante todo o processo de composição de *Fractured Memories*, havíamos consolidado um total de mais de cem ideias, com melodias de voz, guitarras e linhas de teclado diferentes. Naturalmente tivemos que filtrar boa parte delas para encaixar no contexto do disco. Então, temos muito material para o segundo álbum e singles, o que é um bom ponto de partida! Nesse momento tem muita coisa rolando: planejamento de videoclipes, shows de divulgação do disco e já trabalhando nos próximos singles.

Para encerrar, sabemos que a banda tem conexão com o universo de Tolkien. Estão empolgados com a nova série, Os Anéis de Poder, que foi anunciada?

Daniel: Ah, não tem nem como descrever a ansiedade. Eu mesmo tenho as inscrições de Um Anel tatuadas no braço e todos os livros do Tolkien na cabeça. As expectativas não podiam ser mais altas e já estou revendo os filmes para entrar no clima.

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

PERCY'S BAND

DIE HARD LANÇA DISCO GRAVADO HÁ MAIS DE DEZ ANOS

Percy Weiss, Theo Godinho, Xepa e Walton Bart

Percy Weiss foi um dos maiores vocalistas do rock brasileiro, com passagem por bandas como Made In Brazil, Patrulha do Espaço e Quarto Crescente. No começo dos anos 2000, uniu-se ao guitarrista Theo Godinho (ex-Jaguar e A Chave) e gravou algumas faixas que jamais foram lançadas – algumas nem foram finalizadas. Theo faleceu de câncer em 2010 e o projeto foi engavetado. Até que, em conversa entre Percy e Fausto Mucin, da Die Hard Records, foi definido que o selo da loja lançaria o trabalho. Acontece que Percy faleceu em 2015, vítima de um acidente de carro quando ia de São Paulo para Campinas, onde morava. Mais uma vez, o projeto foi deixado de lado. Até que um dia... Bem, Fausto conta tudo isso na entrevista a seguir.

Como você conheceu Percy Weiss?

Fausto Mucin: Em disco, no lançamento de *Jack O Estripador* (1976), do Made in Brazil. Ao vivo, aqui na Die Hard, quando enviamos para ele os discos do Patrulha do Espaço que lançamos, por cortesia, já que ele participou do primeiro álbum. Quando ele veio pra São Paulo, fez questão de vir agradecer, disse que nunca uma gravadora havia tido esse gesto. A partir daí, toda vez que ele vinha pra cá passava na loja e entrava falando alto: 'Essa é a casa do tal rock'n'roll!'

Como se deu seu envolvimento com este trabalho?

Fausto: Ele me disse que tinha o projeto da Percy's Band, superentusiasmado – era um dos músicos mais entusiasmados que já conheci, que amava de verdade sua música. Ele tocava em alguns locais com amigos e compunha com o guitarrista Theo Godinho. No final das gravações, Theo faleceu. Então, ele me trouxe algumas músicas e disse que gostaria de fazer uma homenagem a ele.

Pelo que sei, Percy esteve aqui acertando detalhes sobre o lançamento, saiu da loja e sofreu o acidente que o vitimou. Imagino que deve ter sido um golpe imenso para você...

Fausto: Tínhamos fechado contrato uns oito meses antes, mas como ele estava enrolado com algumas produções, deu um tempo até ficar tranquilo. Quando ele veio falar comigo que já poderíamos dar continuidade foi nesse dia a que você se refere. Estava muito feliz, mostrou a capa que queria pro CD, tinha um artista trabalhando nela, e falou que podíamos começar. Me deu um abraço e saiu. Uns 45 minutos depois ficamos sabendo de seu falecimento. O choque foi total! Pompeu, do Korzus, estava pela Galeria e me deu a notícia. Em seguida veio o Calanca (da Baratos Afins), muito triste também, e ficamos os três lamentando e um tentando acalmar o outro...

Percy faleceu em 2015. Por que só agora o material está sendo lançado?

Fausto: Eu e meu sócio e irmão, André Mesquita, resolvemos não falar nada sobre o trabalho, já que não nos cabia levantar o assunto. E mesmo que quiséssemos, não conhecíamos ninguém. Passado um tempo razoável, talvez um ano, recebi a visita de sua esposa, Lana. Fui tomar um café com ela e aí a surpresa: ela me entregou uma caixa com todo o material mais recente do Percy: CDs e mais CDs, anotações em todo tipo de papel, DVDs, letras de música, um monte de coisa. Ele disse a ela que tinha achado a gravadora certa pra lançar o álbum, então ela nos tinha em elevadíssimo conceito, o que me deixou feliz. Então ela me confiou esse material todo. Demorou muito tempo até colocar em ordem tudo aquilo. Catalogueei tudo, no início com um auxiliar, o Lucas Coca. Ficávamos depois do expediente ouvindo e descobrindo que música era, uma a uma, até chegarmos nessas dez que estão no álbum, que são todas as inéditas. Passado um tempo, a Lana me enviou mais uma caixa com muitas gravações ao vivo.

Como foi a negociação com os demais músicos que gravaram o disco?

Fausto: Primeiro tive de saber quem eram. A Lana e a Thaís (filha de Theo Godinho) indicaram um amigo em comum deles, Maurício Lamussi, que tocava com o Theo. Ele passou os contatos e tanto o Xepa (bateria) quanto o Walton Bart (baixo) foram muito receptivos, abraçaram o projeto e não colocaram obstáculo algum, muito pelo contrário. Pra falar a verdade, não tivemos trabalho nenhum com ninguém. Todos os envolvidos, familiares e músicos, encararam com a mesma vibração e com o mesmo empenho que nós.

Você mexeu de alguma forma na sonoridade, seja pedindo para se acrescentar algum overdub ou remixando o som, ou deixou exatamente como recebeu de Lana Weiss?

Fausto: De forma nenhuma! Só pedi pro Fabio Golfetti (guitarrista e vocalista do Violeta de Outono) dar uma finalizada técnica, digamos, como emular o efeito estéreo e tirar impurezas sonoras que porventura estivessem lá. Em uma música o Fabio me consultou se deveria ou não tirar o som do metrônomo no início, e optei por conservar. No caso, é uma das, digamos, bônus, que ele não teve tempo de colocar a voz. Então, deixamos mais ou menos como achamos. A sorte foi termos gravações excelentes, feitas em estúdio de forma profissional.

Robertinho de Recife participa de uma música, *Coração Versus Razão*, que abre o disco. Por que ele é o único convidado?

Fausto: A Lana enviou a música pro Robertinho e ele imediatamente devolveu com o solo. Ele é um músico genial e tem um coração enorme, até agradeceu por termos materializado o projeto do Percy. Sobre os demais, tínhamos dúvidas de quem exatamente ele queria convidar para qual faixa. Até tentei conversar com alguns da geração dele pra saber se tinham falado com o Percy sobre isso, mas não tive muito sucesso.

Esse material que está no disco é tudo que os dois (Theo e Percy) deixaram dessa parceria ou há algum material que ficou de fora? Esse material, caso exista, você pretende lançar?

Fausto: Todas as músicas inéditas de estúdio que ele deixou estão nesse álbum, sem exceção. O que tenho ainda são gravações ao vivo, com outra formação. Elas têm qualidade excelente, são tão profissionais que chegam a ser melhores do que muitos álbuns ao vivo que conheço, e com uma energia inacreditável. Porém, essas deixei de fora porque são composições de outros músicos, tanto de bandas pelas quais ele passou como outras, mas quando vi que a negociação dos direitos iria não só exigir um tempo que eu não estava disposto a investir e que estava mexendo em emoções antigas, eu desisti. Tenho um excelente relacionamento com muitos músicos das bandas pelas quais ele passou, em alguns casos amizade mesmo, então abortei essa ideia pra sempre.

Antonio Carlos Monteiro

Encontre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

NEURO RUPTURA
DESAFIANDO CONCEITOS

Você pode estar conhecendo agora ou talvez já seja um velho fã – afinal, estes gaúchos já estão há duas décadas na ativa. Não importa o caso, a intenção da banda é bem clara, como eles mesmos nos explicam: "A Neuro Ruptura traz em seu nome a vontade de provocar o ouvinte, desfazer ideias, quebrar pensamentos, ou seja, causar a neuro ruptura". A forma como eles provocam o ouvinte vai além das letras, está em tudo o que eles fazem: "Seja nas composições ou até mesmo, pensando lá no início, há vinte anos atrás, e, quebrar os paradigmas de como a sociedade e o próprio meio artístico definia o que era uma banda de metal e como os músicos de metal eram pré-julgados. Sempre fomos no contrafluxo de muitos estereótipos nesse sentido". Assumindo essa atitude libertária inclusive na hora de criar suas canções, eles lançam agora *[In]Constante*. Confira mais na entrevista a seguir.

Divulgação

Diego Lucher, Rodrigo Carpes, Jean Kaiser, Marcos Ramírez, Guilherme Carvajal e Marcus Carvajal "Titânio"

Desde a primeira mostra, ficou claro que a Neuro Ruptura apostaria em uma sonoridade plural e aberta, sempre disposta a incorporar novos elementos. *2k18* foi ainda mais fundo nessa premissa. Musicalmente, o que esse primeiro álbum completo representou para vocês?

Ramírez: Podemos afirmar com certeza que *2K18* representa não apenas um momento, como foi o EP *Caminho* (2014), mas todos os primeiros dezesseis anos da banda, todas as evoluções, todos os aprendizados dentro e fora dos palcos e dos estúdios, todos os nossos desejos de continuar evoluindo e buscando novos rumos como banda. *2K18* foi produzido com o intuito de eternizar a Neuro Ruptura também com um CD físico, diria que um troféu para formalizar mais uma etapa. E mais uma vez, ao final da produção, já sabíamos que o álbum tinha seu tempo de validade, pois era nítido mais um pico de evolução surgindo, posteriormente firmado com o álbum *[In]Constante*.

Gostaria também que falassem sobre o single *Forças para Lutar*, que traz os riffs mais intensos da banda até então e os ótimos vocais de Ana Carla. De certa maneira, ele fecha um ciclo ao mesmo tempo em que inicia uma nova era para a banda, certo?

Ramírez: Gostamos de pensar no single *Forças para Lutar* como um elo de união entre duas fases distintas da banda. Esse elo entre passado e futuro tem dois nomes importantes gravados nele, Ana Carla de Carli, uma vocalista excepcional, que exigiu uma evolução técnica tremenda para podermos honrar a partição dela neste single; e nosso guitarrista Rodrigo Carpes, que havia entrado há pouco na banda e agregou de uma forma absurda nesse processo evolutivo. Foi neste momento que a banda assumiu guitarras de sete cordas e afinação mais baixa do que costumávamos usar até então.

Todas as composições são fruto dessa formação?

Ramírez: Tirando *Vou Lembrar*, que é uma música resgatada do passado anterior ao EP *Caminho* e lapidada para este novo momento da banda, todas as demais são composições atuais, mesclando o passado do Rodrigo com o presente da banda.

Como sempre gosto de fazer, gostaria de destacar algumas músicas para que comentassem. A primeira é a *[In]Tolerância*, que traz até elementos de reggae. Fale sobre ela.

Ramírez: Em relação à letra, ela foi 'encomendada'. Nosso baterista Diego Lucher pediu para compormos algo com o tema 'intolerância', muito em voga no momento atual. Sobre a parte instrumental, a ideia de o refrão ser um reggae foi do Rodrigo. No início não teve muita aceitação dos demais integrantes, mas depois de alguma insistência e experimentações de melodias instrumentais do estilo, teve a aprovação de todos e hoje nenhum dos integrantes vê de forma diferente esta construção. A letra do refrão pedia esta levada de reggae, não podia ser diferente.

Outra que merece muita atenção e que gostaria que comentasse é *Em Meio à Guerra*, uma pedrada com ótimas linhas de bateria e elementos que remetem até ao metalcore.

Ramírez: *Em Meio à Guerra* é a composição mais bem construída e detalhada do álbum. A alteração dos tempos, a variação do instrumental entre peso e limpo, tudo foi construído e criando forma com a condução do nosso baterista Diego. Ele que teve a visão de como seria esta música e nos conduziu em todas as etapas de criação. Ela teve uma dedicação e atenção extrema na parte instrumental limpa por parte do nosso guitarrista Titânio, que criou com maestria as melodias. Não é à toa que esta é sua música preferida.

A faixa de abertura, *Meu Lugar*, me fez pensar em bandas como Sevendust nos momentos mais melancólicos e Caliban nos mais intensos. Isso faz algum sentido? O que nos conta sobre ela?

Ramírez: Faz total sentido! Isso reflete uma das grandes influências do Rodrigo e esta foi uma das primeiras músicas com fragmentos do passado que construímos juntos. É como se tivéssemos uma cápsula do tempo que ficou enterrada por anos e foi aberta especialmente para a criação do álbum *[In]Constante*. Outro fato curioso é que nesta música o refrão foi alterado e teve sua melodia e letra mudadas pelo Rodrigo. Um dia, sem mais nem menos, ele apareceu na minha casa com um violão e um caderno e disse: 'Cara, pensei bastante e acho que pra esta música ficar completa e passar a mensagem que queremos, o refrão tem que ser assim.' Nos dois ou três ensaios após esta visita, mostrei para o Jean, meu par vocal na banda, e juntos nos adaptamos à nova estrutura e aprovamos as alterações feitas. Inclusive, este refrão é o favorito do nosso baixista Guilherme e ficou realmente muito melhor que era antes.

Por fim, gostaria que falasse sobre a minha favorita do novo álbum, *Mudar o Mundo*. Simplesmente adoro a cadência e o clima dessa música, que tenho ouvido no repeat. Parabéns pelo ótimo trabalho nos vocais, que ganharam muito em todas as faixas deste novo registro.

Ramírez: *Mudar o Mundo* é uma das nossas favoritas. Brincamos que ela poderia tocar em todas as rádios de rock, por ser nossa música mais leve. Ela foi uma das primeiras criações da nova formação – veio logo após *Forças para Lutar*, que foi a primeira. Nela, passamos a mensagem de que todos nós temos uma missão, uma redenção para buscar. Apesar de todas as dificuldades e momentos escuros das nossas vidas, temos a opção de deixar o medo e as críticas de lado e seguir em frente, pois a cada ação positiva que temos na vida mudamos o mundo aos poucos, tornando-o um lugar melhor para as futuras gerações durante nossa curta jornada nele.

Valtemir Amler

Entre ani nesse Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

NUNCA É CEDO DEMAIS PARA SE PREPARAR PARA UM SHOW

EM DEZEMBRO NO BRASIL

APONTE O SEU CELULAR PARA O QR CODE ABAIXO E OUÇA A DISCOGRAFIA COMPLETA

WARNER MUSIC BRASIL

warnermusic.com.br facebook.com/WarnerMusicLegends instagram.com/@warnerlegendsbr

Encontre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

BADLAND'S HERO
A LIGAÇÃO COM O TUATHA DE DANANN

Com forte ligação com o Tuatha de Danann (você conhecerá os pormenores nesta conversa), eles são mais um ótimo nome na cena mineira e é fácil entender a razão, já que a soma de talento e atitude fizeram a mistura ideal. Olhando mais para onde queria chegar com sua música do que para a estrada que estava trilhando, o vocalista e idealizador da Badland's Hero, Marcos Ulisses, conseguiu criar uma música extremamente rica e criativa, quase impossível de se rotular. Confira os pormenores dos dois primeiros álbuns nas palavras de seu fundador.

Fotos: Divulgação

Gabriel Paiva, Allan John, Rodrigo Berne e Marcos Ulisses

Fale-nos um pouco sobre os primeiros dias da Badland's Hero: quais eram a formação inicial e a ideia que motivou o nascimento da banda?

Marcos Ulisses: É uma honra estar aqui, tendo a oportunidade de nos apresentar ao grande público. A banda Badland's Hero, nasceu como um projeto despretensioso. Eu era vocalista de uma banda de metal tradicional e tinha algumas composições que não se encaixavam no meu antigo grupo. Na época veio a pandemia e estava tudo parado. Não tinha shows, ensaios etc. Então aproveitei e mostrei essas músicas para Bruno Maia (Tuatha de Dannan, Braia), que, além de grande músico, ainda é produtor musical e tem um estúdio (Braia Estúdios). Ele adorou as composições e se propôs a fazer toda a parte instrumental! Nasceu aí nosso primeiro CD, *Running Through My Veins*, que teve boa receptividade por parte de crítica e público. Com base nesse CD, a Badland's Hero se apresentou no festival Roça'n'Roll de 2020, cuja versão se deu de maneira virtual, também por consequência da pandemia. Nesta época a banda teve sua primeira formação com Andre Cazelato na bateria, Sergio Mesquita no baixo, Artur Mangia na guitarra e eu no vocal e violão.

A banda nasceu em 2019 e o primeiro álbum chegou já em 2020. Bem, não estamos falando de um álbum com poucas ideias, então chama a atenção a rapidez com que o disco foi concebido. Como funcionou o processo de composição? Temos no primeiro álbum um conjunto de ideias que foram colecionadas ao longo do tempo, mesmo antes do nascimento da banda?

Marcos: Sim. *Running Through My Veins* conta com todas as composições de minha autoria e algumas dessas músicas já existiam. Eu as tinha comigo, guardadas há muito tempo, e outras foram surgindo durante a gravação do CD.

Já que começamos a falar sobre *Running Through My Veins*, disco que tanto me impressionou, vamos destacar algumas canções, e a primeira é obviamente *By My Side*, que abre o disco.

Marcos: *By My Side* é a primeira composição que fiz na vida. Eu tinha 15 anos e era um blues com letra em português. Fiz algumas adaptações no andamento da música e na letra, passei para o inglês e ficou bem interessante o resultado final.

Também gostaria que comentasse *Live Our Lives* e *Being on the Road* do álbum de estreia. Ambas têm essa pegada folk/caipira que tanto aprecio, mas a primeira soa bem brasileira e a segunda quase bluegrass. Fale mais sobre elas.

Marcos: *Live Our Lives* surgiu na mesma época de *By My Side*. Porém, a ideia de colocar viola caipira na música toda foi do Bruno Maia e eu adorei! *Being on the Road* surgiu durante o processo de gravação e acabou me direcionando para o tipo de musicalidade que quero fazer daqui pra frente, inspirando inclusive a arte do CD, realizada por Romulo Dias.

Para finalizar essa parte, o álbum anterior veio com produção de Bruno Maia. O quanto a experiência dele ajudou no desenvolvimento do processo?

Marcos: Bruno foi imprescindível para o surgimento da Badland's Hero. Sua capacidade de captar a intenção de cada composição e a sensibilidade ao executar as músicas foi impressionante! Como é multi-instrumentista, ajudou na riqueza dos arranjos e de elementos que compõem *Running Through My Veins*.

Pode nos falar sobre as mudanças de formação para o novo álbum?

Marcos: Após a apresentação no Roça'n'Roll, a primeira formação acabou se desfazendo, e voltei ao método de composição anterior, porém, desta vez contando com o talento e dedicação de Rodrigo Berne, que também é produtor musical e um excelente guitarrista que tocou no Tuatha de Dannan, Tray of Gifty e Lakunna, dentre outras bandas.

Bem, a primeira impressão que tive do novo *Badland's Hero* é que se trata de um álbum mais pesado que seu antecessor, mais metal. Você sente o mesmo?

Marcos: O novo álbum realmente é mais pesado, até porque mudamos a concepção de composição. Não podemos deixar de lado nossas raízes, então o peso nas músicas retornou (risos). Isso se deve também às características dos músicos que integram a banda atualmente: eu no vocal, Rodrigo Berne na guitarra, Allan John no baixo e Gabriel Paiva na bateria.

***Deep in Your Heart* inicia o novo registro como o antigo termina, com riqueza de ideias e grande qualidade, demonstradas em linhas de guitarra memoráveis, que casam com perfeição às linhas de voz. Fale sobre o trabalho nessa canção.**

Marcos: Foi a primeira composição desta nova fase da banda. Eu a tinha composto com linhas bem simples e melodiosas e Rodrigo Berne incrementou com suas guitarras poderosas! Ela também está na coletânea *Alternative Music – Alternative Lessons in Scene*, lançada pela MS Metal Agency Brasil em 2020. Tenho muito orgulho dessa música!

***Master of the Rain* tem linhas iniciais de guitarra que remetem ao Iron Maiden e apresenta ótima dinâmica, puxando até um Van Halen oitentista em certos fraseados de guitarra.**

Marcos: Esta é uma composição do Rodrigo Berne. Ele tinha a parte instrumental pronta, gravada com a bateria do Gabriel Paiva e o baixo do Allan John, porém sem letra. Ele me mostrou a música e no dia seguinte eu tinha escrito a letra e já tinha as melodias de voz na cabeça! Rapidamente montamos a música, que não podia ficar de fora deste álbum.

Para finalizar, fale-nos um pouco sobre a faixa que dá nome ao disco e à banda, um belíssimo exemplo de como fazer blues, hard rock clássico e heavy metal caminharem lado a lado.

Marcos: *Badland's Hero*, a música, foi inspirada na minha primeira fase como compositor, tendo essa pegada mais blueseira. Rodrigo Berne contribuiu muito com a composição, trazendo este lado hard rock que a música também oferece e o refrão marcante! Estamos todos muito satisfeitos com o trabalho e esperamos que nossos fãs também apreciem! Agradecemos demais a atenção dos leitores da ROADIE CREW e suas perguntas! See you on the road!

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

DEVOTEE
OS PRIMEIROS RITOS DE PASSAGEM

Villager I, Villager II, Jacob, Villager III e Villager IV

O silêncio e o segredo podem ser muito bem usados por aqueles que sabem manejar os acontecimentos longe da luz. Esse talvez seja um dos fatores para a qualidade da Devotee, como eles nos contam: "Tudo foi feito com muita paciência e organização. Foi como uma pintura, as coisas eram feitas e retocadas, não havia data para lançamento, ninguém sabia da existência do projeto e quando as coisas vieram a público. Existia apenas a certeza de que aquilo era o nosso melhor". Esse "apreço pelo secreto" está em tudo, já que a banda prefere manter em segredo a identidade de seus músicos, como você perceberá na entrevista a seguir. Aproveite a leitura, ouça o ótimo EP *Rites of Passage* e tenho certeza que você será um novo devoto.

Sentimos na sua música muitas referências ao rock clássico, em especial àquele praticado nos anos 70 e 80, com a mistura de peso e ótimas melodias.

Devotee: Eu aprendi a ouvir música de uma forma muito abrangente, meu pai me influenciou a ouvir de tudo, não foi como se tivesse descoberto o rock na adolescência, como acontece com muitas pessoas. Desde os meus 8 ou 9 anos de idade já frequentava shows com meu pai, de Yes a Elton John. Em um dia eu estava ouvindo Pet Shop Boys, e no outro, Iron Maiden, não conhecia a discriminação. Então, vejo a música como a trilha sonora da minha vida, sempre tem a música certa para o momento certo.

Essa mesma atitude foi adotada quando começaram a compor?

Devotee: Sim. Sabíamos o sentimento que queríamos transmitir e fomos atrás disso. Existe uma fonte de ideias central na Devotee, não funciona como uma experiência. A música nasce e sabemos como ela deve soar e aí vem a busca para que isso aconteça: a linha de baixo certa, as linhas de guitarra, os vocais... Posso fazer uma analogia com uma pintura: quando encontramos a tonalidade certa, um sorriso se abre involuntariamente e ali temos a certeza que encontramos o elemento.

Há quanto tempo estão juntos como banda?

Devotee: Entre a criação do primeiro acorde até os dias de hoje se foram dois anos. Sobre a criação, as coisas aconteciam em paralelo, totalmente guiadas pela inspiração do momento. Às vezes eu pegava a guitarra e as coisas simplesmente saíam. Em outros momentos, eu focava na concepção das roupas e máscaras, e isso impedia que o projeto parasse de andar, sempre havia inspiração para alguma coisa. Infelizmente, ainda não posso dizer exatamente como funciona a formação da Devotee, espero poder voltar aqui quando esse momento chegar e contar todos os detalhes da concepção da banda. Mas posso dizer que na primeira vez em que tocamos *Rites of Passage* em estúdio, existia uma magia, o tempo parou e só pensávamos: 'As pessoas precisam ver o que temos aqui.'

Vocês optaram por manter a identidade dos músicos em segredo. Por que decidiram usar esse recurso? Ele seria fundamental para a existência da Devotee, a banda acabaria caso as identidades fossem reveladas ou seria apenas um novo estágio?

Devotee: Queríamos algo que não se fundisse com a realidade, sem relação humana com as pessoas por trás das máscaras, sobre quem são, em que bandas tocaram, de onde são etc. Queríamos total abstração, porém, também existia a ideia de que não defenderíamos isso com unhas e dentes. Não queremos dificultar nosso trabalho pelo anonimato. Vamos resguardá-lo, mas sabemos que as informações vazam e as pessoas descobrem as coisas uma hora ou outra, então tudo bem, nosso foco é produzir e entregar o universo Devotee para as pessoas.

Vocês têm sido bastante comparados ao Ghost, uma das melhores bandas do cenário atual. Como veem essas comparações?

Devotee: Sim (risos). Ghost é uma das nossas inspirações, existe muito do Ghost no que queríamos entregar e não vemos problema nisso, as pessoas entenderam a Devotee, as peculiaridades e as influências, não fomos colocados em um bolo de bandas de mascarados que apenas tentaram surfar no hype do Ghost, há muito trabalho e dedicação no que fizemos, foram anos de influências e experiências. Isso foi reconhecido e somos gratos por isso.

Vamos falar agora sobre *Rites of Passage*, seu álbum de estreia. De cara, precisamos destacar a qualidade das músicas, com influências ricas e variadas.

Devotee: Mais uma vez, obrigado. Tudo foi feito com muito cuidado e preocupação com os detalhes. Basicamente, houve uma pré-produção muito simples em termos de estrutura. As ideais eram gravadas enquanto criadas, algumas coisas foram posteriormente revisitadas, às vezes substituídas, e em determinado momento surgiu *Rites of Passage*. Mostrei essa pré para um amigo produtor que ficou muito empolgado com o que ouviu e se prontificou a gravar de forma mais profissional. Tudo foi regravado, mixado e masterizado, chegando ao resultado que foi disponibilizado. Ressalto que tive muitos amigos que abraçaram a Devotee e também são responsáveis por esse reconhecimento, no momento certo as pessoas conhecerão esses nomes.

Um dos destaques do álbum, *Destiny*, é parada obrigatória para qualquer fã de boa música.

Devotee: *Destiny* é muito especial, ela tem a responsabilidade de ter sido a primeira música criada, logo, ela ditou o que seria a sonoridade da Devotee, antes mesmo de a banda ser chamada assim. Sobre o vídeo, sabíamos que as pessoas queriam ver a banda ao vivo, era o que faltava. Porém, vivíamos um período de pandemia em que tudo era mais complicado e também queríamos que as pessoas vissem a banda tocando e soubessem que existíamos fora da internet. Esse vídeo trouxe a Devotee para mais perto do público e ficamos muito satisfeitos com o resultado.

Pode falar sobre a ideia central do álbum, que permeia as músicas, a arte de capa e o título do disco? E quando teremos o próximo?

Devotee: Existe o universo Devotee, a história de Jacob, algo que poderia se tornar um livro ou roteiro de uma série – quem sabe um dia... Existe um motivo para cada elemento, personagem e cor das máscaras, e as músicas contam um pouco dessa história, principalmente a faixa *Reborn*. Tudo no álbum gira em torno desse universo, que não pertence ao nosso mundo (dos terráqueos), às nossas crenças e deuses. Desejo poder entregar mais desse universo nos próximos trabalhos da Devotee. Gostaria muito de poder dizer que o próximo álbum vai sair logo, mas infelizmente não temos uma data. Temos músicas, conceito e muitos elementos para um novo trabalho, e o que posso dizer é que as coisas não vão parar por aqui. A Devotee é um universo e as pessoas só viram a ponta do iceberg.

Valtemir Amler

Encontre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

INVISIBLE CONTROL
CRIADO NO CAOS

O cerne musical é o death metal, envolto em elementos de variações do gênero: technical death, death extremo, death melódico... O mais importante de tudo é que funciona. E como funciona! Formado por integrantes de Natal (RN), Recife (PE) e Maceió (AL), o Invisible Control não apenas é uma das mais gratas surpresas do ano como também é autor de oito pérolas do metal da morte, reunidas no debut *Created in Chaos*. Para falar mais deste que já é um dos melhores lançamentos de 2022, conversamos com a vocalista Dani Serafim e o guitarrista Dennys Parente – a banda também conta com o guitarrista Marco Melo, o baixista Marcos Flávio e o baterista Wagner Campos.

Divulgação

Marco Melo, Marcos Flávio, Dani Serafim, Dennys Parente e Wagner Campos: muito a dizer sob a linguagem death metal

Conte-nos como se deu a formação da banda, considerando que ela surgiu em meio à pandemia, em 2020, e é composta por músicos de três cidades diferentes.

Dani Serafim: Então, tudo começou com um projeto que Wagner Campos e Marco Melo, ambos de Recife, montaram há alguns anos. Eles já tinham essa visão de fazer um som mais técnico e mais trabalhado. Porém, o projeto ficou engavetado. Em 2020, o Wagner quis retomar as atividades e pediu ao (artista/produtor) Alcides Burn (Faces of Death, Krisiun e tantos outros) que indicasse músicos que topassem esta proposta. O Wagner já tinha visto alguns vídeos do Dennys, de Natal, e o convidou. E Alcides Burn me convidou diretamente para a banda. Nós já nos conhecíamos, e ele explicou toda a proposta, já com duas faixas instrumentais para eu colocar voz e letra, que inclusive estão no nosso CD: *Killing Another One of Us* e *Purgatory*. Prontamente, compus, fiz a gravação dessas faixas e mandei de volta para o Alcides. E a partir daí entrei para a banda de fato. Logo depois, o Marcos Flávio, também de Natal, foi convidado para fazer parte.

E desde o início já era intenção de todos focar no metal extremo, mas sem se prender a um rótulo específico?

Dani: A proposta inicial sempre foi fazer metal, sem estabelecer um rótulo. Fomos nos desenvolvendo em meio às nossas ideias e composições, sempre visamos colocar o que para nós era bom e atrativo ao público. Sempre escuto de várias pessoas opiniões diferentes sobre nós, cada um nos denomina de um jeito (risos). Eu respeito muito isso, pois sei que o som que fazemos tem inúmeras influências. Temos como referência desde bandas bem clássicas até grupos atuais e com vertentes diferentes do que fazemos.

A abertura com *Creation of Chaos* talvez ilustre bem isso que foi abordado até aqui, já que traz vários elementos que compõem uma música brutal e cheia de detalhes técnicos...

Dennys Parente: *Creation of Chaos* foi uma composição que fiz há um bom tempo, antes mesmo de conhecer o pessoal da Invisible, mais precisamente no ano de 2016. Sempre fui pirado em sons do Oriente Médio e na cultura egípcia em geral. Tenho muita influência quando se entra no campo menor harmônico e não foi diferente com *Creation of Chaos*. O que mais gosto nessa música é que ela mistura esse instrumental do Oriente, enquanto a letra fala sobre o caos que existe dentro de nós mesmos, ou seja, a ansiedade e a depressão de uma forma não tão direta, mas que dá para sentir por toda a ambientação. E aí entra a parte da introdução, criada na pré-produção do disco. Ela é exatamente isso que quis passar, a melancolia, coisas do passado que nos fazem sentir mal, de como nossa mente vive em uma constante guerra nos fazendo perder o controle em algumas ações da vida. Ao mesmo tempo, no instrumental eu quis fazer algo que soasse crescente para o que viria quando a música realmente começasse.

Já *Devourers* abre espaço para um belo arranjo acústico em seu início.

Dennys: Em *Devourers* tentamos fazer com que quem a escuta se questione se está vivendo da forma que quer ou da forma que o mundo atual o faz viver. Na introdução tento passar esse questionamento apenas com o instrumental, então a finalidade é mostrar este dilema/dualidade que muitas vezes somos obrigados a viver e fazer da passagem acústica um momento de reflexão, seguido de uma grande explosão com a entrada do peso.

Nas letras a banda aborda temas relacionados a fanatismos políticos e religiosos e o lado psicológico do ser humano, com questões ligadas a fobias, depressão etc. Quem ficou responsável por elas e como foi abordar esses temas que estão tão em voga?

Dani: Fiquei muito livre para a criação das letras, das vocalizações e seus temas. Tenho uma maneira bem pessoal em minhas composições. Não falo apenas de um determinado tema, gosto de fazer de minhas letras um tipo de desabafo. Por situações que passo ou vejo outras pessoas passarem, algumas letras faço muito rápido, por estar sentindo algo no momento. Mas no geral componho com facilidade. Em duas músicas do álbum tive a sugestão de temas, como *Cold Blood*, que Alcides sugeriu que eu falasse sobre criogenia, porém, faço uma abordagem bem subjetiva, uma certa analogia aos dias atuais. E *Sons of the Damned* também foi um tema proposto pelo Alcides, que até me deu algumas ideias para a letra, em que abordamos um tema real, de um fato ocorrido, mas pouco divulgado.

Mesmo não sendo um álbum conceitual, podemos dizer que há uma conexão entre música, letras, título do álbum e capa? Pergunto isso porque tudo parece realmente fazer sentido quando unimos todas as linhas dessa 'teia'.

Dani: Não foi nada proposital, não esperávamos fazer toda essa conjuntura, mas no fim de tudo tivemos essa mesma percepção de estar tudo conectado. O título do álbum, por exemplo, faz referência à própria banda, *Created in Chaos*, pois a Invisible Control foi criada em meio ao caos pandêmico. As faixas têm nomes que falam por si, mas se pararmos para entender as letras, percebemos essa associação, de como o caos no mundo, os conflitos políticos e a alienação religiosa afetam diretamente nossa saúde mental. E que, na verdade, somos todos 'criação do caos', cada um com um caos diferente. Neste sentido fica bem subjetivo e pessoal.

Já há novas composições à vista? Ou sobraram ideias do primeiro disco e que poderão ser utilizadas no futuro?

Dennys: Sim! Há duas faixas que não entraram no disco, mas não foram descartadas, apenas não tivemos o tempo devido para deixá-las da forma final que queríamos. E já estamos trabalhando em novas composições para um EP ou já um futuro novo álbum. Em breve vamos anunciar algo bem legal!

Thiago Prata

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

TIBERIUS PROJECT
FILHOS DE UMA PÁTRIA EM CHAMAS

Não existe grande segredo: a Tiberius Project surgiu em 2007 como um projeto dos músicos Dibih Tiberius e Denis DeMartins e só muito recentemente se transformou em banda. Segundo Dibih, a banda se inspirou em toda a música pesada criada nas décadas de 80 e 90, com predileção por Iron Maiden. A história tem muitos pontos em comum com tantas outras que você conhece, mas a Tiberius Project vem construindo seu caminho de forma genuína, como você percebe em cada um de seus registros, todos abordados aqui. Confira mais detalhes dessa história nas palavras de Dibih Tiberius.

Mairá Nakahara "Nipônik"

Denis DeMartins, Douglas Assunção, Dibih Tiberius, Amanda Monique e Fernando Guimarães

O primeiro registro de vocês veio em 2007 mesmo, com *Dream Over*. Como foi o processo que resultou naquele primeiro álbum, da composição até a gravação?

Dibih Tiberius: *Dream Over* é um álbum completamente experimental, evoluímos muito desde então. Não sabíamos qual o caminho tomar, qual o estilo, lá pode-se encontrar desde rock'n'roll e balada romântica a thrash, speed e power, simplesmente íamos criando, sem nos importar com rótulos, o que aliás fazemos até hoje. As pessoas têm dificuldade em nos encaixar em algum estilo quando ouvem nossa obra completa. O processo de composição pode ser curto ou longo, depende da inspiração, atualmente cada música é largamente discutida desde a ideia inicial até a consolidação da obra, que com orgulho tem tido a colaboração de amigos e fãs com ideias e letras, como aconteceu por exemplo em *Projeto de Destruição* e *Pátria em Chamas*, que nos foram presenteadas pelo artista JP Carvalho e por nosso amigo Ademir Mussato.

Em 2010 vocês reapareceram com o longo single *United for Metal – The Hymn*, que já mostrava um grande amadurecimento tanto em termos de composição quanto de performance.

Dibih: As pessoas acham que *The Hymn* é inspirado em Manowar, mas na verdade é baseado em *Rime of the Ancient Mariner,* do Iron Maiden. Foi um desafio fazer este épico e atualmente fazemos muito melhor ao vivo, já que o amadurecimento da banda está sendo fantástico, todos são músicos de carreira, estou aprendendo muito com eles. Desde aquela época já percebemos a tendência dos músicos de lançar singles, e fazemos assim desde então.

Aliás, falando desse épico e do amadurecimento, gostaria que comentasse o trabalho de guitarras em *United for Metal*. Além dos riffs, bem focados no metal tradicional, chamou-me muito a atenção a qualidade dos solos de guitarra. O que pode nos contar a esse respeito?

Dibih: O melhor para falar a respeito dos arranjos é Denis DeMartins. Ele é o criador e, sem dúvida nenhuma, um dos maiores artistas deste país, que oxalá terá seu reconhecimento. Hoje tenho um projeto reconhecido internacionalmente graças a ele, sem o Denis o projeto não existiria. A formação da banda é recente e não viemos para brincar, somos velhos demais para isso (risos). Tenho músicos fabulosos e levamos o underground a sério, agora temos de vencer a falta de estrutura do país no que tange ao apoio à música pesada, mas chegaremos lá, tenho excelentes profissionais ao meu lado e uma boa base de fãs, que prefiro chamar de amigos. Aliás, todos os arranjos e riffs criados por Denis são fantásticos.

Continuando no processo de amadurecimento, veio o EP *T-ProjecT*. Sinto que nele vocês adicionaram mais peso à sua fórmula musical. Você também sente isso?

Dibih: No primeiro álbum, *Dream Over,* não sabíamos qual caminho a seguir, foi uma miscelânea de tudo. Já o EP *T-ProjecT* foi uma evolução natural, hoje já temos uma identidade e sabemos exatamente o que queremos, isso pode ser visto em músicas como *Horda de Lacaios* ou *Projeto de Destruição*, que define nossa atual fase.

Dentre as canções que se destacam lá, temos a icônica *Santa Claus in Hell*. Fale-nos um pouco mais sobre essa canção.

Dibih: *Santa Claus in Hell* é uma crítica ao comercialismo do Natal, é a nossa versão para *Papai Noel Velho Batuta,* dos Garotos Podres, e tivemos inspiração também na música *Amerika*, do Rammstein.

Chegando a um novo momento e a uma nova evolução sonora, temos *Horda de Lacaios* e *Pátria em Chamas*, que trazem esse acento hardcore/punk que costumo admirar. Falem-nos mais sobre essas duas canções

Dibih: Um certo político foi inspiração para as músicas atuais. Resolvemos fazer um álbum todo em português e a temática nos levou a essa pegada mais hardcore. Em breve terminaremos o novo álbum, serão oito músicas neste mesmo estilo, e nos shows também tocaremos as músicas antigas, mas de forma muito melhor, pois nossa evolução musical está sendo fantástica. Nossos shows serão uma mescla de todos os estilos, pois não seguimos rótulos, apenas somos guiados pelo que o momento e a arte nos pedem.

Pelo que li, a banda está com uma nova formação. O que pode nos contar sobre isso?

Dibih: Recentemente entrou a excelente guitarrista Amanda Munique. Em breve lançaremos o álbum *Projeto de Destruição*, que é um trabalho muito bem elaborado e que foi pensado em cada detalhe. Na verdade, algumas músicas já estão sendo distribuídas mundialmente conforme vão sendo lançadas, e a aceitação está incrível. Essa é a vantagem da internet, não precisamos estar no mainstream para que todos conheçam o que fazemos, nossas plataformas têm milhares de acessos e centenas de mensagens mensalmente, o que falta é consolidar o trabalho, temos de chegar ao mesmo nível de algumas bandas do mainstream para tornar viáveis as apresentações. Temos uma mascote, chamado Tiberius, que colocaremos no palco. Ele foi confeccionado pelo mesmo criador do Louro José e de alguns zumbis da série americana Walking Dead.

Para finalizar, fale-nos sobre *Projeto de Destruição,* que será a faixa-título do próximo álbum. Para quando devemos esperar esse novo registro e o que mais podemos esperar da Tiberius ProjecT no futuro próximo?

Dibih: Estamos finalizando *Projeto de Destruição*, acredito que até o final do ano estará pronto. O processo de criação tem sido longo, pois pensamos em todos os detalhes, queremos fazer algo diferenciado para os fãs do underground. Mas algumas músicas já estão distribuídas mundialmente, em todas as plataformas: vejam nossos vídeos no YouTube, inclusive o fantástico clipe da música *Projeto de Destruição,* produzido por Gian Fiorante. A letra dessa música nos foi presenteada pelo excelente músico JP Carvalho. Nosso próximo single será *Marcha dos Mortos*, que será outra porrada com certeza. Agradeço à ROADIE CREW pelo espaço e a todos aqueles que apoiam e acreditam em nosso trabalho.

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

ENTREVISTA
3TEETH
Pesadelo industrial

Fotos: Divulgação

Vindo da ensolarada Los Angeles, o 3Teeth é muito mais novo do que os nomes anteriormente citados, mas já coleciona muitos feitos dignos de atenção. Depois de turnês com os principais nomes do cenário industrial, e com seu terceiro álbum completo lançado, *Metawar* (2019),o vocalista fundador Alexis Mincolla conversou com a ROADIE CREW. "Não tínhamos expectativas, só queríamos fazer a música que queríamos ouvir. Queríamos que a nossa imagem e o nosso som remetesse ao industrial dos anos 90 que tanto amávamos, mas queríamos adaptá-lo a um contexto moderno", comentou Mincolla. "3Teeth é sobre a arma divina dos deuses, o tridente. Um antigo instrumento de criação e destruição que se concentra na eterna batalha do caos contra a ordem", completou sobre a definição do nome da banda.

ENTREVISTA
GAEREA
Distante da presença divina

Com um EP e dois álbuns lançados - *Unsettling Whispers* (2018) e *Limbo* (2020) -, o grupo português Gaerea, que se apresentará no Brasil em novembro, já prepara o terceiro registro, *Mirage*, que será lançado no final de setembro pela gravadora Season Of Mist. Valtemir Amler conversou com o guitarrista fundador, que, por razões que você conhecerá nessa entrevista, prefere ser chamado pelo nome do grupo que fundou. "Gosto que a música chame mais atenção do que os músicos."

MEMÓRIA
RC #166

"Nos anos 80 não existia a diversidade cultural de hoje, havia muita intolerância. O próprio termo 'metaleiro' surgiu como escárnio. Era pejorativo", André Bighinzoli, ex-baixista do Metalmorphose.

YOUTUBE
PESADAS DA SEMANA
As notícias comentadas

Pesadas da Semana, no YouTube da Roadie Crew. Comandando pelo jornalista Luciano Frazani (Rock Forever) e editado por Larissa Aparecida, traz as notícias mais importantes com comentários de convidados.

ASSINATURAS
E números atrasados

Se não encontrou nas bancas, procura uma edição específica ou quer fazer a sua assinatura e receber a ROADIE CREW em casa, acesse www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo fone: (11) 5058-0447.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Editor Chefe)
Kreator - *Hate Über Alles*
Porcupine Tree - *Closure/Continuation*
Evergrey - *A Heartless Portrait*

Ricardo Batalha (Redator Chefe)
Dan Reed Network - *Let's Hear it For the King*
Great White - *Great White*
Faster Pussycat - *Whipped!*

Luiz Tosi (Editor Online)
Wolfsbane - *Genius (Wolfgenius)*
Midnite City - *There Goes the Neighborhood*
King Diamond - *The Puppet Master*

Ricardo Schneider (Leitor)
Evergrey - *The Atlantic*
Kreator - *Terrible Certainty*
Slayer - *South of Heaven*

Maciel Arruda Neves (Leitor)
Krisiun - *Mortem Solis*
Watain - *The Agony & Ecstasy of Watain*
Ratos de Porão - *Necropolítica*

Luciano S. Lucas (Leitor)
Axel Rudi Pell - *Lost XXIII*
Thundermother - *Black and Gold*
Def Leppard - *Diamond Star Halos*

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

NOVO ÁLBUM EM VINIL!
DISPONÍVEL EM OUTUBRO

MORTEM SOLIS
VERSÃO BRASILEIRA

MONSTRO DISCOS · CENTURY MEDIA · Sangre

WWW.LOJAMONSTRO.COM.BR

62 98488 4142

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

James LoMenzo, Dirk Verbeuren, Dave Mustaine e Kiko Loureiro: o Megadeth em estado de graça

Travis Shinn

MEGADETH

RÁPIDO, MELÓDICO... E AMIGAVEL!

Em entrevista completamente informal, Dave Mustaine explica *The Sick, The Dying... And The Dead!* e fala da sua mais recente relação com brasileiros

Por Daniel Dutra e Leandro N. Coppi

Quantas vezes você ouviu falar do comportamento genioso de Dave Mustaine em entrevistas? Pois bem, o passado ficou mesmo no passado, e nestas páginas você tem o melhor exemplo disso: o guitarrista, vocalista, compositor e líder de uma das maiores bandas de thrash metal da história transformou o que poderia ter sido uma entrevista protocolar – apenas para falar de *The Sick, The Dying... And The Dead!*, novo e 16º álbum de estúdio do Megadeth – num bate-papo entre velhos amigos. E tem muita coisa além do disco e da atual e feliz fase da banda, completada por Kiko Loureiro, James LoMenzo e Dirk Verbeuren. Sente-se à mesa, abra uma cerveja e fique à vontade!

Dave Mustaine: Dani?
Oi, Dave. Tudo bem?

Dave: Eu estou bem, cara! E você, como está?
Eu estou bem, obrigado por perguntar!

Dave: Você não está me vendo?
Não.

Dave: Por que não?
Não sei! (risos)

Dave: Então você não quer me ver?
Claro que quero. (N.R.: neste momento, Mustaine pergunta ao assessor, que acompanhava a entrevista: 'Podemos fazer por vídeo?'.)

Dave: Agora sim! Achei você! Como você está, meu amigo?
Estou bem! Melhor agora, já que é a primeira vez que o entrevisto, embora a revista já tenha feito inúmeras entrevistas com você. Estava na minha lista de "coisas para fazer antes de morrer" (risos).

Dave: Legal, mas, por favor, não morra para que você possa fazer muito mais coisas! (risos)
Não tenho essa intenção, claro, e ainda pretendo ver muitos shows do Megadeth, já que o último foi em 2016...

Dave: Ótimo! Acho que no próximo show que fizermos no Brasil ou em qualquer outro país onde você possa nos ver tocar, você poderá ouvir as músicas do novo álbum. Quando o gravamos, quisemos fazer algo que fosse deslumbrante, realmente um grande disco, não apenas compor canções que tocassem nas rádios ou na TV. Queríamos tocar músicas que fossem rápidas e pesadas, e creio que conseguimos. Você já ouviu o disco inteiro?
Passei as últimas 48 horas ouvindo o ábum direto.

Dave: Puxa! Obrigado! Temos algumas músicas que são um pouco mais melódicas, mas que ainda são pesadas, como *Soldier on!*, e creio que já passou a época em que o Megadeth estava experimentando com tempos e músicas diferentes. Fizemos isso por um período, mas não faremos mais. Pessoalmente, acredito que o Megadeth é mais feliz quando faz músicas mais rápidas, com bastantes viradas, que deixe o ouvinte sem saber para

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

onde elas estão indo. Assim, você ouve pela primeira vez, se assusta e pergunta: 'O que vem depois disso?!'. Temos lido comentários de pessoas falando o quanto elas adoraram as primeiras duas músicas, e estou ansioso para ir ao Brasil e tocar *We'll Be Back* e *Night Stalkers*.

Eu iria mesmo falar sobre isso, porque o Megadeth estava escalado para tocar no Rock in Rio, e, ironicamente, o disco será lançado no dia em que seria o show no festival. Vejo o copo meio cheio, porque vocês tocarão no Brasil em algum momento, e os fãs terão o set completo em vez de um mais curto, para festival.

Dave: Correto! E da próxima vez que voltarmos ao Brasil, seja no Rock in Rio, seja como headliner em outro festival ou até mesmo com o nosso próprio show, com certeza vamos tocar *Night Stalkers* e *We'll Be Back*... Aquele é o Chris Rakestraw passando ali atrás, e já explico por que ele está aqui hoje. Não sei quantas músicas do novo disco vamos tocar nos shows, mas em algum momento, na última campanha que fizemos com o *Dystopia*, tivemos muitas músicas dele no set. (N.R.: Mustaine fala com o produtor: 'Chris, você lembra quantas músicas do *Dystopia* nós tocamos? Não? Ok'.) Terei que perguntar ao meu técnico de guitarra, mas acho que chegamos a tocar cinco ou seis faixas do *Dystopia*, então estamos trabalhando para incluir mais músicas do novo disco no set.

Já começamos a falar de *The Sick, The Dying... And The Dead!*, mas eis a minha primeira pergunta: as sessões de gravação começaram em maio de 2019...

Dave: Espera aí, porque pode até ter sido antes. Não lembro mais. (N.R.: Mustaine pergunta a Chris: 'Você lembra quando começamos o novo disco?', e o produtor responde: 'A pré-produção, antes de os caras chegarem, foi de maio a julho de 2019, como ele falou'.) Caso você esteja se perguntando de quem é essa voz falando lá atrás, é o Chris Rakestraw, que produziu o disco comigo.

Sim, tenho uma pergunta sobre isso e pretendo fazê-la se tivermos tempo...

Dave: Ah, então pode perguntar logo, porque aí posso chamar quem tiver que responder!

Ok! Você voltou a trabalhar com Chris no novo álbum, e o time vencedor de *Dystopia* também foi representado pelo Brent Elliot White, que fez a ilustração da compilação *Warheads on Foreheads* (2019), totalizando três capas seguidas...

Dave: E eu amo esse time! Encontramos uma forma que funciona muito bem e estamos num processo de fazer projetos, então não é apenas uma música, é uma série. Não do ponto de vista logístico, mas na forma como entendemos isso: de canções com parte 1 e parte 2, com a primeira parte tendo três capítulos, e lançaremos o capítulo 3 em breve, então haverá a parte 2 com os capítulos 4, 5 e 6, e aí o "livro", por falta de um termo melhor, estará terminado.

E vocês tiveram um tempo extra por causa da pandemia. Não havia turnês, o que acredito deu tempo para refinar as músicas, por assim dizer. Quais foram os prós e contras de trabalhar dessa forma?

Dave: De certa forma, a pandemia nos ajudou. Tivemos mais tempo para analisar as partes das músicas e tocá-las do jeito certo, porque a forma como eu toco com a minha mão direita é diferente da forma como o Kiko toca, então ter esse tempo extra para aprender a tocar os riffs da forma como eu naturalmente tocaria tornou melhor o ato de gravar essas partes. Quando gravamos o *Peace Sells... But Who's Buying?* (1986), por exemplo, nós estávamos na estrada há muitos anos, então as músicas haviam sido trabalhadas por 72 semanas, enquanto estávamos em turnê, ao entrarmos no estúdio. Isso nos deixou prontos para gravá-lo, o que fez com que o disco soasse muito melhor. Esse tipo de coisa faz uma grande diferença, sabe? Quando você vai para o estúdio gravar uma música que nunca foi tocada antes, ter mais tempo para aprender a tocá-la um pouco melhor ajuda muito para que tudo soe de uma forma melhor, também.

***(...) KIKO CONSEGUE TOCAR QUALQUER COISA, E ENQUANTO AMIGO, MARIDO, PAI E PARCEIRO DE TRABALHO, OU SEJA, COMO PESSOA, ELE É IGUALMENTE* FANTÁSTICO**

Com certeza! E perguntei porque lembro de você falar que "pela primeira vez em muito tempo, tudo o que precisamos neste disco está no lugar certo". O que significa esse 'tudo' e quando foi a última vez que você teve isso com o Megadeth?

Dave: Isso varia. Às vezes, uma única música é assim, mas não todas no disco. São sacrifícios que se faz quando se grava. Às vezes, é preciso aceitar que determinada música não vai ficar melhor do que já está, e essa é uma forma de ter um elemento 'vida real' no que estamos fazendo. Vínhamos falando sobre várias coisas que queríamos fazer, se iríamos tocar músicas antigas da banda, porque muitas pessoas perguntaram se pensávamos em tocar músicas antigas com essa nova formação, e minha resposta é: claro que sim! Depois de falar com os outros membros da banda... Espera um pouco, porque meu cachorrinho está aqui. Você consegue vê-lo? (N.R.: Mustaine coloca o cãozinho em cima da mesa) Esse é o Romeo, que está meio bravo porque estou aqui, só que não estou dando atenção a ele (risos).

Eu preciso perguntar sobre a sua relação pessoal e profissional com o Kiko, porque nenhum outro guitarrista, na história do Megadeth, teve tanto espaço para compor com você. Kiko coescreveu três músicas no *Dystopia*, e no novo álbum são oito. Posso dizer que é a combinação entre o talento do Kiko com a confiança que você tem nele, e isso me parece único no Megadeth, certo?

Dave: O que vou dizer pode soar meio cafona, mas muito disso tem a ver com o fato de o Kiko ser um ser humano decente. Tenho trabalhado com outros brasileiros, como Rafa Pensado e Leo Liberti, igualmente decentes, e tocar com o Kiko tem sido uma das alegrias da minha vida. Eu o amo! Ele tem sido uma espécie de embaixador não oficial do Brasil para mim, porque... A forma como toca é uma das melhores que já vi, e Kiko consegue tocar qualquer coisa, e enquanto amigo, marido, pai e parceiro de trabalho, ou seja, como pessoa, ele é igualmente fantástico. Amo tê-lo na banda e não fico feliz assim desde quando Marty Friedman estava no Megadeth, ou mesmo antes disso, com Chris Poland.

Interessante você mencionar o Rafael e o Leo, porque recentemente houve uma invasão brasileira no QG do Megadeth: há também Stanley Soares (engenheiro de som), Night (segurança) e Regi Almeida (mestre em jiu-jitsu que cuida da parte física da banda) nas turnês. Estar em contato tão próximo com brasileiros, e com nossos hábitos e costumes, o influenciou de alguma forma?

Dave: Tenho muito orgulhoso da amizade que construí com homens e mulheres que conheci e que são brasileiros. Em algumas das vezes tem a ver com o lugar de onde eles vêm, mas em boa parte é apenas porque são pessoas muito boas. A maioria dos brasileiros que conheço, e das áreas ao redor do país, foi através das artes marciais, e isso é ótimo, porque é como ter um código

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Travis Shinn

secreto. Quanto à música, há grandes instrumentistas! As pessoas que conheci são artistas maravilhosos. No começo, conhecia poucas pessoas do Brasil, e com o passar do tempo conheci também outras bandas. Nunca fui muito familiarizado com o Angra, mas conhecia Sepultura e sempre achei a performance deles muito legal. Agora que conheço o Kiko, a verdade é que nem lembro mais de onde ele é, apenas fico feliz quando o vejo... Quando ele aparece, né? Porque o Kiko é que nem gato: fica na dele, com fones de ouvido, carregando a guitarra nas costas junto com uma mochila que tem de tudo (risos). Ele leva para o quarto dele e fica lá tocando, tanto Megadeth quanto coisas diferentes, e está sempre empolgado para tocar. Isso é algo que adoro nele! O Kiko vive e respira música. Sei que ele não passa os dias tocando apenas músicas do Megadeth, e nem espero isso dele, afinal, nem eu faço isso, e deveria! (risos), mas quando chega a hora de tocar material do Megadeth, especialmente se for uma música nova com chance de entrar no setlist, nós dois fazemos isso juntos para termos certeza de que estou tocando certo; e depois, estando os quatro juntos, mostro para quem tiver que mostrar. Olha, não repare, mas estou autografando as capas de CDs e LPs do novo álbum enquanto falamos, mas, por favor, não quero parecer rude de não estar prestando atenção!

De forma alguma. Inclusive, espero que um dia você autografe minha versão do Dystopia exclusiva da Best Buy! É um lançamento único, que não se encontra mais por aí.

Dave: Claro! Espera um pouco, só um minuto! (N.R.: Mustaine fala com o assessor: 'Grayson, certifique-se de mandar um CD autografado para o Daniel'.). Dani, passe o seu endereço para o Grayson, e ele vai te mandar, Ok? Negócio fechado!

Muito obrigado, Dave!

Dave: Imagina! É um prazer!

Vamos falar sobre os videoclipes que foram lançados da trilogia contando a história do Vic Rattlehead, porque *Night Stalkers* fala do 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais dos EUA. Como isso se relaciona com as origens do Vic?

Dave: Foi apenas uma coincidência, porque eu não estava tentando dar reconhecimento a nenhum tipo de facção militar. Há homens e mulheres valentes que defendem suas nações para que estas sejam mais seguras para as pessoas que amam. É preciso certo tipo de pessoa que desista da própria vida para que a vida das pessoas que ela ama esteja segura, mas nem todo grupo militar tem a paz em mente. No vídeo, eles não têm nenhuma insígnia, nada nos caminhões ou nos aviões. Eu não quis que houvesse qualquer afiliação a uma nação específica, afinal, não é difícil perceber qualquer nação quando se assiste a um clipe de uma banda que está falando sobre aspectos militares, então não demora muito até que alguém descubra algo escandaloso sobre essa nação. Não existe um grupo específico para quem essa música tenha sido dedicada.

No *Dystopia*, você trabalhou com a Next Galaxy Corp. para desenvolver a experiência com realidade virtual, com algumas tomadas feitas por Blair Underwood, de "Agents of S.H.I.E.L.D.", da Marvel. Agora os fãs terão um curta sobre as origens de Vic. Quando você decidiu se envolver com esse aspecto do conceito visual mais cinematográfico?

Dave: Eu vinha pensando nisso faz tempo, Dani, mas só não tinha um relacionamento com Rafa ou Leo para colocar em prática. E tem sido ótimo trabalhar com esses dois caras, aproveitando ao máximo a qualidade e o estilo de filmagem que eles nos apresentaram.

Considerando apenas o título da música, as pessoas podem pensar que *Dogs of Chernobyl* é sobre a guerra na Ucrânia. Como ela é uma das minhas três favoritas no disco, gostaria de saber qual é a verdadeira história por trás.

Dave: Ah, é uma música sobre abandono. É sobre alguém que

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

estava num relacionamento e foi abandonado pela outra pessoa, e isso foi tão rápido e inexplicável quanto foi em Pripyat para os animais. Animais não têm a habilidade de racionalizar como os seres humanos têm, mas acredito que muitos dos nossos pets são bem mais espertos do que pensamos. Quando tiveram de evacuar a cidade, foi tão rápido que muitos deixaram seus animais de estimação para trás, e isso foi doloroso, inexplicável e indesculpável. Eu sou fã de cachorros, mas isso se aplica a qualquer animal: se você tem um animal que realmente ama, então tem de levá-lo com você quando dizem para evacuar a cidade! Isso é uma merda para nós aqui, porque temos cavalos, e não dá para botar cavalos numa SUV, e com os incêndios na Califórnia nós tivemos de colocar nosso pônei na SUV e os outros num trailer, então imagine a dificuldade da operação... (N.R.: neste momento, Mustaine pergunta para assessor: 'Grayson, tem alguma entrevista depois dessa?', e ele respondeu: 'Não, somente essa'.) Dani, segura aí um minuto porque preciso pegar algo para beber, mas vamos repor esse tempo, Ok? (N.R.: depois de menos de um minuto) Pronto, voltei!

Gosto de como você fala sobre cachorros, porque também sou assim. Costumo dizer que o meu, que já tem 12 anos, é meu filho mais velho (risos).

Dave: Olha só, mostrando seu lado mole, hein? (risos) Que legal! Adorei!

Vamos a uma curiosidade minha, Dave: faz muito tempo desde que um disco do Megadeth teve um título longo e com reticências, mais precisamente desde *So Far, So Good... So What!* (1988). Enquanto fã das antigas, eu adorei, mas quando e por que você decidiu trazer isso de volta?

Dave: Ah, o que chamamos de elipse... Obrigado! É só uma coisa da criatividade. Fui cuidadoso ao longo de todos esses anos para não ficar muito previsível, porque às vezes algumas bandas têm algo que funcionou muito bem para elas uma vez, mas aí começam a sugar isso, como fez o Kevin DuBrow, que ele descanse em paz, no Quiet Riot. Muitas pessoas achavam que as músicas do Slade eram do Quiet Riot! Aliás, por muito tempo eu não soube que houve outro guitarrista na banda antes do Carlos (Cavazo), mas o Randy (Rhoads) estava lá no início, e eu pensei 'Nossa!', porque o circuito de Los Angeles era cheio de pistoleiros. Caras como Warren DeMartini eram totalmente subestimados, como muitos naquela área, mas ao mesmo tempo havia um monte de caras que esbravejavam seus CEPs por aí, mas, tirando isso, até hoje não têm nada a oferecer.

Recentemente, você declarou que "as pessoas não fazem mais discos da forma como faziam, não fazem uma peça de arte completa, mas a comunidade metal quer honrar a si mesma e oferecer algo único para nós". Mas exatamente o quê?

Dave: O que quis dizer com esse comentário é que muitas bandas, quando vão fazer um disco, o fazem de certo modo, compondo uma música por vez, e dá para notar que o álbum não soa de forma contínua. As músicas ficam desconectadas. Algumas bandas realmente conseguiam fazer isso, historicamente, há 30, 40, 50 anos. Elas faziam com que as músicas soassem como tocadas pela mesma banda, mas não soavam como se tivessem sido gravadas ao mesmo tempo. Um exemplo disso é Led Zeppelin, que gravava canções em momentos diferentes, e isso deixava as pessoas fascinadas com a diferença de sonoridade. Por outro lado, para mim, as músicas eram tão distantes umas das outras... Em alguns casos, isso ajudava, mas na maioria das vezes me deixava com mais perguntas sem respostas. Mas nesses grupos com apenas um guitarrista e um baixista, a pressão fica toda em cima do guitarrista, por isso tiro o chapéu para o Jimmy Page, assim como para Jimi Hendrix e todos os guitarristas que tocaram em bandas que eram só eles, um baixista e alguém cantando.

Para terminar, Dave: Steve DiGiorgio gravou o novo álbum, James LoMenzo voltou para ficar, e o Megadeth seguiu em frente. Mas você e David Ellefson tem uma história juntos que não pode ser apagada, musical e pessoalmente. Na questão da amizade, apenas e tão somente, como está a situação agora?

Dave: Entendo o que você quer dizer, mas não quero comentar a respeito. O que conta para mim é que fiquei muito satisfeito com o resultado do disco e, também, pelo retorno do LoMenzo à família, e com tudo o que ele traz para a banda, que está muito feliz agora. Acredito que dá para perceber nas nossas performances no álbum, nas entrevistas, nas filmagens de backstage. Não há muito mais o que ser falado sobre que assunto que você abordou, porque não queremos machucar ninguém. Prefiro não comentar e seguir em frente.

Sem problema. E não foi minha intenção ser inconveniente ou causar algum desconforto, obviamente.

Dave: Dani, qual é! Tudo bem! Aliás, desculpe-me por chamá-lo de Dani o tempo todo, cheio de intimidade (risos). Devia chamá-lo pelo nome, mas me senti muito próximo a você!

Problema nenhum, até porque praticamente todo mundo me chama assim. A única pessoa que não me chama de Dani é meu filho, porque, para ele, eu sou "papai" (risos).

Dave: Ok, então é o papai Dani! (risos)

Obrigado pela entrevista, Dave, e espero vê-lo de volta com o Megadeth ao Brasil o mais breve possível, especialmente no Rio de Janeiro.

Dave: Não vamos demorar! Temos planos para 2023, porque neste ano já estamos lotados. Depois de terminar a turnê com o Five Finger Death Punch, teremos mais uma data, no México, e aí sim vamos para o ano que vem! Cara, nós estamos cheios de shows, e eu mal posso esperar para lhe contar o que faremos, porque vamos sair em turnê com uma das minhas bandas favoritas! Será uma com uma boa duração, então iremos à Ásia novamente e, claro, à América do Sul. Dou mais informações a você assim que eu souber e puder, mas podemos acionar o Greyson, que vai mandar o seu CD autografado. E assim que eu estiver no Rio, vamos almoçar, tomar um café...

E a cerveja é por minha conta!

Dave: Fechado! Até breve!

THE SICK, THE DYING... AND THE DEAD!
Universal - Nac.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Travis Shinn

TALENTO E IDEIAS CONECTADOS COM O

MEGADETH

O crescimento dentro do Megadeth e o relacionamento musical e pessoal com Dave Mustaine. Kiko Loureiro conta como conquistou espaço em pouco tempo

Por Daniel Dutra e Leandro Nogueira Coppi

The Sick, The Dying... And The Dead! poderia até ser mais um disco para Dave Mustaine no catálogo do Megadeth, mas para Kiko Loureiro o álbum tem o peso da afirmação. É como se fosse, de fato, o segundo trabalho de uma banda, mas o guitarrista brasileiro já tinha mostrado em *Dystopia* (2016) que conquistar terreno num dos Big 4 do thrash metal era um caminho natural. E ele contou os porquês numa longa entrevista, cujo resumo você acompanha agora.

As gravações começaram antes da pandemia, que parou tudo, então você teve ainda mais tempo para trabalhar as suas ideias no novo álbum. Como foi para você a evolução de *Dystopia* a *The Sick, The Dying... And The Dead!*?

Kiko Loureiro: Agora eu conheço melhor o Dave, conheço melhor a banda, conheço os fãs. No *Dystopia* teve o lado positivo de estar chegando e poder ser quem eu quisesse, porque ninguém me conhecia e não teria uma expectativa em cima. Coloquei piano, violão, coisas que eu já fazia no Angra, né? Entrei como guitarrista solo, então é gravar os solos e está tudo certo, só que o Dave me viu tocar, então eu gravei também as bases do *Dystopia* e fui coautor de algumas músicas. Aí vieram as turnês, que dão uma intimidade pessoal a todos, porque é viagem, café da manhã a jantar juntos, dividir camarim, bate-papo sobre vários assuntos, e assim você conhece melhor a pessoa, a família. E eu nunca tinha tirado as músicas antes! Foram quatro para a audição, e nem foi perfeito, mas para tocar nos shows tive de tirar melhor. E observar o Mustaine tocar, o que ele gosta, porque o Megadeth é praticamente Dave Mustaine. Estou exagerando um pouco, mas é basicamente isso: ele é o criador. Se eu entrar no esquema do Dave, e nem sempre o Dave de hoje é o Dave de cada ano dos 40 anos de Megadeth, então eu posso visitar o Dave Mustaine dos anos 1990, dos primeiros discos da banda, do próprio *Dystopia*... Posso visitar coisas que eu sei que ele gosta. Como músico, se você quer entender alguém, você tem de entender o gosto desse alguém como artista, ou acaba virando uma cópia daquela pessoa. Entendo o gosto, o que ele ouviu e as influências dele, então fica muito mais fácil de chegar perto do estilo.

Curioso você ter falado de ter que entender o Dave, revisitar épocas diferentes da banda, porque quando aconteceu de o Megadeth sair um pouco disso, a banda fez discos que os fãs não curtem, como *Risk* (1999) e *Super Collider* (2013).

Kiko: Isso também! É um exercício de entender por que alguns discos caem no gosto do fã, e outros nem tanto. O mesmo exercício eu faço comigo, também, mas a razão disso é que os álbuns que agradaram mais atingiram alguma coisa que não conseguimos saber

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

o que é. Qualquer banda tem trabalhos melhores e trabalhos piores, e o artista que está gravando não entra falando 'Vou gravar um disco que não seja bom' (risos). Pelo contrário, ele sempre entra pensando em fazer o melhor. Às vezes, pode ser que a banda esteja no meio de um problema, ou que todos estejam esgotados e exaustos, vindo de uma turnê, e a gravadora insistiu para gravar o álbum. Essas coisas podem acontecer, mas criar arte dentro de um grupo que tem um conceito é entender qual é esse conceito. Dá para criar coisas novas ou apresentar sugestões que saiam um pouco dele, mas que de alguma forma conversem com o conceito macro, caso contrário, você pode se repetir. É uma linha tênue não se repetir e não fazer um disco completamente diferente. Arriscar é legal, mas tem que estar conectado de alguma forma, como, por exemplo, em *Poisonous Shadow*, que tem um piano. Não é uma coisa normal para o Megadeth terminar uma música com um piano, mas a primeira música do primeiro disco da banda começa com um piano! Tem uma liga, assim como o violão de nylon de *Conquer or Die* tem liga, porque em *Holy Wars* entra um violão no meio. Ou seja, no meio de uma das principais músicas da banda tem um violão exótico criado pelo Marty Friedman, então por que não colocar um violão não tão exótico, mas quase lá pelo fato de ser na linha Villa Lobos? Mas isso tudo sem nunca perder a escuridão e a tensão que são o som do Megadeth. As escolhas das escalas é como escolher uma cor: você não vai colocar uma camiseta rosa para um cara de metal ir a um show (risos).

Falando em linha tênue, há também a liberdade artística, porque o músico precisa estar satisfeito com o que está entregando. Como você lida com isso no Megadeth? Até que ponto você sabe que pode ir?

Kiko: O Megadeth não é uma banda prog, mas dentro do estilo ela tem um quê de prog, principalmente a fase mais antiga tem isso em músicas com estruturas não muito lineares, como *Five Magics*, que tem um tempo diferente, ou *Holy Wars*, que é longa e muda de andamento, tem violão e tal, então cabe inserir esses elementos. O que não cabe é fazer mil malabarismos, porque foge muito, mas daí é acertar o quanto de tempero você põe. Em *Night Stalkers*, eu coloquei uma orquestração de leve, nada exagerado, mas algo que veio da minha experiência no Angra da época do *Temple of Shadows* (2004). Ofereci-me para fazer, eles curtiram, e ainda toquei uma flauta de leve. Há coisas que não dá pra colocar, alguns tipos de escala e riffs que podem levar muito para o power metal, ou que podem levar para o pop e ficar muito alegre.

Você é coautor de três músicas no *Dystopia* e de oito no novo disco. Nenhum guitarrista na história do Megadeth teve tanta abertura com Mustaine para criar com ele ou apresentar ideias como você teve em tão pouco tempo. O máximo de coautorias que Marty Friedman teve, por exemplo, foram sete faixas no *Risk*, último disco dele no Megadeth, após dez anos de banda. Como é ser um recém-chegado e já ter essa abertura?

Kiko: Eu sou grato por isso estar rolando, e acho que vem da experiência, mesmo. Eu me entrego para a banda, não para o Dave, tipo o que o Megadeth precisa ou o que eu acho legal para a banda. Esse é o pensamento que é preciso sempre estar presente, só que nem sempre a pessoa entende. Às vezes, o melhor para o grupo não é o ideal para o individual, e isso pode ser doloroso. Agora, pelo fato de a história do Dave se fundir com a história do Megadeth, a partir do momento em que alguém está defendendo ideias em prol da banda, na música, ele pensa: 'Esse cara está defendendo o que eu mais amo nessa vida', então acho que vem daí. Eu digo algumas coisas para ele que tenho certeza de que ninguém nunca falou, mas sempre faço um preâmbulo, tipo 'Dave, vou falar uma coisa para você, mas me avise se eu estiver indo muito além' (risos). Eu me meto no que está rolando porque afeta musicalmente, e não tem como não afetar vida pessoal na hora de criar música. Se alguma coisa pode ser ruim para a banda ou está meio que saindo fora, eu falo com ele pelo bem da banda, não dele. No fim das contas, isso conta ponto, porque o raciocínio é 'Espera um pouco! Esse cara está me ajudando a manter o negócio rodando'. A minha liberdade com ele foi conquistada aos poucos, e isso abre certos canais. Um deles é o de coautoria das músicas.

(...) PELO FATO DE A HISTÓRIA DO DAVE SE FUNDIR COM A HISTÓRIA DO MEGADETH, A PARTIR DO MOMENTO EM QUE ALGUÉM ESTÁ DEFENDENDO IDEIAS EM PROL DA BANDA, NA MÚSICA, ELE PENSA: 'ESSE CARA ESTÁ DEFENDENDO O QUE EU MAIS AMO NESSA VIDA'

Você falou que conhecia o básico do Megadeth e foi tirar o repertório depois das quatro músicas para a audição. É o legado de Chris Poland, Marty Friedman, Al Pitrelli e Chris Broderick, então o que foi mais desafiador?

Kiko: O mais desafiador... as pessoas devem pensar que são os solos técnicos, mas eu tiro todos eles, as partes rápidas e tal, meio que da minha forma. Não estou tocando nota por nota, porque o Chris Poland tem um jeito de tocar bem diferente, e o Marty Friedman também, então pego a essência do negócio e aí vou do meu jeito. O mais difícil mesmo são os riffs, e não estou falando que os solos sejam fáceis, é só porque tenho um pouquinho mais de liberdade nos solos, que podem ser um pouquinho mais fora do original, mas o riff é na palhetada. E o Dave, que é um mestre dos riffs, dá muito mais importância a como soam as duas guitarras no riff do que se eu fiz uma escala rápida no solo de outro jeito que não seja o de Chris Poland. Com o riff ele pega no pé e vai no detalhe, e vai ridicularmente no detalhe (risos). Às vezes, me pergunto: 'Será que ao vivo alguém vai perceber a diferença?', mas aí, quando vamos colando as duas guitarras de uma forma que eu nunca fiz na minha vida, vejo que é bom fazer desse jeito. Isso também me ajudou a propor riffs, porque agora consigo apresentar material mais próximo do que o Dave faria, do que seria um riff do Megadeth, porque é a base da banda. Se você pegar algo de guitarristas solo como Joe Satriani, vai ser muito em cima do jeito como o cara improvisa a melodia, só que o Megadeth é uma banda de guitarras baseada em riffs. A mesma coisa seria com o Scorpions, por exemplo, e se não estiver do jeito certo, vai incomodar quem criou, porque aquele detalhe que falta incomoda. É o groove. Sabe quando falam que sambista e funkeiro não têm groove, ou que o Michael Jackson cantando é melhor? No heavy metal também tem isso. Qual é o groove do heavy metal, aquilo que o torna mais intenso, mais nervoso? É aquele pedaço que a pessoa ouve e diz: 'Cara, essa parte é foda!'. Esse é o groove. Se alguém tocar de qualquer jeito os riffs do Black Sabbath ou do Pantera, você vai notar que não está soando igual. Em bandas como Pantera e Van Halen, onde os irmãos tocaram juntos a vida inteira, há esse lance, e com o Mustaine são as

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

duas guitarras, que são o mais difícil. Às vezes, tenho de chegar nele e falar: 'Putz, cara, como era mesmo que você fazia isso aqui?', e aí fico vendo a mão dele. Eu tenho um pouco mais de liberdade poética nos solos, vamos dizer assim (risos). Posso botar um pouco da minha cara neles.

O fã brasileiro do Megadeth estava na expectativa do Rock in Rio, mas imagino para você. Nascido no Rio, tocaria com a banda no Palco Mundo... Seria algo espetacular, mas não vai rolar.

Kiko: Isso é uma daquelas coisas da vida em que é melhor não pensar! Gostaria até deixar um recado sobre isso, porque sei que teve muita mensagem contrária. Primeiramente, eu não tenho esse poder de mudar as coisas. Por algum motivo, foi uma decisão global, porque era mais complicado ir ao Brasil para fazer um show só, mas eu queria muito, obviamente! Significaria muito para mim, porque comecei a tocar basicamente por causa do Rock in Rio, comecei a ouvi heavy metal no festival de 1985. Foi muito forte ver aquilo na televisão! Iron Maiden, Ozzy Osbourne, Scorpions, AC/DC... Eu tocava violão, mas resolvi tocar guitarra depois que assisti a tudo isso! A razão de eu tocar guitarra foi aquela fase, também com os videoclipes que passavam na TV Cultura. Tocaríamos no Rock in Rio de 2019, quando o Dave teve câncer, e seria ao lado de Iron Maiden e Scorpions, então era meio que fechar um ciclo da vida, porque foram as bandas que começaram isso tudo para mim. Não rolou, fiquei chateado, e teria esse agora, mas os caras decidiram cancelar. Faz parte do negócio, não dá para pensar individualmente, e eu ainda estava animado porque, depois da pandemia, eu iria para o Brasil. Isso me quebrou as pernas, e agora estou vendo quando conseguirei ir particularmente. Mas a vida do cara que faz turnê é assim: você perde muita coisa ao mesmo tempo em que vive muita coisa, então não dá para reclamar. Fiz turnê com o Scorpions, tocamos com o Iron Maiden em mais um festival em junho último, teve o Judas Priest... Cara, você fala com eles como se fossem colegas de trabalho! Eu estava no hotel conversando com o Rob Halford, e isso é do caralho para mim! Imagine ele virar para mim e falar: 'E aí, Kiko, como está a turnê? Para onde vocês estão indo?'. E os caras da equipe do Judas eram os mesmos da nossa, então vejo as coisas de outra forma. São colegas de trabalho.

COMO MÚSICO, SE VOCÊ QUER ENTENDER ALGUÉM, VOCÊ TEM DE ENTENDER O GOSTO DESSE ALGUÉM COMO ARTISTA, OU ACABA VIRANDO UMA CÓPIA DAQUELA PESSOA

Ou seja, aquele garoto de 12 anos que resolveu tocar guitarra porque assistiu ao Rock in Rio na TV, em 1985, está aí falando com esses caras estando na mesma posição em que eles estão.

Kiko: E eu não deixo de falar, principalmente com os caras do Scorpions. Quando encontrei o Rudolf, eu disse: 'Cara, eu toco guitarra por causa de vocês!'. Sei que eles devem ouvir essa porra todos os dias, mas é bom porque o faz pensar 'Fiz alguma coisa nesse mundo' (risos). Eu gosto de ouvir isso, e não é por ego... Quer dizer, talvez seja (risos), mas deixo isso para um psicólogo analisar (risos), mas no fundo me faz pensar que fiz algo legal, que deixei as vidas dessas pessoas melhores.

James LoMenzo, Dirk Verbeuren, Dave Mustaine e Kiko Loureiro: o Megadeth pronto para 2023 de assalto

Travis Shinn

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

H.E.A.T
FORCE MAJEURE

7º álbum de estúdio da banda sueca de AOR/Hard Rock, marcando o retorno de Kenny Leckremo, vocalista original que gravou os dois primeiros trabalhos da banda.

LONG DISTANCE CALLING
ERASER

Imersivo, criativo e cheio de melodias sensacionais. O melhor álbum progressivo de 2022!

NEW MODEL ARMY
BETWEEN WINE AND BLOOD

A aclamada banda britânica de rock fez parte originalmente do movimento pós-punk inglês! O CD 1 é composto por 6 faixas inéditas à época e o CD 2 por versões ao vivo de 11 faixas do álbum "Between Dog and Wolf" (2013).

SAVATAGE
RETURN TO WACKEN

Coletânea, lançada originalmente em 2015, comemorando o retorno aos palcos de uma das maiores bandas de metal progressivo do mundo. Com versões de estúdio de músicas tocadas pela banda nas edições de 1998 e 2002 do WACKEN OPEN AIR.

LOUDNESS
SUNBURST

O Loudness é considerado um dos atos mais pioneiros, dominantes e, portanto, lendários da cena Heavy Metal há muito tempo. 'Sunburst' abrange 16 faixas com aquele som inconfundível do Loudness. O single acompanhante 'OEOEO' elogia sua origem e raízes japonesas.

URIAH HEEP
OFFICIAL BOOTLEG VOL. 2

Esta é uma gravação oficial do show no Petofi Hall, Budapeste Hungria, no dia 4 de maio de 2010. Essas gravações refletem a performance da noite como aconteceu, totalmente intocada. Coloque o CD, aumente o volume, feche os olhos e aproveite uma noite em Budapeste com Uriah Heep.

anuncio: www.jduartedesign.com

EM BREVE!

RAINBOW
LIVE IN JAPAN

DIO
LIVE IN LONDON HAMMERSMITH APOLLO 1993

DEEP PURPLE
LIVE AT THE ROYAL ALBERT HALL

STRATOVARIUS
SURVIVE

SKID ROW
THE GANG'S ALL HERE

EM BREVE!

11 3719-0993

www.shinigamirecords.com.br

loja@shinigamirecords.com

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

MEGADETH

A HISTÓRIA DE VIC RATTLEHEAD É REVELADA: MISSION TO BRAZIL

Profissionais de confiança de Dave Mustaine, Rafael Pensado e Leo Liberti dão vida à mascote do Megadeth em trilogia de clipes

Por Leandro N. Coppi e Daniel Dutra

Nos últimos anos, vários profissionais brasileiros "invadiram" o campus do Megadeth e estão somando para o sucesso da banda. Entre eles está Rafael Pensado. Braço direito de Dave Mustaine, ele deu vida ao emblemático Vic Rattlehead. Essa que é uma das mais famosas mascotes do heavy metal, ganha em *The Sick, the Dying... and the Dead!*, novo álbum do Megadeth, uma trilogia de clipes em que finalmente terá sua história contada. Para a missão, o premiado Leo Liberti, que já havia trabalhado em vídeos do álbum anterior, *Dystopia* (2016), foi novamente recrutado. A dupla atendeu a ROADIE CREW para uma longa conversa, que você lê a seguir e confere o complemento em nosso site.

Rafael, após tocar por anos com o Mindflow, como aconteceu de você ir morar nos Estados Unidos e trabalhar com o Megadeth e, entre outras funções, você ganhou fama assumindo a persona de Vic Rattlehead nos shows e agora em clipes.

Rafael Pensado: O Mindflow é a base de tudo que faço profissionalmente. Foram treze anos ininterruptos, cinco discos e viagens por praticamente o mundo todo. Mas chegou um momento em que as responsabilidades da vida fora de banda foram crescendo e em 2013 fizemos uma última turnê nos Estados Unidos. Sugeri à banda que ficássemos lá, mas aquele não era o momento ideal para todos. Voltei ao Brasil, mas vi que eu precisava ir atrás dos meus sonhos. Retornei aos Estados Unidos, fiz o programa de batera no Musicians Institute e na metade do curso eu queria estar mais tempo fora, ainda não tinha me conectado com ninguém. Logo no início, fui ao Rainbow (Bar & Grill) e lá dei de cara com o Kiko (Loureiro). Já nos conhecíamos de Mindflow e Angra. Estávamos sozinhos, sem nossas bandas, havíamos acabado de nos mudar. Aí terminei a faculdade lá, fui trabalhar para uma banda e um dia antes de irmos para o último show, no Arizona, já sem saber o que eu faria depois, me chega uma mensagem do Kiko – então já membro do Megadeth –, dizendo saber que eu estava na estrada e perguntando meu peso e altura. Ele disse que eles precisavam de um Vic e entrei porque era alto e magro e Kiko já me conhecia o suficiente para me recomendar. Seria um trampo de três semanas e meia. Meu trabalho era basicamente fazer o meet & greet e os shows, aparecendo no palco em *Peace Sells*.

> VIC É ANJO PARA ALGUNS E DEMÔNIO PARA OUTROS. SUA ESSÊNCIA É TRAZER JUSTIÇA ONDE A JUSTIÇA DO HOMEM FALHOU
> RAFAEL PENSADO

E o que aconteceu depois?

Rafael: No mais, eu não fazia nada o dia inteiro. Isso nos quatro primeiros dias. Jantávamos cedo e aí eu ia tomar café perto dos ônibus. Notei o gelo do ônibus derretendo, me ofereci a ajudar e passei a cuidar disso todo dia. Aos poucos eu ia ajudando em tudo que era possível, carregar peso... A turnê acabou, fiquei desesperado sem saber se iam me ligar de novo e passei a mandar e-mails para o empresariamento pedindo uma chance. Eu soube que ia ter a NAMM e vi ali uma oportunidade de falar com Dave (Mustaine). Fui com uma amiga cantora do Cazaquistão e ela ficou amiga do afilhado do Stevie Wonder. Fomos para lá, ela para falar com o Stevie e eu com o Dave. Eu tinha pouco tempo para convencê-lo. Ela conseguiu falar com o Stevie e eu rapidamente com o Dave. Aí ela me apontou ele entrando no elevador, corri até lá e fomos a uma sala. Vendo meu desespero ele me abraçou me acalmando e disse que não era ele quem contratava e sim o empresariamento, mas que me daria seu voto quando chegasse o momento. Passou um tempo, segui acompanhando os passos deles e soube do Boot Camp (evento em 2017) na casa do Dave. Mandei e-mail pedindo uma chance e fui ao Boot Camp. Ajudei no que podia e no final agradeci pelas oportunidades e disse que gostaria de fazer parte, mas que não iria mais correr atrás. É preferível ficar marcado por um bom trabalho do que por ser chato. Passadas algumas semanas me contataram oferecendo um trabalho de assistente de produção e fiquei feliz por continuar fazendo o Vic também.

Leo, você fundou a Libertá Films Studios em 2010 e desde então ganhou prêmios como Cannes Lions, Clios e ESPM. Você trabalha com uma equipe enxuta, que busca a arte acima de tudo, e nela conta há dez anos com Renan Pacheco fazendo todos os movimentos de steadicam. Como aconteceu de ser contratado para vários clipes de artistas e bandas internacionais?

Renan Pacheco
Leo Liberti e Rafael Pensado

Gravação na praia

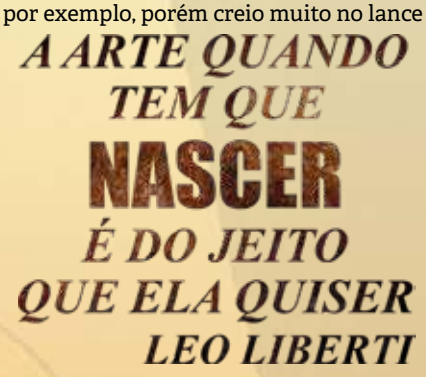
Fotos: Vera Lúcia Ferreira

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Leo Liberti: Eu estava dirigindo dois programas infantis na TV Cultura e a emissora queria fazer alguma coisa com o Kiko – antes ele havia me pedido para fazer uma palestra com ele falando da importância do vídeo na música. Achei foda, porque sempre fui fã dele. Ele também me convidou para fazer umas imagens dele no show do Megadeth, mas o Mustaine pediu um portifólio e quando viu o meu, disse: 'Ele não vai fazer nada (para você), vai trabalhar para mim e quero que faça um clipe para *Conquer or Die*.' Acabou sendo meu primeiro trabalho internacional e quando ele viu o clipe pirou. Eu lhe disse que era muito fã dele e ele respondeu que ele é que era meu fã. Depois disso, ele já queria que fizéssemos o de *Lying in State*, mas eu estava enrolando com a TV e disse que naquele momento não dava. Um ano depois escrevi um roteiro da música para eles e Dave disse que eles estavam vindo ao Brasil e queriam fazer. Fizemos e aí ele deu uma entrevista à Rolling Stone me elogiando. De certa forma, ele que me deu esse 'green card'. Aí outros se interessaram e então fiz três clipes para o Dee Snider – um deles no México, onde conheci e fiquei amigo do Rafael. Depois fiz um de divulgação de turnê para o Europe, fiz Creedence, Nazareth, acabei de fazer um para o Tim 'Ripper' Owens, fiz Angra com a Sandy, o próprio Kiko, Felipe Andreoli, Korzus, Dr. Sin, Armored Dawn...

Vic Rattlehead está ganhando uma trilogia de clipes em *The Sick, the Dying... and the Dead!* De que forma vocês desenvolveram um conceito para os clipes em cima de uma história fictícia até então nunca antes contada sobre a origem da mascote?

Leo: A arte quando tem que nascer é do jeito que ela quiser e o que busco muito nesses projetos é ser um canal para a arte, principalmente quando se tem essa coisa mais mística, envolvida com coisas 'sobrenaturais'. Para mim, Vic é uma entidade e essas coisas do reino dos mortos seguem alguns arquétipos, como o Barqueiro Caronte (do clipe), que vai buscar as almas, o Reino de Hades em que ele está... É uma grande homenagem às divindades desse reino mais subterrâneo. Na mitologia grega todo mundo que morre vai para Hades, não importa se você for bom ou ruim. Já o Tártaro profundo é o inferno e baseado nisso e homenageando essas entidades, o Vic é um cara que é de lá. Agora, como tornar próximo do humano e fazer essa ligação com o outro mundo? Apesar de eu gostar dessas coisas, sou cristão, devoto de Santo Expedito, amo os ensinamentos de Cristo e basicamente o que você não deseja para ti você não faz aos outros. Não sou adepto da filosofia e nem das ideologias do Glauber Rocha, por exemplo, porém creio muito no lance



de 'uma ideia na cabeça e uma câmera na mão'. Aprendi a respeitar a ideia de onde ela vem, então posso dizer que tem bases mitológicas, místicas e, lógico, o lance do drama, do humano. As pessoas vão entender tudo no último episódio da trilogia, que estamos terminando de escrever.

Nos novos clipes notei easter eggs e mensagens subliminares. Em *Night Stalkers*, por exemplo, a esposa e o filho de Vic são assassinados, o que me remete ao trecho da letra de *Holy Wars... the Punishment Due* (música do álbum *Rust in Peace*, de 1990) que diz: 'They killed my wife and my baby...'

Leo: Você captou! Escondemos vários easter eggs dentro do universo Megadeth e da mitologia em geral, desde mitologia greco-romana a cristianismo. Você vê algumas coisas dentro desse universo e de outras coisas que estão no cristianismo. Por exemplo, a guerra inteira eles estão lutando e morrendo, e ao lado tem um trem: *Train of Consequences*.

Rafael, literalmente você deu vida ao Vic. Como fez para lhe traçar um perfil que fosse mostrado nos clipes?

Rafael: Comecei a mergulhar no mundo dele, a reler meus e-mails de anos atrás, relembrar conversas com Dave, ver mensagens, fotos, vídeos... Naquele momento era muito mais importante eu definir um perfil psicológico do Vic, porque uma vez que você tem isso, todas as ações são mais fáceis de ter coerência. Vic é anjo para alguns e demônio para outros. Sua essência é trazer justiça onde a justiça do homem falhou. Se você matou milhões, ele vai lhe imprimir a dor de milhões. Vic é elegante, tem discernimento, ele não é sobre violência gratuita, ele tem paciência, é inteligente. Eu (N.R.: falando como Vic) não vou dar um soco na sua cara, vou fazer um gesto e você vai pegar fogo, eu sou um semideus.

Pelo que observo no Megadeth, noto que você é uma pessoa que Mustaine sempre quer ter por perto.

Rafael: Isso é algo que não consigo explicar, o porquê de ele gostar de mim. Penso que é pelo fato de eu jogar limpo. Somos companhia um para o outro, às vezes estamos de bobeira tomando café em algum lugar e conversamos sobre tudo. Ele conta histórias, às vezes tem alguma dúvida e só quer alguém para ouvi-lo. E mesmo que eu fale algo que ele não concorde, serve de referência para ele ter outra opinião. Nessa indústria o que mais tem são os 'yes, people', ninguém quer dizer 'não' a um cara desses. E para você afiar os dentes às vezes precisa ter atrito. Isso que vai formando uma equipe, cada peça tem uma química para o todo. É característica do meu trabalho estar mais com o Dave e foi assim que surgiu a oportunidade de escrever esses clipes, numa conversa com ele, após muitos anos de confiança.

Leo Liberti
Vic Rattlehead

Atores na gruta

Fotos: Vera Lúcia Ferreira

Vic Rattlehead no trono

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

HIDDEN TRACKS

CITIES

ORIGEM:
Estados Unidos

ÉPOCA:
Anos 80

ESTILO:
Heavy metal/power metal

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Ron Angeli (vocal), Steeve Mironovich (guitarra), Sal Mayne (baixo) e A.J. Pero (bateria)

DISCOGRAFIA:
Annihilation Absolute (EP, 1985) e Annihilation Absolute (1986)

Por Daniel Dutra

E antes do Twisted Sister havia o Cities. Ao menos para o saudoso A.J. Pero, que nos deixou no dia 20 de março de 2015, vítima de um ataque cardíaco. A banda americana fez parte da vida do batera antes de ele se juntar a Dee Snider e cia. e depois, ao decidir deixar a banda ao fim da turnê de *Come Out and Play* (1985). Então, vamos rebobinar a fita do tempo até 1980, quando A.J. se juntou a Ron Angeli (vocal), Steeve Mironovich (guitarra) e Sal Mayne (baixo) para montar uma banda de heavy/power metal em Nova York.

E é bom ter em mente que estamos falando de power heavy metal, bem dentro do contexto da época, não de power metal melódico.

Fotos: Divulgação

O caminho musical trilhado pelo Cities estava diretamente ligado ao som de bandas como Judas Priest e Saxon, mas com o sotaque americano que o próprio Twisted Sister adotava. No entanto, foi basicamente por isso que o quarteto não saiu do lugar até 1982, ano em que A.J. substituiu Walt Woodward III no Twisted Sister. O próprio Mayne, numa entrevista à revista Metal Forces em 1986, explicou por quê: "O problema em Nova York é que todo o pessoal de A&R de heavy metal vem de Los Angeles, e é por isso que todas as bandas de LA estão sendo contratadas. Esses caras têm uma abordagem totalmente diferente, já que as bandas de Nova York são muito mais pesadas. As gravadoras de NY estão acostumadas a trabalhar com grupos pop que vendem discos, então não têm dinheiro para novos nomes se estabelecerem. É por isso que bandas como a nossa têm de fazer isso por conta própria, e a única maneira de chamar a atenção de uma grande gravadora é ter um lançamento independente de sucesso."

Annihilation Absolute (1986)

De 1983 e 1985, o Cities lançou quatro demos – além de emplacar a musica *Still of the Night* na coletânea *New York Metal-84*, do selo Rock City/Nexus – até finalmente conseguir um contrato com a gravadora Metal Masters para a gravação de um EP. Com seis faixas, *Annihilation Absolute* saiu em 1985 mostrando o poder de fogo do quarteto. "Esperamos que 1986 seja um bom ano para nós, porque 1985 foi bem difícil, já que estávamos constantemente ensaiando e escrevendo. Conseguimos fazer muitos shows de abertura para a maioria das grandes bandas que tocaram no L'Amour, como Y&T, Talas, Anvil e Queensrÿche, e também alguns shows com o Twisted Sister. Mas nunca tivemos a chance de sair de Nova York", disse Mayne à época.

De fato, faltava algo. O EP foi gravado com Scott DuBoys nas baquetas, e um sem-número de músicas já havia esquentado o banquinho, como Greg D'Angelo, que tem nomes como Anthrax e White Lion no currículo. E isso atrapalhou, como afirmou o baixista: "Um dos problemas tem sido com os bateristas. Tivemos uns 16 desde que a banda começou, mas sempre os perdemos por algum motivo ou outro. Ou tivemos bateristas que nunca estiveram na mesma linha musical que nós, e temos muito orgulho do nosso trabalho".

O bom filho a casa torna. A.J. resolveu deixar o Twisted Sister em 1986, e o retorno ao Cities foi natural. Tão natural quanto a gravação do primeiro álbum. "Eles tinham um EP que não lhes fazia justiça, então a gravadora descobriu que eu ia gravar o disco. Os caras do selo ficaram todos empolgados, assim deram uma força e promoveram o trabalho. Não sei quantas cópias vendemos, mas foi muito bom", contou A.J. ao site Metal Rules em 2015.

Também batizado de *Annihilation Absolute*, o LP de 11 faixas, lançado pela Metal Blade, tinha as seis músicas do EP, obviamente regravadas com A.J., e mais algumas canções que já eram hits da banda nos shows, como *Cruel Sea* e *Deceiver* – e ratificava o ótimo guitarrista que era Mironovich, infelizmente esquecido pelo tempo. Escute *Shades of Black* e comprove. "Caímos na estrada e fizemos alguns shows, e as pessoas estavam indo e voltando para nos ver. Pensei que seríamos muito maiores, que iríamos fazer muito mais turnês, só que os caras da banda não estavam prontos para isso na época", contou o batera.

O Cities encerrou as atividades em 1987. Mayne, Mironovich e A.J. ensaiaram uma volta em 2007, com Chandler Mogel nos vocais, e o baixista trouxe a banda de volta à ativa em 2018, mas desde então não há nada de novo no front do grupo.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

GODSMACK

SOUTH AMERICAN TOUR 2022

SÁB, 12/NOV VIBRA SÃO PAULO

ÚNICA APRESENTAÇÃO NO BRASIL!

INGRESSOS EM: uhuu.com | PARCELAMENTO EM ATÉ 4X SEM JUROS!

GODSMACK.COM | MERCURYCONCERTS.COM/GODSMACK

UMA PRODUÇÃO Mercury

HELLOWEEN

SPECIAL GUEST HAMMERFALL

GARANTA JÁ O SEU INGRESSO!

UNITED FORCES 2022

SÃO PAULO BRASIL

SÁBADO E DOMINGO

8 E 9/OUT

INGRESSOS EM: ticket 360.com

ESPAÇO UNIMED

SÃO PAULO/SP

PARCELAMENTO EM ATÉ 3X SEM JUROS!

INFORMAÇÕES: MERCURYCONCERTS.COM/HELLOWEEN

UMA PRODUÇÃO Mercury

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Vulcano

Rebeldes dos anos 80!

Zhema Rodero fala sobre o novo disco, *Stone Orange*, e o conceito que envolve a música dos pioneiros do metal extremo

Por Valtemir Amler

Os tempos atuais não têm sido fáceis para ninguém e, ainda assim, não temos muitas escolhas além de arregaçar as mangas e partir para o trabalho. Os pioneiros do metal extremo na América Latina são um exemplo disso: "Comecei a escrever algumas das músicas que viriam a ser *Stone Orange* em novembro de 2020 e entreguei o álbum completo e mixado em 15 de maio 2021, com a promessa de que seria lançado em outubro de 2021, o que não aconteceu e todos sabemos o motivo. Então, o álbum veio à luz nesse obscuro período", nos contou Zhema na conversa que você lê abaixo. Mais do que apenas um novo conjunto de canções, *Stone Orange* simboliza a permanência do Vulcano no cenário, como o guitarrista parece indicar ao dizer que "passaram-se quase dois anos sem nós do Vulcano nos encontramos, isso só aconteceu – não mais que quatro vezes – no estúdio para as gravações". Abastecidos pelo clima do momento e pela vontade de se manter atuantes, eles criaram mais um clássico. Confira mais nas palavras de Zhema.

Em sua entrevista anterior para a ROADIE CREW, você contou ao colega Thiago Prata que, décadas atrás, Orange foi considerado como um dos possíveis nomes da banda. Existe, então, uma conexão entre o título do novo álbum, *Stone Orange*, e essa referência aos primeiros dias do Vulcano?

Zhema Rodero: Sim. Antes mesmo de optarmos por Vulcano, Carli Cooper – fundador da banda ao meu lado – sugeriu Orange, porque no Pensamento Alquímico a cor laranja é a transição entre vermelho – o calor ardente com que todas as coisas são forjadas – e amarelo – a energia 'Nous' emanada pelo Sol. Era esse o nome que tínhamos até então. Porém, em seguida associamos a redução teosófica dos algarismos de uma data importante e fomos levados para outro espectro de análise, chegando em Vulcano. *Stone Orange* é uma alusão ao enxofre no contexto do pensamento alquímico, que tem intrínseco os quatro elementos, terra, água, ar e fogo, que são os constituintes fundamentais de todos os corpos terrestres; as quatro qualidades, frio, quente, seco e úmido, que são as propriedades que constituem os elementos; e os três Princípios: Enxofre, a combustibilidade, Mercúrio, o brilho, o metal e Sal, a estabilidade.

Falando nisso, o Vulcano tem uma grande tradição em tornar os títulos de seus discos em uma parte da experiência do álbum como um todo. Recordo que o álbum *XIV* ia do título à forma como ele é grafado na capa, tudo contendo um significado.

STONE ORANGE
Hellion - Nac.

Zhema: Bem observado! Um hexagrama, a grafia das Seis Pontas. Quando criei aquele símbolo que contém o nome do álbum, eu apenas tinha em mente que deveria dar um significado para um título de simplicidade quase infantil. Então, pensei em inserir aquele algarismo romano em um dos símbolos mais importantes para a Filosofia Oculta, o Hexagrama. Para levar o fã a refletir sobre aquilo, retirei o logotipo da banda e não há menção sobre ele naquela arte. Eu escolho um tema para ser o 'core' do álbum, escrevo sobre ele e a partir daí vou criando tudo que possa enriquecê-lo. Interessante é que parece que para a maioria das pessoas isso não tem qualquer importância. Por exemplo, *Wholly Wicked* contém um rico conteúdo e *Stone Orange*, que muitos 'reviewers' não entenderam nada! Alguns usaram até de chacota para se referirem a esse título.

O título do álbum anterior, *Eye in Hell*, sempre me despertou interesse, pois existem muitas maneiras de entender o que está contido ali. Quando ouvimos alguém pronunciando, sempre podemos entender 'eu no inferno' ('I in hell'). Podemos também ter uma ideia bíblica, considerando o versículo 'se um olho te faz pecar arranca-o, pois é melhor entrar no céu com um olho do que no inferno com ambos', e assim por diante. Você poderia nos oferecer uma visão mais pessoal?

Zhema: *Eye in Hell* é uma leitura pessoal sobre como é percebida a ideia do inferno por aquele que tem sua vida diária conduzida pelas doutrinas judaico-cristãs e mesmo a islâmica. É o subterrâneo em chamas ardentes, governado por Satã e seus asseclas, no qual se deve estar de olho a todo momento para não cair em tentação e desgraças. Penso que doutrinas como essa são uma tragédia psicológica.

Uma coisa que sabemos ao seu respeito é que você gosta de colecionar ideias e notas para a criação de letras e que gosta de misturar tópicos que vão do Hermetismo até literatura e cinema de terror etc. Se bem me lembro, todas as primeiras letras do Vulcano foram baseadas numa obra não publicada do seu amigo Carli Cooper, é isso mesmo?

Zhema: Eu tenho anotações em papéis, lembretes, textos de todos os tipos espalhados por gavetas, dentro de livros, inclusive achei um texto dentro da capa do álbum *Live!*, de 1985, todo amarelado, e essa é a fonte que abastece minha criação no momento de escrever. Com relação a meu amigo Carli Cooper, sim, uma boa parte das letras dos álbuns *Live!*, *Bloody Vengeance* e *Tales from the Black Book* tem sua fonte originada naquele manuscrito. Por alguma razão, falamos pouco sobre ele, como se

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

fosse uma mina esgotada. Eu costumava dizer, lá no princípio, que o Vulcano era antes de tudo uma obra literária, porque eu gostava muito de escrever. Mas sabia que se publicasse um livro ninguém iria se interessar, ao passo que se musicasse uma letra muitos iriam prestar atenção. Converso frequentemente com Cooper e nosso último trabalho juntos, com a parceria de Fabiano Barroso, foi *The Awakening of an Ancient and Wicked Soul.*

***Stone Orange* abre com uma composição extremamente forte e dinâmica, *Metal Seeds*. Nela temos elementos que remetem a thrash, death e black metal, três gêneros que se desenvolveram simultaneamente ao Vulcano e que são estritamente ligados à sua música desde os tempos de *Live!* Essa 'semente do metal' que vocês ajudaram a germinar teria a ver com a ideia lírica e musical dessa faixa?**

Zhema: Não exatamente. Aquele tema não se refere ao 'metal' como música, é uma humilde tentativa de amarrar a concepção vulgar do entendimento sobre a Alquimia com a verdade por trás dessa filosofia, a transmutação dos metais, chumbo em ouro, toda essa complexidade que na verdade é muito simples para o iniciado. É a procura incansável pela semente filosofal por aqueles aventureiros e a simplicidade extrema achada pelos buscadores originais.

Mantendo a questão da dinâmica musical, *Putrid Angels Ritual* talvez seja uma das canções mais brutais da jornada do Vulcano. Qual é a importância de alcançar um resultado como esse após quatro décadas de carreira?

Zhema: Esse foi o tipo de canção em que o texto já estava escrito há bastante tempo, e só depois escrevi a música. O texto exigia essa dinâmica para fazer jus a ele. É um conto de ficção, um teaser de um filme de horror desses que vemos todos os dias na TV, porém com uma analogia entre coisas possíveis e coisas impossíveis. As coisas possíveis podem estar nesse texto se vocês transportarem esse conto para dentro da realidade. O texto exigiu uma música mais intensa, veloz e brutal.

Gostaria também que comentasse sobre *Trigger of Violence*, que ouvi e imediatamente incluí entre minhas favoritas do seu repertório, unindo partes brutais e cadenciadas e até mesmo um trecho bastante atmosférico.

Zhema: Nessa música eu coloquei um pouco de dissonâncias e harmonias não comuns no metal, mas usadas por bandas lá de 1969 e tal. Ela é uma das músicas que não entraram no setlist de *Eye in Hell* e coloquei-a nesse. Talvez seja um dos temas com que mais me identifiquei nesses últimos anos. Ele pretende transmitir a ideia de que nossa liberdade está acima de tudo, incluindo Deus e Satanás. Somente nós somos os verdadeiros donos de nossa liberdade, ninguém mais! Quando tentam nos tirar isso, o gatilho da violência está armado!

Gostaria que comentasse duas canções que parecem conectadas liricamente: *A Night in a Metal Gig* e *Rebels from 80's*.

Zhema: *Rebels from 80's* tem um tema que me é muito caro, é quase uma declaração de que eu pertenço a uma geração que está deixando de existir. Então eu introduzo a canção chamando a raiz dos anos 70, já tentando avisar sobre o restante que virá em seguida. Ela é muito simples e assim deveria ser para levar a mensagem com propriedade, e apenas procurei criar um refrão legal. Já *A Night in a Metal Gig* eu escrevi em homenagem aos rapazes do Nifelheim (N.R.: banda sueca de black/thrash, que inclusive lançou um split com o Vulcano). Somente viajando com eles é que alguém pode compreender o quanto aqueles caras são headbangers. Está tudo ali na letra e na música, e quando escuto vejo eles nitidamente erguendo um 'pint' de cerveja em uma das mãos e socando o ar com a outra.

Para finalizar, poderia nos falar um pouco sobre a arte da capa, que novamente traz muitos elementos e simbologias.

Zhema: A arte da capa procura passar um instantâneo, um 'frame' da faixa-título. Os três princípios Alquímicos estão ali e as cores permeiam os Quatro Elementos e suas Quatro Qualidades, cabendo aos seres representarem os Quatro Guardiões. Eu penso que o Roberto Toderico captou muito bem isso tudo. O azul na capa contrasta com o laranja na medida em que o azul é a frequência vibratória do número 6, tão caro ao Vulcano.

Pedro Vitkievicius

Zhema, Carlos Diaz, Bruno Conrado, Gerson Fajardo e Luiz Carlos Louzada, novo álbum com teor de clássico

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Divulgação

Jgor Gianola, Mila Merker, Leo Leoni, Eugent Bushpepa e Alex Motta mostram a força do hard rock clássico em ///

A MÁFIA DO ROCK'N'ROLL

Com os dois pés fincados na sonoridade clássica do hard rock, banda suíça chega ao seu terceiro álbum

Por Valtemir Amler

No início dos anos 90, época de tantas transformações no mundo do rock, o guitarrista Leo Leoni e o saudoso vocalista Steve Lee (falecido em um acidente de moto, em 2010) fundaram o Gotthard, em Lugano (SUI). A despeito das novas tendências vigentes na época, sua música era fortemente marcada pelos grandes clássicos do hard rock, em especial Aerosmith, Led Zeppelin e Whitesnake. Com o passar dos anos veio o sucesso e o Gotthard colocou vários de seus álbuns na lista dos mais vendidos, ao passo em que se tornava o maior nome do hard suíço. Porém, mesmo com uma carreira louvada e um repertório bem conhecido, algumas faixas sempre ficam na obscuridade, preço básico e inevitável de uma discografia sempre crescente. Pois foi justamente do desejo de tirar algumas boas músicas do Gotthard da obscuridade que nasceu o CoreLeoni, grupo criado por Leo Leoni em 2018. No entanto, a banda – hoje completada por Eugent Bushpepa (vocal), Igor Gianola (guitarra), Mila Merker (baixo) e Alex Motta (bateria) – foi muito além de seu intuito inicial e hoje chega ao seu terceiro álbum completo. O que esperar desse novo trabalho? O próprio Leoni nos explica a seguir.

Você fundou o CoreLeoni em 2018 e foi dito que a banda tinha como principal escopo revisitar algumas canções menos lembradas do catálogo do Gotthard. Você ainda vê esse objetivo sendo cumprido, quase cinco anos depois?

Leo Leoni: Sim, acho que ainda continuamos fazendo isso, talvez apenas a proporção seja diferente nos dias de hoje. No começo as coisas realmente foram um pouco diferentes, pois o que queria era apenas revitalizar algumas canções do Gotthard que tínhamos feito em nossos primeiros dias e não tínhamos mais a chance de tocar como Gotthard, já que existe uma outra demanda nas nossas apresentações ao vivo. Então, com o CoreLeoni eu podia revisitar essas canções, mostrá-las para um novo público e dar uma nova vida a elas. Mas eu nunca concordei quando as pessoas disseram que o CoreLeoni estava fazendo versões cover do Gotthard, e isso foi muito repetido no início. Acho que isso não é justo simplesmente porque eu fui um dos compositores daquelas canções, fui parte do processo de concepção, criação e gravação daquelas músicas, toquei-as ao vivo e gravei todos aqueles discos. Como eu poderia estar fazendo cover das minhas próprias canções? Isso sequer faz sentido. Sei que dizem isso porque temos uma formação diferente daquela que gravou originalmente as músicas, mas quantas bandas estão aí com a mesma formação há tantos anos? Todas estão fazendo cover de si mesmas? Claro que não, e não é isso que fazemos com o CoreLeoni.

Faz sentido você ter o desejo de tocar as músicas que ajudou a compor.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Leoni: Sim, e acho que é mais comum do que as pessoas podem supor em uma primeira análise. David Gilmour sempre irá tocar as canções que ele compôs com o Pink Floyd. O Slash vai tocar as canções que fez com o Guns N'Roses em qualquer banda em que entrar e a lista cresce quanto mais você pensar nela. E nenhum deles está 'fazendo cover', pois são autores ou coautores daquelas músicas.

E as coisas funcionaram muito bem para o CoreLeoni logo de cara.

Leoni: Acho que as coisas foram muito bem, talvez até melhor do que eu tinha imaginado. Lançamos aquele álbum e imediatamente os telefones começaram a tocar, mais e mais pessoas queriam ver a banda ao vivo. Também havia demanda por mais música, então não demoramos para voltar ao estúdio e já em 2019 tínhamos um novo álbum, *II*. De novo, os telefones voltaram a tocar e todo momento que eu não estava ocupado com o Gotthard (N.R.: que viria a lançar seu álbum mais recente, *#13*, em 2020), aproveitava para colocar o CoreLeoni na estrada. Foi um belo início, dois álbuns, algumas turnês, mas então fomos pegos na espiral da pandemia, como todo mundo. Tivemos que parar, mas para mim simplesmente não fazia sentido ficar com a banda parada, acho que nenhuma banda existe quando está parada, sem tocar, sem compor. É como ser um escritor que nunca escreve ou um jogador de futebol que não joga e não treina... Eu precisava fazer algo típico de uma banda para sentir que de fato ela existia, então a resposta possível foi compor, escrever novo material, usar o tempo que tínhamos. Basicamente, o momento que vivemos e a resposta que a banda tinha encontrado até então foram os grandes fatores que nos guiaram até esse novo álbum, *III*.

Bem, essa sua vontade de se manter ativo como compositor durante os primeiros dias da pandemia é bem evidente em *III*. Se no álbum de estreia você tinha apenas uma canção inédita, neste novo álbum são dez temas inéditos e apenas quatro do Gotthard.

Leoni: Sim, e essa era a ideia desde o primeiro dia deste novo disco. Queria algo que tivesse a cara dessa banda e nada melhor do que um bocado de novas canções para mostrar quem ela é em 2022! Temos algumas mudanças interessantes, esse é o nosso primeiro registro com o vocalista Eugent Bushpepa, por exemplo. Também é o nosso primeiro trabalho ao lado da Atomic Fire, e sinto que essa será uma parceria prolífica, pois conheço todo mundo por aqui. São tempos excitantes esses que vivemos, meu amigo, e já estou ansioso para tocar essas canções ao vivo em novembro e dezembro próximos!

Posso imaginar. E você falou sobre a estreia de Bushpepa e sinto que ele é um dos destaques nesse novo registro. A abordagem vocal dele é muito convincente, já que ele transpira aquela atitude dos hard rockers setentistas, que carregavam muito do blues em sua voz.

Leoni: Eu sinto o mesmo, tanto em relação a ele ser um dos destaques do álbum quanto à sua abordagem vocal. Acho que essa coisa que ele traz, esse vocal regado com algo clássico do hard rock e do blues, isso de fato eleva o nível de cada canção, e acho que isso fica bem claro nas novas composições. Hoje eu sequer consigo imaginar como essas músicas soariam com outra voz, parecem de fato ter sido compostas para ele, que fez um trabalho incrível.

III
Atomic Fire - Imp.

E é legal perceber que a voz dele não funcionou apenas nas canções originais do CoreLeoni, mas também nas versões para o Gotthard. E, claro, precisamos falar sobre *Jumpin' Jack Flash*, pois é sempre um risco gravar uma versão para um dos maiores clássicos dos Rolling Stones. Mas, como velho fã da banda inglesa que sou, preciso elogiar o trabalho de vocês.

Leoni: Muito obrigado, que bom que tenha gostado! Sim, de fato é um grande risco revisitar um grande clássico de uma banda como os Rolling Stones, é um risco e um desafio, mas a honra é exatamente do mesmo tamanho que o desafio, pois esses caras ajudaram a definir o que é o rock'n'roll. Não acho que uma pessoa pode compreender de fato o rock sem curtir os Stones, pois está tudo lá. Um vocalista que além de tudo é um grande performer, guitarras alucinantes e inspiradas, ótimas músicas, tudo. Não tem como ser muito melhor que isso! Então, nossa ideia foi fazer uma versão de uma das músicas que mais amamos, mas sem mudar a alma, o coração dela. Buscamos adicionar a nossa cara, mas sem descaracterizar a canção original, que é perfeita e atemporal.

Falando em 'guitarras alucinantes', gosto muito do que fez em *III*, e da maneira como aborda as guitarras em geral. Muitos garotos esqueceram como uma Les Paul soa poderosa em um Marshall e você dá uma aula sobre isso em *Purple Dynamite*, por exemplo.

Leoni: Ah, cara, que legal isso que você disse. Vou usar isso na divulgação, você vai ver (risos gerais). Mas é verdade, é isso mesmo! Você quer uma sonoridade realmente rock, é muito simples, você não precisa de nada muito complicado: simplesmente plugue a sua Gibson Les Paul em um amplificador Marshall e deixe a magia acontecer! Aumente o volume, toque no máximo, a guitarra e o ampli farão a mágica da distorção que você realmente precisa, é isso! Eu adoro isso, essa é a minha forma de ver o mundo da guitarra e é o que gosto de ouvir e tocar. Cresci com Aerosmith, Rolling Stones, Led Zeppelin e tantas outras bandas que simplesmente plugavam as guitarras e detonavam, e tenho orgulho de manter essa mesma vibração na minha música. Aliás, eu nunca chamaria de 'minha música' algo que eu não gostasse de ouvir, e Les Paul em um Marshall no volume máximo é exatamente o que gosto de ouvir!

Por fim, fale-nos um pouco sobre a música *Greetings from Russia*, até para evitar qualquer mal-entendido.

Leoni: Sim, obrigado pela oportunidade. Bem, é claro que quando compusemos essa música não sabíamos nada da loucura que estava por vir, não tínhamos como saber. A música não tem nada a ver com essa guerra insensata que está acontecendo e vitimando tantos inocentes. Quisemos apenas homenagear nossos fãs da Rússia, um país que sempre nos acolheu tão bem, que sempre foi tão caloroso conosco, e por isso é uma canção tão feliz, tão 'pra cima'. Sei que o povo russo é contra a insanidade que está acontecendo, então é bom que eles possam ouvir uma música como essa e saber que entendemos a situação em que eles foram colocados por seus governantes.

O trio Rafael Yamada, Marcus D'Angelo e Caio D'Angelo lança o seu primeiro álbum completo após a mudança para os EUA

Divulgação

FORÇA ALÉM DA FORÇA!

Realocado em Las Vegas (EUA) e com novo álbum destroçador, Claustrofobia inicia nova etapa em sua longa carreira

Por Valtemir Amler

Trabalho duro e constante, uma fé inabalável nas próprias convicções e uma força que os guia adiante mesmo nos momentos mais sombrios. Esses foram e são os fatores que fizeram do Claustrofobia um dos melhores nomes de todo o cenário nacional. Apostando tudo em um thrash/death visceral e coeso, a banda lançou seis álbuns completos antes de mudar para os EUA e em cada um deles sempre teve ao menos uma composição em nossa língua. Em *Unleeched*, o mais novo e sétimo na crescente discografia, eles pela primeira vez "violam" a própria regra, criando um disco com todas as faixas em inglês – mas não se preocupe, já que a versão nacional em CD traz como bônus a versão da banda para *Strength Beyond Strength*, do Pantera, com letra em português e rebatizada como *Força Além da Força*. Como qualquer fã das antigas já esperava, eles não pisaram no freio e mais uma vez entregam um trabalho pesado, vibrante, repleto de ótimos riffs e absolutamente inacessível para ouvidos distantes do underground. Sim, eles buscam e sempre buscarão um público maior, mas nos seus próprios termos. Confira mais dessa história nas palavras do guitarrista e vocalista Marcus D'Angelo.

Gostaria de começar esta conversa com um pequeno mergulho na história recente do Claustrofobia. Em 2009, vocês lançaram *I See Red* pela Candlelight Records, lendária gravadora do cenário internacional. Em seguida, veio *Peste* (2011), provavelmente seu álbum mais louvado e totalmente escrito na nossa língua. Então, em 2016 veio *Download Hatred*, que contou com um time incrível ao lado de vocês, de 'pratas da casa', até gigantes do cenário mundial, como Shane Embury (baixo, Napalm Death), Russ Russell (produtor, Dimmu Borgir, At the Gates etc.) e Brendan Duffey (mixagem e masterização, Torture Squad, Nervochaos etc.). Considero esses álbuns como fundamentais para a banda que vocês são hoje. E você, como vê essa questão?

Marcus D'Angelo: Cara, você foi bem na veia nessa, só posso concordar. Você falou certinho, acho que eu só adicionaria *Thrasher* (N.R.: segundo álbum, de 2002), mas esses que você citou foram os responsáveis por uma mudança radical na nossa jornada, um passo enorme.

Bom, vamos começar então por *Thrasher*, que você adicionou à lista.

Marcus: Sim, e eu o adicionaria porque foi nele que encontramos o nosso estilo. Foi ali. Todas aquelas músicas foram compostas para aquele álbum, algo diferente do que aconteceu no primeiro disco (N.R.: *Claustrofobia*, 2000), que tinha um monte de músicas jogadas que eram da primeira demo e essas coisas. Com *Thrasher* não, tudo ali foi criado para ele, pensando em um álbum. Em seguida, fizemos *Fulminant* (2005), um álbum de que muita gente gosta, mas que foi meio bagunçado, tinha muita coisa lá. E foi com *I See Red* que nós conseguimos encontrar a maneira de encaixar todas essas coisas mais híbridas, então foi legal você citar. É um álbum que foi feito muito na raça mesmo, por isso que tem esse título, foi um bagulho muito 'sangue no zóio', a gente estava sozinho fazendo tudo, foi muito difícil fazer aquele disco. No fim das contas, deu certo de lança-lo pela Candlelight, que foi algo bem bacana. Eu diria que *I See Red* foi o álbum do fim da bagunça, foi quando a gente conseguiu organizar todas aquelas ideias de forma coesa, com uma produção mais gorda e sofisticada.

Depois veio *Peste*.

Marcus: Pois é. E até por ele ser todo em português, se tornou o favorito da maior parte da galera, como você falou. E é engraçado, pois eu não estou falando só do Brasil, mesmo entre a galera gringa é assim, os caras piram com as músicas em português. A galera curte muito esse álbum, que também tem um som bem cru e específico. Com certeza *Peste* tem um estilo diferente, em que o Claustrofobia se encaixa muito bem, a gente pega muito bem aquele tipo de riff e tal. Não sei, acho que o fato de termos feito o disco em brasileiro – porque eu gosto de dizer que as letras são em brasileiro e não em português (risos) – fez com que as pessoas entendessem que ali o bicho pega real, a coisa é foda mesmo (risos).

Então temos *Download Hatred*, que foi o tema da nossa primeira conversa, em 2016.

Marcus: É verdade, né? Pois é, foi nele que conseguimos alcançar o nível mais alto de produção musical, um nível profissional mais alto. Foi o último disco com aquela formação, que durou dezoito anos, e foi o auge com ela. A gente gravou no estúdio do Brendan Duffey, trouxemos o Russ Russell para produzir, a gente compôs uma música com o Andreas Kisser (N.R.: *Curva*), teve participação do Moyses Kolesne (Krisiun), o Shane Embury também deu uns berros no estúdio lá na Inglaterra quando o Russ estava mixando (risos). Foi um disco que mudou a nossa cabeça, a gente nunca tinha feito nada com um produtor gringo e quando chegou na hora o cara lapidou tudo de um jeito que deixou a gente impressionado, mudou a nossa concepção inclusive de composição, pois ele nos mostrou caminhos que a gente nem imaginava que existiam. Foi um divisor de águas na nossa evolução, um salto quântico na hora de gravar. De fato, esses três álbuns nos tornaram a banda que somos hoje e acho que quem prestar atenção em *Unleeched* vai perceber elementos dos três nele, que é um álbum tão sofisticado quanto *Download Hatred*, mas em que também resgatamos muito do groove do metal brasileiro que aparece em *Peste* e a porradaria de *I See Red*. Cara, faz muito sentido esse apanhado que você fez, que coisa mais louca, clareou até as minhas ideias (risos gerais). Legal ter esse contexto de como as coisas rolaram.

Sim, isso meio que testifica a força da banda, que se manteve firme todo esse tempo. Lembro que na época de *I See Red* todos achávamos que a banda deslancharia internacionalmente, mas na verdade vocês tiveram muita dificuldade na turnê internacional. Só que em vez de desanimar, vocês apareceram com *Peste*.

Marcus: Sim, e cara, aquele foi um momento realmente tenso para nós. E fica até engraçado pensar que foram aquelas dificuldades que enfrentamos na estrada que deram o gás que precisávamos para fazer *Peste*. Até então, a gente tinha músicas em português, mas eram poucas, pois é difícil criar canções que encaixem certo na nossa língua, é bem diferente. Mas naquela época, diante de tudo que tínhamos passado no exterior, diante de toda aquela experiência, foi crescendo uma revolta muito grande. E foi aí que pensamos: 'Vamos fazer um disco em português, vamos falar tudo o que a gente tá sentindo agora', e assim saiu de uma vez um monte de músicas de forma muito natural.

Foi ótimo que tenham feito o que acreditavam. Lembro que na época você disse para a ROADIE CREW que sempre tentariam sucesso internacional, mas que não tinham o 'rabo preso', fariam à maneira de vocês.

UNLEECHED
Wikimetal - Nac.

Marcus: É isso mesmo e continuamos pensando assim. Sempre vamos buscar uma carreira internacional, não para podermos dizer que nos demos bem aqui ou ali, mas por acreditarmos que o metal é uma tribo mundial, uma religião mundial em que todos amam e acreditam nas mesmas coisas, esse negócio de comunidade mundial que sempre conectou os fãs de metal. Por isso queremos fazer sucesso em todos os lugares. Mas temos nossa maneira de fazer música, temos as nossas ideias e por algum motivo nunca tivemos um contrato duradouro com um selo internacional, algo que fizesse com que tivéssemos que seguir uma planilha ou bater um número de vendas em algum lugar, nada assim. De certa maneira, isso também ajudou que nos tornássemos essa banda que somos, casca grossa, que sempre teve liberdade para fazer o que queria e quando queria. Talvez um disco em português não fosse o passo certo para aquele momento, mas foi aquilo que sentimos que tínhamos que fazer, e fizemos. No fim das contas, é nosso disco mais elogiado por muita gente.

E músicas em português é algo que vocês faziam desde a época de *Saint War* (N.R: primeira demo, de 1995).

Marcus: Sim, isso sempre foi uma coisa importante pra gente, ter alguma coisa na nossa língua e tal. Gostamos disso e sempre colocamos material em português nos nossos discos. *Unleeched* é o primeiro álbum que só tem músicas em inglês, mas até por isso escolhemos colocar nossa versão em português para *Strength Beyond Strength*, do Pantera, como faixa bônus para a edição brasileira do CD. Assim a gente mantém a tradição e tal, apesar de morarmos aqui nos EUA agora.

Certo, e vamos falar um pouco mais sobre essa versão em um minuto. Mas antes, só para manter a cronologia, veio o EP *Swamp* Loco (2018). Na época vocês já residiam nos EUA?

Marcus: Não, o EP veio antes. Quer dizer, a gente veio gravar ele aqui, fizemos alguns shows, e nessa viagem já fizemos os contatos com a galera com que íamos trabalhar e tal, deixamos tudo certo para o retorno. Voltamos para o Brasil e então viemos de vez pra cá, tudo isso em 2018.

Nessa época vocês já estavam como trio, certo?

Marcus: Sim, mas ainda estávamos com o antigo baixista naqueles shows. Estamos como trio desde 2017, mas o Daniel ainda estava com a gente (N.R.: Daniel Bonfogo, baixista até 2018).

Como tem sido a experiência de ser o único guitarrista ao vivo e ainda responsável pelos vocais?

Marcus: É, tem diferença (risos). Quando a gente fez o primeiro show como trio no Rock na Praça, aquele festival que teve no Anhangabaú (em São Paulo), eu meio que tive que correr. Sempre teve duas guitarras, então meio que me acomodei com os riffs e os vocais, não me preocupava com outras coisas quando tinha duas guitarras, então tive que me foder pra fazer funcionar (risos). Não dava pra fazer igual, antes eram duas pessoas, duas guitarras, tinha um monte de solos, aquilo tudo demandava muito estudo e eu nem quero me tornar esse tipo de guitarrista, com todos esses solos e tal. Então, aquele primeiro show foi foda, eu não conseguia me situar no palco (risos), ficava andando de um lado para outro (risos). Mas sonoramente,

cara, eu fiquei bem feliz com o resultado do trio. Você sabe, sempre fui muito chato com a sonoridade da guitarra e tal, sou muito exigente quanto a isso e acho que o som da minha guitarra pura, na cara, deixou o som da banda mais coeso.

Concordo e isso é bem claro no novo álbum.

Marcus: Sim, é legal que as pessoas têm comentado isso. Claro que nos shows é foda, quando saio para um solo o baixo fica sozinho lá, o som fica meio vazio sem a base, mas dá pra contornar. O que não dá é para colocar um outro guitarrista na banda só por colocar, sem saber se o cara vai entrar no espírito da coisa e tal. O estilo de vida do Claustro é meio doido, não é pra qualquer um. Então é questão de colocar o que a banda precisa em primeiro lugar, e neste momento a gente tem funcionado melhor como trio. A essa altura do campeonato, acho que nem faria sentido ter mais um guitarrista, até porque estou adorando sair da minha zona de conforto e ter que estudar mais guitarra, sou guitarrista antes de ser vocalista, está no sangue.

Divulgação

"Estou adorando sair da minha zona de conforto e ter que estudar mais guitarra, sou guitarrista antes de ser vocalista"

Bom, acho que este é o momento para falarmos de *Força Além da Força*. Os créditos vão para o Pantera, claro, mas acho difícil um título combinar tanto com a caminhada do Claustrofobia.

Marcus: Porra, cara, é isso mesmo! E, mano, a coisa surgiu muito espontaneamente, de verdade. A gente adora o jeito que ela abre *Far Beyond Driven* (1994), que é um álbum menos comentado que *Cowboys from Hell* (1990) e *Vulgar Display of Power* (1992), e dentro do álbum *Strength Beyond Strength* não é tão comentada quanto *5 Minutes Alone* ou *I'm Broken*, por exemplo, e é uma porrada só, uma música muito bruta e simples, bem hardcore! Então, a gente queria fazer um cover dela, algo simples, e gravamos uma versão em inglês. Um dia, uns amigos americanos vieram conhecer nosso estúdio e a gente tava tocando essa música. Eles elogiaram pacas, falaram que tava igual, mas plantaram a sementinha do mal em nós, foram eles que disseram: 'Por que vocês não cantam em português?' A gente ficou com essa porra na cabeça e depois fomos ver a letra certinho e tal. Mano, não dava pra traduzir aquela porra, é muito cheia de gíria, não dava, era tipo as letras do *Peste* mesmo (risos). Então a gente começou a tentar entender o sentido das coisas e encaixar no nosso português-brasileiro, que também é gíria pra caralho (risos), sem poesia nenhuma. Fomos fazendo isso e foi ficando uma coisa absurda de louca, até desistimos da versão em inglês (risos gerais). Pô, mano, virou single, clipe, o caralho (risos). Bem mais do que imaginávamos.

Além de músicas muito fortes e dinâmicas, como *The Encrypted*, *Psychosapiens*, *Corrupted Self* etc., o novo álbum ainda vem com um título e capa que dão espaço a muita interpretação. Qual a mensagem que temos neles?

Marcus: A palavra *Unleeched* não existe em inglês, foi algo que a gente criou no contexto das ideias que estavam surgindo. Claro que a gente fez uma pesquisa aqui pra ver se não soava zoado, mas a galera curtiu, então fomos em frente. É um título que eu já tinha na cabeça há algum tempo, devido a toda luta que a gente tava passando, é algo pessoal mesmo, bem de dentro para fora. A gente nos últimos anos passou por muitas mudanças na banda, coisa que foi machucando mesmo, com erros nossos no meio da caminhada, a gente fez muita coisa errada por conta da paixão que temos pela banda, fomos muito bons para algumas pessoas e muito ruins para nós mesmos, então a gente queria se libertar desses sentimentos, desse lance de culpa, de coisas que estavam acorrentando a gente. Então, quando falamos em nos livrar dos sanguessugas (N.R.: tradução possível para 'unleeched'), não estamos falando de uma pessoa que fica do teu lado só pra te sugar, isso também, mas não só (risos). A gente tá falando de tudo: droga, depressão, tudo que vem pra te acorrentar. É um lance que representa a nossa evolução, pois temos essa banda desde que tínhamos 10 anos de idade, é uma vida inteira dedicada a ela. A capa, que é do Alcides Burn, representa muito bem essa ideia. É um desenho bem simples, mas muito bem feito, tem aquela espécie de halo, de onde você vê uns braços saindo, como que tentando se agarrar às bordas e tal. É das duas uma: ou tem gente tentando sair do buraco ou caindo no buraco, é uma interpretação mesmo do título do disco.

DEATHSLAVE

LANÇAMENTO DO NOVO ÁLBUM THE UNKNOWN

HEAVY METAL TRADICIONAL EM SUA MAIS PURA ESSÊNCIA!

Produzido por TITO FALASCHI

ERIC OLIVEIRA (vocal)
LE COSTA (guitarra)
LEANDRO LAZZERINI (guitarra)
RODRIGO BARBOSA (baixo)
MARCELO BATISTELLA (bateria)

YouTube
Veja nossos videoclipes

THE UNKNOWN
Produzido por De Carli Films

I'M A FREAK
Produzido por De Carli Films

Anúncio por www.jbuartedesign.com

OUÇA AGORA:

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · Available on iTunes · DEEZER · TIDAL

/dsofficial.brazil · @deathslaveofficial · /deathslaveofficial

OUÇA AGORA:

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

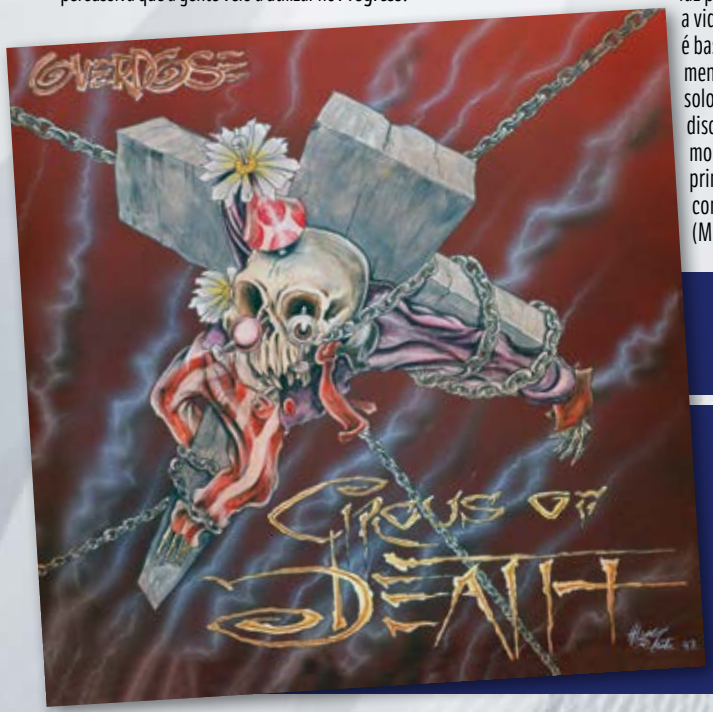
PLAYLIST

Por Por Thiago Prata • Foto:Divulgação

► **Violence:** "Gosto muito de todas as músicas do *Circus of Death*. E *Violence* é uma das que o pessoal mais curte, uma das que nosso público mais comenta. Acho a letra muito legal, um pouco niilista a respeito do ser humano, de desconstruir a bondade humana e colocar o mal não como uma entidade, mas na própria essência do ser humano; a violência fazendo parte do ser humano. É uma letra atual. Estamos vivendo uma época muito violenta, com guerra, e no Brasil tem gente com muito ódio. Acho a música muito legal, as levadas dela, as bases... O clipe desse disco foi para essa música. Filmamos no departamento de cinema da UFMG, com um produtor de lá, o Stephan Fernández. Foi um vídeo muito legal que fizemos. Era muito doido, porque eu estudava psicologia na UFMG. O clipe foi feito no horário de aula, eu saía da sala, ia para o estúdio, trocava de roupa, colocava a roupa de show do Overdose, fazia a filmagem e voltava para a aula (risos). Teve cenas externas também, que têm a ver com o tema da música."

► **The Zombie Factory:** "É baseada no livro 'Greve na Fábrica', de Robert Linhart, um escritor que se engajou em uma indústria na França. Ele constatou e relatou a vigilância e o controle que se tinha nas fábricas e o começo do processo sindical que foi deflagrado nessa greve. A letra fala sobre zumbis, mas os zumbis que queremos dizer aqui são os trabalhadores da fábrica. Gosto muito dessa letra, uma das melhores que fiz. *The Zombie Factory*, virou um hino, a mais pedida de *Circus of Death* nos shows e o público a cantava ao vivo. É a mais impactante em show. Ela também saiu em *Progress of Decadence* (1993), disco posterior e que é mais groovado. Então, *Zombie Factory* é o começo dessa fase meio groove do Overdose. É a precursora dessa onda meio percussiva que a gente veio a utilizar no *Progress*."

► **Dead Clowns:** "Ela retrata o contexto do disco em geral, centraliza inclusive a capa e o nome do disco, *Circus of Death*. *Dead Clowns* retrata pessoas comuns, que somos nós, e fazemos uma metáfora com o circo. Os atores do circo são na verdade as pessoas comuns. Tem gente que interpretou que a capa fosse contra Cristo, mas não é. Eu não sou fã de nenhuma religião, acho que instituições religiosas existem, no fim das contas, para fins lucrativos, são o ópio do povo. No entanto, não fiz nada direcionado ao cristianismo especificamente. Apenas utilizei a metáfora da crucificação, só que sem ironia (à religião). O palhaço ali é uma pessoa comum que faz parte desse circo, o circo que é a vida das pessoas comuns. A capa é baseada nessa letra especificamente. Gosto muito dos riffs e dos solos dela. Foi a primeira música do disco que gravamos. Experimentamos tecnologias novas. Fomos a primeira banda do Brasil a gravar com bateria eletrônica, o André (Márcio) gravou com pad mesmo. Experimentamos por conta de bandas de fora que ouvíamos, como Metallica, Pantera... Foi nossa primeira experiência nesse processo de gravação."



► **A Good Day to Die:** "Tem uma pegada mais pesada, uma influência de Slayer, mais puxada para o death metal. Mas não chega a ser death, o Overdose nunca foi death metal, apesar do nome do disco (risos). Ela foi baseada no filme 'Linha Mortal', retratando aquela coisa de querer compreender a morte, de entrar em contato com ela. Também é uma música que o público curte muito. Eu também gosto muito dela, acho as bases muito legais e o solo muito bacana."

CLAUDIO DAVID

► **NOME COMPLETO:**
Claudio Munayer David

► **NASCIMENTO:**
24 de janeiro de 1966, em Belo Horizonte/MG

► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Overdose, ElétriKa e BH2o

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

► **Profit:** "Essa é uma das que mais gosto do disco, principalmente o refrão. Ela é muito forte, tanto a base quanto o vocal do Bozó, a melodia é muito legal. A letra é uma espécie de crítica ao sistema capitalista, do lucro estar em primeiro lugar, à frente de qualquer coisa. Uma curiosidade em *Profit* é que foi a primeira música que fizemos depois de *Addicted to Reality* (1990), a primeira daquele disco que compus. Todas as músicas do *Circus* são minhas, as letras são minhas e do Fernando (Pazzini, baixo). E *Profit* era diferente de quando foi composta, era uma música lenta. No meio do processo de composição do *Circus...*, com músicas mais rápidas, é que a aceleramos, ficou mais pauleira. Então ela tem uma outra versão. Em algum show a tocamos nessa versão mais lenta, tem em algum vídeo na internet. Também tem uma parte meio groovada no pré-refrão, um certo groove que seria a linha que o Overdose seguiria nos discos seguintes."

► **Powerwish:** "Também é uma música meio pessimista, com postura niilista sobre o ser humano, que faz tudo pelo poder, não é um ser tão bonzinho quanto a gente quer parecer que seja. A introdução é muito doida, repete metade de um riff, só que a segunda metade é sempre diferente. Ela basicamente anda mais de um minuto sem repetir o riff. Tem uma pegada mais Anthrax. O solo dela é muito bonito. Eu gosto demais dos solos de *Circus of Death*. Apesar do solo de *You're Really Big!* (1989) ser o predileto de guitarristas, creio que *Circus of Death* seja meu disco mais maduro como guitarrista. Acho que continuei a amadurecer. *Scars* (1995) também tinha solos bem maduros, só que *Circus...* tinha muita técnica, e ela estava afiada naquela época, eu treinei muito. Ensaiamos um ano antes de gravar, estávamos em um perfeccionismo na época. Foi o disco que mais ensaiamos. Me lembro que passei uns cinco meses treinando os solos. Tecnicamente, acho este o nosso disco mais 'perfeitinho' pela dificuldade das músicas e dos solos. Não vou falar que são os melhores solos, mas são os mais afiados."

► **The Healer:** "Acho a música com mais influências da fase anterior do Overdose, a fase mais prog, power metal, não sei qual o estilo que caberia à banda antes. Mas de qualquer modo, *The Healer* é bem prog, tem uma pegada

thrash, a palhetada é thrash. Só que é uma música lenta, varia demais, tem introdução e pegada mais eruditas. E depois cai em uma parte mais pesada, se desdobrando em várias partes, é uma música bem trabalhada. No fim, fica pauleira. Ela progride mesmo, vai crescendo, de uma introdução mais suave e meio erudita, depois vira um thrash mais lento até um final mais pauleira."

► **Beyond My Bad Dreams:** "Tem uma pegada mais Metallica, mais punch na guitarra, um riff bem interessante e umas bases bem legais. Não que pareça com Metallica, mas tem influência. O Overdose foi acusado na época, e até hoje há quem fale, de ser o 'Pantera brasileiro'. Tem quem até nos acuse de plagiar o Pantera. Faço minha contestação, porque não tem nada a ver de Pantera. Tem influência, claro, mas tem também influência de Metallica, Anthrax, Slayer, Forbidden, Exodus, Megadeth e Testament. É um disco muito mais Bay Area do que Pantera, na minha opinião. Então, fica aqui meu protesto (risos). O Overdose tem uma química própria."

► **Children of War (bônus):** "Uma música que saiu no *...Conscience...* (1987). A gente a tocava com o nome de *Crianças Guerreiras*, pois ela nasceu com letra em português. Já a tocávamos desde 1985 ou 1986. Em *Circus of Death*, a gravamos com arranjo completamente diferente, mais legal e mais maduro. No LP havia oito músicas, mas queríamos lançar em CD também. Gravamos a bateria e quando o CD ia sair, terminamos de gravar os outros instrumentos e o vocal, e incluímos como bonus track do CD. A letra é um pensamento triste, pessimista. É sobre as primeiras crianças palestinas que pegavam em armas na guerra (contra Israel) para tentar proteger a terra delas. Então a letra é praticamente um pedido para que deixassem as crianças fora disso. Era essa a realidade em meados dos anos 80 como mostravam para a gente aqui. Nunca tínhamos visto aquilo. A música fecha o disco, que é o mais coeso do Overdose, no sentido de ter um estilo mais determinado. É um disco thrash, apesar de ter um groove, mas é um thrash bem na linha Bay Area. E é um dos melhores álbuns do Overdose. Todas as músicas são fortes."

COLLECTION

Por Daniel Dutra

A história de uma das melhores e mais relevantes bandas – musical e liricamente – da história data de quatro anos antes do trabalho de estreia, *Vivid*, que catapultou o Living Colour direto ao mainstream. E uma história que sempre foi centrada em Vernon Reid. De 1984 a 1986, o guitarrista teve a seu lado vários baixistas (Alex Mosely, Jerome Harris e Carl James), bateristas (Greg Carter, Pheeroan akLaff e J.T. Lewis) e vocalistas (D.K. Dyson e Mark Ledford), além de um tecladista (Geri Allen), mas a mágica aconteceu mesmo com as entradas de Corey Glover, Muzz Skillings e Will Calhoun. Dois álbuns, um EP, premiações no Grammy e no MTV Video Music Awards, discos de ouro e de platina... O Living Colour unia tribos com uma mistura única, virtuosa e criativa de rock, hard rock, heavy metal, funk, soul e punk, e conseguiu manter o alto nível mesmo depois da saída de Skillings para a entrada de Doug Wimbish, que fez sua estreia justamente no Brasil, onde a banda foi headliner do Hollywood Rock em 1992. Nestas duas páginas, você acompanha um pouco mais dessa história, até o hiato que durou de 1995 a 2000 e depois, com o caminho trilhado por Glover, Reid, Wimbish e Calhoun dos anos 2000 em diante. Felizmente.

Divulgação

Vernon Reid, Corey Glover, Doug Wimbish e Will Calhoun: a formação mais longeva de uma banda única na história do rock

IMPERDÍVEIS

VIVID (1988)

De banda de abertura do Guns N'Roses e do Rolling Stones, nos primeiros meses depois da chegada de *Vivid* às lojas, ao posto de atração principal, o Living Colour soube surfar no sucesso de seu multiplatinado primeiro álbum – dois milhões de cópias somente nos Estados Unidos, de acordo com a Recording Industry Association of America (RIAA). É preciso ressaltar o empurrãozinho dado por Mick Jagger, que conheceu o trabalho do quarteto por intermédio do então baixista de sua banda solo, Doug Wimbish (sim, ele mesmo), e acabou produzindo duas das 11 faixas do disco, o hit *Glamour Boys* e *Which Way to America?*, e tocando gaita em *Broken Hearts*. Mas foi *Cult of Personality* que fez o Living Colour explodir, especialmente depois da exibição do videoclipe na MTV, e o resultado foi muito além da ótima vendagem: o primeiro grande hino do quarteto faturou três VMAs da MTV ("Best New Artist", "Best Group Video" e "Best Stage Performance") e uma estatueta Grammy na categoria "Best Hard Rock Performance". Mas a obra-prima *Vivid* é, também, pérolas como *Middle Man* (com uma letra bem pessoal de Glover); *Desperate People*; *Open Letter (To a Landlord)*, que fala de despejo; *Funny Vibe*, sobre racismo e com as participações de Chuck D e Flavor Flav, do Public Enemy; e *Memories Can't Wait*, cover do Talking Heads que já mostrava a maestria do Living Colour na hora de interpretar canções de terceiros.

TIME'S UP (1990)

Dois anos depois de estrear com um clássico, o Living Colour entrou para o rol das bandas que fizeram do segundo álbum outro clássico. *Time's Up* foi certificado apenas com ouro pela RIAA, e a premiação se limitou a um "Best Hard Rock Performance" no Grammy, pela faixa-título – como se fosse pouca coisa quando, no início dos anos 1990, novos ares musicais já começavam a soprar nos EUA. E por falar na música que dá nome ao álbum, é ela que abre o álbum de maneira massacrante, mostrando um direcionamento mais pesado e até thrash em relação ao trabalho anterior, e com uma letra sobre a destruição do meio ambiente. E é no conteúdo lírico, novamente e também, que a banda se destaca, como na abordagem sensível da questão do racismo em *Pride* – "Você gosta do nosso cabelo, você ama nossa música; nossa cultura é grande, então você abusa dela; leva tempo para entender: eu sou um homem igual" – e *Fight the Fight*, ou das drogas em *New Jack Theme*, sendo que ainda há o bom humor de *Love Rears its Ugly Head* (sobre casamentos) e *Elvis is Dead* (título autoexplicativo e música com a participação de Little Richard), que se tornaram grandes hits do quarteto. Assim como a antológica *Type* e mesmo a belíssima *Solace of You*, cuja melodia de guitarra lembra, sim, *Alagados*, do Paralamas do Sucesso. E ainda tem as brilhantes *Under Cover of Darkness* (com Queen Latifah), *Someone Like You* e *Information Overload*.

EXCELENTES

BISCUITS (1991)

Último registro com o baixista Muzz Skillings, *Biscuits* tem duas faces: um EP de seis faixas, mas um álbum cheio, com 15 músicas, no Japão. Sim, o que já era sensacional ficou ainda melhor na Terra do Sol Nascente. Comecemos, porém, com o tracklist regular, que conta com duas sobras das sessões de *Time's Up* – a insana *Money Talks* e o espetacular cover *Love and Happiness*, de Al Green – e duas canções "novas" ao lado de versões ao vivo de *Desperate People* e *Memories Can't Wait*. As aspas anteriores se devem porque as novidades não são autorais, mas *Talkin' Loud and Sayin' Nothing*, de James Brown, e *Burning of the Midnight Lamp*, de Jimi Hendrix, em releituras incríveis. Já bastava para o disco estar na coleção, mas oito dos nove bônus da edição japonesa são covardia. A exceção fica por conta da edição "Soulpower US Mix" de *Love Rears its Ugly Head*, que empalidece frente às versões ao vivo de *Sailin' on* (Bad Brains), *The Ocean* (Led Zeppelin), *Final Solution* (Pere Ubu), *Middle Man*, *Solace of You*, *Type* e *Information Overload*, porque, lembre-se, o Living Colour nunca toca uma música da mesma maneira. Ah, e ainda tem *Should I Stay Or Should I Go* (The Clash) em estúdio.

STAIN (1993)

Primeiro disco com Doug Wimbish, que havia terminado a turnê de *Time's Up* como convidado, *Stain* acabou sendo o último da banda até o retorno às atividades nos anos 2000, e *Time's Up*, a música, acabou sendo um presságio sonoro, uma vez que temos aqui o trabalho mais pesado da banda. E a terceira obra-prima em sequência, com a abordagem habitual de temas sociais e políticos indo mais a fundo, como em *Go Away*: "Não quero que ninguém me toque; acho que todo mundo tem Aids; qual é o ponto em cuidar de você? Você vai morrer de qualquer maneira". E os assuntos vão de xenofobia (*Ausländer*) à segregação (*Wall*), passando por diversidade (*Bi*, que trata de bissexualidade) e violência policial (*This Little Pig*), sem contar o caráter pessoal da lindíssima *Nothingness* (escrita por Calhoun em homenagem ao pai, que falecera antes das gravações) e da veracidade de *Postman*, que pega a história de um carteiro que surtou e aborda os tiroteios em massa que, quase 30 anos depois, ainda apavoram os Estados Unidos. Musicalmente, as canções citadas mais *Ignorance is Bliss*, *Leave it Alone*, *Mind Your Own Business* e *Never Satisfied* são não menos que brilhantes.

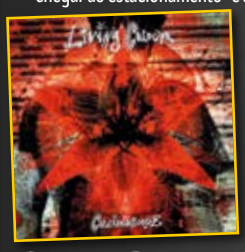
SHADE (2017)

A relevância do Living Colour é provada no álbum mais recente da banda, lançado quase 30 anos depois de *Vivid*. Se não chega a ser um clássico, e hoje o fator tempo briga com a maneira como se consume música, *Shade* apresenta Glover, Reid, Wimbish e Calhoun como sempre foram: musicistas e compositores fora da curva, e com conteúdo. Uma banda inteligente com os instrumentos e com as palavras. Das 13 faixas, três são covers: *Preachin' Blues* (Robert Johnson), *Inner City Blues* (Marvin Gaye) e *Who Shot Ya?* (The Notorius B.I.G.), cujo início vai direto ao ponto: "A violência com armas tira a vida de um homem afro-americano a cada cinco horas; é a principal causa de morte de homens negros com menos de 35 anos" – autor da música, o rapper foi assassinado em 1997, aos 24 anos. As mensagens estão explícitas num álbum repleto de grandes canções – *Freedom of Expression (F.O.X.)*, *Come on*, *Program*, *Always Wrong*, *Pattern in Time*, *Who's That*, *Glass Teeth*... –, mas o que o Living Colour fez em *Two Sides* só pode ser explicado como bênção divina. Simplesmente, uma das músicas mais bonitas que você vai ouvir nesta vida, e com performances emocionantes de Glover e Reid.

BONS

COLLIDEØSCOPE (2003)

Três anos depois da volta e 20 anos depois de *Stain*, o Living Colour enfim lançava seu quarto álbum. Covers? Sim, claro: *Tomorrow Never Knows* (The Beatles) e *Back in Black* (AC/DC). Ficaram legais? Imagina... e *Collideøscope* poderia estar na categoria anterior se não tivesse de "brigar" com o passado hors-concours e, claro, com o fato de a banda ter feito de *Shade* o seu melhor trabalho pós-hiato. Apesar de separado por dois anos do 11 de setembro, o disco é diretamente influenciado pelos atentados terroristas, retratados com mais amplitude em *A ? of When* ("Pode acontecer de novo? Não é uma questão de 'se', mas uma questão de 'quando'"), *In Your Name* ("Temos mísseis e tanques; temos bombas e aviões; temos planos e pessoas; e nós fazemos isso em seu nome") e na lindíssima *Flying*, que ganha contornos melancólicos com o encarte na mão: a letra, que começa com "Eu pulei pela janela, para chegar ao estacionamento" é acompanhada da imagem de um edifício, numa referência às Torres Gêmas. Está bom? Mas escute *Song Without Sin*, *Holy Roller*, *Pocket of Tears* e *Sacred Ground*, regravação de uma das quatro inéditas presentes na coletânea *Pride* (1995).



THE CHAIR IN THE DOORWAY (2009)

A primeira coisa que chama a atenção em *The Chair in the Doorway*, e depois de apenas uma audição, é que o quinto álbum de estúdio do Living Colour tem o que poderia ter sido um baita hit radiofônico: *Behind the Sun*. Nível *Glamour Boys*, diga-se, mas muita coisa mudou nos 21 anos que separam uma música da outra. E não necessariamente para melhor, infelizmente. Ainda assim, temos em mãos mais um trabalho com a riqueza musical que o quarteto não consegue deixar de entregar, felizmente. O começo mais pesado com *Burning Bridges* (que faixa de abertura! Que refrão!), *The Chair* e *DecaDance* logo dá lugar à dançante (e irresistível) *Young Man*, que, por sua vez, introduz a introspectiva *Method*. Composição de Wimbish com Annie Bandez, o hard blues com groove *Bless Those (Little Annie's Prayer)* é uma regravação da canção presente em *Short and Sweet*, lançado por Annie em 1992. As mudanças de ânimo podem ser resumidas em *Hard Times*, mas como ignorar a diversidade em *That's What You Taught Me* e *Out of My Mind*? Aqui, a banda conseguiu fazer algo tão inesperado que rola até um "hidden track", a divertida *Asshole*.

CUIDADO

WHO SHOT YA? (2016)

É o seguinte: não há disco do Living Colour que você deve ouvir com cuidado, mas acontece que eu tinha de colocar alguma coisa aqui. Então, fazer o quê? Arrumar critérios, e um deles é que *Who Shot Ya?* é um EP com apenas três músicas inéditas, sendo que uma delas, a própria faixa-título, é um cover que acabou entrando em *Shade*. Além disso, o CD ainda conta com nada menos que seis remixes diferentes para Who Shot Ya?, que também aparece no modo instrumental. Mas, espera um pouco, e as outras duas inéditas? Bom, tem a ótima *Regrets* e, também, uma versão maravilhosa de *This Place Hotel*, escrita por Michael Jackson e originalmente gravada por ele com o The Jacksons em 1980. E o que Glover faz nestas duas, especialmente na segunda... Olha só, vamos fazer o seguinte: *Who Shot Ya?* só está aqui porque, a princípio lançado apenas no formato digital, ganhou uma edição física que foi vendida na turnê de 30 anos de *Vivid*, turnê que passou pelo Brasil em 2019, mas a banda não trouxe o CD para vender aqui. Isso foi sacanagem.

OUTROS: Há dois VHS que nunca saíram em DVD – *Primer* (1989) e *Time Tunnel* (1991) –, e há dois DVDs ao vivo para compensar: *On Stage at World Cafe Live* (2007) e *The Paris Concert* (2008). CDs ao vivo são quatro: *Dread* (1994), *Live from CBGB's* (2005), *CBGB OMFUG Masters: August 19, 2005* (2008) e *The Paris Concert* (2009). Obrigatórios, principalmente *Dread*, exclusivo para o mercado japonês e que está fora de catálogo, mas que vale cada centavo que você for gastar. Coletâneas? *Pride* (1995) traz *Release the Pressure*, *Sacred Ground*, *Visions* e *These Are Happy Times*, que a banda gravou para o que seria o sucessor de *Stain*. Mas *Everything is Possible: The Very Best of Living Colour* (2006) tem o cover de *Sunshine of Your Love* (Cream), até então apenas na trilha de "True Lies" (1994), filme com Arnold Schwarzenegger.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Jared Fix

EM UM NOVO LUGAR

Ao lado do brasileiro Conrado Pesinato, seu guitarrista e braço-direito, Graham Bonnet fala do prazer de fazer parte de uma banda novamente

Por Daniel Dutra

É o terceiro disco da Graham Bonnet Band, mas é o primeiro trabalho depois da conturbada saída do Alcatrazz. O que pode parecer um velho caminho é, na verdade, um novo modal para o vocalista, que mostra em *Day Out in Nowhere* a força da parceria musical com a baixista Beth-Ami Heavenstone (esposa de Bonnet) e o brasileiro Conrado Pesinato, que junta ao posto de guitarrista as funções de compositor, arranjador e produtor para se tornar o braço-direito do veterano músico inglês – o álbum ainda traz uma série de convidados especiais (confira a resenha na ed. #269 da ROADIE CREW). Batemos um longo papo com Bonnet e Pesinato, e agora você fica com alguns dos muitos principais momentos.

Antes de qualquer coisa, gostaria de perguntar sobre a parceria e a química que vocês têm. Como se desenvolveu ao longo dos anos dentro e fora da Graham Bonnet Band?

Graham Bonnet: Eu realmente não sei, mas esse cara é horrível! (risos) Somos grandes amigos, e Beth-Ami e eu o tratamos como um irmão. Aliás, a Beth-Ami, que o conhece desde sempre, foi quem me apresentou a esse grande guitarrista.

Conrado Pesinato: Começou em 2014, mas no ano seguinte foi quando realmente fizemos músicas juntos. Ele compôs *The Mirror Lies*, e eu acabei produzindo, arranjando e gravando a música, que foi o primeiro single lançado pela Graham Bonnet Band. A recepção foi muito boa, e o single contava também com *My Kingdom Come*, composta por Russ Ballard. Foi assim que começamos, e depois disso fizemos nosso primeiro disco juntos, *The Book*, em 2016. Houve um hiato em 2017, mas voltamos agora.

Graham: E temos recebido o feedback de que o novo disco soa muito moderno, isso porque tivemos a melhor das produções. Uma produção que jamais tivemos, e isso se deve a Conrado e Beth-Ami trabalhando juntos, mas especialmente ao Conrado. Não precisamos buscar um produtor no estúdio, porque aqui está ele! É uma coisa caseira, e é muito bom fazer valer a pena acordar de manhã, porque eu não preciso ir a lugar nenhum. Eu já estou ali, já tenho tudo o que preciso! (risos)

E vou contextualizar a pergunta anterior. Graham, você já trabalhou com Ritchie Blackmore, Yngwie Malmsteen, Steve Vai e Michael Schenker, então ter o Conrado ao seu lado como coprodutor diz muita coisa...

Graham: É maravilhoso, porque temos vários profissionais num só! E o Conrado também pinta, decora (risos)... Brincadeiras à parte, ele é excelente, e es-

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

tou muito orgulhoso do que fez no disco. Além da produção, é um guitarrista incrível e um grande arranjador. A primeira pessoa que conheci que arranjava as músicas tão bem foi, provavelmente, Ritchie Blackmore. Steve Vai também é assim, e o Conrado me faz lembrar muito do Steve, nem tanto por tocarem de maneira semelhante, mas porque a cabeça trabalha da mesma maneira, surpreendendo as pessoas com os arranjos, tirando a mesmice das músicas. Em vez de seguir uma reta, ele vai pela direita e nos surpreende, daí ele vira à esquerda, e outra coisa acontece. As pessoas ouvirão o álbum várias vezes e descobrirão algo novo a cada vez. Acredito que fizemos um bom trabalho.

Conrado, você não apenas está preenchendo o espaço de alguns dos grandes da história da guitarra, mas também é o braço-direito do Graham. Como tem sido essa jornada musical para você?

Conrado: Tem sido ótima! Tornou-me um músico muito melhor, em todos os sentidos. E um compositor melhor, também, aprendendo todas as músicas, e não somente os solos, mas os arranjos e os riffs, aprendendo todo o corpo de trabalho que esses guitarristas fizeram ao longo dos anos, absorvendo tudo, mesmo. Lembro-me que, quando fizemos o *The Book*, tive de buscar as gravações originais, porque é um CD duplo: o primeiro disco tem músicas originais, e o segundo, regravações do Alcatrazz, Rainbow e MSG. Recriar aquele material colocando meu próprio toque, mas mantendo a essência, foi desafiador e me tornou um guitarrista muito mais realizado. No começo, fiquei um pouco assustado porque teria de tocar essas músicas ao vivo, mas Graham disse: 'Vai lá e faz o que você faz!', e foi ótimo. Cresci ouvindo esses guitarristas, então definitivamente existe uma influência, mas hoje estou aproveitando mais essa viagem, relaxando para ser eu mesmo.

E por que você, Graham, decidiu que *Day Out in Nowhere* seria um álbum de banda e não um trabalho solo?

Graham: Porque é a forma com a qual me sinto mais confortável, e é como voltar para casa. O que estava acontecendo com aquela outra banda, que não vou mencionar o nome, é que aquelas pessoas estavam me causando dificuldades, então passamos por tempos horríveis (N.R.: Bonnet refere-se ao Alcatrazz). Deixei aquela banda e desejo boa sorte a eles, mas não sei se terão muito sucesso... O que eu tenho agora é algo muito similar, porém mais bem desenvolvido. Minhas palavras nunca são simples, porque eu sempre escrevo algo engraçado ou totalmente grosseiro (risos), e gosto de criar histórias que sejam interessantes. A primeira frase das minhas letras sempre vai levar você à música, vai deixá-lo pensando: 'O que está acontecendo?' (risos). Lembro-me que em *Hiroshima Mon Amour*, da época do Yngwie, a primeira frase diz "era recém-nascido e tinha três metros de altura, mas eles o chamavam de garotinho", e o que isso significa? É esse tipo de coisa que gosto de ter nas músicas, e o ouvinte encontrará algo novo sempre que ouvir novamente. Assim como quando os Beatles lançaram o *Abbey Road* (1969) e todos ficaram curiosos com o disco, o escutavam repetidamente e ficavam acostumados a ouvir aquelas histórias. Nós realmente nos dedicamos a pensar sobre o que a música vai falar e como ela será construída, se devemos alterá-la, e por isso que sempre digo ao Conrado: 'Tem um espaço aqui. Será que colocamos algo nessa?', e tudo isso deu muito certo. Eu não consigo parar de elogiá-lo.

DAY OUT IN NOWHERE
Frontiers - Imp.

E eu iria emendar perguntando exatamente se tinha algo a ver com a separação não amigável do Alcatrazz...

Graham: É bom estar numa banda onde eu me sinto confortável, porque muito antes disso, antes mesmo de entrar no Rainbow, eu só fazia discos solo. Eles foram muito bem recebidos, não necessariamente nos EUA, mas em outras partes do mundo, algo com o qual eu nunca havia sonhado, então nunca tinha pensado em estar numa banda até entrar no Rainbow. Foi aí que entendi o que significava estar numa banda! Era disso que eu sentia falta, mesmo tendo ótimas pessoas tocando nos meus álbuns, e eu tive muita sorte nesse sentido, porque meu empresário conhecia todo mundo. Estar numa banda novamente agora, especialmente com esta, é confortável. A forma como compomos as músicas é tão normal quanto comer, então se antes eu nunca havia pensado que estaria numa banda, agora eu tenho uma e é com ela que ficarei.

Curioso você falar que entendeu o significado de banda justamente numa com Ritchie Blackmore... (risos)

Graham: Eu não sabia o que era o Rainbow, mas sabia do Deep Purple. Quando conheci o Ritchie, eu já tinha ouvido histórias, então pensei: 'Como assim é difícil trabalhar com ele?', porque entendi que ele era muito tímido, uma pessoa muito reservada e que selecionava os amigos a dedo, e eu era um deles. Creio que era isso que chamava a atenção, o fato de ele ter um grupo altamente restrito de verdadeiros amigos. Meu pai era amigo dele, e sempre que tocávamos na Inglaterra meus pais iam ao hotel onde estávamos hospedados, e Ritchie ficava no bar com o meu pai conversando a noite inteira! Ritchie é esse tipo de pessoa, sendo que amava verdadeiramente o meu pai. Antes de subirmos ao palco, sempre conversávamos para ver se podíamos ter um pouco de diversão enquanto tocávamos, agitando as coisas ou fazendo algo meio engraçado, e para isso tínhamos uma garrafa de whisky marcada de preto. Todos brindavam e tomavam uma dose não a ponto de ficarmos bêbados, mas o suficiente para ficarmos alegres, e Ritchie perguntava: 'Acha que estamos prontos?', e eu respondia: 'Acho que sim!'. Sempre procurávamos fazer algo divertido no palco, como num dos solos de bateria do Cozy (Powell) em que resolvemos aparecer, já no fim, com aquelas placas de pontuação dos jurados de natação em Olimpíadas (risos). Ele nos xingava, mas dava risada... Sinto saudades do Cozy, e eu falo dele todos os dias. Conrado e Beth-Ami sabem disso. O Rainbow era divertido e era como uma família. Nunca me sentia desconfortável ao subir ao palco com eles, e tudo dava certo, então tive muita sorte de fazer parte daquela formação. Depois que passei no teste de audição para ser o vocalista, tudo era novo para mim. Como subir no palco para 10 mil, 15 mil pessoas, porque eu achava que ia me mijar de medo (risos), mas foi exatamente o oposto. Senti-me muito bem porque tinha aqueles caras tocando atrás de mim, e eles não podiam falhar.

Mais cedo, você disse que o novo álbum soa moderno, mas gostaria de destacar uma música exatamente porque ela não soa nada contemporânea. É *Suzy*, que soa como se tivesse saído diretamente da trilha sonora de um filme dos anos 1950 ou 1960.

Graham: E a ideia de usar uma orquestra foi do Conrado. Gravei uma música há um tempo com um conjunto

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

de metais, e ela era sobre o meu irmão. Isso é algo sentimental para mim, então perguntei ao Conrado se deveríamos ter um novamente agora, mas como isso já tinha sido feito, ele sugeriu uma orquestra. Quando o arranjo ficou pronto, eu fiquei pasmo e falei para ele: 'Isso fica bom até sem os vocais!' (risos). *Suzy* é sobre uma amiga nossa que costumava ir aos nossos shows e que era muito próxima da Beth-Ami. Ela vivia em Londres e sempre nos dava presentes, fazia bolos... Seu marido é americano, eles tiveram um filho com muitos problemas físicos e mentais, e ela faleceu repentinamente. Nós não conseguíamos acreditar. Falei com o marido dela por telefone, e foi horrível. Ele chorava e disse uma frase que está na letra da música: "She smiled one more time", porque Suzy olhou para ele uma última vez e sorriu antes de morrer. Então essa música é sobre ela, e me deixa muito emocionado. Eu iria cantar numa oitava acima, porque escrevi numa nota mais alta, logo no início, com a orquestra num crescente, e o Conrado sugeriu que eu cantasse o restante das estrofes num tom abaixo, uma oitava abaixo, quase como se eu estivesse falando, e isso fez com que soasse mais honesto. Eu não estou me exibindo naquele trecho, mas no fim eu cantei mais alto e ficou perfeito. Eu amo essa música, e muitas pessoas falam sobre ela. É claro que um tanto quanto emotivas, mas é por causa da música, realmente.

"ESTAR NUMA BANDA NOVAMENTE AGORA, ESPECIALMENTE COM ESTA, É CONFORTÁVEL"
GRAHAM BONNET

Conrado: Lembro-me de quando estávamos compondo para o disco, porque estávamos mostrando riffs um para o outro, porque Graham é um ótimo guitarrista, então a compôs toda na guitarra. Eu já tinha achado a música linda apenas com ele cantando e tocando, então vi que a direção da música poderia ser essa, apenas ele e a guitarra. Mas como temos um excelente tecladista na banda, sugeri fazermos uma versão com piano. Devido à natureza da música, percebi que seria melhor fazer algo mais simples, só que diferente, para dar um sabor diferente ao disco. Começamos a trabalhar com dois amigos meus; um deles é o brasileiro Antônio Teoli, que faz muitas trilhas para videogames; e o outro, o japonês Shota Nakama, que compôs os arranjos orquestrais. Inicialmente, pensamos em fazer de *Suzy* uma faixa bônus para a tiragem japonesa do álbum, mas assim que a ouvimos completa, com a orquestra, foi difícil seguir com essa ideia! Ela ficaria no disco para todos. Graham compôs as progressões, e tem essa voz dele, quase como um crooner em boa parte da música, e, no fim, o clímax da voz. Essa música é como um momento de paz no disco.

Graham Bonnet entre Conrado Pesinato e Beth-Ami Heavenstone: uma nova era para o veterano vocalista inglês

Jared Fix

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILPROVISTA

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

foto: Débora Mello arte: www.jduartedesign.com

A NOVA FORÇA DO PROG/METAL BRASILEIRO NO SEU ÁLBUM DE ESTREIA, COM MIXAGEM E MASTERIZAÇÃO DE THIAGO BIANCHI (NOTURNALL, EX-SHAMAN), GRAVADO NO ESTÚDIO FUSÃO.

Dez faixas que transitam por todas as características que tornaram o Progressivo reverenciado em todo o mundo. Indicado para fãs do Dream Theater e Symphony X.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

MS METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon Prime music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

Entre em nosso Canal no Telegram: LmeBRAS... ...STAS

Land Phil, Dave Witte, Tony Foresta, Ryan Waste e Nick Poulos evidenciam o punk, mas não abrem mão do thrash em *Electrified Brain*

Corey Davenport

MUNICIPAL WASTE

UMA MUTAÇÃO MUITO PERIGOSA

A intensidade do punk e a agressividade do thrash marcam *Electrified Brain*, novo álbum dos gigantes do crossover

Por Valtemir Amler

No começo, parecia uma mistura eternamente heterogênea: punk e metal não se misturavam e pensar o contrário disso, em geral, resultava em argumentações exasperadas e hematomas pelo corpo. Porém, foi muito mais rápido do que se podia esperar, já que ainda nos anos 70 havia bandas misturando metal e punk, e assim gerando todo um novo leque de opções musicais. Thrash, death e black metal foram "crias" célebres dessa mistura de universos musicais e não é por acaso que Tom Angelripper (Sodom) disse a este repórter que foi com a adição do punk que o metal realmente se tornou a música perigosa e intensa que conhecemos hoje. Porém, se o metal extremo representa o lado mais metal dessa mistura, o lado punk prevalece no crossover, tão bem representado pelo nosso entrevistado, o vocalista Tony Foresta (também vocalista do Iron Reagan), que desde 2001 lidera o visceral Municipal Waste. Chegando agora ao seu sétimo álbum completo, eles se mantêm firmes à sua proposta inicial e evidenciam como nunca suas raízes punk/hardcore. Sobre isso, confira mais nesta conversa com o vocalista.

Com o passar dos anos, o Municipal Waste foi chamando a atenção de um número cada vez maior de pessoas, culminando com a ótima recepção de *Slime and Punishment* (2017). Vivendo uma fase tão boa, quando começaram a trabalhar no novo álbum?

Tony Foresta: Acho que começamos a pensar seriamente nisso na segunda metade de 2019. Eu tirei um tempinho de folga da música, pois estava me mudando de Richmond (N.R.: cidade natal da banda, na Virgínia) para a Flórida e precisava me ambientar nesse novo local, acostumar com o novo estilo de vida, essas coisas. Então, basicamente usamos esse tempo de 'folga' para começar a compor novas músicas, pois os planos eram voltar para a estrada logo depois.

O que sabemos que não aconteceu...

Tony: Pois é, acabamos tendo mais tempo (risos). E usamos esse tempo extra, essa que é a verdade. Acho que teria sido pior se apenas tivéssemos ficado sentados, desanimando aos poucos. Acho que a banda até poderia acabar se fizéssemos isso. Então, o que fizemos quando a pandemia fechou tudo foi pegar todas as músicas que tínhamos e olhar novamente para elas, de forma mais crítica. Sei que muitas bandas fizeram isso, usaram o tempo para escrever novas canções ou melhorar as que tinham prontas, mas fizemos à maneira do Municipal Waste. Basicamente, olhamos um para o outro e pensamos: 'O que podemos fazer para piorar essas músicas? Como podemos deixá-las ainda mais cruas, toscas e brutais?' (risos gerais). Procuramos maneiras de cortar qualquer polidez e normalidade que nossas canções poderiam ter, até termos um disco totalmente bruto e sujo, uma meta que nos orgulhamos de ter alcançado em *Electrified Brain*.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Nada como a abordagem punk na hora de fazer música brutal.

Tony: Exatamente. 'Ah, usamos o tempo extra para encontrar nossas melhores ideias e refinar o nosso som.' Ah, meu rabo! (risos gerais) Quem iria querer um disco refinado e com as melhores ideias do Municipal Waste? Nossos fãs sabem bem do que gostam e adoramos entregar o que eles esperam, pois amamos a mesma coisa. Queremos música direta, ríspida, tosca, em uma palavra: punk. É o que amamos e é o que temos em cada um dos nossos álbuns. E nesse novo, numa escala ainda pior (risos).

Vocês tinham grandes planos para março de 2020. Eles serão retomados agora, com as turnês voltando?

Tony: Bem, essa é uma pergunta que ainda não sei responder ao certo. Isso porque nossos planos para o início de 2020 eram de cair na estrada assim que tivéssemos algumas músicas prontas e estaríamos excursionando com Testament e The Black Dahlia Murder. A questão é que, claro, estaremos na estrada para promover *Electrified Brain* já nos próximos dias, mas não temos ainda certeza sobre quem estará ao nosso lado. As coisas ficaram estranhas depois de tantos atrasos e cancelamentos, pois tudo 'ficou para depois', e não sei quanto tempo levará, ou se tudo que foi planejado acontecerá de fato (N.R.: a entrevista aconteceu antes da morte de Trevor Strnad, vocalista do The Black Dahlia Murder).

Pelo que comentou, vocês começaram a trabalhar nas novas músicas quase na mesma época em que lançaram o EP *The Last Rager*, em 2019.

Tony: É, foi basicamente isso. Nós gravamos e lançamos aquele EP e fizemos alguns shows antes dessa pausa para a minha mudança e o início do processo de composição. A verdade é que não imaginávamos que nosso novo álbum viria apenas em 2022, então *The Last Rager* se tornou uma coisa muito maior do que imaginávamos originalmente. Quer dizer, lembro que compusemos aquela música *Wave of Death* e que gostamos muito dela. Tocamos algumas vezes ao vivo e adoramos, queríamos que as pessoas tivessem acesso a ela rapidamente, mas do jeito certo, não apenas gravando e jogando online de qualquer jeito. Queríamos que saísse em formato físico, então pensamos: 'Que tal escrevermos mais algumas músicas e lançar um EP? Assim as pessoas vão ter o que curtir enquanto trabalhamos nas nossas coisas.' O EP foi ótimo, fizemos uma turnê com o Toxic Holocaust pela Europa, tocamos com o Skeletal Remains em Berlim. A coisa estava grande, dava para perceber que estávamos chegando a um público maior. E fico feliz em perceber que, a despeito das coisas ruins que aconteceram nos últimos anos, que existem mais pessoas interessadas em nossa música.

Esse show em Berlim foi o último que fizeram antes da pandemia. Então vocês voltaram para casa e a banda só foi se reencontrar para as sessões de gravação de *Electrified Brain*, certo?

Tony: Sim, foi exatamente assim. Agora, veja como as coisas foram estranhas nesse período. Quer dizer, com a minha mudança, eu já esperava que não veria os caras todos os dias como antes, mas nem nos meus piores pesadelos imaginaria ficar mais de um ano sem ver os meus colegas de banda. Claro que tínhamos contato online, trocamos arquivos durante todo o período, mas não tínhamos como nos ver pessoalmente. A coisa foi literalmente como você disse: voltamos para nossas casas no início de 2020 e só fomos nos ver novamente no estúdio na Filadélfia, quando fomos gravar *Electrified Brain*.

ELECTRIFIED BRAIN
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

O entrosamento que vocês já tinham para manter a coesão da banda foi fundamental.

Tony: Sim, nos conhecemos há tanto tempo que praticamente sabemos como o outro pensa e como gosta de tocar, e isso fez a diferença. Foi por isso que não fiquei inseguro com a minha mudança para a Flórida, pois eu estava a apenas doze horas dos outros caras, poderíamos continuar ensaiando quando necessário, pois eu voaria até lá. Não somos mais garotos, não precisamos mais ensaiar tanto para nos sintonizar, mas da forma como foi é loucura (risos). E isso me faz sentir ainda mais orgulho do que alcançamos nesse álbum, pois ele realmente mostra o quanto essa banda está alinhada e pronta para detonar. Chegamos no estúdio para gravar depois de mais de um ano sem nos vermos pessoalmente e cada um sabia exatamente o que fazer, cada um sabia como soar.

Que bom que encontraram uma maneira de fazer as coisas funcionarem no meio de tudo que acontecia.

Tony: Na verdade, acho que ficar obcecado em como esse álbum soaria foi a nossa salvação nesse período. Sem brincadeira, no começo foi terrível, foi muito complicado encontrar o lugar mental correto e não se deixar cair num abismo de coisas ruins. Perdi muitos amigos para a pandemia, tenho certeza que muitos dos que estão lendo essa entrevista sentiram e sentem o mesmo. No começo foi complicado, me entreguei a pensamentos depressivos, hábitos pouco saudáveis, bebi demais, essas coisas. Então, focar de maneira quase obcecada nessas novas músicas foi o que me permitiu reencontrar o equilíbrio.

Você citou a música punk várias vezes ao longo da entrevista e ela está bem clara em cada uma das composições em *Electrified Brain*. O que pode nos contar sobre a sua relação com o estilo?

Tony: Ah, meu amigo, eu sempre fui um sujeito do punk, sem brincadeira! Eu tocava em uma banda punk antes e mesmo no Municipal Waste sempre tive essa coisa do punk, e da cena punk de que somos oriundos, na realidade. Quando começamos, tocávamos em shows que eram organizados pelas próprias bandas, tocávamos em casas de shows funestas, em residências mesmo (risos), nós e várias bandas punk, era um caos total, e aquilo foi formando o nosso caráter dia após dia. No cenário em que nascemos como banda, não poderíamos ser algo além de punk.

Sim, lembro que o termo 'metal' era usado para designar coisas bizarras em 2001, quando começaram.

Tony: Sim, é disso mesmo que estou falando. Sabe, o Limp Bizkit era considerado um grupo popular de metal naquela época. Que porra é essa?! Se eles eram metal, nós não poderíamos ser (risos gerais). Claro que o verdadeiro público metal sabia a diferença e eles sempre abraçaram nossa música. Ainda bem, pois no fundo tem muito metal na nossa música, especialmente thrash. Mas para as pessoas em geral, em 2001 metal era Limp Bizkit e similares, então quando surgimos como uma nova banda não queríamos ser associados a isso de jeito nenhum! (risos) Era muito mais simples dizer que éramos uma banda punk.

MEGADETH

THE SICK, THE DYING... AND THE DEAD!
UNIVERSAL - NAC.

9,0

Foram seis anos de espera, com percalços como câncer (já curado) de Dave Mustaine, demissão de David Ellefson e pandemia, mas, enfim, *The Sick, The Dying... And The Dead!* nasceu! Nele, mesmo aos 60 anos Mustaine ainda soa musicalmente raivoso e despejando músicas velozes como *Life in Hell*, *We'll Be Back*, *Soldier On!*, *Célebutante* e *Night Stalkers*, que com seus 190bpms é a mais acelerada da história da banda – nessa, o figurão Ice-T retribui a participação de Dave no álbum *Bloodlust* (2017), do Body Count. Outras faixas instigantes são a faixa-título, com linha vocal descolada de Mustaine; *Dogs of Chernobyl*, que vai num 'mid-tempo' até ganhar velocidade; e a diferentona *Mission to Mars*. Já *Sacrifice* e *Junkie* não são ruins, porém destoam um pouco, e a curta *Psychopath* serve mais como introdução para a radiofônica *Killing Time*. Legal que Mustaine deu espaço para contribuições, ao ponto de Kiko Loureiro assinar oito músicas com ele (recorde de um músico no Megadeth!) e do baterista Dirk Verbeuren oferecer riffs de guitarra para duas. E a estreia de Dirk é simplesmente avassaladora! Kiko não fica atrás e, inclusive, insere belos arranjos de violão em várias faixas. Quanto ao baixo, o contratado Steve DiGiorgio (Testament) respeitou as características de Ellefson ao regravá-lo e as linhas soam como se fossem o próprio tocando. Em algumas versões do álbum, há covers do Dead Kennedys e de Sammy Hagar, que atua na releitura do Megadeth. Se você esperava por um álbum à altura do premiado *Dystopia*, *The Sick, The Dying... And The Dead!* atenderá sua expectativa.

Leandro Nogueira Coppi

WITCHERY

NIGHTSIDE
CENTURY MEDIA - IMP.

8,0

Completando 25 anos de estrada, os suecos retornam com a formação renovada, adicionando o baixista Victor Brandt (ex-Entombed A.D.) ao line-up, em substituição ao onipresente Sharlee D'Angelo. De resto, sempre à frente estão os guitarristas Patrick Jansen e Richard Corpse, únicos membros da formação original, além dos "novatos" Chris Barkensjö (bateria) e Angus Norden (vocal). Este oitavo álbum do Witchery transita naquele thrash mezzo death e vice-versa já conhecido, sem grandes alardes, mas eficaz e empolgante. De início temos *Witching Hour*, onde a abertura é feita pelo baterista, que mantém o ritmo rápido e incessante em seus rápidos três minutos. A próxima, por coincidência (ou não), é *Don't Burn the Witch*, mais uma clara referência ao Venom, com o quinteto maneirando na velocidade. Outros destaques são as rápidas *Popecrusher*, *Under the Altar* (instrumental de pouco mais de um minuto), *Churchburner*, com solos matadores e *A Forest of Burning Coffins*. A faixa-título encerra o disco de forma macabra e mais trabalhada, focando no peso e em climas funestos, uma característica registrada do grupo.

Maicon Leite

ANTHRAX

XL
NUCLEAR BLAST - IMP.

9,0

É muito estranho colocar um disco ao vivo pra rolar, perceber que se trata realmente de uma apresentação, mas não ouvir qualquer participação do público. Só que é isso o que passou a ser conhecido como "novo normal" após os tempos bicudos que passamos (e que, em menor grau, ainda estamos enfrentando). E é isso que você vai ouvir em *XL*, novo álbum do Anthrax gravado em 2021 numa live realizada no estúdio The Den, em Los Angeles, para celebrar os quarenta anos de estrada da banda (lembra dos algarismos romanos? XL é 40). Com uma discografia que totaliza onze trabalhos em estúdio, claro que deve ser um problema escolher só 25 músicas para incluir em um show. Mas Joey Belladonna (vocal), Scott Ian e Jon Donais (guitarras), Frank Bello (baixo) e Charlie Benante (bateria) foram bem felizes não só na seleção do repertório, mas principalmente na execução. Temas como *Caught in a Mosh*, *Got the Time*, *I Am the Law* e *In the End* são executados com a fúria habitual, com destaque natural para as guitarras sujas na medida certa. Detalhe: o ex-vocalista John Bush foi completamente ignorado, já que nenhuma faixa dos discos que gravou com a banda entrou no set list.

Antonio Carlos Monteiro

CRUOR CULTUM

EST VEXATOR
HAMMER OF DAMNATION - NAC.

8,5

Experiência no cenário é algo que não falta para a paulistana Cruor Cultum, que já vem disseminando seu pestilento black metal desde 2004, ano do lançamento do seminal *Bloody Days On The Altar*. Sem lançar novo material de estúdio desde 2014, quando saiu *Crown of Beasts*, eles finalmente retornam com uma interessante coleção de canções. Neste novo registro, a faixa-título e *Satan's Gift To Mankind* foram originalmente registradas em 2014, com mixagem feita em 2019. As faixas *Powerful Trident*, *Drink, Woman, Beating to the End* e *Enthroned Lucifer* foram registradas ao vivo, a intro (*Intro in Pravum*) é de 2019, e as demais – *The Abyss Approaches of My Soul* (talvez a melhor do álbum), *God of Justice, King of Flames* (rápida e viciosa), *Subita Ignis Imago Capra* e *Crawling Like A Pig* – são de 2020. Um álbum feito na medida para os apreciadores da fina e sutil arte do raw black metal e que mantém em evidência um dos melhores nomes do nosso profícuo cenário do metal negro.

Valtemir Amler

STORMGREY

DNA OF CHAOS
GREAT DANE - IMP.

8,0

Quem acompanha a cena do death metal old school certamente sabe que o baixista Liudas Remeika passou pelo Dissection e Necropsy; onde também tocou o guitarrista Raimondas Kieras (Conscious Rot e Shadowdances). Juntos com Arūnas Miklajūnas (guitarra), o batera Arūnas Staugaitis (Sullen Guest, ex-Dahmer e Burying Place) e o vocalista Andrius Šaulys (Anomaly, The Perplexx, ex-Metempsychos), eles formam o Stormgrey. Com esse acúmulo de experiência, o grupo da Lituânia deve cair no gosto de quem aprecia a ala mais, digamos, impiedosa da música pesada. Não há concessões ou alívio nas oito faixas de *DNA of Chaos*, o segundo do Stormgrey. Enquanto o vocal de Šaulys é vigoroso, mas não cansativo, Miklajūnas e Kieras criam riffs mais do que efetivos e bons solos. O equilíbrio desses fatores com a segurança do entrosamento entre Staugaitis e Remeika rendem ótimos momentos, como na faixa que nomeia o play, *When Blood Run Cold*, *Womb of Darkness* e *Grinder For Thy Flesh*.

Alessandro Bonassoli

NEURO RUPTURA

[IN]CONSTANTE
MS METAL - NAC.

9,0

Não é preciso bola de cristal ou poderes de clarividência para saber que nem sempre música moderna e metal caminham juntos em harmonia, e que o desequilíbrio pode causar problemas bem sérios. Pois bem,

os gaúchos da Neuro Ruptura pegam muitos elementos do moderno metalcore, mathcore e até djent, e mesclam tudo com doses intensas daquele groove típico dos anos 90, e a mistura soa ótima e equilibrada como poucas vezes ouvi antes em todos esses anos. Com letras interessantes e inteligentes em português, e muito peso no instrumental (confira isso na intensidade dos riffs de *Meu Lugar*, *Em Meio A Guerra*, *Vá Além*, *Confusão* e *Mesma História*, todas elas com um groove absurdo), eles criam um disco que é extremamente denso e pesado, mas que traz em sua fórmula alguns ótimos trunfos, como a ótima mudança de ambiente musical oferecida por canções como *Mudar O Mundo* e *[In]Tolerância* (essa trazendo até uma parte reggae), que com seu clima denso e melancólico praticamente arrastam o ouvinte até diferentes emoções, algo semelhante ao que o Sevendust vem fazendo há décadas. Um belo disco para abrir a nova fase dos gaúchos.

Valtemir Amler

LACUNA COIL

COMALIES XX
CENTURY MEDIA - IMP.

8,5

A ideia até que é interessante: revisitar *Comalies* (2002), terceiro disco do Lacuna Coil e responsável por elevar a banda a um outro patamar dentro do cenário do metal, não fazendo apenas uma nova mixagem, mas regravando-o sob um novo olhar – afinal, muito aconteceu nesses vinte anos... Mas não se preocupem os fãs mais tradicionalistas, a banda não desconstruiu o álbum. O que se nota antes de tudo é que as músicas ficaram mais grandiosas, com arranjos mais refinados, certamente fruto da experiência acumulada ao longo desses anos. Outro aspecto que chama bastante a atenção é a maior participação do vocalista Andrea Ferro, agora se valendo muito mais dos guturais. E, provavelmente por conta disso, os arranjos de vozes ganharam novas cores, com vários duetos protagonizados por ele e pela sempre eficiente Cristina Scabbia – o uso das duas vozes sob uma nova perspectiva fica claro em *Daylight Dancer*, por exemplo, que ganhou muito em qualidade com a nova abordagem, e em *The Prophet Said*, que cresceu absurdamente em termos de peso se comparado com a versão original. Houve também uma enxugada geral no tempo das músicas, mas sem prejuízo da estrutura. No fim das contas, as mudanças não foram tão radicais como Cristina dava a entender, dizendo que elas ganharam "nova pele e novo esqueleto". Mas foi bem mais que um simples banho de loja e deixou o repertório bem mais interessante.

Antonio Carlos Monteiro

JOURNEY

FREEDOM
BMG - NAC.

8,5

Onze anos depois de *Eclipse*, e quando já não se esperava mais um novo álbum de inéditas, o Journey solta *Freedom*, seu 15º disco de estúdio. O título chega a ser emblemático depois dos problemas judiciais com o baixista Ross Valory e o baterista Steve Smith: Randy Jackson e Narada Michael Walden gravaram o disco, e a banda hoje conta com Todd Jensen e Deen Castronovo na cozinha, mas nada que tenha empalidecido Neal Schon (guitarra), Jonathan Cain (teclados) e Arnel Pineda (vocal). E nem mesmo a produção sem pegada atrapalha a audição, porque basta assistir a algum vídeo ao vivo de *You Got the Best of Me*, rock de arena típico do grande pilar do AOR, para sacar a qualidade espalhada pelos 73 minutos de audição. Há baladas, claro, e *After Glow*, com Castronovo nos vocais e o brilho de Schon nas seis cordas, sai na frente de *Still Believe in Love* e *Live to Love Again*, enquanto *United We Stand* e a ótima e épica *Beautiful as You Are* vão muito além do tipo. Mas o bicho pega mesmo em seis das 15 faixas: *The Way it Used to Be*, hino do melodic rock sobre as dificuldades da pandemia; as rock'n'roll e grooveadas *Come Away With Me* e *Holdin on*; a hard blues *Let it Rain*; a funkeada All Day and All Night, com um baixo sensacional de Jackson; e a maravilhosa *Don't Go*, a música mais Journey de todo o álbum. E a execução instrumental? Estamos falando do Journey. Essa parte sempre foi selo de qualidade.

Daniel Dutra

TOMBS

EX OBLIVION
SEASON OF MIST - IMP.

7,5

Desde que foi fundada em 2007 no Brooklyn (EUA), a Tombs vem se mostrando uma banda única em todo o cenário da música extrema, embora os componentes de sua musicalidade não sejam incomuns: não são os elementos em si, mas a maneira como são utilizados que fazem de cada canção do quarteto uma entidade inconfundível e absolutamente apreciável. Após o álbum *Under Sullen Skies* (2020), eles chegam agora com este novo EP, uma interessante coleção de material que deverá fazer a felicidade dos fãs mais fieis. A versão para *Killed By Death*, do eterno Motörhead, é bem respeitável, e imagino que a maioria das pessoas nem saberia que *Commit Suicide* é um cover de GG Allin, caso isso não fosse 'evidenciado na embalagem', por assim dizer. Mas é óbvio que o principal aqui é o material do próprio quarteto, e apenas a faixa-título já faria valer a pena cada centavo investido nesse EP, pois poucos mesclam tão bem o post-rock com o black metal, e isso sem apelar para vocais extremos. Dito isso, poupe seu tempo com as duas últimas, *Sombre Ruin (RKGD Audio Remix)*, e *Murder Legendre*.

Valtemir Amler

RAVEN

LEAVE 'EM BLEEDING
SPV/STEAMHAMMER - IMP.

5,0

O Raven anunciou em julho que assinou com a Silver Lining Music, planejando soltar o novo álbum, 15º da carreira, no ano que vem. Ou seja, só esta pode ser a explicação plausível para a SPV/Steamhammer soltar um catadão mais sem sentido que jogo de casados e solteiros depois de um churrasco no sítio. É, porque a despeito de ter declarado que teriam bônus especiais, vale apenas por *Rock This Town*, já que os outros nada mais são que algumas versões ao vivo – *Crash Bang Wallop* e *Stay Hard* – e covers de Thin Lizzy e Montrose, já conhecidos pelos fãs. As outras do repertório são músicas que constam nos álbuns recentes *ExtermiNation* (2015) e *Metal City* (2020). Prefiro aguardar o que John Gallagher (vocal e baixo), Mark Gallagher (guitarra) e Mike Heller (bateria) planejam para 2023.

Ricardo Batalha

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

Fotos: Divulgação

ROGER GLOVER
(DEEP PUPLE)

Steve Reich - *Music For 18 Musicians*
Led Zeppelin - *Led Zeppelin II*
Chuck Berry - Todos
Little Richard - Todos
The Beatles - *Abbey Road* e *Revolver*

K.K. DOWNING
(KK'S PRIEST, EX-JUDAS PRIEST)

Cream - *Wheels Of Fire*
The Jimi Hendrix Experience - Todos
Deep Purple - *In Rock*
Scorpions - *In Trance*
Ufo - *No Heavy Petting*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

KRISIUN

MORTEM SOLIS
SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

9,5

Várias foram as bandas que, durante os anos 90, ajudaram a expandir a sonoridade do death metal, levando o estilo por caminhos de brutalidade até então inimaginados. O Krisiun foi um desses grupos, e embora Alex Camargo (vocal e baixo), Moyses Kolesne (guitarra) e Max Kolesne (bateria) já não sejam mais os mesmos garotos que registraram os clássicos *Black Force Domain* (1995), *Apocalyptic Revelation* (1998) e *Conquerors of Armageddon* (2000), eles ainda são motivados pela mesma atitude e pela mesma paixão pela brutal música underground, como evidencia *Mortem Solis*. Claro que, mais velhos e com a experiência de tantas turnês mundiais, alcançaram um patamar totalmente diferente em pegada e técnica. De fato, são compositores experientes, e isso transparece em faixas como *Temple of the Abattoir*, que mostra aquele mesmo cuidado nos arranjos que ouvimos em *The Great Execution* (2011), mas com a pegada crua de *Ageless Venomous* (2001) e a produção correta de *Scourge of the Enthroned* (2018). A sequência *Necronomical* (com uma pegada heavy no início) e *Tomb of the Nameless* (fria e perigosa como navalha na carne) também é destaque imediato. Seja você um fã das antigas ou alguém que acaba de descobrir a banda, *As Angels Burn* é outro ótimo exemplo do ataque que este trio pode proporcionar. E se a intenção deles era criar um álbum totalmente brutal e cru, os singles *Serpent Messiah* e *Sword Into Flesh* mostram que tiveram êxito total na empreitada. *Mortem Solis* mostra que o Krisiun é hoje para o death o que o Slayer foi para o thrash nos anos 80: uma referência inevitável e insuperável.

Valtemir Amler

BLAZING RUST

RED TRIANGLE
INDEPENDENTE - IMP.

8,0

Com dois álbuns na bagagem, a banda russa Blazing Rust agora lança o EP *Red Triangle*, composto de duas faixas originais inéditas (*Red Triangle* e *Dalniy Svet*), um cover para *One Eyed Old Man*, do Bathory (presente em um tributo russo à banda de Quorthon), e *Only To Burn (Retrowave Remix)*, uma versão synthwave da música originalmente lançada em *Line of Danger* (2020). Praticando um heavy metal clássico com uma pegada à la NWOTHM, o Blazing Rust cativa de imediato, com muita energia e ótimos riffs, vide a acelerada faixa-título, que também capricha nos solos de guitarra e na paradinha com o baixo à frente. *Dalniy Svet* vai na mesma direção, com letra cantada em russo e excelente ponte entre guitarras e refrão grudentos. A versão de *One Eyed Old Man* também se destaca, não somente por adicionar uma pegada própria, mas por se tratar de uma das melhores faixas de *Blood on Ice* (1996). Por fim, *Only To Burn* agradará os fãs de sonoridades retrô e poderia entrar facilmente em alguma coletânea de synthwave.

Maicon Leite

RAMMSTEIN

ZEIT
UNIVERSAL - NAC.

9,0

Em um momento como esse que vivemos, em que a Guerra Fria parece mais viva do que esteve há décadas, é impressionante que o Rammstein apareça com um álbum como esse. Sim, o clima de 'mundo sob ameaça' aparece em cada transpiração de *Zeit*. E, embora o álbum tenha sido lírica e musicalmente concebido ainda durante os tempos mais duros da pandemia – e, portanto, antes da banda ou qualquer um de nós saber dos acontecimentos que estremecem o mundo a partir do Leste Europeu –, o medo de um mundo de fronteiras fechadas e ameaças veladas de extinção é palpável em cada uma das onze faixas. Apelando tanto para os lados do noise quanto para o industrial e até elementos do eletrônico, o álbum faz bonito musicalmente, seja nos momentos mais 'uptempo', como em *Giftig* e *Armee der Tristen*, seja nos mais emocionais e densos, como em *Schwarz*. Aliás, falando em denso e emotivo, a faixa-título vem justamente nessa pegada que, colocando por um segundo a temática lírica de lado, remete a *Mutter*, outra faixa-título que fez história no repertório dos alemães, há 21 anos atrás. *Zick Zack* é outra das que se destaca, especialmente pela sua ponte e refrão, melódicos e muito simples de cantar junto, uma canção concebida na medida para os shows. Ouça ainda *Lügen* (o efeito na voz é parte da temática lírica), *Meine Tränen* (outra do time 'denso e pesado') e *Dicke Titten*, que é Rammstein em cada detalhe, inclusive no humor. Mais um ótimo disco para uma discografia quase infalível.

Valtemir Amler

COBRA THE IMPALER

COLOSSAL GODS
LISTENABLE - IMP.

9,0

Fãs da psicodelia mastodônica, eis que há um novo nome para suas playlists. Os belgas do Cobra the Impaler chegam ao seu primeiro álbum, apenas dois anos após sua formação, com um metal psicodélico com bases no stoner, mas muitos elementos progressivos, solos cativantes e ótima variação vocal com bastante interpretação lírica. Apesar de se assemelhar muito ao Mastodon, há elementos que vão agradar desde fãs de Alice in Chains, Red Fang e até Gojira, sem soar como cópias. Capitaneada pelo ex-Aborted, Tace DC, o guitarrista montou um time bem entrosado, que ainda contou com o baterista ex-Soilwork e atual Megadeth, Dirk Verbeuren. Dirk também já teve sua passagem pelo death metal do Aborted e aqui, assim como no Soilwork, mostra boa parte de seu potencial progressivo, que é totalmente minimizado na banda de Mustaine, e acaba por ser um dos destaques de *Colossal Gods*. Mas não o maior deles. Tal atribuição pode ser dividida aos trabalhos vocais do baixista Michéle De Feudis e do vocalista Manuel Remmerie, assim como às construções das músicas, que mesmo com toda progressividade, nunca vai ao exibicionismo pretensioso, mas mantendo viagens em meio ao peso. O álbum todo é muito linear em termos de qualidade entre as faixas, mas destacam-se *Blood Eye*, *Scorched Earth* e *Mountains*, que dá encerramento ao álbum entre pesos das bases e ótimos solos. Uma estreia de gala de uma banda que ainda vai dar o que falar.

Heverton Souza

WHITE TOWER

WHITE TOWER
ALONE RECORDS - IMP.

8,0

Formada em 2020, em plena pandemia, a banda grega White Tower iniciou esta nova era de desgraças com sangue nos olhos e riffs nas mãos. No mesmo ano lançaram o EP *Terminator* e agora nos presenteiam com esta bela amostra de heavy/speed metal, composta de dez faixas igualmente empolgantes. O que diferencia o grupo é o vocal ardido de Gago Karapetian, totalmente influenciado por Udo Dirkschneider. Já o instrumental varia entre faixas mais velozes, como a abertura com *Lions of Steel*, e outras mais cadenciadas, como *Leathered Empress*, com um trabalho fantástico do baixista John Maleas e dos guitarristas Nick Vekis e Mike Warbringer, que entregam riffs e solos matadores. As sirenes no início de *I Rule the Midnight*, seguidas de riffs, prenunciam uma volta à década de 1980, e poderiam estar facilmente em algum disco do Accept ou Saxon. Outros destaques são as aceleradas *Curse of the Night*, *Fuel Along Gunfire* e *Soldiers of Metal*, que reforçam a qualidade do álbum. A capa é simples, a sonoridade é orgânica e os temas são clichês, mas são uma dádiva em tempos de produções plásticas e músicas sem sal. Um belo começo!

Maicon Leite

SAVAGE MASTER

THOSE WHO HUNT AT NIGHT
SHADOW KINGDOM - IMP.

8,0

Heavy metal é forjado através de riffs, e os estadunidenses do Savage Master entenderam isso muito bem. Seu quarto álbum, *Those Who Hunt at Night*, é uma verdadeira usina de riffs, perpetrados por Larry Myers e Adam Neal, que acompanhados de John W. Littlejohn e da vocalista Stacey Savage entregam o melhor do Heavy Metal tradicional contemporâneo. Bebendo em influências oitentistas, mandam de cara uma música à la Judas Priest. *Hunt at Night* faz o ouvinte viajar no tempo, e tão logo a música começa, ou você estará cantarolando o riff ou batendo os pés acompanhando. *Eyes Behind the Stars* já segue uma direção mais veloz, enquanto *Rain of Tears* tem um quê de NWOBHM. Embora a qualidade do repertório seja bem homogênea, *Queen Satan* acaba se sobressaindo e é uma séria candidata a melhor faixa, evidenciando a proposta da banda em oferecer uma experiência real e honesta. Agora cabe a algum produtor brasileiro a tarefa de trazê-los para cá, pois seus shows são pura energia metálica.

Maicon Leite

NECROMANTIA

TO THE DEPTHS WE DESCEND...
THE CIRCLE MUSIC - IMP.

8,5

Ao lado do Rotting Christ, Thou Art Lord e Septic Flesh, o Necromantia forma o embrião do metal extremo grego, aquele conjunto de bandas fantásticas que passou toda a década de 90 lançando álbuns clássicos e definidores de gênero. Como desde o começo cada uma dessas bandas, que compartilham integrantes, se dedicou a criar um som próprio, nada mais natural do que termos as diferenças ainda mais acentuadas três décadas depois. E isso é um ponto chave desse novo álbum do grupo de Atenas. Assim, a aura mística, o extremismo sonoro, as boas ideias de arranjo e os ótimos riffs estão aqui, mas o Necromantia deixa de lado boa parte daquela 'pomposidade sonora' que foi adicionada ao longo dos anos na música dos citados compatriotas. É justamente isso que torna muito mais efetivo o ataque de faixas como *And The Shadows Wept...*, *Inferno* e *Eldritch*. Você ouvirá um saxofone sacana na faixa-título (instrumental), mas o álbum retoma ao seu melhor nas novas versões para as clássicas *Lord of the Abyss* e *Warlock*. E essas duas não ficariam menos que ótimas nem que o próprio Kenny G. aparecesse para um solo.

Valtemir Amler

SEVERE TORTURE

FISTING THE SOCKETS
SEASON OF MIST - IMP.

8,0

Se é fã de death metal, certamente já deve ter ouvido falar da banda holandesa Severe Torture. E se teve contato com os álbuns *Feasting on Blood* (2000) e *Misanthropic Carnage* (2002), sabe que Dennis Schreurs (vocal), Thijs van Laarhoven (guitarra) e Patrick Boleij (baixo) sempre tiveram grande afinidade pela música do Cannibal Corpse. Hoje, com a banda completada com Damiën Kerpentier (bateria) e Marvin Vriesde (guitarra, ex-Dew Scented) não seria diferente. É verdade que se passaram doze anos desde o lançamento de *Slaughtered*, mas você nem percebe esse lapso de tempo quando ouve a brutalidade absurda de *Hands And Head Not Found* – o título já entrega o nível de podreira que você ouvirá aqui. Trata-se de um monolito de sujeira e podridão escolhido para fechar esse pequeno EP de três faixas. Por mais que tenham tantos anos de espera por apenas três novas músicas, você há de concordar que *Entangled In Hate* traz todos os ótimos elementos das melhores músicas do Cannibal Corpse, e que a faixa-título também faz bonito. Ou seja, é pouco, mas uma ótima mostra de que eles não perderam a mão.

Valtemir Amler

SLAYER
REPENTLESS

Pela primeira vez abordarei sobre uma capa de minha autoria e a escolha não poderia ser outra senão a de *Repentless* (2015), do Slayer, um divisor de águas na minha carreira como artista gráfico. Slayer sempre foi minha banda favorita. Em 1994, eu tinha 14 anos, praticamente "fugi de casa" para assisti-los e fiquei conhecido no meu bairro como "o cara que fugiu de casa pra ver o Slayer".

Bem antes disso, ainda criança, eu já desenhava despretensiosamente, mas acabei tendo acesso a computadores, já que meu saudoso pai era analista de sistemas. Porém, em meados dos anos 90, comecei a ter acesso ao Photoshop e me enveredei pela arte digital. Me profissionalizei, fiz faculdade de design gráfico e comecei a trabalhar mais. Na início da era da internet, passei a ficar conhecido no underground e dei muitas entrevistas. Em várias delas, uma pergunta era recorrente: "Qual é o trabalho dos seus sonhos?" Eu respondia: "Fazer uma capa para o Slayer!"

Em 2008, resolvi largar emprego, sair do Rio e me mudar para a Serra Gaúcha para me dedicar à arte e à música. As coisas engrenaram e consegui trabalhar para bandas de renome, dentre elas Soulfly e Machine Head. Então, no começo de 2015, o Slayer assinou com a Nuclear Blast, para a qual eu já havia trabalhado. O presidente da gravadora, sabendo do meu amor pelo Slayer, me convidou para mostrar meu trabalho. Havia outros artistas envolvidos, mas tive sorte, pois a banda gostou de um dos meus rascunhos, o que acabou virando a capa de *Repentless*.

Foram meses de trabalho árduo ao lado de Tom Araya e Kerry King, mas a coisa foi tomando a forma que eles queriam. Tive liberdade para criar e desenvolver o conceito inicial, que deveria ser inspirado nas antigas artes dos discos da banda, com abordagem surrealista e mórbida de pintura a óleo antiga, esquecida num porão, já quebradiça. Então, meu olhar na criação foi realmente de fã. A capa, que traz o conceito clássico antirreligioso do Slayer, é bastante obscura e com uma paleta de cores quentes, apocalíptica, em alusão ao inferno.

Tive a sorte de meu pai estar vivo para presenciar minha conquista. Minha mãe, infelizmente, já havia falecido, mas de alguma forma sei que presenciou isso, onde quer que esteja. Sou orgulhoso deste trabalho e aquela "fugida de casa" fez sentido, dando a deixa de que nada é por acaso. Zerei a vida!

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

BLIND GUARDIAN

THE GOD MACHINE
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Twilight Orchestra: Legacy of the Dark Lands foi um projeto audacioso e um sonho que vinham nutrindo desde os anos 90, a tal ponto que é inegável que ele vinha influenciando a direção musical de todos os discos da banda desde então. Pois bem, o sonhado disco orquestral foi lançado em 2019, e os reflexos já podem ser sentidos neste *The God Machine*, que não é apenas o novo disco 'metal' do quarteto alemão, mas muito provavelmente o disco mais metal que eles fizeram desde o início dos anos 90. Se a impressão de um álbum muito mais intenso e pesado já ficava bastante nítida quando ouvimos o single *Blood Of The Elves*, ela apenas se faz confirmar quando ouvimos as demais faixas. Todas elas são erigidas em torno de riffs intensos, bateria rápida e linhas vocais melódicas, mas também agressivas de um Hansi Kürsch que cada vez sabe postar melhor sua voz em ambientes musicais mais pesados. Falando nisso, são as vozes que comandam o show em *Life Beyond The Spheres*: o verso, o refrão, os backings e corais, tudo funciona à perfeição. O mesmo poderia ser dito de *Damnation*, que ainda tem a audácia (recompensada com brilhantismo) de misturar AOR e heavy metal, coisa para poucos, diga-se. Você certamente vai curtir a 'vibe' metal tradicional de *Violent Shadows*, assim como *Deliver Us From Evil* (rápida e bem power metal) e *Secrets Of The American Gods* (o grande épico do álbum), mas eu fico mesmo com *Architects Of Doom* e suas linhas de guitarra coladas no thrash. Um belo álbum, e uma prova definitiva que o metal é o que melhor define o Blind Guardian.

Valtemir Amler

GRAVEYARD OF SHADOWS

ABYSSAL
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Desde os primeiros anos da década de 90, época em que a Inglaterra revelava para o mundo os melhores discos da tríade para sempre conhecida como 'The Peaceville Three' - ou seja, Paradise Lost, Anathema e My Dying Bride - não vivíamos um momento tão propenso ao doom/death como este que vivemos nos últimos anos. Se nomes tradicionais como Shape Of Despair, Consecration, Funeral e Enchantment tem lançado ótimos álbuns, novos projetos como este Graveyard Of Shadows, capitaneado por Vinicius Ulises Lima, também têm feito por merecer atenção. Tudo aquilo que você espera do doom/death, os vocais extremos, os riffs densos e lentos, as canções carregadas e a atmosfera lúgubre, tudo está aqui, distribuído de maneira coesa e satisfatória ao longo dos mais de 50 minutos da obra. *The Black Curse*, com seu riff denso e melódico, *New Rose*, com suas linhas acústicas e *I Cry To Myself* com seu teclado pungente complementando as linhas de guitarra formam uma sequência triunfal, e são destaque inevitável. Os vocais em alguns momentos soam um pouco 'à frente' na mixagem, mas nada que atrapalhe a audição.

Valtemir Amler

SANTUÁRIO

1982-1987
CLASSIC METAL - NAC.

10

Assim como o Virus, presente na coletânea *SP Metal I* (1984), soltou seu debut, *Contágio*, 38 anos depois de sua fundação, o Santuário, que estreou no *SP Metal 2* (1985), agora traz uma compilação que retrata toda a sua história. Pode ter demorado 40 anos, mas o que Ricardo "Micka" Michaelis (vocal, guitarra e produtor), Jorge "Rato" Bastos (baixo) e Alessandro Marco (bateria) prepararam ao lado da gravadora Classic Metal, em sua série "Memórias Metálicas", é mais que um presente aos fãs. O material, muito bem produzido, saiu em diferentes versões: LP duplo, CD Duplo em box e box quádruplo com três CDs, um com raridades ao vivo e de ensaios gravados nos anos 80 e um DVD com um documentário (incluindo a passagem pela Colômbia e a presença do vocalista Nilton "Cachorrão" Zanelli) e o show de 30 anos do *SP Metal II* (2015). Como o repertório é dividido pelas fases da carreira da banda de São Vicente (SP), é interessante notar as mudanças e a evolução tanto na concepção das letras, da ingenuidade da fase inicial que consta em "Batalha I: 1982 – 1984", quanto na musicalidade, indo do hard ao metal tradicional, incluindo aquele toque épico que sempre marcou a trajetória do Santuário. Além disso, Micka interpreta perfeitamente o estilo característico de seu irmão, Julio Michaelis Jr., falecido em dezembro de 2010 e que ficou na banda de 1982 a 1986. Trata-se de um registro histórico obrigatório a todos os entusiastas do metal brasileiro. Ver a vida passar escutando um álbum é emocionante. Obrigado, Santuáaaaaaaaaarioooooo!

Ricardo Batalha

BRUNNO MARIANTE

BLACK WIND
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

O heavy metal tradicional – de Judas Priest a Iron Maiden, além de muitas referências à essencial NWOBHM – é a tônica de *Black Wind*, trabalho mais recente de Brunno Mariante. O vocalista de Campinas (SP), que tem Andreas Dehn (guitarra e voz), Rick Posi (baixo) e Leonora Molka (bateria) na competente parte instrumental, desta vez reuniu 14 convidados especiais estrangeiros e brasileiros. Citar a lista toda de todos os músicos, faixa por faixa, inviabilizaria esta resenha por pura falta de espaço. Mas não há como deixar de destacar Aires Pereira, baixista do Moonspell, em *Running Fight*; Fabio Lione (voz, Angra) em *Nameless*; Flávio Luis (voz, Maiden X) e Paulo Bertoni (guitarrista do Kadabra) em *Onslaught*; Bill Martin (voz, Hellish War e Dark Witch) e Thiago Oliveira (guitarra, Warrel Dane) na pesada faixa-título; Marcelo Frizzo (voz, ex-Javali), Luciana Lys (voz, Constellia) e o tecladista Quilder de Paula, na cadenciada *Alone*; e Edu Ardanuy (guitarra, Sinistra, ex-Dr.Sin), Samuel Zechin (guitarra, Scenes From a Dream) em *Eye Of Perception*.

Alessandro Bonassoli

THE BEST NOISE EVER...

THE BRAZILIAN METAL TRIBUTE TO 80's
SECRET SERVICE - NAC.

8,0

Primeiro, não há – por pura falta de espaço – como comentar os 31 participantes desta coletânea organizada pela Secret Service Records. Segundo, merecem aplauso as bandas, que ignoraram as possíveis críticas por terem gravado covers de ícones pop da década de 80. Dito isso, as faixas se encaixam em três categorias: bem fieis às originais dentro de um padrão heavy metal; fiéis, mas adequadas ao estilo de quem fez o cover; e as totalmente calcadas no estilo de quem "coverizou" as originais. Do primeiro grupo, destaco as belas versões do Orquídea Negra para *Kayleigh*, do Marillion, uma das influências da banda catarinense, e do Genocidio, para *Pictures Of You*, do The Cure. Do segundo, minhas favoritas são The Giant Void, com *Billie Jean*, de Michael Jackson, e Ad Inferi, que caprichou em *(I've Had) The Time Of My Life*, de Bill Medley & Jennifer Warnes, com um belíssimo dueto entre Alessandra Lodoli e Raphael Dantas. Do terceiro, cito a espetacular versão black metal do Pagan Throne para *Take On Me*, (sim!) do A-Ha, e a consistente leitura do Ego Abscense para *Hold The Line*, do Toto. Mas ouça essas e as demais 21 e tire suas próprias conclusões.

Alessandro Bonassoli

KILLIN'GROUND

THE PLAGUE SEASON
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Certas vezes, a coisa é tão maluca quanto sensacional. Se você é fã de thrash metal, e tem especial satisfação ao ouvir bandas como Mordred, Anacrusis, Realm, Mekong Delta e Hexenhaus, certamente já sacou o que estou querendo dizer. Pois bem, com o Killin'Ground a pegada é essa mesma e você pode esperar qualquer coisa sendo 'cuspida' pelo quinteto nas sete faixas (e mais de 50 minutos) que formam *The Plague Season*, primeiro álbum completo dos cearenses – mas espere que seja pesado, bem pesado. É isso basicamente que se ouve em faixas como *I've Been Dead Before* e *Corruption Epidemic*: riffs thrash repletos de groove, e técnica suficiente para fazer o ritmo decair de maneira repentina até partes jazz/fusion, e então retomando os caminhos do groove/thrash novamente, como se nada tivesse acontecido, tudo muito natural. E realmente é natural quando feito com tanto cuidado, e com uma produção que destaca o trabalho de cada músico. O álbum como um todo apresenta essas qualidades, mas *Feast of Saturn*... Ah, essa é absurdamente boa!

Valtemir Amler

MONUMENTS

IN STASIS
CENTURY MEDIA - IMP.

9,5

Se os britânicos do Monuments já desbravavam novos caminhos no metal em sua mistura de metalcore, djent e prog em seus três primeiros álbuns – *Gnosis* (2012), *The Amanuensis* (2014) e *Phronesis* (2018) –, pode-se dizer que no quarto rebento, *In Stasis*, seu som orgânico, técnico e por vezes intrincado, com vocais guturais, gritados e limpos, foi elevado a outro patamar. Isso já fica claro na trinca inicial *No One Will Teach You* (esta com a participação de Neema Askari, que foi vocalista da banda no começo da década de 2010), *Lavos* e *Cardinal Red* (parceria com Mick Gordon, compositor de trilhas de games). Nestas faixas, o fã é convidado a adentrar ao aparentemente sem limites mundo criativo do líder e guitarrista John Browne, perito em despejar uma tonelada de grandiosos riffs. O ritmo não cai com *Opiate*, onde o trabalho da cozinha formada pelo baixista Adam Swan e o baterista Mike Malyan também faz a diferença. Já a espetacular *Collapse* dá espaço para o vocalista Andy Cizek, substituto de Chris Barretto, esbanjar todo seu talento. Menção honrosa para Spencer Sotelo (voz, Periphery) em *Arch* Essence e outra dobradinha com Gordon em *False Providence*.

Thiago Prata

DEATHSPIT

CHAOS OF DOOM
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Mineira, a Deathspit provém de um solo muito acostumado ao thrash/death metal, e é fácil sentir que familiaridade com o gênero é o que não falta neste EP, muito bem intitulado *Chaos of Doom*. Com letras que versam a desesperança e falta de sentido em um mundo abandonado pelas divindades, 'desgraça' e 'caos' são coisa que não faltam na música do trio hoje formado por Rafael (bateria), Audrey (baixo) e Victor (vocal e guitarra). Encontrar destaques dentre um repertório tão coeso e equilibrado pode ser um pouco desafiador, mas após repetidas audições, você perceberá que algumas canções (poderíamos dizer 'alguns riffs', pois aqui são eles sempre que guiam a ação) perduram mais tempo na mente, e isso sempre é indício de algo positivo. Portanto, se quer um início rápido no universo musical da Deathspit, *Lost Mind* pode ser uma ótima pedida, seja pelo seu riff thrash, vocais que convidam a cantar junto no refrão e pela sonoridade do baixo 'na cara' em vários momentos da canção. Não deixe de ouvir *Namaste*, outro destaque até óbvio do disco, assim como *No God* e *Warfare Noises*.

Valtemir Amler

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

PANTERA

POWER METAL

O quarto álbum do Pantera é o primeiro a contar com os vocais de Phil Anselmo. Lançado em 24 de junho de 1988 pela Metal Magic Records, não traz a essência do que a banda americana se tornaria depois, com *Cowboys from Hell* (1990). Segundo Anselmo, *Power Metal* não pode ser visto como glam metal e a associação das pessoas se dá pelos discos anteriores gravados com o vocalista Terry Glaze – *Metal Magic* (1983), *Projects In The Jungle* (1984) e *I Am The Night* (1985). "Não tem nada a ver com Mötley Crüe, Poison ou algo do tipo. É mais uma questão de imagem, mas se olhar para aquela época vai ver que era um visual praticamente padrão. *Power Metal* ainda é um disco que funciona para mim."

De qualquer modo, o grupo se tornou influente, moldando a sonoridade de seguidores com seu thrash/groove metal. "O Pantera revolucionou a sonoridade e a forma de se fazer heavy metal. O que se faz hoje é uma espécie de regurgitação. Dimebag tinha aquele som monstruoso de guitarra e as bandas de hoje tentam fazer igual", sentencia Anselmo, que atualmente se prepara para cair na estrada ao lado Rex Brown (baixo), Zakk Wylde (guitarra) e Charlie Benante (bateria) para prestar um tributo à memória dos saudosos Dimebag Darrell e Vinnie Paul.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **8,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **6,0**
Claudio Vicentin (editor): **6,0**
Daniel Dutra (colaborador): **6,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **7,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **8,5**
Heverton Souza (colaborador): **7,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **7,0**
João Messias Jr. (colaborador): **7,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **6,0**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **6,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **5,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **5,0**
Maicon Leite (colaborador): **7,0**
Matheus Vieira (colaborador): **7,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **5,0**
Thiago Prata (colaborador): **5,0**
Valtemir Amler (colaborador): **5,0**

MÉDIA FINAL:

6,3

AMON AMARTH

THE GREAT HEATHEN ARMY
METAL BLADE - IMP.

9,0

Depois de lançar *Berserker* em 2019, o Amon Amarth teve seus planos atrapalhados pela pandemia, e não foi uma das bandas que mais aproveitou o momento para lançar discos ao vivo, coletâneas, EPs com regravações e outros materiais típicos dessa época. Porém, com a melhora da situação, eis que volta em uma turnê ao lado do Machine Head e, melhor, com um novo álbum novinho em folha! E esses não são os únicos motivos para celebrar, já que *The Great Heathen Army* apresenta vários daqueles valores que são tão caros aos fãs da banda de Estocolmo. Entre eles, as vocalizações extremas em linhas melódicas típicas de Johan Hegg, os riffs thrash banhados em heavy tradicional da dupla Olavi Mikkonen/Johan Söderberg e a cozinha densa e cadenciada de Ted Lundström (baixo) e Jocke Wallberg, que assumiu a bateria no álbum anterior. Claro que você perceberá esses fatores desde a abertura, com *Get In The Ring*, que trará sorrisos de satisfação aos fãs de *Versus The World* (2002) na mesma medida que *Heidrun* alegrará os fãs de *Twilight Of The Thunder God* (2008). As guitarras são protagonistas em todos os momentos, e não é de todo uma surpresa que elas brilhem ainda mais nas linhas melódicas, que cada vez assumem maior protagonismo diante das partes mais agressivas. Sim, o Amon Amarth vem se transformando ao longo dos anos e ganhando público maior, mas a qualidade de canções como *Oden Owns You All*, *Saxons And Vikings* (com Biff Byford, Doug Scarratt e Paul Quinn) e *Skagul Rides With Me* mostram que mudanças podem, sim, vir para o bem.

Valtemir Amler

TRENDKILL INC.

TRENDKILL INC.
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

Não existe uma fórmula definida para que uma banda de heavy metal se destaque no cenário, mas alguns fatores são determinantes para que o seu nome seja ecoado na multidão: dominar os instrumentos, ter uma boa gravação e em especial, ter bons riffs na manga: algo que o quarteto paulista aqui tem na bagagem. Com três anos de estrada e alguns singles, Kelvin Wallace (vocal), Sandro Murdok (guitarra), Sandro Cezzar (baixo) e Alê Fontana (bateria) soltam agora o primeiro EP. Bebendo na mescla de heavy e thrash, mostram ótimos riffs e andamentos bem pesados, que nos fazem lembrar o legado de nomes como Metallica e Testament, em especial nas faixas *Duality* e *Sharpshooter*, essa com 'gang vocals' bem interessantes. Só que nem apenas de bons momentos vive esse trabalho. *Silence of Death* é um exemplo de música que pedem vozes mais agressivas. O potencial a banda tem, principalmente por terem um guitarrista excelente, que só precisa se atentar a alguns detalhes, saber encaixar melhor algumas vozes e partir para o abraço.

João Messias Jr.

PEPE BUENO & OS ESTRANHOS

BAGUNÇA
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Pepe Bueno não é só estranho, como diz o nome de sua banda. Ele inquieto. E eclético. O baixista do Tomada, agora também vocalista, nunca escondeu influência e admiração por outros gêneros musicais e aqui resolveu deixar isso evidente – daí o título do álbum. Só que de bagunça o disco tem muito pouco. Trata-se de um apanhado de composições de Pepe (com vários parceiros), um tema de Xande Saraiva (Baranga, Cosmic Rover) e duas releituras que mostram que o rock é a base de seu trabalho, mas que há muito mais envolvido nele. O álbum já abre escancarando isso: a instrumental *Discou* é uma mistura de rock e disco music, com direito a naipe de metais e à guitarra pesada de Marcello Schevano (Golpe de Estado), um dos muitos convidados. *Baião Blues* é autoexplicativa, *Caipira Pira* faz o rock sujar os pés na terra do sertão e por aí vai. Cada música é uma surpresa sonora, culminando com o rockão *Nada É Concreto* e com as versões de *Agora Eu Sei* (Roberto Carlos) e *Dentadura Postiça* (Raul Seixas), que ganhou letra em espanhol. O mais legal é que tudo vem envolto na mais completa naturalidade, nada aqui soa forçado. A produção, a cargo de Pepe e Gabriel Martin, está primorosa, oferecendo às músicas tudo o que elas pedem – nem mais, nem menos. *Bagunça*, além e acima de tudo, firma Pepe Bueno como um dos mais criativos compositores do nosso rock.

Antonio Carlos Monteiro

PERCY'S BAND

PERCY'S BAND
DIE HARD - NAC.

9,0

Percy Weiss foi um dos maiores vocalistas do rock brasileiro, como comprovam suas passagens por bandas como Made in Brazil, Patrulha do Espaço, Harppia e Quarto Crescente. Na primeira década dos anos 2000, estava investindo em carreira solo, mas com seu falecimento, em 2015, parte do material em que estava trabalhando acabou ficando inédita. Até agora, graças à Die Hard, misto de loja de discos e gravadora que resgatou composições de Percy em parceria com o guitarrista Theo Godinho (Jaguar, A Chave do Sol), falecido em 2010, e disponibilizou-as em CD. A Die Hard optou por deixar as músicas como estavam – há inclusive duas que não têm vocal, solo e nem título. O único acréscimo foi um solo de Robertinho de Recife em *Coração Versus Razão*, que era um desejo de Percy. Mas essa crueza (que eu prefiro chamar de respeito) de forma alguma compromete o resultado do disco. As gravações, que contaram com Walton Bart (baixo) e Xepa (bateria), têm excelente qualidade e mostram que Percy e Theo estavam no auge da criatividade. Nos oito temas que a dupla deixou completos há rocks diretos (como *Coração Versus Razão* e *Eu Não Presto*), temas mais, digamos assim, tranquilos (*Não Sobrou Nada*) e muito groove (*Perdi o Controle*). Mas este não é um disco para criticar e sim para saudar a memória de dois grandes músicos que se foram cedo demais e que agora têm sua parceria perpetuada.

Antonio Carlos Monteiro

HELL AND BACK

A THOUSAND YEARS
PURE STEEL - IMP.

8,0

Agent Steel, Helstar, Jag Panzer, Manilla Road e Wild Dogs são nomes que sempre considerei como alicerces do heavy metal tradicional nos Estados Unidos. Infelizmente, esta escola da música pesada jamais alcançou o mesmo sucesso que os conterrâneos do hard rock e do thrash metal. Mas, nem por isso, desapareceu. E continua pulsando, como indica *A Thousand Years*, estreia do Hell And Back. Ainda que o press release da gravadora aponte Overkill, Metal Church e Flotsam & Jetsam como influências da banda de Cleveland (EUA), Chris Harn (vocal), David Kirk e Matt Schoestek (guitarras), Chris Barwise (baixo) e Robert Brandt (bateria) enveredam para os nomes que iniciam esta resenha. O

quinteto gera aquela vontade contagiante de estar em frente ao palco castigando o pescoço ao som de faixas como *Atomic Ascending*, *The Last Day* e *Disobeying The Gods*. Tecnicamente o grupo nada deixa a desejar, mas não espere arranjos intrincadas. É metal puro, simples e eficiente, sem alegorias e adereços. Destaque para os agudos de Harn, a faixa-título à la Judas Priest e uma ótima versão para o hino *See You In Hell*, do Grim Reaper.

Alessandro Bonassoli

BADLAND'S HERO

BADLAND'S HERO
MS METAL - NAC.

9,5

Cerca de um ano atrás você leu aqui mesmo, nas páginas da ROADIE CREW, a resenha de *Running Through My Veins*, álbum de estreia da Badland's Hero, banda que surpreendia qualquer expectativa com uma música plural e variada, além de muito bem composta e executada. Pois bem, a premissa ainda é válida nesse segundo álbum, a pungente e elegante mistura de gêneros permanece no foco, mas o heavy metal aparece de forma mais evidente neste *Badland's Hero,* tornando-o um disco mais pesado que o seu antecessor. Movimentos bem típicos do metal poderão ser percebidos sem dificuldade em faixas como *Make Yourself New*, *Better* ou ainda na ótima *Master of the Rain*, que passeia de Iron Maiden e Helloween até Van Halen sem dificuldades. Existe também o hard rock clássico de *Headbangers Ballroom*, ou este mesmo hard mergulhado em um universo AOR/power ballad em *Trust*. Se não bastasse, o 'tom faroeste' evidenciado nas capas dos dois álbuns e no nome da banda aparece em *Deep In Your Heart*, enquanto a faixa que dá nome à banda e ao disco mescla blues, metal e hard com maestria. Acredite se quiser, mas eles subiram de nível aqui.

Valtemir Amler

WICKED SENSATION

OUTBREAK
ROAR! ROCK OF ANGELS - IMP.

8,0

David Reece certamente não encontrou problemas para trabalhar durante a pandemia, o vocalista não só lançou *Blacklist Utopia*, seu novo trabalho solo, como iniciou um projeto com Herman Frank (ex-Accept) e ainda aceitou o convite do guitarrista Michael Klein para gravar *Breakout*, novo do Wicked Sensation, repetindo a ótima parceria estabelecida em *Adrenaline Rush* (2014). Reece contou à ROADIE CREW que, "provavelmente", ele é "mais um convidado do que um integrante" da banda, devido às incertezas pandêmicas. O fato é que Reece, Klein e Sang Vong (guitarra) compuseram 11 novas faixas do hard rock bom e moderno que caracteriza o Wicked Sensation, com a produção de Dennis Ward (Pink Cream 60, Unisonic, Angra, Kiko Loureiro e outros). Mitch Zasada (baixo) Alex Hlousek (bateria) e Bernd Spitzner (teclados) completam o time e o resultado agrada muito, como em *Starbreaker*, *Child of Sorrows*, *Satisfy Temptations* (que riff!), *Face Reality* e *Jaded Lady*. Ah, e ainda tem um convidado que "talvez" você conheça: Gus G. (Firewind, ex-Ozzy), abrilhantando a ótima *Light In The Dark*.

Alessandro Bonassoli

MANIC SINNERS

KING OF THE BADLANDS
FRONTIERS MUSIC - IMP.

9,0

Aos que não garimpam novas bandas e teimam que o hard rock morreu, sinto lhe informar: ressuscitou faz tempo! Mesmo sem a exposição de outrora, hoje tem representantes em eixos inimagináveis. Como o Manic Sinners, da Romênia, por exemplo. Nesse álbum de estreia, fica claro o motivo de o grupo do país do Conde Drácula ter assinado com a Frontiers. Espere por peso, riffs e solos estonteantes, camas discretas e bem pensadas de teclado e linhas vocais e instrumentais generosamente melódicas – além da mix competente de Alessandro Del Vecchio. Você se surpreenderá com o talento do trio Ovidiu Anton (vencedor do Eurovision Song Contest National Selection, de 2016) - de voz estilo Zak Stevens (Savatage, Circle II Circle) -, Toni Dijmarescu (guitarra e baixo) e Adrian Igrisan, multi-instrumentista e integrante também do Cargo, mais bem sucedida banda romena. E tome hardões: *Drifters Union*, *King of the Badlands*, *Anastasia*, *Carousel* (que refrão!), *Nobody Moves* e *A Million Miles* você ouvirá no 'repeat'! Se for fã de TNT, Hardline, Guardian e House of Lords, vai para o abraço!

Leandro Nogueira Coppi

FULLRAGE

RESURRECTION DENIED
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

O que esperar da reunião de integrantes de um dos maiores expoentes do thrash metal nacional? A confirmação daquela velha máxima de que "quem é rei nunca perde a majestade"! Resurrection Denied é uma banda/projeto de dois ex-integrantes do grupo gaúcho Leviaethan – Carlos Lots (guitarra) e Danilo Pizzato (bateria) –, que após algumas conversas e ideias, recrutaram Flávio Soares (vocal) para tal empreitada e, para completar o time o baixista Marcelo Cougo, outro músico experiente da cena gaúcha, foi recrutado. O resultado é uma aula de thrash 'old school', mas com uma pegada atual, mais vibrante. Riffs totalmente inspirados nos áureos tempos do estilo, bateria marcada aliada a técnica e peso e vocais cheios de raiva e agressividade. A maior prova disso é a faixa de abertura, I Do Not Bow, na qual a guitarra de Lots rasga os alto-falantes num peso absurdo, enquanto Pizzato imprime doses cavalares de brutalidade em seu kit. E tome mais porradaria com Learning to Die, que traz uma forte influência de Overkill (algo explícito na arte de capa), Resurrection Denied, com aquela levada típica do estilo nos anos 80, assim como The More They Have. Outros ótimos momentos são Where Your Blood Lies (uma aula de pancadaria), The Rage Inside com uma pegada mais "atual", Breaking Loose e a pedrada The Things I Learned to Hate, que encerra o repertório. Uma pena que, segundo Danilo e Flávio, trata-se apenas de um projeto e podem acontecer alguns shows isolados, nada mais que isso. Os fãs do estilo esperam que essa ideia não se confirme.

Sergiomar Menezes

7PELES

O TERCEIRO EVANGELHO DO 7PELES
MUTILATION - NAC.

9,0

Tem sido uma tradição quase que anual, perpetrada desde 2019: a cada ano, um 'novo evangelho' é liberado pela banda carioca, sempre com sete novas canções, e com o lançamento invariavelmente marcado para coincidir com um 'dia santo', mostrando uma forte ideologia que data dos primeiros dias do grupo. Se os dois primeiros foram lançados no Natal de 2019 e 2020, a banda reapareceu agora em 2022, e desta vez lançando seu novo e terceiro álbum na Páscoa, mais precisamente, na 'Sexta-Feira Santa'. Nada mais 'clerical' que isso, né igreja? Pois bem, musicalmente eles permanecem naquela jornada que vimos nos primeiros registros: a base é black metal tradicional, mas existe muito espaço para novas informações, diferentes dinâmicas e mergulhos em novos universos, tudo isso sem nunca perder aquela aura negra e sombria fundamentais ao estilo. Perceba essa mistura de tradicionalismo e novas ideias em *Oh Salomé*, faixa que encerra esse álbum, e que inclusive ganhou videoclipe, confira! *Pérolas Aos Porcos*, com seus riffs cravados no metal tradicional oitentista também exige seu lugar de destaque, assim como a incrível arte de capa.

Valtemir Amler

RELEASES

ZZ TOP

RAW ("THAT LITTLE OL' BAND FROM TEXAS" SOUNDTRACK)
SHELTER/BMG - IMP.

9,5

Foi ideia do diretor Sam Dunn, que assinou o documentário *That Little Ol' Band from Texas* (2019), que a banda retratada na película, o lendário ZZ Top, gravasse de maneira crua, como era nos primórdios, a trilha sonora do filme. E assim foi: Billy Gibbons (vocal e guitarra), Dusty Hill (vocal e baixo) e Frank Beard (bateria) se reuniram, sem plateia, no Gruene Hall, histórica casa de shows da terra natal do grupo, para registrar as doze músicas que compõem a trilha sonora. A gravação retrata claramente o 'raw' (cru) do título, já que dá pra perceber que é tudo completamente ao vivo, sem qualquer tipo de correção ou overdub. Só que uma banda que se apresenta junta desde 1969 não poderia entregar outra coisa que não fosse uma apresentação certeira e cheia de feeling e groove, como é característico do som do trio. Desde temas improváveis, como *Certified Blues* (do primeiro disco, *ZZ Top's First Album*, de 1971), até clássicos como *La Grange*, *Legs* e o maior deles, *Gimme All Your Lovin'*, ajudam a mostrar porque o trio texano se tornou uma lenda do rock sulista. E como se tudo isso não bastasse, *Raw* ainda se tornou o último registro do baixista e vocalista Dusty Hill, que faleceu em 2021, aos 72 anos. Uma bela e justa homenagem.

Antonio Carlos Monteiro

CLAUSTROFOBIA

UNLEECHED
WIKIMETAL - NAC.

9,0

São quase três décadas dedicadas ao thrash/death, celebradas da maneira mais visceral possível, superando perrengues e criando ótima música extrema. Nada mais justo do que o Claustrofobia se livrar das 'sanguessugas', gritando para o mundo toda a sua fúria e poder nesse novo *Unleeched*, seu sétimo e mais novo álbum. Lançado seis anos depois de *Download Hatred* e quatro após o EP *Swamp Loco*, o novo registro mostra uma 'curva de aprendizado' ainda mais acentuada, equilibrando como nunca antes os elementos de suas várias fazes, algo curioso, se levarmos em consideração que esse é o primeiro completo atuando como trio – Marcus D'Angelo (vocal e guitarra), Caio D'Angelo (bateria) e Rafael Yamada (baixo, Lockdown, ex-Project46). Fato é que eles apresentam novas e ótimas ideias em *Unleeched*, e fazem isso com uma confiança absurda. Ouça, por exemplo, em *2020 March To Glory*, uma canção que certamente não esperava ouvir aqui, mas que agradou em cheio com seu clima único. Mais 'pedrada na cara', *The Encrypted* tem interessantes linhas de voz no refrão, além de um riff repleto de groove. Destaques ainda para *Psychosapiens*, *Snake Head* (uma das mais intensas do álbum) e *Neuro Massacre*. Em português neste álbum, apenas a faixa bônus para a versão nacional, *Força Além da Força*, cover do Pantera.

Valtemir Amler

UGANGA

LIBRE
XANINHO DISCOS - NAC.

9,0

Depois do excelente Servus, um dos melhores trabalhos do metal nacional em 2019, o Uganga lança um novo trabalho cujo grande problema é ser um EP. Com sete faixas, Libre deixa aquele gostinho de quero mais de uma banda que não impõe barreiras à sua música. Você até pode generalizar e chamar de thrashcore, mas Manu Joker (vocal), Christian Franco e Umberto Buldrini (guitarras), Raphael Franco (baixo) e Marco Henriques (bateria) encerram o CD com Depois do Dub (remix), cujo título é autoexplicativo para a versão de Depois de Hoje, originalmente em Servus. Há, também, a regravação de uma canção de Vol. 3: Caos Carma Conceito (2010), ISO 666 (versão 2022), que ganhou leves modificações na letra e providenciais samplers de Monja Coen e Dona Ivone Lara. E o material realmente novo em folha? Cheia de riffs maneiros, partes para pogar e bater cabeça, Terra dos Ventos é muito mais thrash metal do que thrashcore, mesmo caminho seguido por Retrovisor, outra com um baita trabalho de guitarras, além de uma seção instrumental sensacional no fim, meio doom metal e que casou muito bem com o vocal falado e introspectivo. E se obviamente não dá para ignorar a forte Mal Vinda Morte dos teus Sonhos e a homenagem a Juarez Tibanha em Alguidar, ainda tem a riqueza musical, tribal e lírica da espetacular faixa-título.

Daniel Dutra

IMMOLATION

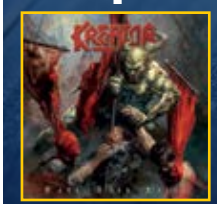
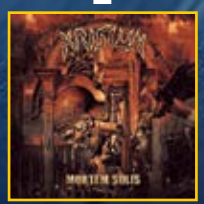
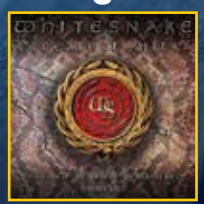
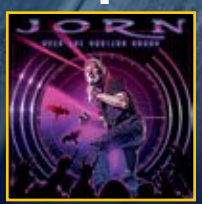
ACTS OF GOD
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

O Immolation lançou *Dawn of Possession*, um dos álbuns que ajudaram o mundo a compreender que era possível existir ótimo death metal nos EUA além da Flórida, em 1991. Seu sucessor, *Here In After* (1996), também entrou no rol das unanimidades dos fãs do estilo, mas era geral a opinião que os nova-iorquinos nunca mais tinham repetido aquele desempenho. Isso durou até 2017, quando *Atonement* foi lançado, imediatamente tornando-se um novo clássico. Pois é justamente esse 'novo clássico' que eles precisavam suceder, e como aconteceu nos anos 90, o quarteto alcançou seu objetivo. Contando novamente com o mesmo time que gravou *Atonement* – os veteranos Ross Dolan (vocal e baixo) e Robert Vigna (guitarra) ao lado de Alex Bouks (guitarra) e Steve Shalaty (bateria) - eles mantiveram a qualidade costumeira, mas adicionaram um tom ainda mais sombrio às suas composições. Isto dá o tom obscuro e mórbido de canções como *Overtures of the Wicked*, *Incineration Procession* e *Derelict of Spirit*, que poderia estar no álbum de estreia. Com boa produção, e uma ótima capa criada por Eliran Kantor (perceba a conexão com a arte de *Here In After*), eles alcançaram mais um clássico.

Valtemir Amler

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
KREATOR	KRISIUN	WHITESNAKE	JORN	SAVATAGE
HATE ÜBER ALLES	MORTEM SOLIS	GREATEST HITS REVISITED REMIXED REMASTERED MMXXII	OVER THE HORIZON RADAR	RETURN TO WACKEN

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

anúncio: www.jbartedesign.com

COMO UM EXÉRCITO EM MARCHA, O TRIO MANTÉM INTACTA SUA TRADIÇÃO NO DEATH METAL!

Aliando momentos de pura rispidez e violência com arranjos que farão de MORTEM SOLIS um novo favorito dos fãs da brutalidade sonora.

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Travis Shinn and Paul Harries

MACHINE HEAD

ENGASGUE CØM AS CINZAS DØ SEU ØDIØ

Robb Flynn retorna à gloriosa jornada groove/thrash do Machine Head com o novo álbum, *Of Kingdom and Crown*

Por Valtemir Amler

O guitarrista e vocalista californiano Robert Conrad Flynn, ou simplesmente Robb Flynn, tem uma ligação muito profunda com as origens do thrash metal norte-americano. Mais do que estar no lugar certo e na hora certa (na área da Baía de São Francisco nos anos 80), ele soube como poucos explorar seu talento ao nível máximo, e foi com ele que ajudou a moldar dois dos bastiões da cena, Forbidden e Vio-Lence, ainda na sua adolescência, na segunda metade dos anos 80. Com a passagem dos anos e a virada da década, vieram as mudanças, inclusive na maneira como o thrash metal era concebido. Enquanto o tradicional Bay Area Thrash vivia dias de prestígio diminuído, uma nova geração de bandas lançava as bases do groove/thrash, e não demorou até que Robb percebesse o quanto poderia contribuir com o estilo. Assim, em 1993 ele formou o Machine Head, que com o debut *Burn My Eyes* (1994) se tornou referência obrigatória no cenário, ao lado de Pantera e Sepultura. Pois bem, se vêm os anos de louvor, também vêm os anos de crítica, e Robb precisou conviver com elas ao longo de sua carreira. Com *The Burning Red* (1999) a banda irritou boa parte dos seus velhos fãs, que voltaram a ficar positivamente impressionados com *The Blackening* (2007) e seus sucessores, que retomavam com ainda mais força os caminhos do thrash. Se em 2018, Flynn e seus comparsas voltaram a atrair atenção negativa com *Catharsis* (2018), em 2022 fica difícil não descambar em elogios à simples menção de *Of Kingdom and Crown*, um álbum novamente bem próximo à perfeição. Para falar sobre todas essas reviravoltas, conversamos com Robb Flynn.

Antes de falarmos do Machine Head, gostaria de parabenizá-lo por seu trabalho no podcast No F'n Regrets. Tem sido muito legal acompanhar esse outro lado de Robb Flynn, não apenas o músico, mas o fã de heavy metal falando sobre música com alguns de nossos ídolos.

Robb Flynn: Muito obrigado, cara! Eu posso afirmar com toda a sinceridade do mundo que tenho me divertido muito com esse podcast, tem sido uma das experiências mais interessantes e diferentes que tive ao longo da minha vida. Quer dizer, todos gastamos um tempo considerável conversando sobre música pesada, mas gravar essas conversas e mostrar para o mundo todo, isso é absolutamente outro nível de doideira (risos gerais). Você tem algum episódio favorito até agora?

Sim, tenho acompanhado desde o começo e meu favorito foi com Chuck Billy (Testament). Não poderia deixar de ser...

Robb: Testament, né? Não tem mesmo como não ser (risos gerais). Sim, aquele episódio foi um dos mais legais de fazer. Chuck é um cara incrível, extremamente talentoso, uma lenda do thrash metal e, ainda assim, uma pessoa muito simples e boa, um cara positivo e gentil, e que tem muitas histórias para contar.

Cara, aquela parte da ayahuasca é muito massa (risos gerais). Bom, quanto ao podcast em si, devo dar os créditos da ideia ao Jamey Jasta (N.R.: vocalista do Hatebreed e produtor de um sem número de bandas), pois foi ele quem sugeriu que eu fizesse algo desse tipo.

Como foi isso?

Robb: A história é que um dia eu estava participando do podcast dele (N.R.: The Jasta Show) e, acho que no final da entrevista, ele falou para mim: 'Cara, você tem uma voz muito boa, deveria ter um podcast ou algo assim.' Na hora eu pensei: 'Voz boa... Você já ouviu meus discos?' (risos gerais). A verdade é que eu sou um vocalista de thrash, nunca tinha pensado em usar minha voz desse jeito, para falar em vez de berrar como doido (risos). Mas fiquei pensando naquilo, era uma ótima ideia. No fim das contas, estou há décadas trabalhando nesse mundo, fiz centenas de shows ao redor do mundo, dividi os palcos e percorri as estradas com tantas bandas incríveis, o que não falta na minha vida são histórias para contar, e também conheço muita gente com ótimas histórias. Enfim, comecei a pensar mais a sério sobre isso e cada vez soava melhor, então comecei a moldar o formato na minha cabeça. Não poderia ser algo chato, eu metralhando meus convidados com perguntas, tinha que ser uma conversa entre amigos que dividem o amor pela mesma coisa, a música pesada. E foi assim que começou, meu podcast é basicamente isso, eu contando sobre o que fiz no jardim e as reformas que fiz em casa naquela semana e depois um monte de histórias do mundo do metal (risos). Tem funcionado e fico muito feliz com isso.

Falando sobre o novo álbum, você lembra quando começou a ter ideias para ele?

Robb: Sim, eu comecei a compor novas músicas logo depois de finalizarmos o ciclo do álbum *Catharsis*. Naquela época ainda não sabia ao certo como as coisas seriam, eu estava apenas escrevendo algumas músicas novas e colecionando alguns riffs. Eu e Jared (N.R.: Jared MacEachern, baixista da banda desde 2013) estávamos criando juntos algumas demos, você sabe, apenas aquele típico processo de liberar a criatividade, sem nada específico realmente planejado. Seguimos adiante com essa mesma postura durante um bom tempo. Foi apenas quando comecei a trabalhar na música que viria a ser *My Hands Are Empty* que percebi que estávamos caminhando para algo grande, que tinha algo diferente nascendo naquelas seções de trabalho descompromissadas.

Uma música curiosa para começar o processo do novo álbum.

Robb: Sim, porque ela caminha por diferentes regiões musicais. Quer dizer, quando comecei a pensar naquela música, lembro que pensei: 'Se conseguirmos construir o novo álbum em torno do ambiente gerado por essa música, se conseguirmos tomar ela como base e partir dela para diferentes direções, creio que teremos algo realmente incrível nas mãos.' Ela tem toda aquela vibração típica de uma canção do Machine Head, mas ao mesmo tempo indica um novo caminho, algo diferente para nós, e eu acho isso fundamental. Então, se existe uma música que realmente se instalou como uma espécie de 'farol' para aquilo que seria nosso novo álbum, essa música foi *My Hands Are Empty*.

Bem, então suas mãos não estavam tão vazias assim (N.R.: trocadilho com o nome da música).

Robb: Eu sabia que você viria com essa (rindo muito). Na verdade, minhas mãos estavam bem vazias na época, foi essa música que promoveu a virada, então está aí o segredo do título (risos).

> "Pouca gente sabe, mas sempre fui do tipo nerd, desde criança, e era totalmente devotado ao Star Wars"

Desculpe, não pude evitar a piada de 'tio do pavê', foi irresistível demais...

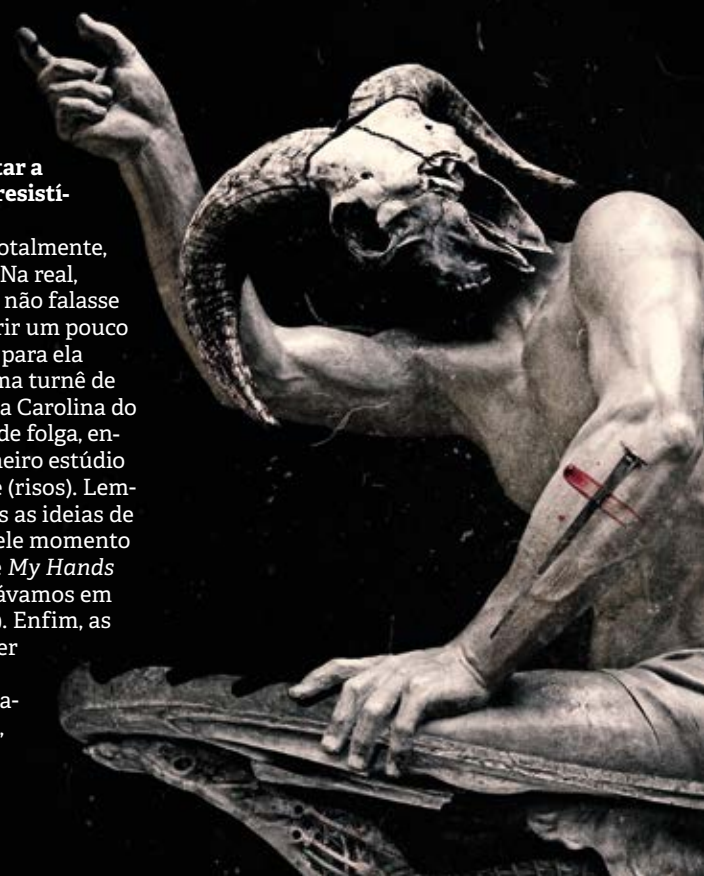
Robb: Sim, eu entendo totalmente, era inevitável (risos gerais). Na real, seria decepcionante se você não falasse algo do tipo, é sempre bom rir um pouco (risos). Bem, a ideia original para ela surgiu ainda durante a última turnê de *Catharsis*. Nós estávamos na Carolina do Norte e tínhamos dois dias de folga, então claro que fomos ao primeiro estúdio que encontramos na cidade (risos). Lembro que nós gravamos todas as ideias de riffs que tínhamos até aquele momento e uma delas era justamente *My Hands Are Empty*. Acho que já estávamos em 2020, talvez no final de 2019. Enfim, as ideias começaram a aparecer cedo e fomos remodelando tudo com o tempo que tínhamos em mãos. Que, no caso, foi muito (risos gerais).

***Após My Hands Are Empty*, o trabalho fluiu tão bem que vocês até puderam lançar um 'cartão de visitas' do novo álbum no ano passado, com o EP *Arrows in Words from the Sky*.**

Robb: Sim, o ritmo ficou maluco desde então (risos). E nós queríamos manter esse frescor, queríamos que as pessoas ouvissem nossas novas ideias quase no ritmo em que elas iam sendo concebidas e trabalhadas. Por isso tantos singles e o EP no ano passado, queríamos que nossos fãs tivessem essas músicas enquanto elas ainda eram novas, inclusive para nós mesmos! Nesse sentido, acho incrível a época em que vivemos, em que podemos gravar, mixar e editar uma música onde e quando quisermos, eu literalmente poderia gravar e lançar uma música nova agora mesmo, e acho incrível essa possibilidade, é ao mesmo tempo libertador e inspirador.

Em que sentido é libertador e inspirador?

Robb: Acho que é pelo fato de como as coisas funcionam no Machine Head. Você sabe, quando lançamos um álbum, a tendência é que demore um longo tempo até lançarmos outro, é assim que as coisas funcionam para nós. E isso não tem a ver com o volume de ideias que temos, mas com a maneira como as coisas precisam ser feitas no nosso ramo. Veja, somos uma banda que excursiona muito, a cada álbum o ciclo de shows varia entre algo como dezesseis ou vinte meses, às vezes até mais que isso. No fim, fica uma lacuna



de três ou quatro anos entre os álbuns e isso é tempo demais, eu quero quebrar esse ciclo. Quero que os fãs tenham músicas novas para ouvir nesse tempo, quero explorar minhas ideias e ver os resultados. Se eu literalmente posso compor uma nova música hoje e lançá-la amanhã, porque esperar tantos anos até mostrá-la para as pessoas? Acho ótimo que os fãs possam ter novas músicas para ouvir enquanto aguardam por um novo álbum completo, isso é até bem saudável artisticamente.

Certo, e isso explica melhor algumas de suas ideias. Alguns anos atrás, você falou algo nesse sentido, mas da forma que foi ventilado, dava a entender que o Machine Head não criaria mais álbuns, apenas singles.

Robb: Sim, eu lembro bem disso (risos). Esse é o problema dos dias de hoje, as pessoas não estão mais interessadas na notícia, apenas na chamada. É tudo pelo clique do mouse, então eles tiram uma frase forte do contexto e pronto, eis uma chamada que garante os cliques (risos). Eu sou um cara de álbuns, não de singles. Sou old school. O Machine Head sempre terá novos discos enquanto eu puder compor, mas quero apenas manter os nossos fãs alimentados entre um álbum e outro.

No fim das contas, o Machine Head já está com um novo álbum nas mãos, *Of Kingdom and Crown*, que é temático. Falaremos disso em um segundo, mas gostei de saber que você tem interesse em mangá/anime, isso é algo que eu não sabia até agora.

Robb: Pouca gente sabe, mas sempre fui do tipo nerd, desde criança, e era totalmente devotado ao Star Wars. Tudo daquele universo me encantava: filmes, quadrinhos, tudo que você puder imaginar. Vi aqueles três primeiros filmes milhares de vezes, colecionei todas as figuras de ação, eu tinha a Millennium Falcon, a Estrela da Morte, tudo. Star Wars era a minha vida nos anos 70 (risos). Star Wars acabou despertando minha paixão por ficção-científica, e dali para os animes foi um salto. Akira, Macross, Robotech, Space Battleship Yamato, eu amava essas coisas, ia a convenções, era apaixonado por esse universo. Aí eu conheci o heavy metal e essa nova paixão meio que eclipsou todo o resto.

Quem poderia imaginar...

Robb: Certo (risos gerais). Joguei todo o meu comportamento nerd dentro do metal, colecionava revistas, discos, fitas demo, tudo que caísse na minha mão. Fazia pesquisas sobre meus artistas favoritos, e várias das minhas bandas favoritas pareciam saídas do mundo da ficção-científica. Então, mudou o objeto, mas persistiram a mesma paixão e a mesma atitude.

Isso é ótimo. E quis fazer essa pergunta justamente pelo novo álbum, que é temático e que teve sua ideia inicial baseada em um dos meus mangás/animes favoritos, *Ataque dos Titãs* (N.R.: *Shingeki No Kyojin*, no original).

Robb: Pois é, e ele também acabou se tornando um dos meus favoritos. A história aqui foi que eu havia me afastado um pouco desse mundo, não estava acompanhando as novidades. Meus dois meninos também não acompanhavam esse mundo dos mangás, mas aí veio a pandemia e os dois ficaram absolutamente viciados em Ataque dos Titãs.

OF KINGDOM AND CROWN
Nuclear Blast - Imp.

Eles leram todos os mangás, assistiram todos os episódios do anime. Certo dia eu acabei assistindo junto deles e a história era incrível! Era superbrutal e vibrante, mas ao mesmo tempo tão emotiva... Resolvi na hora que ia acompanhar tudo (risos). Então foi assim que a coisa toda da temática iniciou, comigo, minha esposa e filhos no sofá assistindo um anime bastante longo (risos).

Porém, embora inspirado pelo anime, você não está narrando a mesma história certo?

Robb: Sim, e acho importante ressaltar esse ponto, para que ninguém chegue com a expectativa errada em *Of Kingdom and Crown*. A verdade é que, naquele momento em que assistíamos ao anime em casa, eu já estava decidido a fazer um álbum conceitual, era algo que eu e minha esposa vínhamos conversando durante aquela época. Faltava apenas um bom tema.

O envolvimento de sua esposa com a concepção do disco é algo que eu ainda não sabia.

Robb: Ela esteve envolvida com o princípio da ideia, foi a motivadora de tudo. Você sabe, quando temos filhos pequenos deixamos toda a nossa vida pessoal de lado, pois sempre precisamos fazer algo pelas crianças. Bem, nossos filhos estão mais crescidos, estão envolvidos com seus videogames e coisas do tipo (risos), então voltamos a ter um tempo para nós mesmos, podíamos sair e nos divertir como antigamente, mas aí teve a pandemia. Não podíamos ir a um restaurante ou a um bar, então eu e ela ficávamos na garagem, púnhamos uma música para rolar e ficávamos rindo e tagarelando, como nos velhos tempos. Um dia, ela destrinchou todo o enredo do álbum *The Black Parade* (2006), do My Chemical Romance, que é um dos nossos discos favoritos. Eu fiquei de cara, aquilo era incrível! Tinha um monte de letras que eu entendia errado e ela explicou tudo, o álbum inteiro ganhou uma nova dimensão. Foi então que ela sugeriu que eu deveria fazer um álbum conceitual e comecei a trabalhar nessa ideia desde então. Claro que sou eu escrevendo as letras, então não poderia ser nada tão cerebral quanto o que My Chemical Romance fez (risos gerais).

Como o enredo se desenvolveu?

Robb: Eu comecei com aquela história tipicamente americana: 'Cara bom e cara mau, o cara bom vence.' Crescemos vendo filmes e lendo quadrinhos baseados nessa premissa, mas a questão é que isso não me agradava, eu não estava feliz em criar uma história assim. Poxa, eu vivi uma vida inteira testemunhando que o 'cara bom' não é tão legal, as coisas não são tão simples assim. Foi aí que entrou a história do Ataque dos Titãs. Nessa história ninguém é totalmente bonzinho. Os dois lados acreditam estar fazendo a coisa certa, os dois lados acham que estão fazendo o que é melhor e ambos estão tornando o mundo um lugar pior, pois estão eliminando uns aos outros e todos entre eles. Os dois lados acreditam no bem, mas fazem o mal e cometem atrocidades. É exatamente isso que vemos no mundo todos os dias, todo mundo acha que está certo, todos lutam pelo que acreditam, todos lutam uns contra os outros. Por isso o anime forneceu a base para o enredo do novo álbum, mas não é um disco sobre o anime, a história é outra.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Travis Shinn and Paul Harries

Jared MacEachern, Robb Flynn, Vogg e Matt Alston, recolocando o Machine Head no topo com *Of Kingdom And Crown*

Você tem seus próprios protagonistas vivendo seus próprios dramas.

Robb: Sim, e ambos creem estar do lado da justiça, fazendo o bem. O primeiro perdeu o amor da sua vida nas mãos de um assassino, e inicia aí sua jornada por justiça e vingança. O segundo perdeu a mãe em uma overdose e cresceu mentalmente atormentado por isso. Ele quer caçar todos que julga envolvidos na sua perda e inicia sua própria jornada de vingança. Ele é o assassino da amada do personagem número um. As histórias se enrolam e ambos acreditam estar do lado certo.

Liricamente foi uma grande mudança para você.

Robb: Com certeza. Estou compondo músicas há trinta anos, já havia escrito letras para nove álbuns antes desse, mas era sempre sob a minha perspectiva, era sobre como eu vejo o mundo. Tentar escrever uma história sob dois pontos de vista diferentes foi bem desafiador, mas era algo que eu precisava fazer a altura da minha carreira.

Entendo. E é importante para nós, fãs, que crescemos ouvindo suas letras. Elas encarnavam muitos dos nossos medos e revoltas, e é legal que elas também mudem quando nós mudamos a forma de ver o mundo.

Robb: É isso mesmo. E eu não espero que todos entendam isso, mas não posso mais escrever letras como escrevi em *Burn My Eyes* (1994) ou *The More Things Change...* (1997). Eu era outra pessoa, vivia outra realidade, hoje eu não sou mais aquele garoto que perambulava pelas ruas da Califórnia sem perspectiva, sem esperança, sem saber como seria o amanhã. Minha vida mudou, tenho uma banda estabilizada, uma família, as coisas mudaram para mim, mas ainda vejo o que está errado no mundo, o que poderia ser melhor.

> “Machine Head é a minha banda, é ao que dedico a minha vida, e minha principal preocupação é sempre mantê-la ativa e relevante”

Se mudou a forma de ver as coisas, as letras precisavam mudar também.

Nada melhor do que fazer isso em um álbum que resgata o caráter thrash do Machine Head, ao mesmo tempo em que mantém a parte épica do seu som, como já acontece na longa abertura, *Slaughter the Martyr*.

Robb: Exatamente. É como digo, a música tem que ter aquilo que ela demanda, nem mais e nem menos. Esse disco, por conta de tudo o que carrega e representa, demandava uma abordagem mais épica, e buscamos isso. Ao mesmo tempo, é um tema duro e violento, o que pede thrash metal. Buscamos ambos e acho que conseguimos um ótimo resultado.

Para encerrarmos, se um dia surgisse o convite de lançar novas músicas ao lado do Forbidden e do Vio-Lence, você abraçaria a oportunidade?

Robb: Existem muitos fãs de Forbidden e Vio-Lence no Brasil que adorariam ver isso e que ficariam furiosos se você perdesse a chance de perguntar, certo?

Certíssimo.

Robb: É, eu imaginei (risos gerais). Cara, é difícil dizer. Eu fico lisonjeado que as pessoas ainda curtam tanto algo que fizemos há mais de três décadas, eu ainda era um adolescente, então é incrível pensar nisso. Acreditem, fico muito feliz que amem tanto aquelas músicas e eu reconheço a qualidade delas. Dito isso, eu nunca diria que não existe a chance. Se tudo corresse bem, na circunstância e no tempo certo, acho que eu faria, sim. Mas o Machine Head é a minha banda, é ao que dedico a minha vida, e minha principal preocupação é sempre mantê-la ativa e relevante, já que ela me transformou em quem sou hoje. Agradeço você pela melhor conversa que já tive com o Brasil e te espero para algumas cervejas quando passarmos por aí em turnê. Ano que vem, talvez? Um grande abraço a todos!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

SOILWORK

MANTENDO A EXCELÊNCIA

Björn "Speed" Strid explica o conceito de abandono por trás do novo álbum da banda sueca, *Övergivenheten*, numa entrevista com momentos reveladores

Por Daniel Dutra

O Soilwork ratificou com seu 12º disco de estúdio, *Övergivenheten*, a entrada no rol das bandas cuja decepção seria lançar um trabalho não menos que excelente. Um feito, considerando que a banda é oriunda da safra do death metal melódico que saiu da Suécia para ganhar o mundo. Para tanto, Björn "Speed" Strid (vocal), David Andersson e Sylvain Coudret (guitarras), Sven Karlsson (teclados), Bastian Thusgaard (bateria) e o recém-efetivado Rasmus Ehrnborn (baixo) seguem sem impor barreiras à própria música, como Strid - único integrante da formação original - ressaltou num bate-papo absolutamente franco.

No ano passado, quando conversamos sobre *Aeromantic II*, do Night Flight Orchestra, perguntei como você estava durante a pandemia. Agora, pergunto como é finalmente poder sair em turnê novamente...

Björn Strid: É ótimo voltar a tocar ao vivo, mas ao mesmo tempo isso causa emoções controversas. É como se os últimos dois anos não tivessem acontecido ao mesmo tempo em que agora tudo parece novo, mas há a sensação de que tudo está como sempre foi. É difícil entender o que está acontecendo. Fizemos alguns shows, com o Night Flight Orchestra e com o Soilwork, e o primeiro foi bem estranho, mas a partir da metade do set eu já me sentia mais confortável. Depois disso, parecia que havíamos retomado de onde paramos. Esse tempo que tivemos afastados foi, de muitas formas, necessário para o nosso crescimento. Eu precisava de uma pausa, então me conectei comigo mesmo nesses dois anos para ganhar uma perspectiva sobre o que eu venho fazendo nos últimos 20 anos. Foi muito bom passar esse tempo em casa, mas também me fez questionar quem sou eu e o que estou fazendo, e tudo isso apareceu no novo disco. De maneira geral, estou muito feliz por poder voltar e, também, por esse retorno estar acontecendo de forma suave, porque retornar de 0 a 100 seria um grande erro. Temos algumas turnês alinhadas, mas nada insano, e estou orgulhoso de ter lançado álbuns com as minhas duas bandas nesse período, só que ficamos apreensivos e nos perguntando se acabou ou não, porque agora, além da pandemia, ainda tem a preocupação com a guerra na Ucrânia. São tempos estranhos.

E você gravou e lançou sete álbuns de estúdio desde 2000. Ou seja, no fim das contas, foi um período bem criativo e de muito trabalho.

OVERGIVENHETEN
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Björn: Se você pensar bem e espalhar esses discos durante esse período, nem é muita coisa. Mas se tivéssemos fazendo turnês normalmente, aí teria sido uma loucura gravar todos esses álbuns, porque as turnês são sempre a parte mais difícil. É ficar fora de casa, e eu tento manter uma rotina quando estou em casa, sem shows agendados, uma vez que já não adianta mais ficar deitado no sofá fazendo nada, como fazíamos quando tínhamos 25 anos de idade (risos). Não me entenda mal, eu também gosto de relaxar, mas gosto de manter uma rotina, então me mantive ocupado durante a pandemia com trabalhos em estúdio. Quanto aos discos, eu considero apenas o Night Flight Orchestra e o Soilwork como lançamentos de verdade, porque são as minhas bandas. Os demais são participações, é como se eu fosse um músico contratado. É claro que também me orgulho desses trabalhos, e o At the Movies foi um projeto na pandemia do qual eu gostei bastante de fazer, ficou muito legal. Aliás, agora saiu o disco de estreia do Donna Cannone, no qual eu toquei guitarra junto com a minha namorada (N.R.: a guitarrista Giorgia Carteri), que tocava no Thundermother, e a banda também conta a baterista que era do Thundermother (N.R.: Tilda Nilke Nordlund), além do baixista e vocalista Luca D'Andria. Então, na verdade, são oito álbuns (risos).

E falando do Soilwork, no fim de 2020 a banda lançou *A Whisp of the Atlantic*, cuja faixa-título é um épico e uma obra-prima. Como surgiu a ideia?

Björn: O EP foi criação do David. Quando a pandemia chegou, eu me mantive ocupado gravando várias coisas, mas precisava de um descanso do processo de gravar um disco. Eu queria compor apenas como diversão. Ao mesmo tempo, David tinha muita inspiração porque não lidou bem com a falta de turnês, então ele estava muito inspirado, e eu não queria desanimá-lo, afinal, percebi que ele tinha muita coisa na cabeça. David estava bem criativo, compondo várias músicas, e eu ficava: 'Ah, cara, vamos com calma. Eu não estou nem um pouco inspirado agora' (risos). Mas disso tudo nasceu esse EP incrível, e obviamente tenho muito orgulho de ter meu nome nele. É um trabalho bastante especial, mas não posso dizer que estive muito envolvido no processo criativo. Foi um experimento interessante, porque foi o primeiro trabalho do Soilwork em que não me envolvi completamente, isto é, compondo músicas e escrevendo letras. Foi o David quem fez tudo, e ficou muito bom.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Bom, assim como chamo *Verkligheten* (2019) de "Reality", eu vou me referir a *Övergivenheten* como "The Abandonment" para não ficar passando vergonha ao pronunciar o nome em sueco...

Björn: (rindo bastante) Estamos mesmo dificultando as coisas para vocês, jornalistas! (risos)

Sim, estão... (risos) Mas como você explicaria o título e o conceito lírico?

Björn: Estávamos procurando palavras semelhantes a *Verkligheten*, ou seja, palavras que terminassem em "heten". Queríamos uma palavra que pudesse ser uma boa continuação, e pode ser que continue nos próximos discos, quem sabe? (risos) Achamos que seria interessante dar um título em sueco que fosse tanto uma palavra poderosa quanto uma conexão com o lado melancólico da nossa música. É um sentimento especial, porque acredito que entramos numa nova era. *Övergivenheten* significa "abandono", e acredito que este é um sentimento com o qual todos nós estamos familiarizados, seja por ter que abandonar algo ou alguém em algum momento da vida, seja pelo medo de ser abandonado, o que pode acontecer de muitas maneiras. Toda vez que saio em turnê, sinto que estou abandonando a minha família, por exemplo. Ainda que eu tenha uma namorada fantástica, que entende o que eu faço, ainda sinto um pouco de culpa ao sair em turnê. É o medo de estar abandonando alguém, mesmo que não seja para sempre, e tenho pensado muito nisso. Tenho 43 anos e farei 44 em setembro, e na minha idade há também o medo de estar chegando ao ponto em que se abandona a criança interior. Penso que sou muito bom em preservar a minha criança interior, porque acredito que quando a perdemos é quando nos perdemos por completo. Existem muitos ângulos conectados a essa palavra, e acho realmente que muitas pessoas se identificam com isso. Além do mais, por estar no Soilwork há tantos anos, e já são mais de 20 anos, houve muitas vezes em que pensei em deixar a banda. Nesses momentos, eu sempre me perguntava: 'Será que posso abandoná-la?', porque era essa a sensação, de abandono, devido à conexão emocional que se constrói com a música. Há a sensação de obrigação que se mistura com a alegria e o prazer de fazer música. Ao mesmo tempo em que é maravilhoso e é algo que faço desde os meus 17 anos, há momentos em que fica difícil me identificar com o trabalho no mesmo nível em que me conecto com ele: um é emocional, e o outro é profissional. Claro, esse é o meu trabalho, mas eu nunca quis que esse aspecto fosse o motor do que faço, porque é quando o lado empresarial, de negócios mesmo, entra na jogada que você começa a se distanciar da criação da música, e é aí que surge a vontade de abandonar.

Bastian Thusgaard, Rasmus Ehrnborn, Sylvain Coudret, Björn "Speed" Strid, David Andersson e Sven Karlsson: definindo um novo e alto padrão de qualidade

Stephansdotter Photography

Não deixa de ser surpreendente ouvir isso, porque, sinceramente, você é novo...

Björn: Eu não estou tão velho, é verdade, mas está começando a ficar difícil sair em turnê. Eu tento me manter em forma e ainda tenho fôlego, porque eu definitivamente desistiria se sentisse que não conseguiria mais entregar bons vocais. Eu teria desistido há muito tempo, mas tenho sorte por ter 43 anos e ainda estar me desenvolvendo e melhorando a cada disco.

E o novo álbum foi composto e gravado em três sessões entre janeiro e dezembro de 2021. Foi um processo novo para o Soilwork, e me pergunto quantas vezes você revisitou cada uma das músicas para fazer melhorias, por assim dizer...

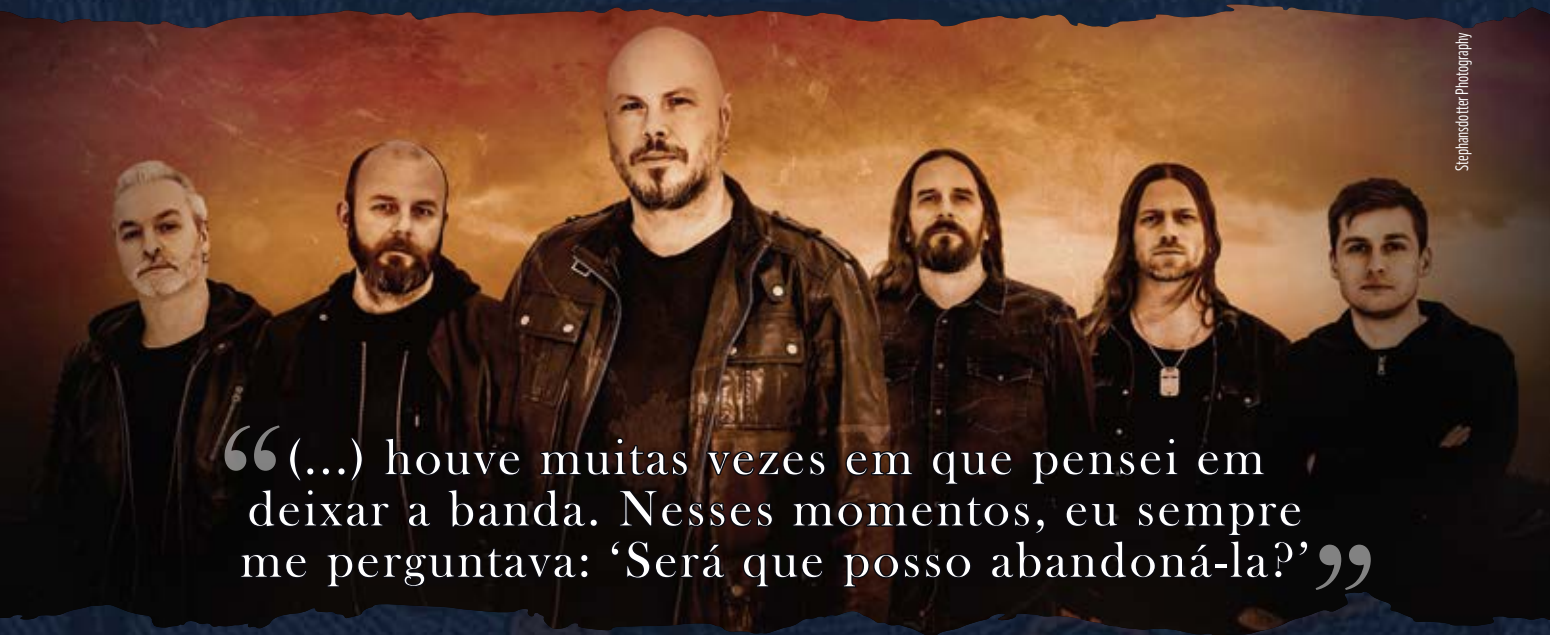
Björn: Eu perdi a noção de tempo quando agendei o estúdio, porque nós praticamente moramos lá por seis semanas e fizemos o disco do zero. Depois de tanto tempo nisso, percebi que são necessários distanciamento e perspectiva para fazer algumas coisas, e essa foi uma ótima receita para nós. Gravamos várias músicas durante uma semana sem parar, descansamos um pouco e voltamos para mais uma rodada. E foi muito interessante ver o disco tomando forma. Só tínhamos feito algo assim com o Night Flight Orchestra, porque é assim que costumamos gravar com a banda, mas com o Soilwork era agendar estúdio e finalizar o disco, então o processo diferente desta vez foi saudável de várias maneiras. E mais focado, também, porque, mesmo não estando em turnê, ficar dentro do estúdio pode ser altamente desgastante, afinal, é muito difícil ser supercriativo diariamente por seis semanas (risos). É bom passar uma semana lá dentro, estando bem focado, e depois descansar. Esse método funcionou muito bem para a banda, e pode ser que continuemos a fazer assim porque nos dá perspectiva das coisas. E em relação aos vocais, tive oportunidade de rever algumas coisas e fazer alterações, mas nada drástico. Mantive boa parte do que foi feito inicialmente, porque isso é possível quando se está no estúdio de maneira focada, o que não acontece quando se vai ao estúdio por duas semanas apenas para gravar os vocais. Isso causa perda de intensidade e

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

da atenção. Lembro-me de ficarmos um mês e meio gravando *Natural Born Chaos* (2002) com Devin Townsend, e as coisas atrasaram. Como vocalista, eu sempre fiz a minha parte por último, então tive de ficar esperando, sempre sobrava e falava: 'Vocês não vão terminar isso?!'. No fim, viravam para mim e falaram: 'Você tem dez dias para gravar os vocais! Valendo!' (risos), e eu tive de gravar durante dez horas por dia, com o Devin me pressionando. Foi uma loucura! Eu fiquei sem voz e perdi a cabeça! Deu certo no fim, o disco ficou fantástico, mas isso é algo que eu gostaria de evitar (risos).

Eu gostaria de destacar *Valleys of Gloam* no sentido de que a música representa como o Soilwork desenvolveu uma identidade, como tem um estilo singular. Para mim, considerando o cenário de death metal melódico da Suécia, isso é impressionante.

Björn: Obrigado por dizer isso! Tenho muito orgulho do nosso legado, de nos mantermos firmes e de nos dedicarmos a desenvolver o nosso som. Ao mesmo tempo, não perdemos as nossas raízes, ainda que seja diferente comparar *Steelbath Suicide* (1998) a *Verkligheten*, por exemplo. Talvez alguém não se dê conta de que é a mesma banda, mas, ouvindo com atenção, dá para notar os elementos em comum. Fico orgulhoso de sermos um dos poucos nomes nesse gênero vindos desse cenário escandinavo a desenvolver sua música e ainda soar relevante na forma de se expressar. Temos sido valentes, transpondo barreiras, sem fazer muita força. Ficamos um pouco mais pop na metade dos anos 2000, talvez soando um pouco mais americanos ou algo assim, mas foi algo que aconteceu naturalmente porque tocamos muitas vezes nos Estados Unidos naquela época, e não dava para evitar a influência das coisas que gostamos, mas nunca foi um plano nos tornarmos grandes no EUA, por exemplo. São coisas que fazem parte do nosso crescimento e desenvolvimento. Eu tinha 17 anos quando comecei, estou com 43 agora, e muitas coisas aconteceram nesse período. Fico feliz por nunca termos tentado recriar discos, tipo 'Todo mundo gosta do *Natural Born Chaos*, então vamos fazer outro igual!', porque ficaríamos sempre nessa caixinha, sem mudanças. Nunca fizemos isso! Quando *Figure Number Five* (2003) saiu, as pessoas falaram: 'Ah, não! Isso é metal pop! O que houve com esses caras?!', mas depois elas gostaram. Em seguida, veio o *Stabbing the Drama* (2005), que até hoje é o nosso disco mais bem-sucedido, ainda que o *Verkligheten* esteja se aproximando dele. Sempre estivemos por todos os lados, mas sem nos perder de quem somos. Nunca optamos pelo mais cômodo, e isso é algo para se orgulhar.



Stephanslotter Photography

> "(...) houve muitas vezes em que pensei em deixar a banda. Nesses momentos, eu sempre me perguntava: 'Será que posso abandoná-la?'"

David Andersson entrou para a banda em 2006, quando Peter Wichers saiu, e depois se tornou permanente em 2012, quando Peter foi embora novamente... Como você explicaria a importância dele para o Soilwork?

Björn: Ele é muito importante, e é como um mentor para mim. David me encorajou a pegar a guitarra novamente para compor as músicas, e aprendi muito com ele. Depois de trabalhar por tanto tempo com Peter, que é um excelente músico, é claro que fiquei abalado quando ele saiu, mas acredito que alguém como David era necessário ao Soilwork. Ele pensa fora da caixa e se expressa de maneira diferente do Peter, mas ao mesmo tempo incorporou as raízes da banda. Ele me fez sair da minha zona de conforto como vocalista e, também, como compositor, e isso cria uma vontade de entrar numa nova era com o Soilwork. Eu sou guitarrista, foi como comecei, não sou um instrumentista fantástico, mas sou muito bom em traduzir o que tenho em mente através dos meus dedos, então foi um desafio saudável para mim. E foi o que fiz a partir de *The Living Infinite* (2013), para o qual compus muitas músicas construindo cada uma do zero em vez de só ter a canção jogada em cima de mim para adicionar os vocais ou escrever as letras. O processo foi desafiador, mas, enquanto músico e vocalista, algo muito bom saiu dele, e por isso o David é muito importante para mim. Pessoal e profissionalmente.

E perguntei exatamente por isso. O primeiro disco do David com o Soilwork foi o *The Living Infinite*, o que é muito significativo, e vocês dois estão juntos também no Night Flight Orchestra. Há uma química que vai além da parte musical...

Björn: Eu tinha o mesmo relacionamento com o Peter, mas eram tempos diferentes. E éramos pessoas muito diferentes, também. Tínhamos gostos musicais levemente diferentes, mas dividíamos uma visão mútua, que funcionou por muitos discos, por isso criamos músicas fantásticas juntos. Peter era alguém que eu admirava, e foi difícil quando ele saiu pela primeira vez. Já na segunda foi estranho, e é por isso digo que David foi a pessoa certa a aparecer. Eu não tinha muita confiança para compor sozinho músicas na guitarra, e foi ele quem me encorajou a dar esse passo.

Acacia Crown

Experimental Extreme Metal

Lançamento:

HEAVY METAL ROCK

www.hmrock.com.br

The Last Acacia

Disponível em CD Slipcase Espelhado + Digipack Fosco

Contém a faixa bônus "Gallery of Lies"

Spotify · YouTube · Google Play Music · deezer · amazon music · MUSIC

Entre... t.me/BRASILREVISTAS

BLIND EAR

Por Thiago Prata • Fotos: Fernanda C. Triginelli

ALAN SOUZA (INVENTTOR)

Eskröta
NÃO ENTRE EM PÂNICO T3RROR

"Riffão! É a Eskröta. Além das letras em português, acho legal esse death/thrash mais antigo. Até a produção. E tem uma influência ali de Cemitério nas letras. (RC: Esta é de um EP deste ano, com músicas sobre filmes de terror). A voz dela (Yasmin Amaral) é muito boa. Para esse estilo de letra e som death/thrash, as letras em português funcionam demais. Conheço os outros discos da Eskröta (Alan cantarola o refrão de *Carrie, A Estranha*). A banda está tocando muito, vi show recente dela, tenho o *Cenas Brutais* (2020) e acompanho nas redes sociais. Me remete muito ao death da Flórida. Não é o gutural fechado, tem um drive, não agudo, mas não tão grave."

Paradise Lost
GHOSTS OBSIDIAN

"Não vou falar agora, porque quero escutar até o fim (risos). (N.R.: Alan bate as mãos sobre as pernas, emulando a bateria). Muito bom! Paradise Lost. É do *Obsidian* (2020). (N.R.: Alan canta a letra toda). Mas eu não lembro o nome da música (risos). (RC: *Ghosts*). Paradise é referência, principalmente os primeiros álbuns: *Icon* (1993), *Gothic* (1991), *Draconian Times* (1995), *Lost Paradise* (1990)... Essa fase pós-*Tragic Idol* (2012), curiosamente, gosto até um pouco menos. Prefiro de *Tragic Idol* para trás. Mas gosto dos mais novos também. E é uma influência gigantesca ao Inventtor na maneira mais obscura de se expressar. Paradise Lost e My Dying Bride são influências na forma de compor. Somos todos tristes (risos)."

Violator
THE PLAGUE NEVER DIES VIOLENT MOSH

"(Alan grita para falar o nome da banda) Violator! (risos). Essa é do *Violent Mosh* (2004)? (RC: Exatamente). (Alan cantarola parte do refrão). Muito bom. *The Plague Never Dies*. Gosto pra caralho. Meu irmão, Vinícius, foi quem comprou esse disco. Quando escutei pela primeira vez, ainda não estava tendo o que talvez possamos chamar de onda de thrash metal no Brasil. Lembro que tinha Blasthrash, Farscape, Bywar e Violator. Eram os expoentes que me lembro bastante daquela época. Esse EP foi o primeiro disco que ouvi do Violator, uma capa maravilhosa, de show. Eu tinha 13 ou 14 anos. Foi uma 'bomba' na cabeça, me marcou demais esse disco. Gosto de todos os que vieram depois, mas me lembro que nesse EP eles estavam com sangue nos olhos."

Iron Maiden
THE WRITING ON THE WALL SENJUTSU

"(N.R.: Demora um pouco). Essa é do *Senjutsu*? (RC: Sim). Iron Maiden é referência para todo headbanger que se preze. Só que, depois do *Dance of Death* (2003), eu adquiri um pouco de preguiça. Dos últimos, tenho *The Book of Souls* (2015), mas escutei pouquíssimo. E do *Senjutsu* (2021) escutei duas ou três músicas. Não sei se essa minha preguiça está atrapalhando, porque às vezes tem qualidade na sétima ou na nona música, mas não consigo chegar até lá. E não gosto de associar o que bandas fazem hoje com aquilo que faziam nos anos 80. Até porque os caras são senhores e as pessoas mudam a mentalidade. Só que é gosto pessoal."

My Dying Bride
AND MY FATHER LEFT FOREVER FEEL THE MISERY

"(Alan grita) My Dying Bride (risos). Prefiro a fase do *Turn Loose the Swans* (1993), aquela mais anos 90. Mas acho violento (se referindo aos últimos discos). O vocal do Aaron (Stainthorpe) é muito bom. Acho que ele despertou para esse vocal limpo. O que me cativou no My Dying Bride das antigas era o vocal gutural e a mistura de música clássica com metal, principalmente com doom e gothic. O vocal limpo era bem menos utilizado. O gutural dele e do Nick Holmes (Paradise Lost) eram os mais fortes do gothic/doom daquela época. Na fase mais nova ele utiliza mais o vocal limpo e está cantando muito bem. Comecei ouvir na época da minha adolescência, é uma influência forte do Inventtor."

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Old Audrey's Funeral
ETERNAL NIGHTS (THE WITCH)
DOOM OF THE LIVING DEAD

"Ah, é Old Audrey's Funeral. Se eu falar mal desses caras, eles me dão um tiro (risos). Essa é *Eternal Nights (The Witch)*. BH tem fama de ser celeiro do metal, é chover no molhado. E há renovações. Em 1984, 1985, começou com Overdose e Sepultura. Pouco mais adiante teve Mutilator. Aí teve Witchhammer e The Mist. Na década de 2000 vieram forte Drowned, Thespian, banda boa com estilo diferente em BH naquele momento. E acho que em 2020 aconteceu uma parada diferenciada também, com muita banda surgindo e algumas que não eram recentes lançando disco, teve o retorno do The Mist, Drowned na ativa... E tem agora o Old Audrey's Funeral, com quem tivemos o privilégio de fazer um split novo. Já gostava antes de conhecer os caras."

Bathory
RING OF GOLD
NORDLAND I

"É uma mais recente? (RC: É de um dos últimos álbuns). Gosto muito do Bathory. Ele estava cantando bem pra caramba, tem uma parte nessa música que lembra até Blind Guardian. Você curte a fase mais black metal ou essa mais viking? (RC: Eu gosto demais de todas as fases). Eu também. O álbum que mais gosto é *Blood Fire Death* (1988). Acho que ele (Quorthon) era um gênio, sabia transitar bem pelo metal mais extremo e o viking, era um dos precursores do viking metal. Nessa linha, Vintersorg e Bathory são bandaças. Não tem nem muito o que falar, é clássico."

Ratos De Porão
G.D.O.
NECROPOLÍTICA

"Ratos de Porão! Essa é mais recente, né? (RC: É do último). Eu tinha ouvido três ou quatro faixas, como *Alerta Antifascista* e *Aglomeração*. Mas essa ainda não havia escutado. Ratos é fodido, influente pra caramba. Acho do caralho que agrada tanto o pessoal do punk quanto o do metal. Eu fazia as embalagens do Clube do Risco para Vivi e o João (Gordo). A gente ficou mais próximo assim, ele me enviou alguns presentes, faixas, bottons, o álbum *Século Sinistro* (2014), que é o penúltimo. Sempre que possível a gente bate um papo sobre a área profissional. De discos nacionais, *Brasil* (1989) é um dos que mais gosto. *Anarkophobia* (1991) também. E esse último disco está foda pelo que ouvi. Viva Ratos de Porão!"

Bullet For My Valentine
KNIVES
BULLET FOR MY VALENTINE

"Arch Enemy. (RC: Não). Jinjer. (RC: Também não). É um som que não costumo ouvir. Não sou muito familiarizado com esse estilo. Dá uma dica! (RC: A banda é galesa). Galesa? Nessa linha gosto muito de Killswitch Engage e Soilwork, mas quando fica mais 'pulando', já não curto tanto. Acho que essa aí eu tomei bomba (risos). (RC: Bullet For My Valentine). Porra, eu ia falar, acredita? (risos) O novo do Gojira eu gostei, achei legal pra caramba. Dentro desse estilo, gosto de Jinjer, Killswitch Engage e Gojira. Mas são coisas bem pontuais para mim. Pelo que ouvi nessa música, parece massa."

Greta Van Fleet
BUILT BY NATIONS
THE BATTLE AT GARDEN'S GATE

"Greta Van Fleet! Essa é do último. Gostei pra caramba desse disco. Showzaço também, os caras tocaram no escuro (risos). (N.R.: Alan fica cantarolando parte da música). No estúdio ele (Josh Kiszka) dá um gritão no refrão. Acho Greta do caralho. Gosto muito de som mais novo que remeta aos anos 70. Tem músicas do Greta Van Fleet que associo ao Led Zeppelin, mas não é Led Zeppelin. Se você escutar umas duas músicas, você vai ter uma opinião superficial. Mas se ouvir realmente os álbuns da banda, não vai achar que é só Led. Tem coisas que remetem ao Led, mas também Grand Funk Railroad, Thin Lizzy... Só que tem a identidade dos caras. Que venham mais bandas que se inspirem em Led, Sabbath ou Metallica."

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Thomas Ewerhard

JAMES LABRIE

ENTRE A BELEZA E A MELANCOLIA

Em seu novo álbum solo, *Beautiful Shade of Grey*, James LaBrie fez uma mudança repentina de rumo musical. E aqui o vocalista explica por quê

Por Daniel Dutra

Imagine sair da zona de conforto e continuar fazendo algo que gosta... Foi exatamente isso o que fez James LaBrie em seu quarto disco solo, *Beautiful Shade of Grey*, no qual não somente trocou quase toda banda - Marco Sfogli (guitarra) continua, mas agora ao lado de Paul Logue (violão e baixo), Christian Pulkkinen (teclados) e Chance LaBrie (bateria) – como partiu para uma nova sonoridade. Nesta nova entrevista à ROADIE CREW, o gentleman LaBrie explica o mergulho no rock clássico, deixando de lado o prog metal mais pesado e moderno dos álbuns anteriores, e fala do seu amor pelo Led Zeppelin.

Antes de começar a falar de *Beautiful Shade of Grey*, gostaria de parabenizá-lo pelo Grammy com o Dream Theater. Conquistar o prêmio com uma intrincada canção prog metal de nove minutos (N.R.: *The Alien*) é um marco...

James LaBrie: Obrigado, Daniel! Muito legal você dizer isso. Fomos nomeados duas vezes anteriormente, em 2012, com *On the Backs of Angels*, e em 2014, com *The Enemy Inside*, mas deu certo na terceira tentativa, né? (risos). Foi ótimo! Ficamos extasiados com isso, e foi ótimo receber esse aceno de reconhecimento da Academia do Grammy (N.R.: na categoria "Best Metal Performance").

E vamos para o seu novo álbum solo. Acredito que vai surpreender muito gente, especialmente quem esperava por um novo trabalho na linha seguida por *Elements of Persuasion* (2005), *Static Impulse* (2010) e *Impermanent Resonance* (2013)... E surpreender positivamente, eu diria.

James: E é uma banda diferente, também, em termos de formação. Eu vinha trabalhando com o Matt Guillory desde 1998, quando começamos a fazer os discos do MullMuzzler (N.R.: *Keep it to Yourself*, de 1999, e *MullMuzzler 2*, 2001), e continuamos trabalhando juntos nos meus três primeiros álbuns solo, dos quais tenho muito orgulho. São ótimos discos de metal, com melodias vocais incríveis e excelentes letras. Eu e Matt juntamos tudo isso, colaboramos um com o outro e tivemos uma química excelente quando estávamos compondo, mas agora eu realmente quis fazer algo que fosse sobre o meu outro lado,

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

mostrando uma maturação pessoal, porque, enquanto músico e vocalista, eu possuo muitas camadas. Eu queria mostrar isso. Desde muito novo, criança ainda, eu sempre fui muito influenciado por bandas de rock clássico como Led Zeppelin, Deep Purple, Queen e Aerosmith, e elas significavam para mim, naquela época, o epítome do rock cru, orgânico, sincero e genuíno. Minha opção por fazer algo diferente começou com o desejo de fazer um disco acústico bem direto e objetivo, e quando Paul Logue e eu começamos a compor as novas músicas, me dei conta de que precisaríamos fazê-lo com uma banda completa, com todos os instrumentos.

De qualquer maneira, não é algo que você não tenha feito antes. Peguemos *Coming Home*, do *Static Impulse*, como exemplo. Você só foi mais a fundo agora...

James: Você está certo. Eu mostrei esse lado em algumas músicas que aconteceram no passado, porque se pode dizer que, estilisticamente, são muito semelhantes, mas o novo disco foi como estender esse limite ao extremo, só que o deixando muito coeso, com as canções fazendo sentindo juntas. Quis fazer desse trabalho uma homenagem natural e pura ao rock clássico, mas o fazendo soar contemporâneo, e trazer um cara como Christian Pulkkinen, que toca teclado e piano no álbum, foi importante porque ele criou boa parte da atmosfera, dos momentos orquestrais, e isso adicionou mais profundidade ou dimensão a essas músicas. Mesmo que eu e Paul tenhamos composto todo o material, incluir o Christian foi como colocar a cobertura no bolo, por assim dizer. O mesmo caso com o Marco, que fez os solos. Para ser honesto com você, Daniel, quando alguém toca solos num violão, isso é o que separa os homens dos meninos, em minha opinião. Isso é o que realmente mostra o talento de quem toca. Quando ouço guitarristas debulhando em guitarras elétricas, eu fico 'Nossa! Esse cara é incrível!', mas quando eu ouço e vejo alguém fazer isso no violão, aí eu percebo o quão proficiente é naquele instrumento e quem esse alguém é de verdade, no que diz respeito às suas capacidades. E ainda trouxemos meu filho para tocar bateria, e ele foi ótimo! Fez exatamente o que as músicas pediam. Disse a ele: 'Chance, quero que você pense sobre a direção dessa música. Você não precisa ser supérfluo. Eu sei que você pode tocar qualquer coisa, mas preciso que você apoie o estilo e a direção dessas canções', e ele entendeu completamente. Mesmo eu dando exemplos tipo 'Pense no John Bonham para esta música' ou 'Pense em Larry Mullen', porque a forma como ele dá suporte ao U2 e àquele tipo de som é brilhante! Esse é o caminho, tem de fazer sentido. E ele conseguiu. Ficou ótimo, realmente!

Eu queria mesmo falar sobre Paul e Chance. Bom, Marco Sfogli assumiu a guitarra e fez os solos, mas o papel de Paul foi muito além de gravar o violão e as bases...

James: Eu estava começando a pensar, antes da pandemia, se esse caminho era algo em que eu queria me meter, se era algo que eu queria experimentar, mas há aqueles muitos lados meus como músico, como eu lhe disse, e esse é um deles. Sou fortemente influenciado por esse tipo de elemento, estilisticamente, e meu encontro com o Paul foi muito ao acaso. O Dream Theater havia feito a última apresentação da turnê em 23 de fevereiro de 2020, em Glasgow, e eu e Paul nos esbarramos no aeroporto da cidade no dia seguinte, e foi muito louco, porque eu nem sabia que ele estava no show. Paul tentou falar comigo, mas tinha meus contatos errados, então foi ótimo termos nos esbarrado no aeroporto. Trocamos contatos, e ele perguntou: 'Se o mundo parar, você quer fazer aquele disco sobre o qual vimos falando nos últimos dez anos?', e eu respondi: 'Sim, vamos fazer!'. Claro, a pandemia aconteceu, então pensei: 'Bem, agora é hora de fazer esse disco', e assim fizemos.

BEAUTIFUL SHADE OF GREY
InsideOut - Imp.

Ou seja, houve um alinhamento de fatores que permitiu com que você realmente tivesse tempo de partir do zero, porque tudo seria novo...

James: Sim! E pense dessa forma, Daniel: eu vinha pensando em fazer um disco dessa natureza há algum tempo, talvez por um ano. Eu amo o Matt Guillory, que é um músico fantástico, e nossos discos são incríveis. Formamos um grande time porque trabalhamos muito bem juntos, assim como toda a formação da banda, com Peter Wildoer na bateria, Ray Riendeau no baixo, Marco e Matt nos teclados e composição, mas aquele direcionamento... Bem, lembro-me de encontrar com Paul em 2011, quando ele estava no Eden's Curse, e ele me pediu para cantar na faixa *No Holy Man*. Reparei nas músicas e perguntei a ele: 'Você compõe bastante nesse estilo?', e Paul respondeu que sim, então disse que adorava aquele material, porque era bem rock clássico, ainda que soasse contemporâneo. Assim, ele sugeriu ali mesmo que fizéssemos um disco, dizendo 'Eu consigo fazer isso num pulo, e adoraria trabalhar com você!'. Por causa da pandemia, finalmente conseguimos arrumar tempo, e o resultado é *Beautiful Shade of Grey*. Estou muito orgulhoso desse álbum, porque é uma verdadeira declaração musical. Como você mesmo disse, é completamente diferente do que a maioria das pessoas esperava, mas ao mesmo tempo é genuíno. É sincero e vem do coração, e acredito que isso é o que importa.

Sem dúvida. Você falou de como foram as gravações com Chance, e de cara eu achei uma escolha acertada porque, no mínimo, não há necessidade de vocais guturais em *Beautiful Shade of Grey* (risos). Mas como foi, no lado pessoal, trabalhar com o seu filho?

James: Incrível e, às vezes, surreal. Chance gravou todos os meus vocais, também, porque foi meu engenheiro de som. Gravamos no meu estúdio, e ele foi fantástico não apenas por estar lá para registrar meus vocais, mas porque deu sugestões e era muito franco comigo. Ele falava coisas como 'Qual é, pai! Pensa no que você fez em *Surrounded*' (risos) ou 'Pense no tipo de voz que você criou para *Glass Prison*'. Coisas assim, porque ele é um grande fã de Dream Theater e conhece os estilos de voz que tenho usado nos últimos 30 anos. Seja gravando com o Dream Theater ou os meus álbuns solo, eu sempre soube qual voz usar para cada música em particular, mas ter o Chance me dando sugestões, tipo 'Canta essa com um tom mais rouco' ou 'Canta essa mais limpo, com mais força', foi muito legal. Eu já havia escrito as melodias e as letras quando fomos gravar os vocais, mas ele estava sendo quase um produtor ali quando dizia 'Quero ouvir de tal jeito', e isso me fez ir mais fundo ao cantar. E vou ser franco com você, Daniel: tinha que ser desse jeito, porque os vocais estão no centro de tudo! E aqui tenho de dar crédito também ao Linus Corneliusson, que mixou o disco, por trazer nuances e entonações à minha voz que fizeram com que as

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

músicas ficassem ainda mais pessoais. A experiência toda foi muito bacana!

O título do álbum é uma bonita combinação de palavras, e posso imaginar que o conceito está ligado a *Sunset Ruins*, que é uma homenagem ao seu falecido irmão. Porque se trata de uma canção melancólica e muito bonita ao mesmo tempo...

James: Vamos colocar dessa forma: quando estava lendo minhas letras, algo que sempre faço quando quero pensar no título para um disco, eu buscava um tema que pudesse resumir todas as letras. *Sunset Ruins* é uma mensagem pungente minha sobre o que todos nós vivenciamos quando perdemos alguém que é muito querido, e é curioso você mencioná-la porque Paul queria que ela desse nome ao álbum. Mas eu disse: 'Ah, cara! Não pode ser esse título. É muito depressivo! (risos) Por mais bonito que soe, eu não achava que seria boa ideia. Um dia, no entanto, acordei com as letras na minha cabeça, e essa frase apareceu: "Belo tom de cinza". Ela resumia perfeitamente tanto o conteúdo lírico quanto fazia todo sentido para mim. *Beautiful Shade of Grey* tem letras que celebram a vida e letras como a de *Sunset Ruins*. Minha ideia com isso foi criar momentos em que somos positivos e otimistas e, também, momentos de introspecção e assombro.

Eu gostaria de falar do cover de *Ramble on*, mas devo dizer que sou suspeito para falar de Led Zeppelin, que considero a maior banda da história do rock...

James: (interrompendo, empolgado) E eu concordo totalmente com você sobre o Zeppelin, Daniel! Cara, agora você é realmente meu amigo! (risos)

Ah, obrigado! (risos) *Ramble on* se encaixa perfeitamente na proposta do disco, mas posso dizer que *Thank You*, *Friends*, *That's the Way* e *Going to California* também seriam ótimas escolhas. Não que eu esteja reclamando, mas por que *Ramble on* entre tantas canções brilhantes do Led?

James: Ah, e adivinhe só: eu tinha pensado em gravar *That's the Way* como bônus, mas Paul virou para mim e disse: 'Acho que essa música é linda, e certamente nós faríamos uma grande versão, mas uma vez li uma entrevista sua na qual você disse que sua música favorita do Zeppelin era *Ramble on*', aí ele sugeriu que a gravássemos. Realmente, é uma das minhas favoritas, então aceitei a ideia, mas quem sabe no próximo disco eu coloque *That's the Way* (risos). Quando eu analiso o Led Zeppelin separadamente, cada membro da banda era um dos maiores... A voz do Robert Plant, pelo amor de Deus! O fenomenal John Paul Jones no baixo e teclados; John Bonham, um dos maiores bateristas da história do rock, senão o maior; e Jimmy Page, que era um incrível compositor, produtor, engenheiro de som e guitarrista! Esses quatro caras se juntaram e criaram tudo aquilo tudo em apenas 11 anos! De *Led Zeppelin*, em 1968, ao *In Through the Outdoor*, em 1979! Em 11 anos eles criaram aquele catálogo, e isso é fenomenal! É alucinante! E digo uma coisa a você: se o Led Zeppelin surgisse hoje, eles explodiriam as portas da indústria fonográfica! A música deles é atemporal. O Led Zeppelin se encaixa na música atual, então é absolutamente inacreditável o que eles criaram! Não sei se durante a minha vida eu ouvi algo como eles, e digo isso sem desmerecer as grandes bandas e artistas que estão aí hoje, porque existem tantos que são fenomenais, mas quatro caras se juntarem e criarem aquilo em tão pouco tempo... Não sei se teremos algo parecido novamente.

"(...) Quis fazer algo que fosse sobre o meu outro lado, mostrando uma maturação pessoal, porque, enquanto músico e vocalista, eu possuo muitas camadas"

Thomas Ewerhard

Paul Logue, Christian Pulkkinen, James LaBrie, Marco Sfogli e Chance LaBrie: abraçando o clássico com elegância

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

BADLAND'S HERO

MS METAL RECORDS
APRESENTA:

FINALMENTE LANÇADO O SEGUNDO ÁLBUM DA PRIMEIRA REPRESENTANTE DO HEAVY COUNTRY NO BRASIL.

A BADLAND'S HERO NOS APRESENTA NOVE CANÇÕES EMOCIONAIS, QUE MESCLAM COM MUITA PROPRIEDADE, ELEMENTOS DO HEAVY METAL, HARD ROCK E COUNTRY MUSIC.

PRODUÇÃO ASSINADA PELO EXPERIENTE GUITARRISTA RODRIGO BERNE (TUATHA DE DANANN).

foto: Renan Borges arte: www.jduartedesign.com

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

MS METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon prime music · Available on iTunes · MS METAL RECORDS

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Divulgação

Karl Rockfist, Rich Jones, Michael Monroe, Sami Yaffa e Steve Conte: vivendo plenamente o bom e velho rock'n'roll

(NOVA) AULA DE ROCK'N'ROLL

Michael Monroe aborda o conceito positivo de seu novo trabalho, *I Live Too Fast to Die Young*, e explica por que não suporta o álbum mais polêmico de sua carreira

Por Daniel Dutra

Quem já teve a oportunidade de ver Michael Monroe em cima de um palco pôde entender a definição de um show de rock. Aos 60 anos, ele é responsável por uma das melhores experiências musicais que você pode ter ao vivo, mas também continua criando obras que mantêm vivo o espírito contestador do bom e velho rock'n'roll. Como *I Live Too Fast to Die Young*, seu décimo trabalho solo - e mais um ao lado de Steve Conte e Rich Jones (guitarras), Sami Yaffa (baixo) e Karl Rockfist (bateria). Falamos sobre tudo isso na entrevista das quais saíram os trechos aqui selecionados, além da derradeira opinião do músico finlandês sobre o álbum *Jerusalem Slim*.

***One Man Gang* (2019) acabou tendo vida curta por causa da pandemia, mas você não perdeu tempo. *I Live Too Fast to Die Young* é mais um ótimo disco, e parece que você não parou um minuto sequer. Faz sentido?**

Michael Monroe: Sim, faz! O novo álbum tem personalidade e sonoridade próprias, porque eu não queria fazer o mesmo disco duas vezes. Desta vez, fomos para um novo estúdio, com um novo engenheiro de som, com o qual nunca tínhamos trabalhado antes, e foi um risco calculado que deu certo. A banda e o engenheiro de som produziram o disco juntos, e assim tivemos uma boa visão de como ficaria. Renovamos o som da melhor maneira possível: composição, arranjo, produção e forma de tocar... Foi tudo renovado e organizado da melhor forma possível, o que criou bastante profundidade e, também, respiro nas músicas. Há muita variedade nos estilos das canções, mas, ao mesmo tempo, mantivemos nosso estilo e atitude, é claro. As 11 faixas são uma grande combinação, e fiquei muito feliz por ter conseguido escolher 11 das 34 que tínhamos! (risos) É um bom número, e quando o disco acaba, você quer ouvi-lo de novo!

Eu gostaria de falar de *Murder the Summer of Love*, e não apenas porque é uma ótima faixa de abertura, e pode ser uma grande abertura de show, mas também porque a letra é muito legal. Qual foi a inspiração para escrevê-la?

Michael: É uma ótima ideia abrir o show com ela! A letra é do Rich Jones, e ele disse: 'Não sei se ficou parecida com *Nothing's Alright*, mas tem umas ideias de Altamont'. Altamont foi o choque de realidade do movimento hippie, foi o fim da era de paz e amor, infelizmente (N.R.: Monroe se refere ao Altamont Speedway Free Festival, concerto de contracultura realizado no fim de 1969). A letra traz referências óbvias a Altamont e aos eventos relacionados, mas é mais ampla do que isso. É sobre estar presente no momento, apreciando as coisas boas que estão acontecendo agora, porque costu-

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

mamos destruir essas coisas em nome do progresso e depois olhar para trás com nostalgia, desejando ter aquelas pessoas, lugares e momentos novamente. A música fala para nos levantarmos e irmos viver a vida ao máximo, aqui e agora. Ficar revivendo o passado não nos leva a lugar algum, embora aquela época tenha sido o mais próximo que o povo chegou de ter o poder nas mãos, com uma revolução feita com base na paz e no amor. O governo americano sequer podia responder com violência, porque os hippies diziam: 'Está bem. Toma aqui essa flor', e isso os deixava desesperados, afinal, não sabiam o que fazer, então acredito que eles colocaram um ácido ruim no meio da galera. Todos começaram a achar que era só uma viagem ruim e desistiram da revolução, se tornando yuppies quando cresceram (risos). Na frase 'stupid had a gun, but they blamed the 81', o 81 faz referência aos Hell's Angels, e 'stupid had a gun', a *Smoke on the Water*, do Deep Purple.

Ainda sobre letras, há duas frases em *Young Drunks - Old Alcoholics* que me chamaram a atenção. A primeira é "we all get old", o que obviamente é verdade (risos), mas posso dizer que seu significado está relacionado ao título do álbum?

Michael: O nome do disco fala do fato de eu ainda estar aqui, tocando mais forte do que nunca, seguindo com a cabeça no lugar e não caindo no truque da fama. É algo de quem mantém o pensamento jovem e não envelhece, e essa música aborda como muitas bandas novas encorajam as pessoas a viverem de festa e loucuras, mas antes que se deem conta, todos viraram viciados e alcoólatras. A indústria ama esse tipo de desgraça até que se torne um problema sério, porque aí perde a graça, e a pessoa fica por conta própria e se torna um velho alcoólatra. A letra diz que não dá para viver assim para sempre, então dê um jeito na sua vida!

E a segunda frase é "I'm still standing", porque, sim, você está de pé. Mas ela acaba casando com a resposta anterior, porque o quero dizer é que há uma geração mais jovem do rock'n'roll que não aguenta o tranco no palco como você. Não é apenas escrever uma música como *Pagan Prayer* ou *All Fighter*, é também sentir a energia da música enquanto a toca ao vivo.

Michael: Tocar ao vivo é um solo sagrado, e eu me sinto um super-humano quando estou no palco. É o momento em que o rock'n'roll se torna uma religião para mim, quando faço coisas naquele momento que não necessariamente faria noutra ocasião, e sinto isso nos meus ossos e músculos mais tarde (risos). Dou tudo de mim para fazer o melhor show possível, nunca me permiti ser complacente, nunca permiti que fosse uma coisa maçante e obrigatória para mim. Eu sempre me atiro inteiramente no palco. A energia com o público, o som, as pessoas... A sensação do ao vivo não pode ser recriada por computador, é preciso estar lá, naquele momento, e essa é a mágica do rock'n'roll. A minha performance ao vivo ninguém pode tirar de mim. Sempre fui assim, e a cada novo show tento melhorar essa performance, porque é isso que me mantém instigado e me faz continuar.

E diante de tanta energia, preciso dizer que fechar o álbum com uma música como *Dearly Departed* me pegou de surpresa, especialmente vindo logo depois da poderosa faixa-título...

I LIVE TOO FAST TO DIE YOUNG!
Silver Linings - Imp.

Michael: Também achei que era o encerramento ideal. Escrevi essa letra em 2001, quando minha ex-mulher faleceu, e nunca a tinha gravado porque achava que era muito triste e pessoal, mas isso até alguns meses antes de começarmos a trabalhar no disco, quando comecei a pensar nessa música. Talvez fosse a hora de gravá-la, então retirei uma ponte que havia nela, deixei apenas os versos e o refrão, fiz uma versão acústica e mandei para os caras. Sami foi quem sugeriu a forma como está no disco, sem bateria, apenas com aquela atmosfera meio assombrada, com um ar levemente espanhol nas guitarras. Quando ele mandou a ideia, pensei: "É isso!", então gravei meus vocais em cima da demo dele e decidi que seria a última faixa do disco. É uma música obviamente pessoal, sobre perder alguém que ama, mas é algo por que todos nós temos que passar, infelizmente. Fiquei feliz por termos dado a ela um arranjo tão perfeito, e vou lhe contar uma coisa: quando olhei a lista das faixas e percebi que no começo tinha 'murder', no meio havia 'die young' e a última era 'departed', me dei conta de que o tema morte estava presente, mas de uma maneira positiva: *Murder the Summer of Love* é sobre matar uma ideia, não uma pessoa; *I Live Too Fast to Die Young* é uma declaração positiva para o velho clichê 'viva rápido, morra jovem', que não é nada legal; e *Dearly Departed* é sobre alguém que faleceu, mas que foi muito amada. Tudo fez sentido e se encaixou.

Para terminar, gostaria de falar dos álbuns lançados com o Jerusalem Slim e Demolition 23 (N.R.: homônimos e que saíram em 1992 e 1994, respectivamente). Eu sei que você não gosta de *Jerusalem Slim*, mas já imaginou que a história poderia ter sido diferente ele tivesse sido lançado uns quatro anos, quando *Appetite for Destruction* estourou?

Michael: A história teria sido diferente se a gravadora (N.R.: Mercury) tivesse permitido que Little Steven produzisse o disco! Era o que eu queria, mas o selo não deixou porque queria Michael Wagener, produtor alemão de heavy metal que, junto com Steve Stevens, levou o disco para a direção errada. Assim, aquele não era mais o meu álbum. Você é a segunda pessoa a me dizer isso hoje, porque ainda há pouco dei uma entrevista a um jornalista americano que falou a mesma coisa. Ele gosta do disco e queria saber a minha opinião. Para mim, é uma grande marca negativa na minha carreira. Sempre tive muito orgulho dos meus álbuns e das músicas que estão neles, mas neste caso especificamente eu não tinha ninguém do meu lado. A gravadora não me ouvia, o empresário não me ouvia, todos achavam que estava bom e que eu não tinha do que reclamar, mas eu dizia que não era mais o meu disco. Chegou a um ponto em que já estava nos custando uma fortuna, e no fim Steve Stevens ainda teve uma discussão com o produtor... Enfim, eu me senti traído. Era o meu contrato com a gravadora, e o resultado foi que eu tive de sair porque eu devia um milhão de dólares a ela. Só que ainda levou um ano para que me deixassem ir embora, mas assim que eu consegui, chamei Little Steven e disse: 'Ok, estou livre! Vamos fazer o disco que eu queria!', e esse disco se tornou o *Demolition 23*. Não havia uma grande gravadora por trás, levamos apenas duas semanas para terminá-lo, e até hoje é um dos melhores trabalhos que já fiz! Por outro lado, o desastre do Jerusalem Slim levou metade de um ano e custou uma fortuna, dinheiro que eu preferia ter doado para ajudar moradores de rua.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

ALAN WHITE

✶ 11/06/1949 † 22/05/2022

Por Antonio Carlos Monteiro

Divulgação

"Eu comecei a tocar piano aos 6 anos. Mas meu tio Ken, que era baterista, notou que eu tocava de forma muito percussiva. Então, ele me deu um kit de bateria. Três meses depois, eu estava num palco tocando bateria com uma banda, a Downbeats." Foi assim que Alan White resumiu seu início na bateria respondendo a um fã através do site da banda Yes em 2013.

Ele nasceu em Pelton, Durham (ING). Seu pai tocava piano nos pubs de lá, então foi automático que iniciasse seu filho no instrumento – até tio Ken entrar em cena... Já na bateria, rapidamente começou a desenvolver seu próprio estilo, o que levou seus pais a lhe presentearem com um kit da Ludwig.

O Downbeats, na qual ele ingressou com 13 anos, tocava sete noites por semana fazendo covers de bandas como Beatles e Gerry and the Pacemakers. Em 1964, sob o nome de Blue Chips, o grupo foi até Londres participar de um concurso de bandas. Ganharam e conseguiram algum dinheiro, equipamentos e um contrato de gravação. Isso rendeu alguns singles que não deram em nada. Desanimados, logo depois encerraram atividades.

Alan resolveu se dedicar aos estudos – ele cursava desenho técnico e seu objetivo final era se tornar arquiteto. Só que, aos 17 anos, a música falou mais alto e ele voltou aos pratos e tambores. Passou por vários grupos e tornou-se conhecido no meio. Até que um telefonema mudou tudo. "Alguém do outro lado da linha falou que era John Lennon e eu desliguei. Pensei que era algum amigo me zoando...", contou em entrevista à Rolling Stone em março de 2019. "Mas ele ligou de novo e me convidou para fazer um show com a Plastic Ono Band". Claro que ele topou. "Aí um carro veio me buscar no dia seguinte e no aeroporto eu vi quem era o resto da banda." Eram Yoko Ono (vocal), Klaus Voormann (baixo) e ninguém menos que Eric Clapton (guitarra). Como não havia tempo para ensaiar, já que o show era no dia seguinte, ensaiaram no avião mesmo: ele ficou batucando com duas baquetas no encosto do assento da frente enquanto os demais tocavam o repertório com violões. Depois disso, encararam vinte mil pessoas no Toronto Rock and Roll Revival.

Alan agradou o chefe e foi convidado para gravar um disco icônico: *Imagine* (1971). "E então, lá estava eu", lembrou na mesma entrevista. "Agi como sempre fiz no estúdio: toquei o julgava que era necessário para cada música. E parece que John gostou do que eu fiz."

Assim, aos 22 anos, Alan White já era considerado um baterista de alto nível. E não demorou para surgir outro convite. Na época, ele dividia um flat com Eddy Offord, que havia trabalhado com o Yes. E um dia Jon Anderson e Chris Squire chegaram em Alan: "O Yes quer que você faça parte da banda." White tinha terminado uma turnê com Joe Cocker, então estava disponível e aceitou, evidentemente. E quis saber quando seria o ensaio. Aí veio a notícia: Bill Bruford tinha acabado de sair da banda para se unir ao King Crimson e não daria tempo para ensaiar: tinham um show na segunda-feira, o convite foi feito numa sexta... Teve um fim de semana para aprender o repertório e no dia 24 de julho de 1972 estava no palco em Dallas, no Texas (EUA), na Close to the Edge Tour.

Ficou na banda até o fim da vida. Ao longo de todo esse tempo fez mais de três mil shows. As gravações superaram os quarenta títulos entre discos de estúdio, como *Tales from Topographic Oceans* (1973) e *90125* (1983), e registros ao vivo.

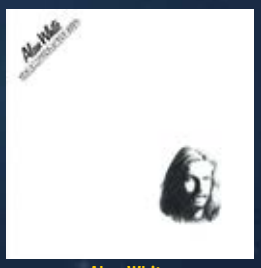
Alan White também gravou o disco solo *Ramshackled* (1976) e em 2000 montou a banda White, com a qual lançou um álbum homônimo em 2006.

Junto com o Yes, ganhou o Grammy de 1985 na categoria "Melhor Performance Instrumental de Rock" pela música *Cinema*, do álbum *90125*, além de ter sido aceito para Rock and Roll Hall of Fame em 2017.

Em 2019, durante a The Royal Affair Tour, o Yes homenageou Alan tocando *Imagine* no bis. Nos anos seguintes, a banda ficou parada por conta da pandemia e em 26 de maio de 2022 foi anunciada sua morte "após uma rápida doença", que não foi especificada. Aos 72 anos, morria um dos maiores bateristas da história do rock.

John Lennon
Imagine (1971)

Yes - Tales from Topographic Oceans (1973)


Alan White
Ramshackled (1976)

Yes
90125 (1983)

White
White (2006)

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

ARE YOU READY!?

January 30 – February 3, 2023 from Miami, Florida

THE WORLD'S BIGGEST THE ORIGINAL HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com

Tel.: +1 305 777 4878

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Divulgação

Ben Matthews, Luke Morley, Danny Bowes, Chris Childs e Gary James: amizade e alta musicalidade em ação

EM DOSE DUPLA

Luke Morley dá detalhes do caminho até o novo álbum do Thunder, *Dopamine*, que mantém a banda inglesa num constante ascendente de criatividade

Por Daniel Dutra

Para qualquer banda, uma das saídas durante a pandemia foi continuar criando, afinal, inspiração para isso não faltava. Ainda não falta, na verdade, então o segredo é o que fazer com ela, e o que Danny Bowes (vocal), Luke Morley e Ben Matthews (guitarras e teclados), Chris Childs (baixo) e Gary James (bateria) fizeram foi tirar o melhor proveito. O resultado foi o excelente *Dopamine*, álbum duplo que ratifica o grande momento criativo por que passa a veterana banda inglesa. Para falar disso e muito mais, batemos um agradável papo com Morley. O resumo você confere nestas páginas, mas não deixe de conferir o canal da ROADIE CREW no YouTube. Fica a dica.

Acredito que posso dizendo que bloqueio criativo não foi um problema para você e o Thunder. Um ano depois de *All the Right Noises*, a banda lança um CD duplo...

Luke Morley: Como alguém me disse uma vez, o que importa é a qualidade, não a quantidade. É claro que fiquei com isso em mente enquanto compunha, mas às vezes é difícil, porque fico muito envolvido. Uma das coisas sobre o novo disco é que gravamos 20 músicas e escolhemos 16. Não era nossa intenção fazer um álbum duplo, mas, ao concluirmos as gravações, decidimos que todas 16 músicas tinham de entrar. Para nossa sorte, a gravadora entendeu o nosso dilema, e deu certo (risos). As quatro faixas que sobraram certamente terão seu momento no futuro.

Sobre o título e mesmo o conceito, adorei como *Dopamine* é "inspirado pelo recuo em massa do mundo para as mídias sociais durante os bloqueios na pandemia". Mas como surgiu essa ideia?

Luke: A ideia não era fazer algo sobre isso. Tínhamos músicas sobre várias coisas, mas sou o tipo de pessoa que tem de escrever sobre o que está sentindo, porque do contrário eu não acredito. Creio que o público consegue perceber se você escreve músicas sobre coisas que não acredita, e a pandemia fez com que as pessoas pensassem mais sobre si mesmas, deu a elas bastante tempo para que olhassem para suas vidas. Algumas pessoas foram fortemente afetadas, com solidão e isolamento, não podendo ver a família ou os amigos. Há muitos assuntos emotivos e questões sobre esse momento para falar a respeito, e às vezes nós escrevemos sobre coisas que não são exatamente felizes, mas ainda assim são sentimentos válidos os que as pessoas estão sentido, e com os quais podemos nos identificar. Tentei olhar para esse tema de vários pontos de vista, e existem músicas positivas no disco, também, como *Dancing in the Sunshine*, que é sobre querer festejar com os seus

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

amigos num belo dia de verão. É uma coisa simples, e era como eu me sentia no meio do primeiro lockdown, porque ficava pensando como seria ótimo se pudesse estar com os meus amigos, tomando uma cerveja e ouvindo música, mas não podíamos fazer isso. Uma das boas coisas sobre música é que ela pode levá-lo pra onde você quiser ir, né?

Sem dúvida, e eu havia perguntado do conceito porque estou cansado das redes sociais, de toda sua negatividade e de como elas vêm sendo usadas para disseminar ódio e informações falsas. Como você lida com isso?

Luke: O lockdown não foi ruim para mim, pessoalmente falando. Minha esposa trabalha na indústria cinematográfica, então assistimos a muitos filmes e ouvimos muita música, e eu tive a chance de ouvir discos que não ouvia havia 20, 30 anos! Sentamo-nos no jardim, e talvez tenhamos bebido um pouco demais num dia (risos), e eu li alguns livros, também. Para mim, foi uma chance de botar essas coisas em dia. O mundo se move muito rápido, então esse período foi como se alguém tivesse pisado no freio. Mesmo que não fosse a intenção ter um tempo assim, acabou que aconteceu, e tínhamos de usá-lo para fazer o que precisávamos fazer. Para nós, foi uma experiência agradável ao mesmo tempo em que foi muito louco. Eu comemorei meu 60º aniversário no lockdown, e minha esposa, sem me contar, reuniu todos os meus amigos numa reunião do Zoom, e estamos falando de 80 pessoas! (risos) É preciso buscar o lado positivo de tudo. A única coisa ruim nesse período foi que meu pai faleceu, e eu não pude comparecer ao velório, mas muitas coisas horríveis aconteceram. Muitas pessoas tiveram de lidar com coisas muito piores do que isso, então eu não reclamo. Foi um período peculiar para todos nós.

Apesar disso, *Dopamine* tem uma vibração para cima, flui tranquilamente, soa positivo. Sinto-me bem quando o ouço...

Luke: E isso é o que a música deve fazer! Fazer você sentir alguma coisa. Nós começamos nossa conversa falando sobre a pandemia, e talvez fosse bom que um disco lançado como resultado desse período tivesse a habilidade de transportá-lo para um lugar melhor.

É assim como a minha faixa favorita, *Big Pink Supermoon*. O solo de saxofone é a cereja no bolo da melhor música que ouvi até agora em 2022...

Luke: Obrigado! Bem, eu cresci no início dos anos 1970, então as minhas primeiras influências foram Led Zeppelin, The Who e Rolling Stones. Na metade daquela década, eu tinha um amigo cujo irmão mais velho costumava trazer discos de umas bandas americanas que não conhecíamos, como Doobie Brothers, Steely Dan e coisas assim. E eu tenho uma queda por esse tipo de música, especialmente Steely Dan, porque sou muito fã dele... E do Tom Petty. Tive a ideia dessa música há um ano sem ter certeza de que soava como Thunder. Originalmente, compus na guitarra, depois a toquei no piano, e foi aí que ela começou a fazer sentido. Isso é muito estranho, porque de repente a música ganha sentido por causa de um instrumento. Ao entrarmos no estúdio e colocarmos bateria e piano de verdade, surgiu aquele groove meio jazz. A ideia original para o fim era ter um solo de guitarra de um minuto e, então, um fade de quatro minutos e meio, mas ao ouvir o que fizemos, pensei: 'Deveríamos tentar colocar um saxofone. Nunca fizemos isso!', e a banda pensou que eu havia ficado louco (risos). Conhecíamos um excelente músico em Gales, próximo ao Rockfield Studios, onde gravamos... Desculpe-me, esqueci o nome dele (N.R.: Andrew Griffiths). Estou tendo um dia cheio (risos), mas mandamos a faixa para ele, que nos devolveu 20 minutos depois. Estávamos enfrentando o lockdown, então tudo era on-line, e ele enviou dois solos fantásticos! A parte mais difícil dessa gravação foi escolher qual usar, e nós deixamos rolar no fim porque ninguém teve coragem de colocar fade. Ficou tão bom que ninguém se achou no direito de diminuir o volume e desligar! (risos)

DOPAMINE
Warner - Nac.

Tem uma pergunta que sempre quis fazer a você: embora o Thunder tenha trocado duas vezes de baixista, Chris está na banda desde 1996, e você, Danny, Ben e Gary são da formação original. É impressionante manter uma união assim nos dias de hoje. Qual é o segredo?

Luke: A resposta é fácil: somos amigos! Gostamos uns dos outros, passamos muito tempo juntos, saímos juntos, e Danny e eu nos conhecemos desde quando tínhamos 11 anos de idade, há 50 anos. Isso é muito tempo! (risos) Dividimos muitas experiências. Conheço Harry desde os meus 17 anos, e Ben, desde os 18, e crescemos como pessoas e músicos dividindo experiências e construindo esse laço. Para alguns, pode ser difícil manter algo assim, mas não para nós, e acredito que isso se deve ao fato de sermos da mesma parte de Londres. Nesse tempo que nos conhecemos, fizemos coisas diferentes, também, não apenas como Thunder. Somos grandes amigos e sempre fazemos o outro dar risadas, e enquanto músicos nós ainda gostamos muito de tocar juntos, o que é muito importante. Se você está satisfeito musical e socialmente, isso é ótimo.

Gostaria de falar sobre as duas vezes que vi você tocando ao vivo, com foco nas suas memórias, é claro. A primeira foi em 1992, quando o Thunder abriu para o Iron Maiden. E foi meu primeiro contato com a música do Thunder...

Luke: Eu tenho boas lembranças, porque foi a primeira e única vez que o Thunder tocou no Brasil. Foi incrível conhecer o país, estar no Rio de Janeiro e em São Paulo, ver o tamanho das cidades... Foi uma experiência verdadeira! E como os caras do Maiden são amigos, todos nos conhecemos há muitos anos, então também teve esse lado legal, de poder socializar com eles um pouco mais. Acho que o público do Maiden era um pouco heavy metal demais para nós (risos) mas foi muito divertido. Aproveitamos bastante tudo, e é uma pena não termos voltado ao Brasil mais vezes. Espero que isso mude num futuro próximo.

E a segunda vez foi em 2018, quando você substituiu Damon Johnson no Black Star Riders. Foi realmente uma surpresa para mim, pois só percebi que era você quando a banda entrou no palco...

Luke: Eu amo o Scott (Gorham)! Nós jogamos golfe juntos, e também conheço Ricky (Warwick) há 35 anos, então foi legal quando me pediram para tocar com eles, porque aconteceu numa época em que o Thunder não estava tão ocupado, então pensei: 'Yeah! De volta à América do Sul!' (risos). Foram duas semanas juntos, fizemos seis shows e passamos muito tempo bebendo caipirinha! (risos)

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

CLASSICREW

1972 DEEP PURPLE
Made in japan

Não tem outra forma de dizer: o Deep Purple estava voando naquele início de anos 70. E após três discos magistrais em sequência – *In Rock* (1970), *Fireball* (1971) e *Machine Head* (1972) –, o que restava a Gillan, Blackmore, Lord, Glover e Paice era cair na estrada novamente.

O primeiro semestre de 72 foi dedicado aos EUA, enquanto que no meio do ano lá foi a banda ao Japão, país em que se tonava cada vez mais popular. E a gravadora deles por lá (Warner Bros.) achou que era uma boa ideia aproveitar os shows marcados para o Festival Hall, em Osaka (15 e 16 de agosto), e no famoso Budokan, em Tóquio (17), para gravar um disco ao vivo para lançamento apenas no Japão.

A banda não curtiu muito a ideia, mas fez pelo menos uma exigência: que a captação de som fosse comandada por Martin Birch. Mesmo assim, eles se mostraram totalmente desinteressados pela gravação, preocupando-se apenas em oferecer boas apresentações ao público. Em entrevista ao site Loudwire em 2017 Gillan explicou melhor: "Esse disco reflete uma época em que você dificilmente tinha controle sobre o que o público iria ouvir. Os equipamentos eram horríveis, as baterias desmontavam no meio do show, os amplificadores zumbiam e pifavam, era uma bagunça completa. Mas você compensava com atitude e habilidade." E, de acordo com Jon Lord, foi essa mistura de espontaneidade com competência em cena que conferiu ao disco a qualidade que ele tem.

No repertório, baseado no track list de *Machine Head*, tem espaço para todos brilharem, como o solo de Ian Paice em *The Mule* e a vocalização impecável de Gillan em *Child in Time*, para ficarmos em apenas dois exemplos. Os temas ganharam versões gigantescas (*Lazy* passa dos dez minutos, *Space Truckin'* beira os vinte), com direito a muito improviso.

No fim das contas, gravado com um orçamento de míseros três mil dólares, *Made in Japan* saiu no mundo inteiro e foi sucesso instantâneo. "Ele nem devia ter saído fora do Japão. Resolveram lançar em toda parte e duas semanas depois era Disco de Platina", comentou Lord. De fato, EUA, Alemanha e Itália conferiram essa honraria ao álbum, que em termos de vendas se mostrou o mais bem sucedido da carreira da banda e é considerado um dos melhores discos ao vivo da história do rock. Nada mal para um álbum em que os músicos sequer se interessaram em participar da mixagem – só Glover e Paice apareceram por lá...

Antonio Carlos Monteiro

ASIA 1982
Asia

Quando quatro músicos oriundos de bandas como Yes, King Crimson e Emerson, Lake & Palmer se uniram em torno de um projeto que imediata e obviamente passou a ser chamado de supergrupo, logo se imaginou que dali sairia um dos principais discos de rock progressivo da história. Ledo engano...

O que John Wetton (vocal e baixo, ex-King Crimson e U.K.), Steve Howe (guitarra, ex-Yes), Geoff Downes (teclado, ex-Yes e Buggles) e Carl Palmer (bateria, ex-Emerson, Lake & Palmer e Atomic Rooster) colocaram no primeiro disco do Asia, que levava o nome da banda, era o mais puro AOR, com músicas elaboradas, mas tremendamente acessíveis graças às melodias grudentas. Se críticos musicais e fãs de progressivo torceram o nariz diante do repertório, a galera que curtia nomes como Styx e Journey curtiram de imediato.

O mérito da banda foi unir o melhor de dois mundos: os temas complexos musicalmente ainda estavam lá, mas também permitiam que o ouvinte cantasse junto – quem aí não conhece as melodias de *Heat of the Moment*, *Only Time Will Tell* e *Sole Survivor*, para ficarmos apenas nas três canções que abrem o disco? "Nós ensaiamos como loucos antes de entrar em estúdio", lembrou Downes em entrevista ao site britânico Express concedida em junho último.

Com produção de Mike Stone, *Asia* saiu em 8 de março de 1982 pela Geffen e de cara impressionava pela capa, mais uma obra magistral de Roger Dean, que criou artes definitivas para Yes, Uriah Heep e tantos outros – ele também desenhou o logo da banda.

A repercussão do álbum foi imediata. Revistas como Cash Box e Billboard escolheram-no como "Disco do Ano", chegou ao topo da parada americana e lá ficou por nove semanas, seus vídeos passavam pelo menos cinco vezes por dia na MTV e até uma indicação ao Grammy a banda conseguiu. As vendas totais de *Asia* são estimadas em dez milhões de cópias.

Já os shows começaram em clubes para duas mil pessoas, mas a procura por ingressos fez com que logo passassem para arenas com dez vezes essa capacidade. "Foi uma verdadeira bola de neve",

comentou Geoff Downes na mesma entrevista. "Lembro de estar uma vez com John (Wetton) numa limosine e ficávamos trocando as estações do rádio. Em todas elas estava tocando nossa música!" E ele continuou: "Nós fizemos uma tour chamada 'Asia na Ásia'. E foi inacreditável, parecia a beatlemania!"

Asia é até hoje o disco de maior sucesso da banda.

Antonio Carlos Monteiro

Entre no nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILROADISTAS

Eles se tornaram lendas do underground com suas demos no fim da década de 80 e viraram um dos gigantes do metal extremo com seus primeiros álbuns, *Thy Mighty Contract* (1993) e *Non Serviam* (1994). Muitos dos velhos fãs haviam ficado "cabreiros" após as experimentações góticas em *Triarchy of the Lost Lovers* (1996) e *A Dead Poem* (1997), ao passo que *Sleep of the Angels* (1999) e *Khronos* (2000) não ajudaram a dissipar as dúvidas. Pois foi assim, mergulhado em genialidade musical sem limites e envolto em uma aura de dúvida, que o Rotting Christ iniciou o novo século com seu álbum devidamente intitulado *Genesis*.

Na época, o vocalista Sakis Tolis conversou com a ROADIE CREW: "Este novo álbum foi como uma volta às raízes", ele contou, complementando em seguida: "Acho que ele traz todos os elementos de nossa música, é uma mistura de tudo o que fizemos ao longo dos anos, dos tempos do *Thy Mighty Contract* aos de *Khronos*." De fato, existia um evidente retorno às raízes em *Genesis*, mas antes que o fã das antigas comece a ficar muito empolgado ou que o fã da nova fase comece a arrancar a cueca pela cabeça, é importante lembrar que todos os elementos foram extremamente dosados aqui. Sim, você coloca o álbum para rolar e é quase instantaneamente soterrado pela violência de *Daemons*, movida adiante pelos blast-beats de Themis Tolis. Porém, você ouvirá ao fundo toda aquela referência da música gótica, que voltará a aparecer de forma triunfante em muitos momentos, se percebe em faixas como *In Nomine Sathana* e *The Call of the Aethyrs*.

As partes mais pesadas de *Lex Talionis* e *Ad Noctis* talvez até façam você pensar em algo dos tempos de *Passage to Arcturo*, enquanto que as boas linhas de guitarra em *Quintessence* trará recordações do trabalho soberbo das seis cordas em *Thy Mighty Contract*. Mas tudo isso você deve ouvir, assimilar e apreciar levando em consideração que o Rotting Christ tinha se tornado uma banda muito mais experimentada, e que mesmo quando inequivocamente olhavam para trás, eles o faziam sob uma perspectiva totalmente nova, pautada na banda que eram em 2002, e não naquela que foram nos anos 90.

Assim, *Genesis* é um ótimo álbum, que reinseriu a banda grega na prateleira de favoritos de muitos fãs que haviam passado anos descontentes. E se você está com saudades de novas músicas de Sakis Tolis & Cia., aguarde ouvindo essa obra-prima.

Valtemir Amler

2002 ROTTING CHRIST
Genesis

TESTAMENT 2012
Dark Roots of Earth

O fã não tinha do que reclamar: depois de reunir sua formação clássica em 2005 – a saber, Chuck Billy (voz), Eric Peterson (guitarra), Alex Skolnick (guitarra), Greg Christian (baixo) e Louie Clemente (bateria) –, o Testament parecia ter recuperado todo o seu vigor, e mesmo não tendo gravado nenhum novo álbum com essa formação, ninguém negava que uma nova era clássica havia se iniciado. Se o ótimo *The Formation of Damnation* (2008) vinha para comprovar essa ideia, *Dark Roots of Earth* chegou quatro anos depois para selar de vez aquilo que todo mundo já sabia: não existe erro quando se trata de um álbum do Testament.

Porém, as coisas não pareciam estar tão bem para os lados da banda da Bay Area no início do processo: a formação não estava estabilizada (especialmente o posto de baterista estava vivendo um momento de caos), e o principal compositor, o guitarrista Eric Peterson, vivia no momento um pequeno problema, como Chuck Billy contou para a ROADIE CREW: "Logo no início, Eric teve um bloqueio e não conseguia compor. Aí ele foi para a Inglaterra e passou algumas semanas no estúdio de Andy Sneap." A "estadia" ao lado do guitarrista e produtor britânico foi das melhores, como explicaria em seguida: "Quando voltou de viagem, já tinha o esqueleto de doze ou treze músicas, e várias delas fazem parte do disco." Pois bem, para felicidade de todos, o "bloqueio criativo" de Peterson não tinha passado de um "chilique criativo", tudo rapidamente estava de volta aos eixos e talvez como poucas vezes antes.

Dark Roots of Earth é formado por nove canções fortes e vibrantes, todas elas cativantes na medida para fisgar novos e velhos e fãs e nunca mais deixá-los partir. As quatro primeiras canções do disco, *Rise Up*, *Native Blood*, *Dark Roots of Earth* e *True American Hate* fazem bonito diante do material clássico dos californianos, mas até onde eles arriscam alguns elementos diferenciados, como em *Throne of Thorns* e *Cold Embrace*, a banda eleva o nível do jogo. Não foi de estranhar que o álbum,

já na semana de lançamento, tenha alcançado a nona posição na lista dos mais vendidos em todo o mundo. No ano seguinte, várias dessas canções apareceriam no ao vivo *Dark Roots of Thrash*, também obrigatório. E vale lembrar que a performance do baterista convidado Gene Hoglan foi tão incrível que valeu a ele uma vaga na banda, posto que só deixou agora em 2022.

Valtemir Amler

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Roberto Sant'Anna

Nelson Brito, João Luiz, Roby Pontes e Marcello Schevano formam o Golpe de Estado atual

GOLPE DE ESTADO

PARTE FINAL

TURBULÊNCIA, TRAGÉDIA E REDENÇÃO

Mudanças de integrantes, uma tragédia que quase acabou com a banda e a volta por cima em plena pandemia: o passado e o presente do Golpe

Por Antonio Carlos Monteiro

No final da primeira década dos anos 2000, o clima interno no Golpe de Estado não era dos melhores. As divergências, sobretudo entre o guitarrista Hélcio Aguirra e o baterista Paulo Zinner, só aumentavam. Nem o vocalista Kiko Müller, que, segundo o próprio, exercia o papel de "intermediário da paz", conseguiu contornar. "Havia muito rosnado entre eles", resume ele. Ivan Busic, que substituiu Zinner em muitos shows, já que ele tocava também na banda de Rita Lee, lembra que "nas últimas apresentações que eu fiz o clima já estava pesado. Parecia que Paulo não ia mais voltar para banda, mas eu nunca me meti nem comentei com ninguém porque sempre fui muito amigo de todos."

Michel Campagnaro Teer

Dino Linardi e Hélcio Aguirra

Paulo, em entrevista para este Background, resumiu dizendo que "desde o começo da banda eu tinha motivos para sair e eles foram se acumulando ao longo dos anos." E um problema referente a um cachê que não teria sido pago foi a gota d'água: Paulo disse que estava fora da banda.

O baixista Nelson Brito comentou também em entrevista para o Background: "Era algo anunciado. A relação entre Paulo e Hélcio não tinha mais jeito, só faltava o fósforo pra explodir tudo, já estava tudo pronto." Ele lembra que os dois tiveram mais uma desinteligência e, na sequência, recebeu um telefonema de Paulo. "Eu tô fora, você vai junto ou vai ficar aí?", teria dito o batera. A resposta: "Vou junto pra onde? Vou ficar!" "Então nós vamos embora", concluiu Zinner.

Kiko estava junto com Paulo e resolveu acompanhá-lo. Nelson tentou conversar, mas não teve jeito. Paulo e Kiko saíram e montaram a banda Sangue com o guitarrista Michel Leme e o baixista Fabio Zaganin. "Foi dolorido pra mim e pra ele também", diz Nelson. "Torço pra caralho por ele, é um puta talento." Os dois ainda se encontram ao menos uma vez ao ano, quando um grande amigo em comum faz aniversário e costuma reunir os chapas.

Juntando os cacos

Seja como for, de repente o Golpe de Estado, prestes a completar 25 anos de estrada, resumia-se a Nelson Brito e Hélcio Aguirra. E agora? "Não pensei em parar com a banda, agora que não paro mesmo!", lembra o baixista. "Vou continuar porque isso aqui é minha vida, eu gosto disso e vou continuar fazendo."

Para a dupla que sobrou restava juntar os cacos, remontar o time e tocar o barco adiante. Quem chegou primeiro foi o vocalista Dino Linardi. De acordo com depoimento gravado por ele em seu canal no YouTube, ele conta que trabalhava em uma casa em que produzia algumas festas e que sua banda Johnny Brechó sempre se apresentava nelas. "Um dia, Nelson e Hélcio apareceram por lá e me viram cantar. Mas eu não cheguei a cruzar com eles nesse dia." Dias depois, Nelson ligou para ele dizendo que queria conversar pessoalmente. "Mas não me toquei de imediato que era pra entrar na banda." Além do mais, ele confessa, não era fã do Golpe de Estado. Isso fez com que no primeiro contato ele tenha passado as músicas "meio sem intimidade", como ele define. Independente disso, conquistou a vaga. Ele lembra que o primeiro show com a banda "foi emocionante. Mas eu só fui sentir a pressão no decorrer dos shows, só aí eu saquei a encrenca em que estava, no bom sentido."

Para a bateria acabou sendo chamado

Fausto Oliveira

Hélcio Aguirra, Roby Pontes, Nelson Brito continuaram a história do Golpe

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Roby Pontes, músico de larga experiência no rock, mas que também tocava em um restaurante no ABC. "Eu tocava de tudo, era tipo banda de baile, saca?", disse ele à ROADIE CREW. Nelson lembra como foi o contato entre eles: "Eu conhecia o Roby, mas nunca tinha tocado com ele. Então, perguntei se ele conhecia as músicas do

Golpe de Estado ao vivo
Michel Camporeze Teer

Golpe e ele falou que sabia tudo, versões de estúdio e versões ao vivo." Roby confirma: "Lembro que estava no meu carro, escutando a rádio Kiss, e falaram que Paulo e Kiko tinham saído do Golpe. Imediatamente pensei comigo mesmo: 'Poxa, o batera que entrar no lugar do Paulo tem que curtir o som e tocar bem pacas...'" Tempos depois, o telefone de Roby tocou e era o guitarrista Xando Zupo, que na época tinha o estúdio Overdrive: "Ele falou pra eu ir lá naquele momento e levar os pratos. Fui correndo! Chegando lá, estavam Hélcio, Nelson e Dino. Nelson perguntou: 'Você conhece as músicas do Golpe?' Eu, audacioso, disse: 'Sei todas!' (risos) Depois da terceira música fui convidado oficialmente para entrar no Golpe de Estado." Ao contrário de Dino, ele era fã do Golpe: "Eu saía correndo do restaurante lá no ABC pra ver os caras tocarem. Sempre fui fã das letras, acho as letras e os riffs do Golpe atemporais."

Uma época difícil

O primeiro show com Dino e Roby aconteceu no dia 8 de maio de 2010 num bar chamado Salvador Dalí, em São Caetano do Sul (SP). Rogério Fernandes (sempre ele!) também participou e apresentou os novos integrantes. A partir daí, seguiu-se uma quantidade considerável de shows, e a gravação de um novo disco era consequência natural.

Produzido pela própria banda e com lançamento da Substancial Music, *Direto do Fronte* começou a ser gravado em maio de 2011 no estúdio Mosh, o mesmo em que a banda tinha registrado *Quarto Golpe* (1991). O álbum sairia no ano seguinte e este redator teve a oportunidade de conversar com Nelson e Hélcio naquela que foi a primeira entrevista do Golpe para a ROADIE CREW. Nesse papo, Hélcio falou sobre o então momento atual da banda: "Acho que continuamos no caminho certo, fazendo com amor nosso hard'n'roll, como você batizou no passado. Agora com muito mais união e com um ótimo CD, que contém muita energia e sincronicidade com os deuses do rock. Pelo menos, estamos com a consciência tranquila de que estamos fazendo o melhor e com bastante esforço."

Porém, falando sobre aquele momento hoje, Nelson confessa que não carrega boas lembranças. Primeiro, ele considera que *Direto do Fronte* "foi um disco irregular, demorou muito pra ficar pronto." Ele complementa dizendo que "o disco é legal, principalmente se comparado com *Pra Poder*", que, segundo ele, foi "violento" fazer. "Mas foi uma época difícil", completa o baixista. "O Hélcio chegou com um monte de músicas prontas e ficava forçando, explicando cada detalhe. Quando você precisa explicar muito uma música não sou eu que não estou entendendo... (risos) Tem que ser

A formação que gravou *Direto do Fronte*
Fausto Oliveira

um lance natural. Quando alguém não gosta de uma música, o negócio é deixar de lado, não quero nem saber o porquê, vamos fazer outra, vamos por outro caminho. Mas se você força a barra acaba descartando um monte de coisas no caminho. Mas faz parte... Quer ter uma banda? Tem que passar por isso", conclui do alto de uma experiência de mais de quatro décadas de música.

O golpe mais pesado

Os show se sucederam e parecia que, de uma forma ou de outra, o Golpe de Estado tinha entrado nos eixos. Até que no fatídico dia 21 de janeiro de 2014 veio a notícia que esse assemelhou a murro bem dado na boca do estômago: por complicações cardíacas, Hélcio Aguirra faleceu durante o sono. "Ele tinha pressão alta", conta o baixista. "Um dia no estúdio ele não estava muito bem, levaram ele no hospital e o médico disse que ele tinha que fazer uma consulta pra mudar o medicamento que não estava mais fazendo efeito. Ele comia fast food, que é uma bomba pra quem tem pressão alta, e andava muito nervoso, com problemas de grana e uma puta dívida no banco, como todos nós passamos várias vezes." Ele divaga: "A gente devia ter pegado ele e levado no médico. Mas isso era algo impossível..."

Roby define a sensação que teve quando soube da notícia: "Foi um soco na alma! Naquela época nós ensaiávamos todas as quartas-feiras de tarde. Hélcião sempre foi o primeiro a chegar, mas nesse dia ele não chegava e não atendia o telefone. Aí chegou a notícia..."

Outro que se lembra bem desse dia foi Marcello Schevano, que tempos depois viria a substituir Hélcio no Golpe de Estado. "A gente estava gravando o disco *Carcaça*, do Carro Bomba, no estúdio Mr. Som. Então o Nelson me ligou e deu a notícia. Imediatamente, eu comuniquei todo mundo, a gente fechou o estúdio, a sessão acabou ali. Foi uma comoção geral. A gente foi pra casa do Nelson naquela noite, ficou com ele lá e foi assim. Foi uma notícia muito triste."

Tadeu Dias, guitarrista que fez alguns shows com o Golpe após o falecimento de Nelson e era grande amigo dele, também se lembra perfeitamente desse dia: "Foi uma das perdas que mais senti até hoje", resume ele falando para este Background. "Eu ia aos ensaios do Golpe ainda criança e desde então o Hélcio se tornou um padrinho na guitarra, além de ser uma pessoa excepcional."

Paulo Zinner também sentiu a perda do antigo parceiro de banda: "Foi uma coisa chocante! A gente nunca espera que esse tipo de coisa aconteça e eu fiquei bem chocado com o que aconteceu. Lembro que estava almoçando quando minha esposa Marta me deu a notícia. Parei tudo na hora e fomos para a cerimônia de despedida dele (N.R.: Hélcio foi cremado). Foi realmente um dia muito pesado."

Os momentos seguintes da banda foram de tristeza, incertezas e até inconformismo. Tadeu Dias foi recrutado para fazer alguns shows com a banda – ele

O saudoso Hélcio Aguirra
Michel Camporeze Teer

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

havia feito uma participação num show marcante para a banda no Café Aurora, em São Paulo, no dia 14 de dezembro de 2013. Ele conta que "no fim do show, Hélcio foi ao microfone, agradeceu a presença do público, olhou pra mim na frente do palco e falou que eu ia nos ensaios do Golpe com uniforme do colégio com meus 10, 11 anos de idade, que viramos amigos e que eu tinha me

Os shows da banda continuavam incendiários
Michel Camporeze Téer

tornado guitarrista profissional." Aí Tadeu foi chamado ao palco. "Sem jeito", segundo ele, cantou uns trechinhos de *Noite de Balada* e na hora da última música, *Libertação Feminina*, "Hélcio me olhou nos olhos, me passou a guitarra e falou: 'Mi menor.' Dali solei e fui até o fim desfrutando daquele momento único com aquele som monstro de guitarra. Foi uma sensação muito boa." Esse show foi marcante para o grupo porque seria o último da trajetória de Hélcio Aguirra.

Como membro do Golpe, Tadeu Dias fez poucos shows, "alguns bons, outros, na minha opinião, mais difíceis. Foi um momento de muita dor, havia o peso da perda e havia a luta de todos os envolvidos para manter a banda viva." A primeira dessas apresentações foi no dia 17 de maio, na Virada Cultural de São Paulo, e foi uma homenagem a Hélcio com vários convidados, como João Luiz Braghetta (Mobilis Stabilis), Xande Saraiva e Soneca (Baranga), André Christovam, Rogério Fernandes (Carro Bomba), Xando Zupo e vários outros. Enquanto Tadeu diz que esse é um show "que sempre guardarei no meu coração", Nelson concorda quando perguntado se foi a apresentação mais triste de sua carreira: "Ah, foi... Ainda estava muito próximo. Foi uma mistura de tristeza com alegria, porque a gente estava comemorando uma coisa que ele fez e podendo mostrar aquilo. O cara teve uma história e foi uma oportunidade de comemorar a vida legal que ele teve."

O fim?

Depois desse, a banda fez apenas quatro shows até o início de 2015. E em junho daquele ano Nelson Brito divulgou uma carta manuscrita em que desabafava sobre o momento e anunciava o que muitos entenderam como o fim da banda. "Com total convicção e tranquilidade, torno oficial e público: a atual formação do Golpe de Estado encerrou suas atividades." E terminava dizendo "abismo, aqui vou eu, de novo." A despeito de estar claro o que significava o texto, muitos (inclusive boa parte da imprensa) concluiu que a banda tinha encerrado atividades em definitivo. "Eu deixei em aberto, tipo vamos ver o que vai acontecer", diz Nelson, explicando o óbvio. E arremata: "Depois que você passa por uma experiência desse tamanho, não dá pra continuar."

O restante do ano transcorreu sem novidades, até que entrou em cena Marcello Schevano. "Um dia ele veio um dia aqui em casa e disse: 'Qualquer loucura que você quiser fazer, eu tô nessa!'", lembra Nelson. "Mas eu não tinha nem ideia do que fazer. Aí marcamos alguns shows com o Rogério. Ficou bem legal." Roby

Tributo a Hélcio Aguirra
Michel Camporeze Téer

Pontes permaneceu no time. O baixista explica: "A gente se dá bem, tipo ir na padaria tomar cerveja e falar das coisas da vida, dar risada juntos. Isso faz parte quando se trabalha com alguém."

Marcello, guitarrista que já tinha atuado como sideman do Golpe de Estado no início dos anos 2000 como tecladista, tendo feito "uns vinte ou trinta shows com eles", também lembra dessa história. Em entrevista para este Background ele detalha essa volta: "Eu e o Rogério sinalizamos para o Nelson que tínhamos interesse em retomar a banda. Ele topou meio que de imediato que a gente fizesse essa tentativa e foi acordado nesse encontro que a gente ia trabalhar por um ano numa turnê de trinta anos do Golpe com diversos convidados. Então, praticamente todo show que a gente fez nessa época teve convidados especiais para comemorar a data e deixar vivo o legado do Hélcio."

Tadeu Dias, o último guitarrista que tocou com a banda, diz que não guarda mágoa de não ter sido convidado a permanecer. "Na época pegou um pouco

Nelson Brito, único remanescente da formação original
Fausto Oliveira

pelo tempo de dedicação, por esse amor à banda e por estar curtindo tocar." Ele lembra que "Nelson parou aquela formação e eu fui saber do retorno através de uma foto do Golpe com o Schevano, que é um grande guitarrista e por quem eu tenho um grande respeito." Ele arremata: "Não tenho nada contra ele, nem contra o Nelson e nem contra ninguém."

Uma nova voz, um novo disco

E então surgiu mais um problema: "Rogério disse que estava com outros projetos e que não ia poder continuar com a gente", conta Nelson. "Aí o Marcello veio aqui e nós começamos a pensar. E ele falou no João Luiz. Em dois minutos ele ligou, em dois minutos já tinha ensaio marcado. E o Rogério ia sempre junto nos ensaios pra ajudar. E em dois meses já estávamos gravando um disco ao vivo."

João Luiz já era vocalista mais que conhecido na cena do rock nacional, com passagens por bandas como King Bird e Casa das Máquinas. "Eu já tocava com Marcello há algum tempo em outras bandas e fiquei muito feliz quando o Golpe resolveu voltar com ele na guitarra", conta ele com exclusividade para o Background. E aí veio a sondagem: "Marcello chegou a comentar essa possibilidade comigo e me deixou com a cabeça a milhão! Aí teve um show em Santo André e eu fui convidado. E me falaram

Direto do Front (2011)

Ao Vivo 30 Anos (2018)

Caosmópolis (2022)

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

pra tirar umas seis ou sete músicas pra fazer metade do show." Segundo ele, "já foi uma grande responsabilidade, mas não era nada certo ainda. Fui, cantei, a galera curtiu e aí foi quando realmente teve a saída do Rogério. Em seguida eles falaram comigo: 'João, você tá a fim de entrar no Golpe? Tá a fim de fazer?' Eu topei imediatamente! Só que eu também me dei conta do tamanho da responsabilidade que era segurar os vocais do Golpe de Estado!" (risos)

Fausto Oliveira
Golpe de Estado renasce com nova formação

A ideia central era fazer um grande show para comemorar os trinta anos da banda com diversos convidados e gravar um CD/DVD dessa apresentação. "A banda já estava fazendo essa turnê há dois anos, então a gente estava bem preparado e o resultado a gente pode ver no DVD e ouvir no CD", comenta Marcello. Só que João Luiz tinha acabado de entrar na banda. "Foi loucura", resume ele. "A gente teve aí umas cinquenta ou sessenta horas de estúdio para ensaiar, cheguei a fazer três shows antes no interior de São Paulo só para ir me familiarizando com a banda e com as músicas, mas foi loucura. Pra mim foi um desafio muito bom e graças a Deus

Michel Camporeze Téer
Novo time em cena

o público me recebeu maravilhosamente bem, de braços abertos."

A apresentação, realizada no dia 10 de junho de 2017 no Clash Club, em São Paulo, contou com uma série de convidados de peso, incluindo Rogério Fernandes, Catalau, Luiz Carlini, Andreas Kisser e uma infinidade de outros. Além disso, outra convidada mais que especial participou do show: a guitarra de Hélcio Aguirra estava no palco durante todo o tempo. "Essa guitarra ficou conosco, ela fica lá no nosso estúdio. De vez em quando o Marcello toca com ela. E no dia do show eu levei ela pra lá e disse: 'Olha, a sua guitarra está aqui. Se você quiser participar, esteja à vontade.'"

O caos, o futuro e o passado

Ao Vivo 30 Anos (DVD e CD) saiu em 2018 e foi um cartão de visitas da nova formação. Os shows foram se sucedendo até que o mundo parou por conta da covid-19. "No começo de 2020 já estava uma coisa meio estranha", conta Nelson. "Aí em março fizemos um show em São Bernardo do Campo e na semana seguinte fechou São Paulo! Eu já vi muita coisa na vida, mas abrir a porta de casa e não ver nem ônibus passando eu não tinha visto." E ele detestou fazer lives: "Fizemos várias, mas era horrível, parecia robô japonês tocando (risos). Era muito sofrido, você está tocando pra parede achando que está tocando pra dez mil pessoas, só que eu não estou vendo as dez mil pessoas!" (mais risos)

Pouco antes disso a banda já tinha começado a compor e a gravar o repertório do novo disco de estúdio, *Caosmópolis*, título escolhido em função de uma música escrita por Nelson e que fala de um tema muito caro ao Golpe desde os seus primórdios: a cidade de São Paulo. Como Marcello estava produzindo o trabalho e como seu estúdio Orra Meu, onde o disco foi gravado, estava fechado por conta da pandemia, a banda ficou trabalhando na mixagem do disco. "Eu tinha pedido para ser produtor do disco", conta Schevano. "É óbvio que isso ficou bem complicado para mim, tive uma carga muito grande de responsabilidades e decisões, mas eu queria muito iniciar minha carreira de produtor e esse é o primeiro disco completo que eu produzo. Então foi uma oportunidade de ouro que eu não podia deixar passar só porque ia ter uma carga de trabalho extra." E conclui: "Assumi isso e acho que consegui suprir o que banda precisava e entregar um bom trabalho. Estou recebendo várias críticas positivas sobre a produção e acho o resultado totalmente positivo."

Roby elogia o produtor: "A gravação foi super sossegada. Apesar de gravar quase na pandemia, foi super rápido e tranquilo, pois não tinha palpite de produtor mandando fazer isso ou aquilo. O Schevano produziu o disco, mas cada um ficou à vontade pra fazer o que desse na telha. Então, fiz minha parte à vontade, sem ninguém pra encher meu saco (risos)." Nelson também curtiu: "Não é a coisa mais recomendável ter alguém da banda produzindo, mas o Marcello sabe separar muito bem as coisas. Ele consegue manter o distanciamento: agora estou tocando, agora estou produzindo."

João, por sua vez, faz coro com os demais: "*Caosmópolis* são quatro músicos que se entenderam muito bem em relação ao que queriam. Eu particularmente estou muito feliz com esse disco. Sou suspeito pra dizer, mas é um álbum que eu escuto da primeira até a última música e todas me agradam. Na hora de mixar e masterizar todo mundo estava na mesma sintonia, o que é uma coisa bem difícil. A gente sabe que banda é família, então cada um tem uma opinião, mas a gente estava bem alinhado com o que nós queríamos. E ainda gravamos no Orra Meu, que é nossa casa, com o Gustavo Barcellos, que cuidou da captação, e com o Marcello produzindo. O resultado está aí e eu recomendo

Fausto Oliveira
Marcello Schevano, Nelson Brito, João Luiz e Roby Pontes gravaram *Caosmópolis*

para as pessoas ouvirem alto e bom som." A recepção do disco, de acordo com ele, não poderia estar sendo melhor: "A gente só tem que agradecer ao público porque realmente o pessoal recebeu de braços abertos. A galera está curtindo muito, as pessoas já chegam dizendo quais músicas elas querem ouvir. Isso é fenomenal! E você já vê muitas pessoas no show cantando as músicas, o que é muito gratificante." E arremata: "Acho que já no ano que vem já vamos estar pensando no próximo álbum, já devemos começar a compor."

Nelson também vê o futuro com otimismo – e bom humor: "Acho que vai ser legal. Conseguimos gravar um disco, o que é quase um milagre com tudo que estamos passando. Deve ter alguma coisa legal ali esperando a gente." Ele continua: "Você não queria ter uma banda? Não queria fazer qualquer coisa pra ter uma banda? Cuidado com o que você deseja... (risos) Você não leu as letras pequeninhas do contrato? (mais risos) Mas é aquela história: se você não fizer, não vai saber. Mas era isso eu queria. E eu consegui!" E completa, quando instado a dizer o que sente ao olhar para trás: "Eu me sinto feliz! Era isso o que eu queria pra minha vida. Eu queria ter uma banda. E eu tenho uma banda há 36 anos no Brasil, um lugar dificílimo, com a cultura que tem aqui. E nós conseguimos estar há 36 anos fazendo isso."

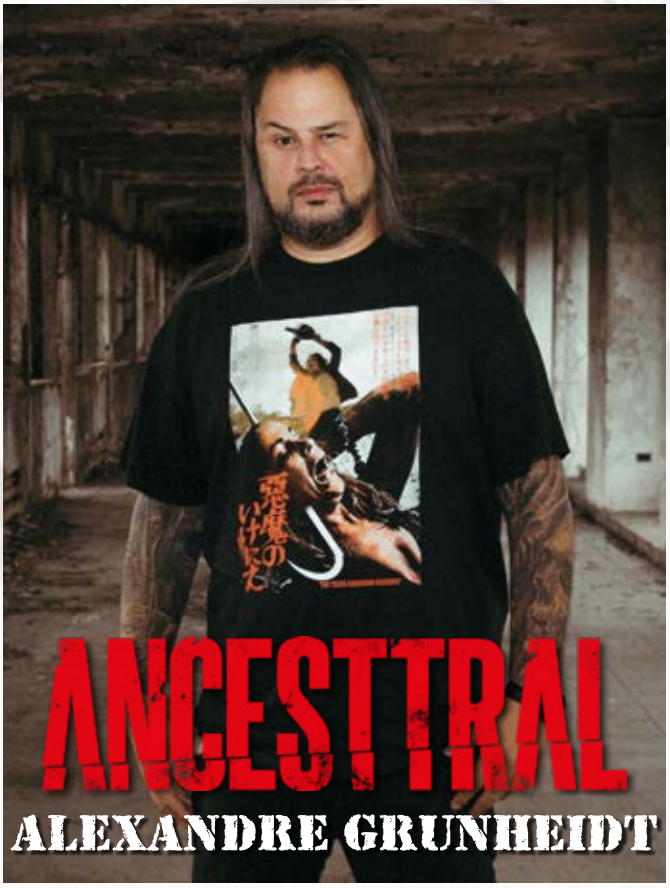
Roberto Sant'Anna
A saga continua

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

HEADPHONES IN FURY

POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br alta fidelidade para todos

Por Ricardo Batalha • Foto: Vitor Aranda



KISS

ÁLBUM: CREATURES OF THE NIGHT (1982)
MÚSICA: ROCK AND ROLL HELL

"O começo de tudo! O primeiro LP do Kiss que tive foi *Love Gun*, mas só após ter ouvido *Creatures of the Night* emprestado de um amigo até 'furar'. Depois de ter visto o show do Kiss no Brasil, minha vida mudou. Apesar do grande hit desse disco ser *I Love it Loud*, foram o peso e a 'malvadeza' de *Rock and Roll Hell* que me pegaram de vez. A levada de baixo e bateria parece hipnotizante. Mal sabia eu que esse disco seria tão impactante na minha vida a ponto de levar o rosto do Gene Simmons tatuado no braço pro resto da vida e já ter ido a quatro 'Kiss Kruise'. Infelizmente, não pude ir na edição em que tocaram algumas músicas do *Creatures of the Night* ao vivo pela primeira vez, como a própria *Rock and Roll Hell* e *Danger*, entre outras."

METALLICA

ÁLBUM: MASTER OF PUPPETS (1986)
MÚSICA: THE THING THAT SHOULD NOT BE

"Minha primeira impressão do Metallica, no começo de 1986, não foi das melhores. Ouvi *Fight Fire With Fire* pela primeira vez e odiei. Ainda estava na onda do hard rock e heavy metal e digamos que não estava preparado para o tal thrash metal. Mas foi no Comando Metal, apresentado pelo Walcir Chalas, que ouvi três músicas do *Master of Puppets* e mal sabia eu que era ali que minha vida estaria mudando de novo. Foi amor à primeira ouvida. Mas, definitivamente, quando ouvi o álbum inteiro e, principalmente, ao tomar um chute na cara sonoro ao ouvir *The Thing that Should Not Be* que eu disse pra mim mesmo: 'É isso que eu quero fazer da vida!'"

FLOTSAM AND JETSAM

ÁLBUM: WHEN THE STORM COMES DOWN (1990)
MÚSICA: E.M.T.E.K.

"Desde quando Jason Newsted entrou no Metallica e essa banda ficou conhecida, me identifiquei e passei a colecionar tudo deles. Os dois primeiros álbuns (*Doomsday for the Deceiver* e *No Place For Disgrace*) são pérolas do thrash metal, mas *When the Storm Comes Down* pra mim é uma obra de arte. Mesmo sendo um pouco diferente dos anteriores, a direção que a banda tomou nesse álbum, com músicas mais progressivas, me agradou demais. *Suffer the Masses* e, principalmente, *E.M.T.E.K.*, toda quebrada e com uma levada de batera espetacular de Kelly Smith, são as minhas preferidas da banda."

GHOST

ÁLBUM: MELIORA (2015)
MÚSICA: CIRICE

"*Cirice* foi a virada da chave que me transformou de hater em fanático! Não suporto os dois primeiros discos do Ghost (até hoje). Quando saiu o clipe de *Cirice* era mais uma chance que eu dava para a banda e não acredito que eles acertaram na mosca em tudo, desde então. A produção, os timbres, as músicas, tudo é melhor do que eles haviam feito até então. E quando saiu *Meliora* percebi que, se eles continuassem seguindo esse estilo, a banda em breve estaria tocando em arenas e em estádios. Me parece que, dois discos depois, eu estava certo."

DESTROY REBUILD UNTIL GOD SHOWS

ÁLBUM: DESTROY REBUILD (2022)
MÚSICA: GOLD

"Conheci a banda abrindo um show do Crown the Empire em Los Angeles. E como foi bom ouvir uma banda pela primeira vez ao vivo e ser absurdamente impactado. Quando tocaram *Gold*, saquei o celular e filmei alguns trechos, pois o refrão é espetacular. Assim que o novo disco saiu, para minha surpresa, *Gold* era uma música nova e, desde então, está na minha playlist de melhores do ano, assim como o disco *Destroy Rebuild* também."

SLEEP TOKEN

ÁLBUM: THIS PLACE WILL BECOME YOUR TOMB (2021)
MÚSICA: ALKALINE

"O Sleep Token é uma banda que volta e meia aparecia em alguma playlist com músicas aleatórias. Duvido que alguém consiga classificar a banda ou encaixá-la em algum subgênero do metal. Mas foi no clipe de *Alkaline* que ela definitivamente entrou para as minhas favoritas. É a junção de melodia, peso, refrão grudento e bom gosto. Não há uma música ruim sequer nesse disco, mas *Alkaline* é, sem dúvida alguma, uma das minhas músicas favoritas da vida!"

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

EM 2022 A EXCURSÃO ESTÁ SOLD OUT!

17.08. 20.08.

SUMMER BREEZE 2022

THE RETURN STRONGER THAN EVER!

25TH ANNIVERSARY

HEAVEN SHALL BURN · BLIND GUARDIAN · ARCH ENEMY

EISBRECHER · WITHIN TEMPTATION · ELECTRIC CALLBOY

ALESTORM · FEUERSCHWANZ · HÄMATOM · AMORPHIS

HYPOCRISY · TESTAMENT · AVATAR · CANNIBAL CORPSE · JINJER

JBO · BURY TOMORROW · DARK TRANQUILLITY · LORD OF THE LOST

FINNTROLL • KORPIKLAANI • DARK FUNERAL • BEAST IN BLACK
DIE APOKALYPTISCHEN REITER • PARADISE LOST • ORDEN OGAN
EMIL BULLS • IGORRR • ANY GIVEN DAY • NAPALM DEATH • CALIBAN
MADBALL • EXODUS • MR. HURLEY & DIE PULVERAFFEN • INSOMNIUM
ENSIFERUM • FIDDLER'S GREEN • DEATH ANGEL • COMEBACK KID • TURBOBIER
COMBICHRIST • FLESHGOD APOCALYPSE • LORNA SHORE • GHØSTKID
PRIMAL FEAR • DER WEG EINER FREIHEIT • BENEDICTION • PARASITE INC.
BRAINSTORM • EISREGEN • MISERY INDEX • CYPECORE • OMNIUM GATHERUM
DARKEST HOUR • MASS HYSTERIA • BENIGHTED • BROTHERS OF METAL
LANDMVRKS • AVATARIUM • HUMANITY'S LAST BREATH • GUTALAX
INFECTED RAIN • BLOODYWOOD • NEKROGOBLIKON • ANGELUS APATRIDA
CYTOTOXIN • CRISIX • BORN FROM PAIN • THUNDERMOTHER • DEBAUCHERY
VOLA • LIK • ACRANIUS • ENFORCED • WARKINGS • SERENITY • PALLBEARER
AGRYPNIE • NECROTTED • DAGOBA • VENDED • PALEFACE • HANGMAN'S CHAIR
DISTANT • SLOPE • SPASM • DEFOCUS • LÜT • VULTURE • HAMMER KING
SIAMESE • CONJURER • SVALBARD • DJERV • OUR PROMISE • SKYEYE • URNE
HAGGEFUGG • KVAEN • MISSION IN BLACK • SEASONS IN BLACK • NYRST
TEMPTATIONS FOR THE WEAK • DANGERFACE ...and many more

EXCURSÃO ROADIE CREW - SUMMER BREEZE 2023

Escreva para travel@roadiecrew.com e adquira seu pacote.
WhatsApp 47 99916-8002

FUNDED BY:
Die Beauftragte der Bundesregierung für Kultur und Medien
NEUSTART KULTUR
GEMA

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Acqualeni Manuel

Christophe Icard, Kévin Geyer, Chris Cesari e Tony Junior Amato mostram ao mundo a força do groove/thrash da França

HEART ATTACK

LIGADO A ESTA TERRA

Em seu terceiro álbum completo, banda francesa de thrash vê a chance de alcançar um maior público ao redor do globo

Por Valtemir Amler

Se por um lado concordamos que a França não é o primeiro país que vem à mente quando pensamos em música pesada, também concordamos que alguns dos melhores nomes do cenário nas últimas décadas provêm de lá. Também concordamos que um dos principais festivais de música pesada acontece lá, então já não existem desculpas válidas para fechar os olhos diante das novidades que surgem a cada dia vindas daquele cenário. Nascido em 2006 e apostando em um thrash metal dinâmico e bastante aberto, o Heart Attack já conta com três álbuns lançados. O terceiro e mais recente deles é *Negative Sun*, o primeiro do quarteto pela gravadora Atomic Fire, um grande salto rumo à exposição mundial. Para saber mais sobre a história e os novos caminhos da banda de Cannes, falamos com o vocalista e guitarrista Kévin Geyer.

Você lembra qual foi a primeira banda que tocou seu coração na sua juventude? Como você pulou no vagão da música pesada?

Kévin Geyer: A primeira vez que entendi o que era boa música foi com *School*, do Supertramp (1983). Eu entendi naquela época, quando criança, que havia uma música mais forte e mais artística do que o que ouvimos na rádio na França naquela época. Um pouco mais tarde, eu estava pintando meu martelo de guerra e comprei *Master Of Puppets*, do Metallica. Foi o disco que mudou minha vida e é por isso que hoje estou te respondendo na van enquanto dirigimos até o Hellfest! A propósito, nesta edição tem o Metallica! Esse disco me virou de cabeça para baixo, eu queria aprender guitarra e começar uma banda como eles.

O que pode nos dizer sobre a cena de metal que você foi criado?

Kévin: Na França é complicado! Para as bandas é difícil viver da música, o Estado não ajuda financeiramente a organização de shows e festivais. Mas, por outro lado, os músicos tocam estritamente por pura paixão e há bandas incríveis, como Gojira, Klone, Hypno5e, Deficiency, Malkavian, Landmarks etc. Além disso, o Hellfest faz muito bem ao cenário metálico francês.

No Brasil não temos tanta informação sobre o metal francês. Temos uma conexão muito forte com bandas como Gojira e Alcest, pois ambas costumam fazer turnês por aqui. O mesmo ocorre por aí? Como o metal brasileiro é visto na França?

Kévin: Para nós, na França, o Brasil é um país de fãs de metal! Acho que graças aos irmãos Cavalera, eles realmente fizeram o metal brasileiro explodir no mundo todo. Pessoalmente, eu amo a banda Violator e ficamos amigos do Kiko Loureiro desde que tocamos com o Megadeth na França. E nosso baixista é português, então entendemos um pouco a língua de vocês (risos).

Como trabalhou para desenvolver sua música nos estágios iniciais, nos primeiros dias?

Kévin: Lançamos duas demos antes do primeiro álbum. A primeira tinha apenas duas canções muito antigas e a segunda foi *Lullabies for Living Dead*. Mas o que realmente nos fez decolar foi o primeiro videoclipe, de *Stop Pretending*. Após seu lançamento fomos convidados a tocar em vários festivais importantes na França.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Em 2013, *Stop Pretending*, seu álbum e estreia, viu a luz do dia. Quase uma écada se passou e o Heart Attack seuiu um longo caminho desde então.

Kévin: Sim, já são dez anos! Fizeos muito desde então! Este álbum foi ravado em casa, com nossos recursos mitadíssimos. Mas tínhamos que omeçar com alguma coisa, e graças a ste álbum tocamos pela primeira vez no ellfest, depois fizemos uma bela turnê rancesa, em casas pequenas, mas já era timo para nós naquela época.

Gosto de pensar que cada um de seus lbuns encapsula um momento diferene da jornada da banda. Você concorda?

Kévin: Sim, isso é totalmente verdae! Não era o objetivo no início, mas cada lbum representa um período de nossas idas. Em *Stop Pretending* éramos muito ais diretos, totalmente thrash metal. verdade é que eram composições de ovens muito irritados naqueles dias risos). *The Resilience* é muito mais em realizado, é mais brilhante e poitivo, pois escrevemos aquelas músicas durante os ataques terroristas ue ocorreram no Bataclan e em Nice, nde tínhamos membros da equipe o Heart Attack. Precisávamos ser ositivos e falar sobre a capacidade do er humano de se levantar depois de m trauma. Já o novo, *Negative Sun*, o oposto. Ele foi escrito no início da andemia, por isso é muito escuro e uito negativo.

A cada álbum vocês atiniram um nível diferente como ompositores e músicos. Como ocê avalia sua evolução como rtista ao longo dos anos?

Kévin: Sim, evoluímos enormeente! Compomos cada vez melhor untos, muito mais organizados porque onhecemos nossos pontos fracos e ortes. Também assumimos muito mais ossas influências de fora do metal. O op dos anos 90, o rock dos 70 e as trilhas onoras do cinema, por exemplo.

O álbum *Negative Sun* está recebeno muitas boas críticas e é o primeiro elo seu novo selo, Atomic Fire. Como stá funcionando o trabalho com a nova ravadora?

Kévin: Há uma grande diferença. stávamos em uma pequena gravadora rancesa, Apathia Records. Eles sempre erão bons amigos, mas hoje, com a tomic Fire, é um sonho se tornando ealidade. Nosso álbum tem uma visibiliade incrível em todo o mundo, grandes ornalistas como você estão interessados ele e os grandes nomes da indústria do netal estão ouvindo sobre nós, tudo é ais fácil e eu acho que em termos de turnê vai ser ótimo também. A equipe da Atomic Fire é excepcional, eles são muito legais e se mostram satisfeitos por trabalhar conosco – e o sentimento é mútuo. Eles são quase parte da banda, nós adoramos trabalhar com eles! Que orgulho trabalhar com essa lendária equipe, que veio da Nuclear Blast.

O que faz deste novo álbum algo diferente quando comparado com os anteriores?

Kévin: Para mim, a grande diferença é que realmente assumimos nossas influências musicais. Além disso, há uma verdadeira identidade visual e artística neste disco. O tema é o mais forte que já tivemos. Os contrastes, a escuridão do ser humano e seu lado negro representado pelo personagem com a máscara, tudo é baseado nele, a música, o som, absolutamente tudo.

NEGATIVE SUN
Atomic Fire - Imp.

A propósito, o processo de composição mudou muito depois de todos esses anos? Como você gosta de trabalhar em sua música e letras, especialmente em um momento como nós estamos vivendo?

Kévin: Nesse momento, estamos muito preocupados em aproveitar os dias que passamos juntos fazendo música. Nós compreendemos o quanto somos sortudos, por poder viver disso. Acho que é possível sentir no álbum essa felicidade de compor junto e essa paixão. Mesmo que tenha sido composto com raiva e que nós tenhamos colocado para fora nossas frustrações relacionadas com a pandemia e o primeiro lockdown, nossa criação foi marcada também pela pura felicidade de estarmos juntos. Hoje estamos compondo há dez anos e é mais fácil porque cada um de nós tem sua própria especialidade: eu com os riffs de guitarra, Cesari com as melodias e William as letras, por exemplo.

Vocês foram capazes de se reunir em estúdio ou gravaram o álbum em lugares diferentes devido às restrições da pandemia?

Kévin: Nos reunimos no estúdio assim que o primeiro confinamento terminou. Durante um mês, costumávamos ir até a mesma pessoa: Sébastien Camhi, da Art Music. Então foi basicamente cinco caras juntos por um mês, comendo pizza, bebendo cerveja e fazendo piadas com a mãe dos outros o dia todo (risos). Esse momento foi ótimo para nós, porque havia um verdadeiro trabalho criativo também no estúdio em termos de som e composição. Nós adoramos dar esse passo.

***Negative Sun* é um ótimo álbum e também uma ótima canção: variada, melódica e muito pesada. Pode nos dizer algo sobre ela?**

Kévin: Nessa música não estabelecemos limites, ela vai em todas as direções: ultra melódica, ultra agressiva, ultra suave, há sintetizadores, violões e até maracas! Essa música reflete bem a direção artística do álbum. A letra fala sobre os deuses que serviram de pretexto para os seres humanos criarem violência, caos e guerra na Terra.

Eu também adoraria ouvir algumas palavras sobre a música *Twisted Sacrifice*, com Rasta (vocal, Decapitated).

Kévin: *Twisted Sacrifice* é um tributo ao Slayer. Fizemos uma turnê muito boa com o Decapitated, eles também são fãs do Slayer e pensamos em Rasta porque queríamos compor a música mais violenta da nossa história! A letra fala dos instintos primitivos e agressivos dos seres humanos.

***Bound to this Land* rapidamente se tornou minha favorita e soa como a música perfeita para interagir com os fãs em um show. Você sente o mesmo?**

Kévin: Há uma grande influência hardcore nesta música, é por isso que você acha que pode ser ótimo ao vivo com os fãs, e você está certo! Foi a última música composta para o disco, eu sou o único que compôs as guitarras (além do solo) então há um monte de riffs, e talvez seja disso que você gosta!

Pode apostar (risos). Muito obrigado pela entrevista.

Kévin: Obrigado a todos pelo seu interesse na banda. Adoraríamos ir até aí e fazer uma turnê diante de vocês, na casa de vocês! Não hesite em nos dizer o que pensaram do novo álbum.

Entre no Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Danny Sanchez

MICHAEL ROMEO // O SEGUNDO E NOVO MUNDO //

Michael Romeo dá detalhes de seu terceiro álbum solo, *War of the Worlds, Pt. 2*, uma continuação à altura da aclamada primeira parte

Por Daniel Dutra

Quatro anos depois de mostrar que guitarristas virtuosos podem lançar um disco solo que soa como se fosse de uma banda, priorizando as composições e não o exibicionismo, Michael Romeo repetiu a dose com o excelente *War of the Worlds, Pt. 2*. Sim, tem tudo o que os fãs esperam do dono das seis cordas no Symphony X, mas agora com uma corda a mais e uma troca nos vocais – John DeServio (baixo) e John Macaluso (bateria) seguem impressionando na cozinha, só que o microfone passou do então desconhecido Rick Castellano para a nova sensação Dino Jelusick. Quer saber mais? É só começar a ler.

A segunda parte de *War of the Worlds* já era esperada, mas a pandemia ajudou você a iniciar o processo? Ou o disco já estava planejado para ser lançado agora?

Michael Romeo: Não, o nosso planejamento saiu totalmente dos trilhos! Para nossa sorte, boa parte estava pronta, porque, quando decidi fazer um álbum solo, comecei a compor bastante e só fui ver o que eu tinha de material alguns meses depois, e era muita coisa para um disco só. Desde o começo, soube o que seria da primeira parte e, então, peguei metade do material e guardei, pensando que em algum momento no futuro eu voltaria a essas músicas para terminá-las.

E quando isso efetivamente aconteceu?

Michael: No começo de 2020, poucos meses antes de começar esse pesadelo da Covid, eu pensei: 'Ok, está na hora de mexer nesse material'. O Symphony X tinha turnês pela frente, acho que começaríamos pelos EUA em abril, e acreditei que daria tempo até mesmo de concluir todo o material. A banda voltaria para a estrada, e tudo rodaria tranquilo. Mas os estúdios começaram a fechar em março, teve todo aquele pesadelo de lockdown, e tudo descarrilou. Mesmo assim, consegui terminar o resto que faltava em pouco tempo. No verão seguinte (N.R.: inverno no Brasil) já estava tudo pronto, ou seja, há um ano o álbum está finalizado, mas sentamos em cima dele enquanto a gravadora avaliava quando seria um bom momento para lançá-lo. Ainda tinha a questão da fabricação e prensagem dos CDs, além do transporte, mas todas essas coisas estavam fora de controle. Foi assim que aconteceu. Por sorte, boa parte dele estava pronta, porque nos últimos meses antes da pandemia eu estive falando com a banda sobre fazer um disco, discutimos ideias, aí eu descia para o meu estúdio todas as manhãs e tentava trabalhar em algumas coisas.

Na primeira parte, você trabalhou com Rick Castellano, e agora foi Dino Jelusic quem gravou os vocais. Houve alguma razão específica para mudar?

Michael: Eu quis tentar algo diferente na segunda parte, apesar de a primeira ter sido diferente, também. Rick é um amigo

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

meu, um cara desconhecido, mas excelente vocalista. Achei que seria legal dar uma chance, e ele fez um ótimo trabalho! Para a segunda parte, imaginei que poderia ser legal colocar alguém diferente ou até mesmo ter um vocalista para cada música, assim comecei a pensar em quem eu conhecia e que poderia fazer isso. Estava ao telefone com o Simone Mularoni, que me ajuda com gravações e afins, e ele disse: 'Ligue para o meu amigo Dino, porque ele adoraria cantar!', sendo que eu conhecia o Dino um pouco. Simone nos colocou em contato, nós conversamos, e ele topou na hora. Trocamos arquivos no esquema eu mandava as músicas, ele devolvia com os vocais, e eu achei perfeito. Funcionou muito bem. Ele fez um trabalho fantástico!

Eu perguntei porque me lembro de você dizer que os dois álbuns se complementariam, mas que seriam bem diferentes um do outro...

Michael: E esse foi um dos motivos por que decidir usar outro vocalista. Eu queria mesmo fazer algo diferente. Pensei nos vocais, mas também usei uma guitarra de sete cordas, afinal, como boa parte do material foi escrito na mesma época, o que mais de diferente eu poderia fazer? Experimentei alguns instrumentos para ver o que mais poderia mudar, e realmente para tentar algo diferente e que ficasse legal.

Quando recebi os arquivos digitais da gravadora, minha primeira reação ao ouvir o álbum pela primeira vez foi: 'É o Russell Allen quem está cantando?', pois não há informações no press release. Você teve essa sensação quando Dino gravou seus vocais?

Michael: Eles têm similaridades, sim. Russell e Dino certamente têm influências em comum, e ambos têm aquele feeling meio blues e soul, um pouco de Ronnie James Dio. Russell consegue cantar bastante limpo e emotivo, mas também consegue cantar bem agressivo e rasgado, e eu queria isso em meu disco solo: músicas mais leves que pedissem uma voz mais emotiva, mas também as canções mais pesadas. Acho que os dois têm as mesmas influências, porque isso acontece com todos nós, sejamos guitarristas, bateristas, vocalistas... Há artistas que crescemos ouvindo e que se tornam parte do que fazemos, e de repente Russell pode ter sido uma influência para o Dino, também. Somos uma grande família, então está tudo em casa.

Sobre as letras, você trabalhou com Rick na primeira parte. Então, como foi para *War of the Worlds, Pt. 2*?

Michael: Boa parte das músicas já estava pronta, mas, para mim, as letras são a última coisa na maioria das vezes, então muitas das canções não tinham nada. Quando abri o baú desse material para ver o que eu tinha, me surpreendi porque havia bem menos letras do que eu inicialmente imaginava. Tive que montar três músicas, e havia pedaços de outras que eu não havia terminado, então precisei olhar com mais carinho para essas e assim ter tempo de concluir o disco. Creio que *Destroyer* foi uma delas, e foi nela que pensei em usar uma guitarra de sete cordas, então as coisas começaram a se encaixar. Ou seja, a maior parte das letras ainda estava no meio do caminho.

Tenho certeza de que não foi a ideia, mas quão estranho é ver *War of the Worlds, Pt. 2* ser lançado enquanto o mundo vê e teme a guerra entre a Rússia e a Ucrânia?

WAR OF THE WORLDS, PT. 2
InsideOut - Imp.

Michael: Pois é, eu não fazia ideia de que algo assim poderia acontecer! Se eu soubesse, honestamente, teria pensado em outra coisa. Aconteceu o que tinha de acontecer, mas desde o começo o que importava para mim, quando eu tentava pensar num tema, era a música. Queria que fosse pesada, obviamente, com muita guitarra, alguns elementos progressivos e muita coisa cinematográfica, no caso da orquestra, daí pensei em "Guerra nas Estrelas", Gustav Holst, Ígor Stravinsky... essas coisas que eu amo. Olhei meus livros e filmes e pensei em "War of the Worlds" porque tem essa coisa espacial, de ficção científica, e um pouco de conflito, e é isso que me vem à mente em termos de música quando penso nesses assuntos. E tudo se resume à música, de fato, porque nunca pensei no vírus ou nessa guerra, muito pelo contrário. Tudo o que quero é fazer música que tire as pessoas um pouco dessa realidade horrível.

E falando somente de música, há as canções instrumentais. Você subiu ainda mais o nível, e não somente porque são quatro canções desta vez, então qual foi a inspiração para expandir?

Michael: Eu já queria mesmo um pouco mais desse tipo de material na segunda parte. Gosto de passagens épicas, como as composições de John Williams para "Guerra nas Estrelas"... Aliás, ele é o meu artista favorito para esse tipo de música, mas cresci com os filmes de Indiana Jones, com "Tubarão" e "E.T. – O Extraterrestre", então tudo isso está no meu cérebro. Quando jovem, sempre me ligava nas músicas; depois que cresci, fui estudar para entender melhor essas músicas, estudei orquestração, estudei algumas trilhas do Williams e amei! Em *War of the Worlds, Pt. 2*, eu quis inserir uns elementos de sintetizadores, a orquestra, fazer o design do som como faz o Hans Zimmer, que é o mestre desse tipo de coisa, e mexer com tudo isso que eu amo! Resolvi juntar esses elementos e essas referências com os riffs e ver no que daria.

E foi exatamente por isso que perguntei, porque o disco é ainda mais cinematográfico. Claro, o conceito é baseado em H.G. Wells, mas uma música como *Brave New World*, por exemplo, poderia estar num bom filme da saga "Guerra nas Estrelas", e *Alien DeathRay* encaixaria muito bem em "Blade Runner"...

Michael: Muito obrigado! Cara, "Guerra nas Estrelas" não seria tão majestoso como o conhecemos sem aquela trilha sonora. A trilha criada para os filmes é como um ator principal. Lembro-me de, quando criança, visitar o Planetário e ouvir *The Planets*, do Holst (N.R.: da ópera The Planets, maior sucesso do compositor inglês)... É claro que, sendo apenas uma criança, eu não sabia quem ele era, mas aquela música me marcou. Depois, quando cresci, topei com aquela obra novamente e passei a conhecer o trabalho e o compositor, ou seja, fui novamente levado por essa grandeza de música.

Você ressaltou o fato de ter usado uma guitarra de sete cordas, então qual foi o ganho? Por exemplo, isso influenciou de alguma forma o solo em *Hybrids*? Porque é um dos seus melhores...

Michael: Não sei dizer se ajudou. Sendo bem franco, eu estava preocupado porque não estou acostumado com aquela corda extra. Esse solo em questão tem duas seções: uma foi feita com a guitarra

Entre no nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Danny Sanchez

Michael Romeo: adicionando novos mundos a um jeito já singular na guitarra

normal, e a outra, com a de sete cordas, porque precisei ter uma zona de conforto. Não quis mergulhar 100% na guitarra de sete cordas (risos), e é um solo no qual eu não pensei muito, porque deixei a improvisação falar mais alto. No geral, eu aperto o botão para gravar, faço algumas tomadas, deixo fluir e daí percebo que gostei do início e não do fim, então começo a gravar de novo, dobro algumas partes, vejo como fica... Neste caso, ficou um solo legal, meio como uma jam.

Dito isso, você tem um som de guitarra muito distinto. É fácil dizer quando você está tocando, algo que todo guitarrista deseja alcançar. Você já pensou sobre isso?

Michael: Eu não penso nisso, para falar a verdade. O que posso dizer é que as mãos fazem a diferença, porque às vezes você ouve vários guitarristas tocando no mesmo amplificador, e o amplificador é uma merda, mas você consegue perceber a diferença entre eles. Além das mãos, tem a personalidade de cada um na forma de tocar, e todo o seu jeito de ser é expresso ali, naquelas notas, naquela forma de tocar as cordas. Não é algo que eu pense a respeito porque, acredite, eu só aperto o botão para gravar e torço para dar certo (risos).

// "'GUERRA NAS ESTRELAS' NÃO SERIA TÃO MAJESTOSO COMO O CONHECEMOS SEM AQUELA TRILHA SONORA. A TRILHA CRIADA PARA OS FILMES É COMO UM ATOR PRINCIPAL" //

Eu falei das faixas instrumentais, mas tem *Just Before the Dawn*, e devo dizer que existem baladas e há baladas prog metal, e esta é uma das baladas prog metal mais bonitas que escutei em muito tempo...

Michael: Ah, muito obrigado! Fico feliz em ouvir isso, porque me empenho tanto num disco e fico torcendo para que todos gostem, também. Em todo álbum é preciso ter um respiro, sendo que *War of the Worlds, Pt. 2* tem orquestra, guitarras pesadas, tudo acontecendo ao mesmo tempo, então *Just Before the Dawn* era a música para dar uma pausa. Foi uma das que eu precisei dar uma polida, e é claro que Dino fez um trabalho fantástico nela. Eu sou o cara que gosta das coisas mais pesadas, mas curti ter esse momento mais leve e achei que ficou muito boa, principalmente depois de ouvi-la com os vocais.

E *Just Before the Dawn* é a minha música favorita no álbum, mas também adoro *Metamorphosis* e, com o perdão da minha pronúncia na língua alemã, *Maschinenmensch* (risos). E se eu tivesse de explicar *War of the Worlds, Pt. 2* em apenas uma faixa, ela seria *Maschinenmensch*. Sendo o artista que criou as músicas, qual é a sua opinião? Qual você escolheria?

Michael: Eu também não falo alemão, mas estava ficando sem ideias, cara! (risos) O tema era esse, mas que outro tipo de sci-fi eu podia buscar? Lembrei-me de "Metropolis", filme que tem esse termo "Maschinenmensch", ou "homem-máquina", e achei legal porque encaixava na temática de alienígenas-robôs. Bom, eu não sei se consigo escolher uma música para definir o disco... Posso dizer duas ou três, sendo que *Divide & Conquer* é uma delas, porque tem muitos riffs, um grande refrão e é up-tempo. Também escolheria *Metamorphosis*, que é um pouco mais prog, mas tem muita coisa especial em cada uma das 13 faixas, então é difícil fazer essa escolha!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

ANDRE MATOS MAESTRO DO ROCK

AINDA NÃO ASSISTIU A PRIMEIRA PARTE DO DOCUMENTÁRIO ANDRE MATOS, O MAESTRO DO ROCK?

AGORA POR R$ 23,00

O documentário está disponível de 3 maneiras!

VENDA NA LOJA DA ROADIE CREW
ROADIECREW.COM/ROADIE-SHOP

VOCÊ TAMBÉM PODE FAZER UM PIX PARA
ANUNCIOS@ROADIECREW.COM

Depósito
DEPÓSITO BANCÁRIO BANCO BRADESCO
AGÊNCIA 0670 E CONTA 44875-3
EM NOME DE ROADIE CREW EDITORA LTDA

Enviar o comprovante do PIX ou DEPÓSITO para **andrematos@roadiecrew.com** para receber seu código e acessar o filme pelo Vimeo

ROADIE CREW

Alugue o documentário agora mesmo!
ROADIECREW.COM/ANDREMATOS

ROADIE CREW

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Dennis Coleman

Alex Bouks, Ross Dolan, Steve Shalaty e Robert Vigna retomam a aura densa e carregada dos tempos de *Here In After* (1996) em seu novo álbum

Em uma era de Atos Divinos

Nova-iorquinos se mantêm no topo do death metal com novo álbum, *Acts of God*

Por Valtemir Amler

Regularidade. Ao longo das mais de três décadas de carreira do Immolation, essa parece ter sido a palavra de ordem. E uma regularidade invejável, já que desde o primeiro e lendário álbum, *Dawn of Possession* (1991), manteve o nome do grupo em evidência, mesmo quando diferentes tendências governaram os rumos do death metal. Sem se importar com death'n'roll, brutal death metal, tech/death ou qualquer outro subgênero, eles se mantiveram firmes em sua sonoridade old school, criando uma música tão brutal quando inimitável e facilmente reconhecível. A fórmula única e dissonante nos riffs de Robert Vigna (guitarrista desde a fundação, em 1988), as quebras abruptas de andamento e os vocais característicos do também baixista Ross Dolan, nosso entrevistado: tudo contribui para a regularidade de um dos bastiões do cenário death metal, que vive fase de ouro. O novo álbum, *Acts of God*, e muito mais foram temas de nossa conversa. Confira aqui.

Então, enfim o Immolation está de volta à estrada. Imagino que tenha sentido falta dos fãs, de dormir no ônibus de turnê e de sentir o chulé dos colegas de banda certo?

Ross Dolan: Ah, com certeza, todo o pacote de coisas boas que vem junto com os shows (risos gerais). Tem sido muito bom ver as coisas voltando minimamente aos eixos, embora ainda longe do normal. É legal acordar e pensar que você vai fazer algo mais do que apenas olhar o volume de neve crescendo do lado de fora da sua janela (N.R.: a entrevista aconteceu durante o inverno no hemisfério norte), já se vão três semanas que tudo o que vemos no horizonte é uma paisagem totalmente branca, então isso pode ser meio depressivo (risos).

É quase como viver em uma capa de disco de black metal dos anos 90...

Ross: Exatamente (risos gerais). Você sabe, isso pode ser meio cansativo depois de um tempo. Então, é ótimo finalmente ver as engrenagens se movendo, botar a banda na estrada de novo e encontrar nossos fãs. Acho que eles sentiram tanta falta desse contato quanto nós e na semana que vem retornamos com força total. Então, chulé, cochilo na van, comida fria de beira de estrada e pneus furados atrapalhando o cronograma, preparem-se: o Immolation está de volta (risos gerais).

E está de volta com *Acts of God*. A resposta tem sido ótima, algo que também aconteceu com *Atonement* (2017), que se tornou um dos novos clássicos do death metal.

Ross: Sim, é ótimo ter novas músicas para mostrar para os fãs depois de tanto tempo. E fico muito feliz que as pessoas estejam gostando tanto dessas novas músicas. Quanto a *Atonement*, a reação a ele foi algo que nos pegou completamente de surpresa. De fato, não esperávamos

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

nada como aquilo! Claro, sabíamos que ali havia ótimas músicas, mas não olhávamos para ele como algo tão diferente dos demais álbuns... Mas adivinha? O que a banda pensa não importa nada, pois tudo o que fazemos é sobre os fãs (risos). Se eles compram a ideia do álbum, se aquelas músicas entram de fato na vida deles, a coisa toma um rumo totalmente diferente, e acho que foi isso que aconteceu. Os fãs são o juiz e o júri. Para o bem ou para o mal (risos).

Com isso em mente, o trabalho em *Acts of God* ficou um pouco mais desafiador?

Ross: De certa forma, sim. *Atonement* foi muito elogiado tanto pelos fãs quanto pela crítica e seria mentira dizer que isso não põe certa pressão em nossos ombros, pois sabemos que esses elogios vieram de fãs e jornalistas que realmente vivem o death metal, não foi algo que veio de um meio não habituado à nossa música. Com isso em mente, sabíamos que seria difícil repetir o que *Atonement* fez. Tínhamos um trabalho duro pela frente e sabíamos que só existiam duas formas de enfrentar a tarefa: ou tentávamos copiar exatamente o que fizemos lá ou tentávamos algo ainda mais intenso. A primeira opção seria um erro para uma banda que quer seguir em frente, então decidimos pela segunda. Assim, *Acts of God* é um disco mais intenso, mais obscuro e acho que com uma banda tocando melhor e com uma produção mais acurada em vários sentidos.

No que depende da música, posso garantir que *Acts of God* continuará recebendo elogios, pois existe muito para ser ouvido nele.

Ross: Muito obrigado, fico feliz com isso. Todos na banda gostaram do resultado e ter todos os integrantes desta banda concordando sobre um álbum é algo muito mais incomum do que as pessoas podem imaginar (risos). Então, acho que trilhamos o caminho certo, embora talvez fosse o mais arriscado. Porém, fico um pouco dividido porque sempre convivemos com um bocado de críticas negativas ao longo dos anos. No entanto, nestes dois últimos álbuns as críticas têm sido extremamente boas. Acho que simplesmente fomos pegos de surpresa e ainda ficamos esperando algo ruim em cada esquina (risos).

As capas de *Atonement* e *Acts of God* parecem conectadas com as de *Dawn of Possession* (1991) e *Here in After* (1996). Existe uma conexão ou foi pura coincidência?

Ross: Em primeiro lugar, eu vejo essa conexão que você menciona. Acho que a essa altura do jogo, todas as vezes que colocarmos um anjo na capa de um de nossos álbuns as pessoas farão essa conexão com nossos primeiros registros, pois eles se tornaram icônicos e têm uma ótima representação do bem e do mal e da nossa abordagem antirreligiosa das coisas. Convenhamos, Andreas Marshall fez um trabalho incrível naqueles álbuns. Pär Olofsson fez o mesmo nos discos mais recentes, incluindo aí *Atonement*, que tem uma arte incrível. Mas, no caso da arte para *Acts of God*, há uma conexão real com os nossos primeiros discos. Quando Robert (Vigna) e eu estávamos pensando no conceito da música, percebemos que ela tinha a mesma orientação daqueles primeiros álbuns. Então, quando entramos em contato com Eliran Kantor para essa capa, ele naturalmente sentiu essa mesma conexão.

ACTS OF GOD
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

Como foi essa conversa com Eliran Kantor?

Ross: Foi incrível, pois ele já vinha querendo trabalhar conosco há vários anos, então, quando finalmente entramos em contato, foi como chamar um velho parceiro, o que foi bem interessante. Ele disse que era muito fã da nossa música e na hora mencionou que adorava as artes dos nossos primeiros álbuns. Disse que sentia uma forte conexão dos temas do novo álbum com a temática dos antigos, e que achava incrível a forma como um ciclo se fechava com exatamente esses quatro álbuns que você mencionou. Ele estava muito empolgado, e foi ele que viu essa conexão imediata baseando-se apenas no conceito que passamos para ele. Senti que, para Eliran, ter uma capa como essa foi tão importante quanto para nós. Ele realmente queria ter essa conexão com aquelas capas que admirava e nós acabamos fornecendo o cenário ideal para isso.

E o mais legal talvez seja essa sensação de que a banda está retomando daquele momento, como um reinício de sua jornada.

Ross: Sim, é engraçado que você coloque as coisas desse jeito, pois é basicamente o que sinto nesses últimos anos. É curioso porque eu e Robert somos os únicos dos velhos tempos que permanecem na banda, mas sinto que com Alex Bouks (guitarra, ex-Goreaphobia) e Steve Shalaty (bateria) reencontramos alguma coisa, talvez o nosso antigo rumo. Nós encaramos desafios muito pesados ao longo dos anos, e claro que amamos o que fazemos, mas sejamos justos, é óbvio que nossa música é muito underground, não é um produto para as massas, e para uma banda permanecer fazendo isso por tanto tempo quanto fazemos foi preciso passar por altos e baixos, é inevitável. Acho que reencontramos nosso auge com essa formação, e que bom que você também tenha essa percepção.

Bem, *Apostle* foi escolhida como primeiro single do novo álbum, mas não foi a primeira música composta para ele, certo?

Ross: É verdade, *Apostle* foi na verdade a última que escrevemos. Ela foi composta em maio do ano passado, enquanto o álbum foi gravado em agosto. Ela foi meio que o final do trabalho, Bob (Robert Vigna) já tinha as outras músicas prontas, mas queria mais uma que fosse rápida, suja e brutal, e foi assim que surgiu *Apostle*. Acho que ela ficou com essa vibração tão brutal justamente porque foi a última que fizemos, a banda estava absolutamente afiada quando trabalhamos nela. Ela representa muito bem *Acts of God*, ao mesmo tempo que não entrega tudo o que o álbum tem.

Ouvindo o álbum como um todo, seria fácil pensar em *Derelict of Spirit* como primeiro single.

Ross: Concordo, acho que ela seria a escolha mais óbvia. Ela é mais lenta, cativante, é o tipo de canção para trazer todos os fãs para junto da banda no show. Ela seria uma opção tão óbvia que escolhemos não fazer isso (risos). Você não quer mostrar todas as suas melhores armas no começo, certo? É sempre bom deixar algumas ótimas surpresas para depois, como um filme que não entrega todos os melhores momentos no trailer. Esse álbum é mais intenso, não existem muitas canções mid-tempo, embora seja dinâmico e mostre esses elementos dentro de cada canção. Mas acho que *Derelict of Spirit* foi a única concebida inteiramente sob essa premissa, então ela ficou como uma boa surpresa para os fãs das antigas.

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é redator da Roadie Crew, produtor e apresentador do Rock'n'Brasil (MKK Web Radio) e Vamos Tomar Uma? (YouTube)

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

METALLICA, DE NOVO

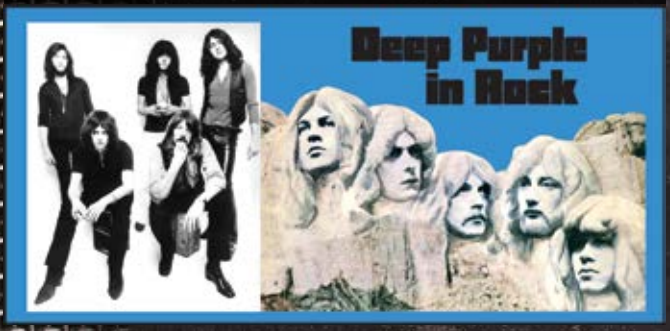
E o Metallica atacou de novo. Dessa vez, uma de suas músicas mais icônicas, *Master of Puppets* (1986), do álbum homônimo, teve aparição de destaque na série Stranger Things em uma longa cena em que o personagem Eddie Munson, interpretado pelo ator Joseph Quinn, toca o tema na guitarra, o que levou a banda a posições de destaque no Spotify – o mesmo havia acontecido na mesma série com a cantora e compositora Kate Bush que teve a música *Running up that Hill* exibida na mesma série e que por conta disso chegou ao topo da plataforma. Só que, ao mesmo tempo em que a talentosa Kate comemorava o feito, fãs do Metallica preferiram execrar a banda. Não foram muitos, é verdade, mas mesmo assim foi um fato que deixou claro que a postura dos fãs muitas vezes não consegue levar em conta o marketing que envolve o mercado musical.

Assim, enquanto alguns chiavam pelo fato de o Metallica estar aumentando sua popularidade (o que é um dos objetivos de qualquer artista, é bom que se diga), a banda rebateu com elegância e contundência: "Todos são bem-vindos à Família Metallica", diz o comunicado assinado pelo grupo. "Se as pessoas gostaram de 'Puppets', é provável que encontrem muitas outras músicas de que gostem também." E conclui de maneira óbvia: "Se você é fã há 40 horas ou 40 anos, todos nós compartilhamos um vínculo através da música."

Isso lembra outro episódio relativamente recente. O Metallica também foi alvo de críticas quando confirmou presença no Lollapalooza Brasil de 2017. Alguns fãs fanáticos "não entenderam" como a banda concordou em se apresentar num festival que pouco ou nada tema ver com rock e muito menos com metal. Só que lá pelo meio do show veio a resposta. Foi quando James Hetfield perguntou quantos ali na plateia estavam vendo o Metallica pela primeira vez. Pelo menos metade da galera levantou a mão. Se daquela multidão 10% passaram a seguir a banda a empreitada já valeu a pena.

Aí podem rebater: mas o Metallica já não tem fãs suficientes? Eles já não estão todos milionários? A resposta é "sim" para as duas questões, mas a manutenção do sucesso às vezes é mais difícil do que a conquista. Você conhece Coca-Cola? Óbvio que sim... Mas então porque a marca está sempre na mídia nas mais variadas formas de propaganda? Para se manter na memória das pessoas e fazer com que elas lembrem da marca quando forem pedir um refrigerante no bar. Simples assim.

Em resumo, foi ótimo que o Metallica tenha aparecido no seriado. E que a banda continue mostrando que música é muito mais do que vozes e instrumentos. É marketing, também. Gostemos ou não.



AMO DEEP PURPLE. DESDE A SEMANA PASSADA.

O argumento é esse mesmo. Portanto, pode me julgar. Nunca fora fã de Deep Purple. Ao menos, na escala que os 'die hard fans' o são. Até que, da maneira menos provável, tive um estalo e passei a amar a banda. E isso aconteceu após renegá-los por uns bons quarenta anos. Digo que foi da maneira mais improvável porque igualmente não gosto de prog. Acho um saco músicas que soam como jams longuíssimas da banda. E sei lá por que raios coloquei *Child in Time* pra rodar, com seus mais de dez minutos. Minto. Sei sim. Foi por conta de ter tocado de fundo em um episódio da série "Blacklist".

Achei estranho ter me deliciado com a música na tela. Curvei a sobrancelha e decidi que fora por ter me pego de surpresa. Mas algo não encaixava e busquei a prova dos nove com fone de ouvido. Fiquei mega decepcionado comigo mesmo quando nem na metade da música pensei: "Isso aqui é divino. Como nunca havia percebido?"

E já que estava com o pé n'água, mergulhei na discografia e descobri uma nova banda do alto de seus 55 anos de carreira. Calma que minha opinião não mudou tanto assim. É difícil cão velho aprender truque novo. A discografia de 1984 em diante achava e continuo achando bem da fraquinha.

Só que de 1970 a 1975, a que já tinha em bom conceito, ganhou estrelinhas como excelente. Ainda não digeri totalmente *Who Do You Think We Are*, de 1973, e aceito sugestões para que desça mais suavemente pelos tímpanos. Mas a sequência de *In Rock* (70), *Fireball* (71), *Machine Head* (72), *Burn* (74), *Stormbringer* (74) e *Come Taste the Band* (75)... Puta que los pariu! E nem precisei enxertar *Made in Japan*, de 72, no meio desses.

Aquele que era meu disco preferido (julgue-me de novo) meio que se diluiu entre os do início dos 70: *Perfect Strangers* (84). Mesmo assim, voltei a ouvi-lo de maneira renovada, mas *Knockin' at Your Back Door* segue minha preferida da história deles.

O que continua entalado na minha goela é essa enxurrada truqueira de gravações ao vivo, enquanto claramente lançam discos só para justificar turnês em que tocam os greatest hits. Talvez tenha sido justamente isso que me afastou da devida apreciação da banda, pois no meu conceito havia virado cover de si mesma. E já que a porteira abriu, estou pensando em dar uma nova chance ao Led Zeppelin.

Bom, escrevi tudo isso tanto para me confessar quanto para mandar mensagem inspiracional. Não curte uma banda que todo mundo ama? Dê a ela seu devido tempo. Se bem que duvido muito que o mesmo aconteça comigo e Rush.

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Tuatha de Danann

... of trovas and spells

ANTOLOGIA QUE CELEBRA OS 25 ANOS DOS PIONEIROS DO FOLK METAL
COM 16 FAIXAS DE SEUS 7 PRIMEIROS ÁLBUNS

In Nomine Éireann

ÚLTIMO ÁLBUM DOS BARDOS MINEIROS HOMENAGEANDO A CULTURA E MÚSICA TRADICIONAL IRLANDESA.
Uma obra singular! Participações especiais de Keith Fay (Cruachan), Daisa Munhoz (Vandroya e Soulspell), John Doyle (Solas), entre outros. Em CD e vinil.

OUÇA AGORA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify DEEZER MUSIC Google Play

foto: Rodrigo Barbieri ad: www.JDuarteDesign.com

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

PROFILE

KEVIN WYNN (TYSONDOG)

Por Leandro Nogueira Coppi • Fotos: Divulgação

Primeiro disco que comprou:
"*Sheer Heart Attack* – Queen. Eu acho..."

Último disco que comprou:
"*Metal Commando* (Primal Fear), *Servant of the Mind* (Volbeat) e *Too Mean to Die* (Accept) em vinil."

Melhor disco de heavy metal:
"*Rising* – Rainbow."

Disco que mudou sua vida:
"*Rising* – Rainbow."

Disco que mais ouviu na vida:
"*Rising* – Rainbow."

Melhor capa de disco:
"*Rising* – Rainbow."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Algo de Morrissey / The Smiths."

Disco que gostaria de ter gravado:
"*British Steel* – Judas Priest."

Música que gostaria de ter composto:
"*Ballroom Blitz* – Sweet. Amava quando era criança. E foi o meu primeiro show ao vivo!"

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars* – David Bowie."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*Holy Diver* – Dio."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Painkiller* – Judas Priest; *No More Tears* – Ozzy Osbourne."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"*Toxicity* – System of a Down. Meu primogênito costumava ouvir, bangeando no carro."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Judas Priest, Deep Purple, Volbeat e Five Finger Death Punch."

Música que mais gosta de tocar:
"*Don't Let the Bastards (Grind You Down)*."

Três hinos do rock/metal para você:
"*Kill the King* (Rainbow), *Bohemian Rhapsody* (Queen) e *Black Night* (Deep Purple)."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?
"Sinceramente, nenhuma. Fui sondado recentemente pelo Tygers of Pan Tang. Isso me agradou, mas com nosso novo álbum, *Midnight*, saindo, não rola. Tysondog é minha família."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"*Teenage Dirtbag* – Wheatus. Ela gruda na sua cabeça, mas pode ser muito chata. Está na minha cabeça agora."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Metallica fazendo *Painted Heroes*. Lars nos disse que sempre a amou, ele nos viu ao vivo em Londres nos anos 80. Agora, chamá-la de 'Painted Horse'?"

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?
"Amei fazer *School's Out* (Alice Cooper) e também *You've Got Another Thing Coming* (Judas Priest) com Doro Pesch nos vocais na 100ª. edição da Kerrang!, mas gostaria que tivesse sido gravada. Doro, está lendo isso? (risos)".

Site:
https://www.tysondog.co.uk/

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Não quero falar de um músico, porque leva anos de dedicação e fé em suas habilidades. Não sou fã de coisas de AOR como 'te amo', 'se você me deixar agora', nem de coisas homofóbicas e racistas, nem de rap."

Música que melhor define sua carreira:
"*Dead Meat* ou *Painted Heroes*, do *Beware of the Dog*. Éramos jovens muito bravos com (Margaret) Thatcher, governo britânico etc."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo deles a Kenny G.:
"Deep Purple."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?
"Sei tocar guitarra. Na bateria e no ukulele sou ruim... Eu queria poder tocar piano."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir?
"Se acordar de mau humor, toco muito alto *Cowboys From Hell* (Pantera), que foi meu toque de celular por anos e me dava um empurrão para continuar com as coisas."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Amo um pouco de country, graças ao meu pai; Elvis e Beatles, pela minha mãe. Evan Dando, Divine Comedy, Blur, Beck... Enfim, coisas indie, graças à Fiona, minha esposa. Del Amitri é por minha escolha."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Estou envolvido em engenharia (combustão) desde os 16 anos. Tenho meu próprio negócio há mais de 25 anos e adoro."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Foi com Tommy Cunningham, baterista do Wet Wet Wet, que me reconheceu em um hotel e disse ser nosso fã. Ele pediu garrafas de champanhe e jogamos sinuca. No Brasil também, uma fã nos visitou no hotel e tinha uma tatuagem do Tysondog no ombro. Nos divertimos conversando e tirando fotos com a adorável senhorita Annie."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"As pessoas gostam/apreciam o que fazemos."

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

ONLINE FESTIVAL

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

18ª EDIÇÃO

19ª EDIÇÃO

20ª EDIÇÃO

21ª EDIÇÃO

22ª EDIÇÃO

23ª EDIÇÃO

24ª EDIÇÃO

25ª EDIÇÃO

26ª EDIÇÃO

27ª EDIÇÃO

28ª EDIÇÃO

29ª EDIÇÃO

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

CURADORIA
SOM DO DARMA
Management, Booking, Press & Promotion

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELI-TONTOMASI

arte: www.jduartedesign.com

Eye

Edu Lawless

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Accept
ROADI

BREAKER
E CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Entre em nosso Canal no T

SONATA ARCTICA

«Acoustic Adventures
Volume Two»

CD Digipak I Coloured Vinyl I Digital

ELEINE

«Acoustic In Hell»

CD Digipak I Coloured Vinyl I Digital

LACRIMOSA

Germany´s gothic pioneers LACRIMOSA
and their acclaimed album «Leidenschaft»
on vinyl for the first time! Also available as Earbook CD

**OUT NOW: SEVENTH STORM «MALEDICTUS», SINNER «BROTHERHOOD», PRIMAL FEAR «PRIMAL FEAR»
LESSMANN / VOSS «ROCK IS OUR RELIGION», CORELEONI «III», MSG «UNIVERSAL»**

ATOMIC FIRE

Exclusive editions and merchandise:
www.atomicfire-records.com
www.facebook.com/atomicfirerecords | www.instagram.com/atomicfirerecords

Shinigami 死神 Records

Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/Brasiljornais

Clique aqui!

Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!